alyson noël

Autora dos best-sellers *Para sempre*, *Lua azul*, *Terra de sombras* e *Chama negra*



estrela da noite

os imortais

alyson noël

estrela da noite

os imortais – volume 5

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR

intrínseca

Copyright © 2010 by Alyson Noël LLC.

Publicado mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Night Star

CAPA
Angela Goddard

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

FOTO DA CAPA
Herman Estevez

PREPARAÇÃO
Sheila Til

REVISÃO
Shirley Lima
Rodrigo Rosa

REVISÃO DE EPUB
Intrínseca

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-082-3

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrinseca

Para Bill Contardi
Melhor. Agente. Que. Já. Existiu.

agradecimentos

Mais uma vez devo grandes, efusivos, enormes agradecimentos à equipe da St. Martin: Matthew Shear, Rose Hilliard, Anne Marie Tallberg, Brittany Kleinfelter, Katy Hershberger, Angela Goddard e todos os outros que contribuem tanto!

Muito obrigada também à equipe da Brandt & Hochman: Gail Hochman, Bill Contardi e Marianne Merola, por tudo o que vocês fazem!

E, a meus editores, obrigada pelo árduo trabalho na série *Os imortais*!

Também sou imensamente grata pelo amor e o apoio de minha família e meus amigos (vocês sabem quem são!). Agradeço em especial a Jim e Stacia — aqueles jantares mensais foram a diversão *perfeita*!

E, como sempre, devo muito a Sandy, porque eu não conseguiria mesmo fazer isso sem ele, de verdade!

Mas, acima de tudo, quero agradecer aos meus leitores — vocês são mesmo os melhores!

No momento de maior escuridão,
os homens veem as estrelas.
— RALPH WALDO EMERSON

— Você nunca me vencerá. Nunca ganhará essa, Ever. É impossível. Você não consegue. Então, por que perder seu tempo?

Estreito os olhos e observo seu rosto atentamente. Examino seus traços pequenos e pálidos, a nuvem negra de cabelos, a ausência de luz em seu olhar cheio de ódio.

Meus dentes estão cerrados e a voz, baixa e comedida quando digo:

— Não tenha tanta certeza assim. Você corre sério risco de estar se superestimando. Na verdade, você *está* se superestimando. Tenho plena convicção disso.

Ela zomba. Em voz alta, com desdém, e o som ecoa por todo o cômodo vazio, rebatendo no piso de madeira e nas paredes brancas e vazias, para me assustar, ou pelo menos intimidar e me confundir em meu próprio jogo.

Mas não funcionará.

Não pode funcionar.

Estou muito focada nesse sentido.

Toda a minha energia está concentrada em um único ponto, até que todo o resto desaparece e sobram apenas eu, meu punho preparado e o terceiro chacra de Haven — também conhecido como chacra do plexo solar: lar da raiva, do medo, do ódio e da tendência em colocar muita ênfase no poder, no reconhecimento e na vingança.

Meu olhar fixa naquela região como se fosse o centro de um alvo, exatamente no meio de seu torso vestido de couro.

Sei que um golpe rápido e bem-direcionado basta para reduzi-la a nada mais do que um triste pedacinho de história.

Um conto sobre as armadilhas do poder.

Destruído.

Em um instante.

Sem deixar nada para trás além de um par de botas de salto alto e um pequeno amontoado de poeira — as únicas lembranças reais de que ela já esteve aqui.

Mesmo que eu nunca tenha desejado que chegássemos a esse ponto, mesmo que tenha tentado resolver tudo, argumentar com ela, convencê-la a recobrar o juízo, para que pudéssemos chegar a um entendimento — fazer algum tipo de acordo —, no fim, ela se recusou a desistir.

Recusou-se a ceder.

Recusou-se a abandonar sua busca desenfreada por vingança.

Deixando-me sem escolha a não ser matar ou ser morta.

Deixando-me sem dúvidas sobre como isso terminará.

— Você é muito fraca. — Ela me cerca, movendo-se lenta e cuidadosamente, sem tirar os olhos de mim por nenhum instante. Os saltos altos de suas botas batem com força no chão enquanto ela diz: — Você não é páreo para mim. Nunca foi, nunca será. — Ela para e coloca as mãos nos quadris, inclina a cabeça para o lado, permitindo que uma mecha de cabelo escuro e brilhante caia sobre seu ombro e fique pendendo bem abaixo da cintura. — Você poderia ter me deixado morrer há meses. Já teve sua chance. Mas, em vez disso, decidiu me dar o elixir. E agora se arrepende? Porque não

aprova minha transformação? — Ela faz uma pausa longa o suficiente para revirar os olhos. — Bem, problema seu. Não pode culpar ninguém a não ser a si mesma. Foi você quem me fez assim. Quer dizer… que tipo de criador mata a própria criação?

— Posso tê-la tornado imortal, mas você assumiu a responsabilidade dali em diante — digo com palavras firmes, premeditadas, apertadas em meio a dentes trincados, apesar de Damen ter me orientado a ficar quieta, focada, ser rápida e objetiva, e não entrar em combate desnecessariamente contra ela de forma alguma.

Guarde seus arrependimentos para depois, ele disse.

Mas o fato de estarmos aqui significa que não haverá *depois* no que diz respeito a Haven. E, apesar do que tudo isso se tornou, ainda estou determinada a chegar até ela, a tocá-la, antes que seja tarde demais.

— Não precisamos fazer isso. — Olho fixamente em seus olhos, esperando convencê-la. — Podemos parar por aqui, agora mesmo. Isso não precisa ir mais longe do que já foi.

— Ah, é o que você deseja! — diz cantando, zombando alegremente. — Posso ver em seus olhos. Você *não é capaz* de fazer isso. Não importa quanto ache que eu mereça, não importa quanto tente se convencer, você é mole demais. Então, o que leva você a acreditar que será diferente desta vez?

O fato de agora você ser perigosa, e não apenas para si mesma, mas para todos. Desta vez é diferente, totalmente diferente. Como você logo verá…

Fecho o punho com tanta força a ponto de os nós dos dedos ficarem brancos instantaneamente. Tiro um segundo para me concentrar, encontrar meu equilíbrio e reabastecer minha luz — exatamente como Ava me ensinou — enquanto mantenho a mão baixa e firme, o olhar fixo no de Haven, a mente livre de qualquer pensamento sobre o que ocorre à minha volta, o rosto despido de qualquer sentimento irrelevante — como Damen me orientou.

A chave é não demonstrar nada, ele disse, *agir rapidamente e com uma meta. Agir antes que ela tenha chance de se dar conta do que irá acontecer — ou que ela não perceba que foi atingida até que já seja tarde demais*.

Até que seu corpo tenha se desintegrado e sua alma tenha ido para aquele lugar lúgubre e sombrio.

Impedindo a ela que tenha qualquer oportunidade de fazer um movimento ou reagir.

Uma lição aprendida em um campo de batalha, há muito tempo, e que eu nunca imaginei que aplicaria à minha vida.

Mas, mesmo que Damen tenha me alertado a esse respeito, é inevitável me desculpar. Não consigo impedir que as palavras *me perdoe* saiam de minha mente para a dela, às quais ela responde com um lampejo de pena que abranda seu olhar, mas logo é sufocado pelo misto de ódio e desdém de sempre.

Ela ergue o punho e mira em mim, mas é tarde demais. Minha mão já está em movimento, em plena atividade, e acerta o meio de seu plexo solar, mandando-a cambaleante — em pedaços — diretamente para o abismo infinito.

Para Shadowland.

Lar eterno das almas perdidas.

Tento recuperar o fôlego enquanto a vejo se desintegrar rapidamente, fragmentando-se com tanta facilidade que é difícil imaginar que um dia teve uma forma sólida.

Minhas entranhas se agitam, o coração bate forte, a boca está tão seca que as palavras não saem.

O corpo reage como se o que acabou de acontecer diante de mim — o ato que acabei de cometer — não fosse apenas um jogo de faz de conta, mas a terrível realidade.

— Você se saiu bem. Acertou no alvo, bem na marca — diz Damen, cruzando a sala em uma fração de segundos, passando os braços calorosos e fortes ao meu redor enquanto me puxa para perto de seu peito. Sua voz soa como um canto suave aos meus ouvidos enquanto acrescenta: — Embora fosse melhor que tivesse deixado o *me perdoe* de lado até que ela já tivesse partido. Acredite, sei que se sente mal, Ever, e não posso culpá-la por isso, mas é como já discutimos: em um caso como esse, é *você* ou *ela*. Apenas uma pode sobreviver. E, se não se importar, eu prefiro que seja *você*. — Ele passa a ponta do dedo pelo meu rosto, coloca uma longa mecha de cabelos louros atrás de minha orelha e continua: — Você não pode correr o risco de dar a ela qualquer sinal do que está por vir. Então, por favor, guarde as desculpas para depois, certo?

Faço que sim com a cabeça e me afasto, ainda lutando para controlar minha respiração. Olho para trás, para a pilha de couro preto e renda no chão, tudo o que sobrou da Haven que materializei. Depois pisco e apago todos os vestígios.

Esticando o pescoço de um lado para o outro e balançando cada um dos membros em um movimento que poderia ser interpretado tanto como o de amenizar o estresse quanto o de uma preparação para o que viesse pela frente, Damen escolhe a última interpretação e pergunta:

— Então, pronta para outra rodada?

Mas eu apenas olho para ele e faço que não com a cabeça. Chega por hoje. Chega de fingir que mato a forma fantasmagórica e desalmada de minha ex-melhor amiga.

É nosso último dia de verão, último dia de liberdade, e há formas muito melhores de aproveitá-lo.

Observo o movimento dos cabelos escuros, ondulados e levemente longos que caem sobre sua testa, sobre aqueles incríveis olhos castanhos, e sigo pela ponte de seu nariz, pelo ângulo das maçãs de seu rosto e pelo volume dos lábios, onde paro por tempo suficiente para me lembrar de como era maravilhosa a sensação de sua boca na minha.

— Vamos para o pavilhão — digo, e meus olhos buscam avidamente os dele, antes de se desviarem para sua camiseta preta simples, com o cordão de seda que segura o conjunto de cristais escondidos por baixo, e descerem para os jeans desbotados e os chinelos marrons, de borracha, em seus pés. — Vamos nos *divertir* — reitero, parando por um instante para fechar os olhos e materializar roupas para mim. Troco a camiseta, os shorts e os tênis que uso para treinar por uma réplica de um dos vestidos decotados com espartilho mais lindos que eu às vezes usava em minha vida parisiense.

E basta olhar uma vez para sua expressão confusa para saber que está resolvido. É quase impossível resistir ao encanto do pavilhão.

É o único lugar onde podemos nos tocar de verdade, sem o véu de energia — onde nossa pele pode se encontrar e nosso DNA se misturar sem nenhum perigo iminente à alma de Damen.

O único lugar onde podemos desaparecer dentro de outro mundo sem quaisquer dos perigos do mundo em que vivemos.

E, mesmo que eu já não guarde ressentimento das limitações de nossa vida aqui, que não dê muita atenção a isso, agora que percebo que é consequência direta de eu ter tomado a decisão *certa*, a ú*nica* possível, e que minha escolha por fazer Damen tomar o elixir de Roman é o único motivo pelo qual ele ainda está aqui comigo hoje — a única forma de salvá-lo de passar a eternidade em Shadowland —, fico feliz em aceitar seu toque da forma que for possível.

Mas, ainda assim, agora que sei que há um lugar onde tudo fica ainda melhor, estou determinada a

ir para lá, e este seria um bom momento.

— Mas, e o treino? As aulas começam amanhã, e não quero que seja pega desprevenida — ele diz, obviamente se esforçando para fazer o que é nobre e certo, mesmo parecendo óbvio que nossa viagem ao pavilhão já está praticamente decidida. — Não temos ideia do que ela planejou, então precisamos nos preparar para o pior. Além disso, ainda não chegamos ao *tai chi*, e acho que realmente deveríamos falar a respeito. Você ficará surpresa ao ver como os exercícios ajudam a equilibrar nossa energia… recarregando-a de uma forma que…

— Sabe o que mais é bom para *recarregar* minha energia? — Sorrio, sem lhe dar tempo de responder antes que meus lábios encontrem os dele, desejando que ele apenas concorde em irmos para um lugar onde eu possa beijá-lo de verdade.

O calor de seu olhar me enche com uma onda de formigamento e calor que só ele pode me oferecer. Ele se afasta e diz:

— Certo. Você venceu. Mas você sempre vence, não é? — Ele sorri, seu olhar dançando alegremente com o meu.

Ele segura minha mão e fecha os olhos, enquanto nós dois passamos pelo véu cintilante de luz dourada e suave.

dois

Aterrissamos no meio do campo de tulipas, cercados por centenas de milhares de lindas flores vermelhas. As pétalas rubras e macias reluzem no brilho nebuloso e constante, os longos caules verdes balançando com a brisa que Damen acabou de materializar.

Deitamos de costas, olhando para o céu, e reunimos um grupo de nuvens sobre nossa cabeça, moldando-as em forma de animais e de objetos simplesmente ao imaginá-los. Depois desfazemos tudo, entramos e nos jogamos no sofá grande e branco como um marshmallow. Meu corpo afunda nas almofadas enquanto Damen pega o controle remoto e se aninha a meu lado.

— E então? Por onde começamos? — ele pergunta, as sobrancelhas erguidas de um modo que diz que está tão ansioso para começar quanto eu.

Encolho os pés sob meu corpo e apoio a cabeça na palma da mão, olhando de forma provocadora enquanto digo:

— Hum… essa pergunta é difícil de responder. Pode dizer novamente quais são minhas opções? — Meus dedos entram debaixo da barra de sua camisa, e sei que daqui a pouco, bem pouco, poderei tocá-lo de verdade.

— Bem, tem a sua vida parisiense, para a qual, por acaso, você já está vestida. — Ele faz um gesto afirmativo com a cabeça, olhando para o decote pronunciado de meu vestido, passa os olhos pelas linhas profundas do modelo e, por fim, encontra meus olhos novamente. — Então, é claro, tem a vida de puritana, que, para ser sincero, não foi uma de minhas preferidas…

— E isso é por causa das roupas? Das cores escuras, monótonas, e dos vestidos abotoados até o pescoço? — pergunto, lembrando-me do vestido feio que usava naquela época, de como era desconfortável, de como o tecido arranhava minha pele, e considero que definitivamente também não era uma de minhas vidas preferidas. — Porque se for esse o caso, então você deve ter realmente gostado de mim na versão londrina, como a filha mimada de um rico proprietário de terras. O guarda-roupa era incrível, cheio de vestidos brilhantes e decotados e pilhas e pilhas de sapatos maravilhosos — digo, ciente de que essa é, de fato, uma de minhas favoritas, se não por outros motivos, pela simplicidade do meu cotidiano naquela época, em que a maioria dos dramas que eu enfrentava era causada por mim mesma.

Ele olha para mim, passando os olhos por meu rosto enquanto sua mão alisa minha maçã do rosto. Aquele insistente véu de energia vibra teimosamente entre nós, mas só até escolhermos um cenário.

— Bem, se quer saber, devo admitir que tenho uma queda por Amsterdã. Quando eu era o artista e você, minha musa, e…

— …e eu passava a maior parte do tempo seminua, coberta apenas por meus longos cabelos ruivos e uma fina tira de seda. — Balanço a cabeça e rio, nem um pouco surpresa com sua escolha. — Mas sei que esse não é o motivo *real*, não é? É apenas coincidência, *certo*? Bem, certamente você estava mais interessado nos aspectos artísticos do que em qualquer outra questão…

Inclino-me em sua direção, distraindo-o com um beijo rápido no rosto enquanto roubo o controle remoto de sua mão. Vejo sua expressão mudar, demonstrando uma falsa indignação, e começo a me divertir com a brincadeira improvisada.

— O que você está fazendo? — ele pergunta, tentando, de forma mais séria, tomar o controle de mim e demonstrando preocupação.

Mas não vou desistir. Nem ceder. Mesmo porque todas as vezes que estamos aqui ele se apodera do controle remoto e, pelo menos uma vez, quero ser eu a surpreendê-lo.

Eu seguro o controle no alto, acima da altura de minha cabeça, jogando-o de uma das mãos para a outra, determinada a mantê-lo fora de seu alcance. Um pouco ofegante pelo esforço, olho para ele e digo:

— Bem, tendo em vista que é impossível entrarmos em um acordo quanto às nossas preferências, acho que posso simplesmente apertar um botão qualquer e ver para onde vamos…

Ele olha para mim, o rosto subitamente pálido e os olhos austeros. Toda a sua expressão, droga, toda a sua *atitude* se transforma de modo tão impressionante, tão sério… E, para ser sincera, tão exagerado para a situação, que chego *muito* perto de ceder. Mas de repente mudo de ideia e aperto um botão.

Resmungo algo sobre sua necessidade tipicamente masculina de dominar o controle remoto, enquanto a tela se ilumina com uma imagem de…

Bem… de algo que eu nunca vira.

— Ever! — Ele respira fundo. Sua voz é grave, firme, mas não esconde a urgência. — Ever, por favor, apenas me dê o controle… Eu…

Ele tenta pegá-lo novamente, mas é tarde demais, eu já o enfiei embaixo da almofada.

Já o escondi dele.

Já vi as imagens que passam diante de mim.

É… é o sul dos Estados Unidos antes da guerra civil. E, embora não saiba exatamente onde, posso dizer, pelas casas, pela forma como são construídas, que acredito ser o que chamam de "estilo colonial", e pela diferença na paisagem — o céu parece quente, brilhante e incrivelmente úmido como nunca vi ou senti antes em nenhuma de minhas outras vidas — que se trata do extremo sul. Como um plano geral em um filme, uma imagem que sinaliza em que lugar da história você está.

Então, num instante, estamos dentro de uma daquelas casas. A imagem é o close de uma menina parada diante da janela que deveria estar limpando, mas, em vez disso, está olhando para fora com uma expressão suave e sonhadora.

Ela é alta para a idade, magra, tem ombros estreitos. Sua pele é escura e brilhante, e as pernas são finas e compridas, parecem ter quilômetros antes de terminarem nos tornozelos magrelos, e surgem sob a barra de seu vestido simples de algodão. A roupa está tão gasta que obviamente foi remendada várias vezes. Mas está passada e, assim como o restante dela, limpa. Mesmo que só consiga vê-la de perfil, já que está de lado, noto que seus longos cabelos escuros formam espirais na cabeça, em uma complicada série de nós e tranças.

Mas é apenas quando ela se vira, pondo-se de um modo em que posso ver seu rosto nitidamente, que olho naqueles profundos olhos castanhos e percebo que…

Estou olhando para mim!

Eu suspiro; o som de minha respiração ecoa pelas paredes de mármore branco polido enquanto olho para um rosto tão jovem e tão belo, porém ao mesmo tempo marcado por uma expressão entristecida demais para sua/minha idade. E no momento seguinte, quando um homem branco muito mais velho aparece, tudo faz sentido.

Ele é o senhor. Eu sou sua escrava. E não há tempo para ficar sonhando acordada aqui.

— Ever, *por favor* — Damen implora. — Devolva-me o controle *agora*, antes que você veja algo

de que se arrependa, algo que nunca conseguirá apagar da mente.

Mas eu não devolvo.

Ainda não posso fazer isso.

Sinto-me compelida a assistir àquele homem estranho, que não reconheço de nenhuma de minhas vidas, sentir prazer em bater nela — *em mim* — pelo simples pecado de sonhar com uma vida melhor.

Não estou ali para ter esperança, para sonhar, nem nada do tipo. Não estou ali para imaginar lugares distantes ou um amor que irá me salvar.

Não há salvação para mim.

Não há um lugar melhor.

Nenhum amor virá.

É assim que vivo, assim que morrerei.

Liberdade não é para as pessoas como eu.

E, quanto antes eu me acostumar a isso, melhor, ele me diz, e repete a cada chicotada.

— Por que você nunca me contou? — sussurro com a voz grave, quase inaudível. Totalmente abalada com as imagens diante de mim, assisto enquanto resisto ao tipo de surra que eu nem imaginava existir. Absorvo cada um dos golpes com um mero tremor, determinada a manter um voto de silêncio e dignidade.

— Como pode ver, não é uma das vidas românticas — diz Damen, a voz rouca de arrependimento. — Algumas partes, como a que está vendo agora, são extremamente desagradáveis, e não tive tempo de editar ou de assistir. Foi o único motivo pelo qual eu a escondi de você. Mas, assim que tiver tempo, prometo deixá-la assistir. Acredite se quiser, houve momentos felizes. Não foi assim o tempo todo. Mas, Ever, faça um favor a si mesma e desligue isso antes que fique pior.

— Que fique *pior*? — Eu me viro, os olhos cheios de lágrimas pela menina indefesa diante de mim. A menina que eu fui.

Mas ele apenas faz um gesto com a cabeça, tira o controle remoto de sob a almofada e desliga a tela imediatamente. Nós dois ficamos ali sentados, quietos, abatidos pelo horror do que vimos.

Determinada a quebrar o longo silêncio, digo:

— E as minhas outras vidas, todas aquelas cenas que gostamos de relembrar… Elas foram editadas também?

Ele olha para mim com as sobrancelhas unidas de preocupação.

— Foram. Achei que eu tivesse explicado na primeira vez que viemos aqui. Nunca quis que você visse algo tão perturbador quanto aquilo. Não adianta nada reviver o trauma de fatos que não podemos mudar.

Balanço a cabeça e fecho os olhos, mas isso não impede que as imagens brutais continuem passando em minha mente.

— Acho que não me dei conta de que era *você* quem editava, talvez eu tenha pensado que *o próprio lugar*, de algum modo, fizesse isso… Como se Summerland não permitisse nada de ruim… ou… *algo assim*…

Mudo de assunto, preferindo deixá-lo pendente. Lembro-me daquela parte escura, chuvosa e assustadora com que deparei uma vez e me dou conta de que, como o *yin-yang*, toda escuridão tem sua luz, incluindo Summerland, ao que parece.

— Eu construí este lugar, Ever. Construí especialmente para você. Para *nós*. O que significa que

sou eu que edito as cenas. — Ele liga a tela novamente, tomando o cuidado de escolher uma visão mais agradável; nós dois saindo escondidos no meio de um baile. Um momento feliz da frívola vida londrina da qual não sou tão fã… Uma tentativa óbvia de deixar o clima mais leve, de banir a cena sombria que acabamos de ver. Mas não é tão eficaz. Uma vez vistas, aquelas imagens terríveis não são fáceis de esquecer.

— Há muitos motivos para não nos lembrarmos de nossas vidas passadas quando reencarnamos, e o que você acabou de vivenciar é um deles. Às vezes são memórias dolorosas demais para lidarmos com elas, duras demais para superá-las. Lembranças assombram. Eu sei disso. Venho sendo assombrado por várias das minhas. Há seiscentos anos.

Ele tenta ir na direção da tela, na direção de uma versão bem mais feliz de mim, mas não adianta. Não há cura imediata para o que eu sei agora.

Até aquele momento, estava certa de que minha vida como humilde empregada parisiense era o pior que tinha acontecido. *Mas uma escrava de verdade?* Eu balanço a cabeça. Nunca nem imaginei uma coisa assim. E, para ser sincera, a brutalidade do fato me deixou sem fôlego.

— O propósito da reencarnação é vivenciar o máximo possível de vidas diferentes — diz Damen, sintonizando meus pensamentos. — É assim que aprendemos as lições mais importantes sobre amor e compaixão, ao nos colocarmos *literalmente* no lugar do outro, que, no final, se torna o nosso lugar.

— Achei que tivesse dito que o propósito fosse equilibrar nosso carma. — Franzo a testa, esforçando-me para entender tudo.

Ele balança a cabeça concordando. Seu olhar é paciente e gentil.

— Nós desenvolvemos nosso carma pelas escolhas que fazemos, pela rapidez ou pela lentidão com que aprendemos as lições que realmente importam no mundo, pela velocidade com que nos entregamos à *verdadeira* finalidade de estarmos aqui.

— E qual é? — pergunto, com a mente ainda vagando. — Qual é a *verdadeira* finalidade?

— Amarmos uns aos outros. — Ele dá de ombros. — Nem mais, nem menos. Parece bastante simples, fácil de fazer. Mas basta olhar nossa história, incluindo a cena que acabamos de ver, e acho que parece claro que é uma lição difícil para muitas pessoas.

— Então você estava tentando me proteger disso? — pergunto, começando a ficar curiosa. Parte de mim queria ver mais, descobrir como ela/eu passou por isso. E parte de mim sabe que alguém que aprendeu a suportar surras daquele tipo em silêncio e com tanta dignidade já recebeu muitas delas.

— Apesar do que você viu, quero que saiba que certamente existiram momentos bons. Você era tão linda, tão radiante, e assim que consegui afastá-la de tudo aquilo…

— Espere aí… Você me *salvou*? — Encaro-o com os olhos arregalados, como se estivesse olhando para meu próprio príncipe encantado. — Você me *libertou?*

— Digamos que sim… — Ele confirma com a cabeça, mas seu olhar hesita, a voz falha, e torna-se claro que ele está mais do que pronto para mudar de assunto.

— E nós éramos… *felizes?* — pergunto, precisando ouvir de sua boca. — Realmente, verdadeiramente felizes?

Ele faz que sim, abaixando um pouco a cabeça e depois levantando, mas só isso.

— Até Drina me matar — digo, completando a parte que ele não quer compartilhar. Era sempre ela que apressava minha morte, então por que seria diferente com a vida de uma escrava? Noto que a expressão dele se torna séria e as mãos começam a se agitar, mas ainda assim decido pressioná-lo e continuo: — Então, conte-me o que ela fez dessa vez. Ela me empurrou na frente de uma carruagem, me jogou de um penhasco, me afogou em um lago? Ou tentou algo completamente novo e diferente?

Ele olha em meus olhos, obviamente preferindo não responder. Mas presume corretamente que eu não desistiria até ouvir dele próprio, então diz:

— Tudo de que você precisa saber é que ela nunca se repetia. — Ele suspira, com uma expressão solene e grave no rosto. — Provavelmente porque gostava muito de fazer isso, gostava muito de ser original, de usar novos métodos. — Ele se retrai. — E imagino que não quisesse que eu desconfiasse. Mas ouça, Ever, mesmo que isso que você viu seja incrivelmente trágico, no final eu amei você e você me amou, e foi maravilhoso enquanto durou.

Desvio o olhar, determinada a absorver tudo aquilo. Mas é demais. É demais para o momento, com certeza.

— E algum dia você me mostrará? — Eu o encaro novamente.

Vejo a promessa em seu olhar quando ele olha para mim e diz:

— Sim, mas primeiro me dê algum tempo para editar, certo?

Faço que sim e vejo a forma como seus ombros caem e seu maxilar relaxa. Foi praticamente tão difícil para ele quanto para mim.

— Mas, por enquanto, o que acha de não termos mais surpresas? Por que não vamos a algum lugar mais feliz, melhor, *mais divertido*, que tal?

Fico sentada por um instante, sentindo-me extremamente sozinha com meus pensamentos, como se ele não estivesse ali.

Logo sou despertada pelo som de sua voz em meu ouvido, dizendo:

— Ei, veja, eles estão chegando à parte boa. O que acha de nos transformarmos neles?

Olho para a tela, onde uma versão muito diferente de mim sorri, radiante. Meus cabelos escuros cintilam com uma série de grampos e joias encomendados especialmente para combinar com meu lindo vestido verde-esmeralda feito à mão. Vejo como me comporto com confiança, tão certa de minha beleza, meus privilégios, meu direito de sonhar com o que quiser, de *ter* tudo o que desejar, de *reivindicar* quem eu escolher, incluindo esse estranho moreno e lindo que acabei de conhecer.

Aquele que faz os muitos pretendentes que deixei dentro do salão parecerem terrivelmente desinteressantes quando comparados a ele.

É uma versão de *mim* tão oposta àquela que acabei de ver que não faz sentido. E, mesmo que eu esteja determinada a rever aquela outra versão de *mim* em breve, por enquanto posso esperar.

Viemos até aqui para desfrutar os últimos momentos de diversão do verão, e farei de tudo para aproveitarmos.

De mãos dadas, nós nos levantamos do sofá e seguimos para a tela, sem parar até nos fundirmos com a cena.

Meu vestido parisiense é instantaneamente substituído por um verde-esmeralda feito especialmente para mim. Meus lábios mordiscam o canto do queixo de Damen, flertando, brincando com a ponta da língua antes que eu gire sobre meus saltos, segure a barra das saias e leve-o cada vez mais longe, para a parte mais escura do jardim, para um lugar onde ninguém possa nos encontrar. Nem meu pai, nem os empregados, nem meus pretendentes, nem amigos…

Não quero nada além de beijar esse lindo e moreno desconhecido, que sempre surge do nada, que sempre parece saber o que estou pensando, que, desde o primeiro olhar, me atraiu com o formigamento e o calor que causa.

A primeira vez em que olhou dentro de minha alma.

três

— Você não deveria estar de saída para a escola?

Giro a tampa de minha garrafa de elixir e olho para a mesa da cozinha, à qual Sabine está sentada. Reparo que seus cabelos louros, na altura dos ombros, estão acomodados atrás da orelha, que sua maquiagem perfeitamente coordenada está aplicada sem falha alguma, que seu terninho está passado, limpo e com um caimento perfeito, sem nenhuma dobra estranha ou vinco à vista, e não consigo deixar de imaginar como é ser ela. Como é viver em um mundo em que tudo é tão ordenado, obediente, metódico e organizado.

Onde todos os problemas têm uma solução lógica; toda pergunta, uma explicação acadêmica, e todo dilema pode ser resumido em um simples veredicto de *inocente* ou *culpado*.

Um mundo em que tudo é preto e branco, e todos os tons de cinza são rapidamente eliminados.

Faz muito tempo que vivi nesse mundo, e, agora, depois de tudo o que vi, é impossível voltar a viver nele.

Ela continua a olhar para mim, com o rosto sério, a boca em uma expressão austera, prestes a repetir o que disse, quando falo:

— Damen vai me levar hoje. Ele já deve estar chegando.

Noto que seu corpo enrijece à simples menção do nome dele. Ela insiste em culpá-lo por meu inesperado mau comportamento, embora ele estivesse bem longe da livraria naquele dia.

Ela assente, seus olhos me examinando vagarosamente. Analisando-me, observando com cuidado cada detalhe, da cabeça aos pés, e depois subindo novamente e recomeçando o trajeto. Em busca de maus sinais, luzes piscantes, placas de aviso, qualquer coisa que sinalize perigo. Algum tipo de sintoma revelador sobre o qual seus livros de educação infantil a alertaram. Mas consegue pouco mais que a imagem de uma garota loura, de olhos azuis, ligeiramente bronzeada, descalça e usando um vestido branco de verão.

— Espero que não tenhamos mais confusões neste ano. — Ela leva a caneca à boca e olha para mim por sobre ela.

— E a que tipo de *confusão* está se referindo? — pergunto, odiando como minha voz se enche de sarcasmo tão facilmente, mas ainda assim cansada de ficar sempre na defensiva por causa dela.

— Acho que você sabe. — Suas palavras são curtas e sua testa se enruga. Eu respiro fundo e tento revirar os olhos de um modo que ela não possa ver.

Fico dividida entre me sentir completamente chateada por termos chegado a esse ponto — a longa lista de recriminações diárias que nunca serão apagadas — e me sentir totalmente furiosa por ela se recusar a aceitar minha palavra, a aceitar o que eu digo como verdade, que eu sou assim, aconteça o que acontecer.

Mas, ainda assim, dou de ombros e digo:

— Bem, então ficará feliz em saber que não bebo mais. Parei pouco depois de ter sido suspensa. Principalmente porque não fazia tão bem para mim. Mesmo que você não queira ouvir isso, e provavelmente nem vai acreditar, estava entorpecendo meus *dons* da pior maneira possível.

Ela fica furiosa, *eriçada*, quando uso a palavra *dom*. Já me rotulou de triste, patética, carente, falsa, alguém que está obviamente gritando por ajuda… Ela realmente passou a odiar mais que tudo que eu use essa palavra. Odeia que eu me recuse a ceder, que me recuse a sucumbir à sua forma de

pensar.

— Além disso — digo, batendo a garrafa no balcão, olhando fixamente para ela —, não tenho dúvidas de que já convenceu Munoz a me espionar e a fornecer um relatório completo ao fim de cada dia. — Arrependo-me das palavras assim que termino de falar, porque, ao mesmo tempo que isso pode ser verdade, não é justo com Munoz. Ele tem sido muito legal e compreensivo comigo, e nunca fez com que me sentisse mal por ser como sou. Na verdade, ele pareceu intrigado, fascinado e surpreendentemente bem-informado. É uma pena que não consiga convencer a namorada disso.

Mas, ainda assim, se ela está tão relutante em me aceitar como sou, então por que tenho que aceitar tão rápido o fato de ela estar apaixonada por meu professor de história velho?

Mas eu devo.

E não porque a soma de duas coisas erradas quase nunca é uma certa, mas porque, apesar do que ela possa pensar e apesar do que eu possa dizer, no fim das contas tudo o que eu quero é que ela seja feliz.

Bem, isso e que ela supere tudo para que possamos voltar a viver como antes.

— Ouça — digo, antes que ela tenha a chance de reagir, sabendo que preciso evitar que a situação piore ainda mais. Antes que isso se agrave e fique como as "competições de gritos" que temos desde que ela me pegou fazendo uma leitura mediúnica para sua amiga, com o codinome Avalon. — Eu não quis dizer isso. É sério. Desculpe. — Balanço a cabeça, reforçando o que disse. — Então podemos, por favor, fazer uma trégua? Você me aceita, eu a aceito e todos vivemos felizes para sempre, em paz, alegria, harmonia e tudo o mais?

Olho para ela, meu olhar praticamente implorando para que ceda, mas ela apenas balança a cabeça e resmunga baixinho. Algo sobre eu ir direto da escola para casa por enquanto, até ela decidir o que fazer.

Mas, mesmo que eu a ame, mesmo que seja grata por tudo o que ela fez, não vou me sujeitar a restrições, castigos, nada disso. Porque a verdade é que eu não *preciso* viver aqui. Não *preciso* aguentar essas coisas. Tenho opções. *Muitas opções*. E ela não tem ideia de quanto eu me esforço para parecer que não tenho.

Finjo me alimentar, mesmo que não precise mais; finjo estudar, quando não é mais necessário; finjo ser como qualquer garota normal de dezessete anos, que depende dos adultos em sua vida para ter o que comer, ter um teto para morar e ter dinheiro, e para praticamente tudo o que diz respeito a seu bem-estar. Mas não estou nem perto de ser essa garota. Estou o mais longe possível disso. E é minha responsabilidade me assegurar de que ela não descubra mais do que já sabe.

— Que tal isso — eu digo, mexendo meu elixir, vendo-o brilhar enquanto sobe e desce pelas laterais da garrafa. — Vou me esforçar para não me meter em confusão e não ficar em seu caminho, se concordar em fazer o mesmo. *Combinado?*

Ela olha para mim, sobrancelhas unidas, claramente tentando determinar se estou sendo sincera ou fazendo algum tipo de ameaça. Aperta os lábios por um instante, tempo suficiente para reunir as palavras e dizer:

— Ever… Eu… eu só estou *muito preocupada* com você. — Ela balança a cabeça e passa os dedos na borda da caneca. — Queira admitir ou não, você está *profundamente* perturbada, e eu não sei mais o que fazer para lidar com você, como chegar até você, como ajudá-la…

Coloco a tampa de volta na garrafa, e o que me restava de boa vontade se dissolve em um *segundo*. Olho em seus olhos e digo:

— É, bem, talvez isto ajude. Primeiro: se quer tanto me ajudar, como diz, poderia começar *não*

me chamando de louca. — Balanço a cabeça e calço as sandálias, e sinto Damen estacionando na entrada, bem na hora. — E segundo… — Jogo a mochila nos ombros enquanto nossos olhos se encontram. — …poderia parar de se referir a mim como *carente, profundamente perturbada, fraude*… ou qualquer variação do tipo. — Faço que sim com a cabeça, para reforçar minhas palavras. — Só essas duas atitudes já seriam um belo começo para *me ajudar*, Sabine.

Não lhe dou tempo para reagir. Saio da cozinha, e da casa, batendo a porta com mais força do que pretendia, deixando tudo para trás enquanto sigo para o carro de Damen.

Escorrego para o banco de couro macio e olho para ele enquanto diz:

— Então chegou a esse ponto?

Olho para onde seu dedo aponta, para a janela em que está Sabine. Ela não se dá o trabalho de olhar pela persiana, nem mesmo pela fresta entre as cortinas. Não tenta esconder o fato de que está me vigiando. Vigiando *nós dois*. Apenas continua ali, com a boca fechada, o rosto severo, as mãos no quadril enquanto nos observa.

Eu suspiro e olho para ele, evitando-a de propósito.

— E fique feliz por eu tê-lo poupado do interrogatório que aconteceria se você entrasse. — Eu assinto com a cabeça. — Acredite, havia um motivo para que eu tenha pedido para esperar aqui fora — acrescento, ainda olhando para ele.

— Ela ainda está nessa?

Faço que sim e reviro os olhos.

— Tem certeza de que não posso falar com ela? Talvez ajude.

— Esqueça. — Balanço a cabeça, desejando que ele engate logo a ré no carro e me tire deste lugar. — Não há argumentos com ela… Ela é completamente *irracional*, e, acredite, se tentar falar com ela só vai tornar a situação pior.

— Pior que a cara feia que ela fez para mim da janela? — Ele alterna o olhar entre mim e o espelho retrovisor enquanto engata a ré, curvando os lábios de um modo um pouco mais brincalhão do que eu gostaria.

Isso é sério.

Eu estou falando a sério.

E, mesmo que não seja tão sério para ele, ainda é importante para mim.

Quando olho novamente para ele, no entanto, decido deixar para lá e dar um desconto. Lembro-me de que a mera amplitude de seus anos, seus seis séculos de vida, o deixou mais ou menos inabalável em relação a dramas menores da vida cotidiana que sempre parecem ocupar tanto espaço.

Pelo ponto de vista de Damen, tudo o que não seja *eu* cai na categoria "não vale a pena". Chega a parecer que a única real preocupação dele hoje em dia, a única coisa na qual se concentra, até mais do que encontrar um antídoto para que finalmente possamos ficar juntos após quatrocentos anos de espera, é proteger minha alma de Shadowland. Para ele, todo o resto é insignificante quando comparado a isso.

E, mesmo realmente tendo uma visão *mais ampla* de tudo, não consigo deixar de me preocupar também com as coisas "menores".

E, infelizmente para Damen, a melhor forma de eu entender tudo em minha cabeça é discutindo repetidas vezes.

Acredite, você foi poupado. E muito. Se tivesse insistido em entrar, teria sido muito pior. As palavras passam de minha mente para a dele enquanto olho pelo para-brisa diante de mim,

impressionada por ver como o dia já está incrivelmente claro, quente e ensolarado, mesmo não tendo passado muito das oito da manhã. Não consigo evitar pensar se um dia me acostumarei a isso. Se algum dia deixarei de comparar minha nova vida em Laguna Beach, na Califórnia, com a que deixei para trás em Eugene, no Oregon.

Se algum dia serei capaz de parar de olhar para trás.

Meus pensamentos voltam ao assunto quando Damen aperta meu joelho e diz:

— Não se preocupe, ela vai mudar de ideia.

No entanto, mesmo que sua voz soe confiante, sua expressão diz o contrário. As palavras estão mais baseadas em esperança que em convicção. Sua vontade de me deixar aliviada supera facilmente seu desejo pela verdade. Porque o fato é que, se Sabine não mudou de ideia até agora, é muito difícil que mude, pelo menos em um futuro próximo.

— Sabe o que mais me incomoda? — digo, ciente de que ele já sabe, de que já ouviu isso antes, mas continuo mesmo assim: — Não importa o que eu diga a ela, não importa quantas vezes eu tente *provar* a ela, lendo a mente dela e revelando todo tipo de pequenas coisas sobre o passado, o presente e o futuro, as quais eu não teria como saber se *não fosse* paranormal… é como se não adiantasse. Na verdade, parece que o resultado é exatamente oposto. Só a convenço a bater o pé com mais força, *recusando-se* totalmente a considerar qualquer um de meus argumentos ou qualquer ideia que eu tenha a dizer sobre o assunto. Ela se recusa por completo a abrir a sua mente, nem que seja um pouquinho. Em vez disso, apenas me lança aquele olhar severo e crítico, totalmente convencida de que estou fingindo, inventando tudo em uma tentativa patética de chamar a atenção. Como se eu tivesse enlouquecido de vez. — Balanço a cabeça e coloco os longos cabelos louros atrás da orelha, enquanto meu rosto esquenta e fica corado. Essa é a parte que realmente me faz prosseguir, que me deixa vermelha e agitada todas as vezes. — Mesmo depois de eu ter perguntado por que gastaria tanto tempo e esforço para manter minhas habilidades em segredo se quisesse apenas atenção, mesmo depois de implorar que ela ouvisse os próprios argumentos estúpidos e visse que não fazem o menor sentido, ela *ainda* se recusa a mudar de opinião. Quer dizer… ela realmente me acusou de ser uma *fraude!* — Fecho os olhos e enrugo a testa, lembrando o momento com tanta clareza que é como se estivesse acontecendo bem diante de mim.

Sabine entrando em meu quarto sem ser convidada na manhã seguinte à morte de Roman, logo após eu ter perdido todas as esperanças de algum dia ficar realmente com Damen, de conseguir o antídoto. Não me dando nem chance de acordar direito, lavar o rosto, escovar os dentes e me preparar de algum modo.

Confrontando-me com uma fúria que se acredita virtuosa, encarando-me com seus olhos azuis, e dizendo: "Ever, não acha que me deve uma explicação pelo que aconteceu ontem à noite?"

Balanço a cabeça e apago aquela imagem da mente. Meu olhar encontra o de Damen enquanto digo:

— Porque, de acordo com ela, *poderes paranormais, percepção extrassensorial e coisas do tipo não existem*. Segundo ela, *ninguém* pode prever o futuro. Isso é apenas uma mentira inventada por um bando de charlatões inescrupulosos, ávidos por dinheiro, *fraudes* como *eu!* E eu me envolvi intencionalmente em uma *fraude* a partir do momento em que aceitei dinheiro por minha primeira leitura mediúnica. E, caso você não saiba, há consequências legais para esse tipo de coisa, que é claro, ela teve o prazer de listar para mim. — Olho para Damen tão agitada e com os olhos tão arregalados quanto na primeira vez que contei a história. — Então, ontem à noite, quando ela se atreveu a tocar *de novo* no assunto, perguntei se podia me recomendar um bom advogado, já que eu

estava com um problema tão grande. — Reviro os olhos, lembrando-me de como *aquilo* terminou mal.

Meus dedos mexem nervosamente na barra de meu curto vestido branco de algodão enquanto equilibro a garrafa aberta de elixir no joelho, dizendo a mim mesma para me acalmar, para não me importar. Já passamos por isso um zilhão de vezes, e isso apenas me deixa mais tensa que antes.

Olho pela janela enquanto Damen diminui a velocidade até parar, deixando passar uma mulher mais velha que carrega uma prancha de surfe em uma das mãos e a guia de um labrador amarelo na outra. O cão me fez lembrar tanto de meu antigo cachorro, Buttercup — com seu rabinho abanando, o pelo amarelo brilhante, olhos castanhos e alegres e um nariz rosado engraçadinho —, que preciso olhar duas vezes enquanto aquela pontada familiar me atinge bem fundo, uma lembrança constante de tudo o que perdi.

— Você já disse a Sabine que foi ela quem a apresentou a Ava, o que inadvertidamente levou ao emprego na Mística e Raio de Luar? — diz Damen, trazendo-me de volta ao presente enquanto tira o pé do freio e pisa no acelerador.

Faço que sim com a cabeça, espiando pelo retrovisor lateral, e vejo o reflexo do cachorro ficar cada vez menor.

— Mencionei a noite de ontem, e sabe o que ela disse?

Olho para ele, permitindo que a cena flua de minha mente para a sua. Sabine no balcão da cozinha, diante de uma pilha de vegetais esperando para ser lavados e picados, eu em minha roupa de corrida, determinada a sair de casa sem ser perturbada, para variar. Ambas interrompemos de repente o que estamos fazendo quando ela decide dar início ao *round* quinze da eterna batalha contra mim.

— Ela disse que era uma brincadeira. *Coisa de festa*. Apenas para divertimento. Que não era para ser levada a sério. — Reviro os olhos e balanço a cabeça.

Estou prestes a continuar, nem perto de terminar, quando ele olha para mim e diz:

— Ever, se aprendi alguma lição em meus seiscentos anos de vida, é que as pessoas odeiam mudanças quase tanto quanto odeiam que suas crenças sejam desafiadas. É sério. Veja o que aconteceu com meu pobre amigo Galileu. Ele foi completamente excluído por ter tido a audácia de sugerir que a Terra não era o centro do universo. A ponto de ser julgado, considerado suspeito de heresia, forçado a negar as próprias crenças. Depois passou o resto da vida em prisão domiciliar, quando, é claro, todos nós sabemos que ele estava *certo desde o princípio*. Ao comparar sua situação com a dele, eu diria que você está escapando sem grandes consequências. — Ele ri, olhando-me de um modo que praticamente implora para que eu relaxe um pouco e ria também, mas ainda não estou pronta. Talvez algum dia eu ache graça disso tudo, mas isso está em um futuro distante que ainda não sou capaz de enxergar.

— Acredite — digo, colocando minha mão sobre a dele, ciente do véu de energia que paira entre nós —, ela queria me pôr em prisão domiciliar, mas eu não acatei de jeito nenhum. É realmente injusto que eu tenha que aceitá-la sem questionamentos, admitir o mundo preto e branco em que ela escolheu viver, e que ainda assim ela não me dê uma chance de me explicar. Não chega nem a considerar o meu lado. Ela me rotula automaticamente como uma adolescente louca, carente e emotiva além da conta porque tenho habilidades que não se encaixam em sua visão limitada. E às vezes isso me deixa tão irritada que… — Faço uma pausa, apertando os lábios, sem saber se devo mesmo me permitir dizer isso em voz alta.

Damen olha para mim, esperando.

—*Às-vezes-fico-contando-os-dias-para-que-este-ano-termine-e-possamos-nos-formar-e-ir-*

para-algum-lugar-distante-onde-seja-possível-vivermos-nossa-própria-vida-e-esquecermos-de-tudo-isso. — Solto as palavras tão rapidamente, que saem todas juntas, de modo que uma é praticamente indistinguível da outra. — Eu me sinto mal por dizer isso, principalmente depois de tudo o que ela fez, mas o fato é que ela não descobriu sequer metade do que sou capaz de fazer. Tudo o que sabe é que tenho poderes paranormais. E é *isso*! Já imaginou como reagiria se eu contasse a ela *toda* a verdade? Que sou uma imortal com poderes físicos que ela nem de longe conseguiria compreender? Como a materialização instantânea e, ah, sim, não vamos nos esquecer da parte sobre viajar no tempo, que experimentei recentemente, sem mencionar como gosto de passar meu tempo livre em Summerland, uma pequena e um tanto longínqua dimensão alternativa na qual meu namorado imortal e eu nos agarramos em várias vidas passadas! Pode imaginar como *isso* seria?

Damen olha para mim, os olhos brilhando de um jeito que instantaneamente me enche de formigamento e calor, e sorri enquanto diz:

— O que acha de não descobrirmos, *hem*?

Ele para no semáforo e me puxa para perto. Seus lábios roçam minha testa, a bochecha e descem pelo pescoço, até finalmente, finalmente, se unirem aos meus.

Afastando-se segundos antes de o sinal ficar verde, ele me olha e diz:

— Tem certeza de que quer continuar com isso?

O calor de seu olhar é profundo e escuro, e permanece um pouco mais que o necessário no meu, dando-me tempo suficiente para dizer *não*, que não estou nem um pouco pronta, nem perto disso, e que ele pode pegar um retorno e ir para outro lugar. Um lugar mais agradável, amigável, *caloroso* — como uma praia distante, ou talvez mesmo um retiro em Summerland. E uma pequena parte dele espera que eu consinta.

Para ele, já basta de escola. Já basta há séculos. Sou o único motivo pelo qual está aqui. O único motivo para ficar. E, agora que estamos juntos, felizmente reunidos depois de vários dolorosos séculos sendo separados diversas vezes, ele não entende o propósito de tudo isso. Vê como algum tipo de farsa inútil.

E mesmo que eu também nem sempre veja a finalidade disso, já que é realmente muito difícil aprender assistindo às aulas quando é tão simples ler a mente de nossos professores ou colocar a mão sobre a capa de um livro e intuir seu conteúdo, ainda estou determinada a aguentar firme e ir até o fim.

Em especial porque é praticamente a única parte um pouquinho normal de minha vida totalmente bizarra. E não importa quanto Damen possa sentir-se entediado, quanto implore para que eu jogue tudo para o alto e que vivamos nossa vida, não farei isso. Não posso. Por alguma estranha razão, realmente quero que cheguemos à formatura.

Quero segurar aquele diploma nas mãos e jogar o capelo para o alto.

E hoje estamos dando o primeiro passo rumo a esse final.

Sorrio e concordo com a cabeça, pedindo que continue. Vejo um lampejo de desconforto encobrir seu rosto, que retribuo com um olhar de confiança e força recém-adquiridas. Endireito os ombros, faço um rabo de cavalo que cai sobre meu pescoço, passo as mãos no vestido para desamassá-lo e me preparo para a batalha.

Mesmo sem saber o que está por vir ou o que esperar exatamente, mesmo sem poder ver meu próprio futuro com tanta facilidade como posso ver o dos outros, se tenho uma certeza é de que Haven ainda me culpa pela morte de Roman.

Ainda me culpa por *tudo* o que deu errado em sua vida.

E pretende cumprir sua promessa de acabar comigo.

— Acredite, estou *mais* do que pronta. — Olho pela janela, procurando por minha ex-melhor amiga na multidão, ciente de que é apenas uma questão de tempo até que ela dê o primeiro passo, e espero ter a chance de dar a volta por cima antes que ambas façamos algo de que, sem dúvida, nos arrependeremos.

quatro

Só a vejo na hora do almoço.

Todo mundo a vê.

É impossível não notar.

Como um turbilhão glacial repentino — como uma escultura de gelo delineada em curvas bem-definidas. Ela é atraente, exótica e estupenda, como um frio invernal inesperado em um dia quente de verão.

Um grande número de alunos se agrupa a seu redor — as mesmas pessoas que antes passavam direto por ela.

É impossível não notá-la agora.

É impossível não notar sua beleza extraordinária, seu encanto irresistível.

Ela não é a Haven de sempre. Está totalmente diferente. Transformada.

O que antes era desbotado agora brilha.

O que antes repelia agora atrai.

E o que costumava ser seu visual padrão de cigana rock'n'roll, com couro preto e renda, foi trocado por um tipo de glamour lânguido, hipnotizante e levemente mórbido. Como a versão ártica de uma noiva sombria e fúnebre, ela está usando um vestido longo e justo, com um decote profundo em V na frente, mangas compridas e bufantes e várias camadas de um tecido macio de seda azul que se arrasta atrás dela, varrendo o chão, enquanto seu pescoço quase se curva com o peso das joias que traz — uma combinação de pérolas taitianas brilhantes, safiras lapidadas em cabochão, grandes turquesas brutas e um conjunto de águas-marinhas reluzentes. Os cabelos são longos e pretíssimos, sedosos, em ondas soltas que vão até a cintura. A mecha platinada que marcava a franja agora está tingida do mesmo tom profundo de cobalto que cobre as unhas, contorna os olhos e cintila na joia, posicionada como um *bindi*, entre as sobrancelhas benfeitas e arqueadas.

Um visual que a antiga Haven nunca usaria. Teriam rido dela antes mesmo de tocar o sinal da primeira aula — mas não agora.

Murmuro baixinho enquanto Damen vem até mim. Seus dedos agarram os meus no que deveria ser um aperto reconfortante, mas estamos tão hipnotizados quanto todas as outras pessoas da escola. Incapazes de tirar os olhos do resplendor de sua pele alvíssima, da forma como reluz em um mar azul e negro. O resultado é um visual estranhamente frágil, etéreo — como um hematoma recente —, camuflando por completo a determinação que está por baixo dele.

— O amuleto — Damen sussurra, olhando rapidamente em meus olhos, antes de se voltar mais uma vez para ela. — Ela não está usando. Ele… *sumiu*.

Meus olhos localizam instantaneamente o pescoço dela, vasculhando o emaranhado de pedras escuras e brilhantes, e vejo que ele está certo. O amuleto que demos a ela, que deveria mantê-la a salvo do perigo, a salvo de *mim*, não está mais lá. E sei que não é por acaso, nem nada do tipo. É um recado para mim. Para me dizer em alto e bom som:

Eu não preciso de você. Já a superei. Já a transcendi completamente.

Depois de atingir o ápice de um poder criado por ela mesma, Haven está agora em uma posição em que não tem mais medo de mim.

Embora sua aura não seja visível desde a noite em que fiz com que bebesse o elixir que a tornou

imortal como eu, não é necessário que ela tenha uma para que eu *sinta* o que está pensando.

Para que eu *saiba* o que está sentindo.

Sua tristeza pela morte de Roman, combinada com a raiva que sente por mim, foi o que gerou tudo isso. Ela está sendo completamente guiada, completamente *redefinida* por um sentimento avassalador de ira e de perda, e agora está tentando se vingar de todas as pessoas que lhe fizeram mal.

A começar por mim.

Damen para de repente e me puxa para seu lado, dando-me a última chance de me render e sair dali, mas eu não quero. *Não posso*. Embora eu esteja totalmente comprometida a deixá-la dar o primeiro passo, no instante em que ela o fizer, não terei problema algum em lembrar a ela quem é que manda aqui. É para isso que venho treinando. Mesmo que ela esteja se sentindo confiante e segura de si, eu sei de algo que ela não sabe:

Ela pode se sentir forte, poderosa e completamente invencível… Mas seus poderes não chegam nem aos pés dos meus.

Damen me observa com preocupação, ciente do olhar penetrante de Haven, pequenas flechas de ódio apontadas diretamente para mim. Eu apenas dou de ombros e continuo andando, acompanhando-o até nossa mesa de sempre, aquela que Haven certamente considera indigna dela. Sabemos que os olhares de ódio são só o começo, algo com que é melhor nos acostumarmos se tivermos alguma esperança de sobreviver até o final do ano.

— Você está bem? — Ele se inclina, preocupado, em minha direção, a mão em meu joelho.

Faço que sim com a cabeça, sem deixar de olhá-la nem por um momento sequer. Se ela for apenas um pouco parecida com Roman, sei que arrastará essa situação como os gatos fazem com os ratos, brincando com a presa antes de matá-la.

— Porque eu quero que você saiba que eu estou *aqui*. Sempre estarei *aqui*. Mesmo que não tenhamos aula juntos, graças a *você*, devo acrescentar. — Ele balança a cabeça. — Quero que saiba que não vou a lugar algum. Não vou matar aula, sair de fininho, fugir do colégio, nem nada desse tipo. Frequentarei até a última aula dessa minha grade miserável. O que significa que, se precisar de mim, tudo o que precisa fazer é chamar que eu…

Venho. Olho em seus olhos, mas apenas por um instante antes de voltar a *ela*. Observo-a se deleitar em sua recém-adquirida posição de rainha da turma dos populares, sentada em um lugar de destaque a uma mesa da qual, há alguns meses, não podia nem passar perto, muito menos se sentar. E imagino que Stacia e Honor tenham decidido aproveitar o novo privilégio concedido aos alunos do último ano, de sair da escola para o almoço, já que nunca permitiriam que isso acontecesse se estivessem por perto — o que me faz pensar em como vão reagir quando voltarem e virem que Haven tomou o lugar delas.

— Ouça — digo, girando a tampa de meu elixir, e tomo um gole. — Já discutimos isso e eu estou bem. Posso lidar com a situação. Posso lidar com ela. É *sério*. — Viro-me para ele com um olhar que mostra o quanto estou falando a sério. — Temos uma *eternidade* juntos, só você, eu e o infinito. — Sorrio. — Então não precisamos nos sentar juntos na aula de física também, *não é*?

Meu coração praticamente salta do peito ao ver o modo como seus olhos se iluminam, seu humor fica mais leve, e ele sorri também.

— Não precisa se preocupar comigo. Pelas sessões de meditação com Ava e meu treinamento com você, já sou uma versão nova, melhorada e mais poderosa de mim! E sou capaz de lidar com Haven, acredite. Não tenho dúvidas quanto a isso.

Ele alterna o olhar entre nós duas, seu rosto é uma máscara de apreensão, claramente lutando

contra a própria dúvida insistente e o desejo de acreditar. Apesar de minhas contínuas garantias, seu temor por minha segurança — sua crença de que é o único culpado por tudo isso desde o dia em que decidiu me *transformar* — o impede de confiar e se entregar.

— Tudo bem, mas só mais uma coisa. — Ele levanta meu queixo até que nossos olhos fiquem no mesmo nível. — Apenas lembre-se de que ela está com raiva, é poderosa *e* imprudente. Uma combinação perigosa como nenhuma outra.

Concordo com a cabeça, sem perder o ritmo, e respondo:

— Bem, isso pode ser verdade, mas não se esqueça *você* de que sou *centrada*, mais *poderosa* e tenho muito mais *controle* do que ela jamais terá. O que significa que ela não pode me machucar. Não importa quanto queira, não importa quanto se esforce, ela não vai ganhar essa. Isso sem contar que eu tenho algo que ela não tem…

Ele me olha com os olhos semicerrados, sem prever essa mudança repentina no roteiro que ensaiamos tantas vezes.

— *Você*. Eu tenho *você*. Sempre tive e para sempre terei, *certo*? Pelo menos foi o que me disse ontem à noite, quando estava tentando me impressionar no interior da Inglaterra…

Ah, quer dizer que era eu que estava tentando impressionar você*? Tem certeza disso?* Ele ri, fechando os olhos enquanto pressiona os lábios contra os meus, a princípio, com suavidade; depois, de forma mais intensa. Ele me beija de um modo que faz com que todo o meu corpo desperte com o formigamento e o calor que só ele pode me proporcionar. Então se afasta rápido, ciente de que não podemos correr o risco de perder o foco dessa maneira.

Essas coisas podem esperar. Haven, não.

Mal tive a chance de me acalmar e me recompor quando Miles aparece no meio da multidão, saindo da mesa dela e vindo em direção a nós. Ele para a apenas alguns passos de distância, dá uma volta completa, permitindo-nos vê-lo em trezentos e sessenta graus, e termina em uma pose de modelo, coroada com um olhar duro, beicinho e as mãos no quadril.

— Notaram algo diferente? — Ele alterna os olhos entre nós dois. — Porque, desculpem-me dizer, mas Haven *não* foi a única que teve um verão transformador, sabem? — Ele desfaz a pose e se aproxima. — Caso não tenham ouvido da primeira vez, permitam-me repetir: *Notaram. Algo. Diferente?* — Ele pronuncia as palavras propositalmente devagar, demorando um pouco para pronunciar cada uma delas.

Quando olho para ele — quando *olhamos* para ele —, é como se tudo parasse num súbito estrondo. Nossa respiração, o movimento das pálpebras e as batidas do coração são substituídos instantaneamente por um espanto abrupto e constrangedor que nos deixa boquiabertos, reduzindo-nos a nada mais do que dois imortais paralisados, sentados lado a lado, imaginando se não estariam olhando para um terceiro.

— E então? Vamos, digam… O que acham? — Miles canta, dando mais uma voltinha rápida e fazendo outra pose, na qual ficará até que um de nós fale algo. — Holt nem me reconheceu.

O que eu acho? Acho que a palavra diferente *não é capaz de descrever o que estou vendo*. Olho para Damen e depois volto a olhar para Miles. *Nossa, nem* radicalmente alterado *nem* completamente transformado *dão conta!* Balanço a cabeça.

O cabelo castanho, que usava cortado bem rente desde que o conheço, agora está mais longo, ondulado, quase como o de Damen. E a gordurinha que acolchoava suas bochechas, fazendo-o parecer uns dois anos mais novo, desapareceu por completo, dando lugar a coisas como maçãs do rosto, um maxilar quadrado e um nariz mais definido. Até suas roupas, que consistem praticamente no

jeans de sempre, sapatos e camisa, parecem totalmente mudadas — diferentes —, nada como antes.

Como se ele fosse uma lagarta que decidiu abandonar o velho casulo para mostrar suas novas e belas asas de borboleta.

E quando começo a pensar no pior — que Haven chegou a ele antes de mim —, eu a vejo. *Nós* a vemos. A aura de Miles. É de um laranja brilhante, reluzindo a seu redor… A única coisa que nos permite relaxar e voltar a respirar normalmente.

Ainda precisando de um tempo para processar tudo isso, sem nem saber por onde começar, sinto-me aliviada quando Damen diz:

— Parece que *Firenze* fez bem para você. *Muito* bem, na verdade. — Ele dirige um sorriso a Miles e aperta minha mão, para me acalmar.

Miles ri e seu rosto se ilumina de um jeito que atenua todos os novos contornos. Mas o clima dura pouco, e sua aura oscila e tremula fracamente enquanto ele se concentra em Damen. Isso é tudo de que preciso para me *lembrar*.

Acho que fiquei tão presa a meu drama com Haven e Sabine que me esqueci dos retratos de Damen e Drina que Miles descobriu.

Retratos pintados há séculos.

Retratos que não são fáceis de justificar — não há nenhum tipo de explicação lógica.

E, mesmo tendo jurado nunca fazer isso a não ser que fosse absolutamente necessário, acho que este é definitivamente um daqueles momentos que podem ser chamados de emergência. Enquanto Damen o distrai com uma conversa fiada sobre *Florença*, eu discretamente dou uma espiada na mente de Miles. Preciso saber o que ele pensa, do que suspeita, e fico surpresa em ver que ele não está focado em nenhuma das coisas que eu temia. Pelo contrário, ele está focado em *mim*.

— Estou decepcionado — ele diz, interrompendo Damen e se dirigindo a mim.

Inclino a cabeça de lado, saindo de sua mente segundos antes de ter a chance de ver aonde ele quer realmente chegar.

— Volto para casa em uma versão nova e melhorada, como podem ver. — Ele passa a mão pelo corpo, como uma modelo de *programa de auditório* exibindo o grande prêmio. — E estava planejando que este fosse o melhor ano de todos. Mas agora fico sabendo que minhas amigas *ainda* estão brigadas, *ainda* não se falam e *ainda* estão me forçando a escolher entre elas, mesmo tendo sido bem específico ao pedir que resolvessem tudo antes que eu chegasse, porque não há a menor possibilidade de eu participar desse jogo. De jeito nenhum serei forçado a fazer o papel de Meryl Streep em *A escolha de Sofia*. Não mesmo. Na verdade…

— Foi isso o que ela disse? — interrompo, sentindo que esse monólogo poderia continuar até o fim das aulas, se eu permitisse. — Ela disse que você tem que *escolher*? — Abaixo o tom de voz quando um grupo de alunos passa.

— Não, mas nem precisou. Quer dizer… Acho que está bem claro que se você não está falando com *ela* e ela não está falando com *você*, então terei que escolher. Ou isso ou o intervalo de almoço ficará ainda mais estranho que no ano passado. — Ele balança a cabeça, e seus cachos castanhos e brilhantes ondulam suavemente de um lado para o outro. — E *não* vou tolerar isso. Simplesmente não vou. Então, basicamente, vocês têm entre hoje e amanhã para dar um jeito nessa situação. Ou serei forçado a passar o intervalo em outro lugar. Ah, e caso não esteja me levando a sério, é bom saber que, agora que tenho a chave do carro antigo de minha mãe, você não tem mais a vantagem da carona. Você e Haven estão no mesmo nível no que diz respeito à minha afeição. O que significa que vocês não têm saída a não ser resolver esse assunto se quiserem me ver novamente, ou…

— Ou *o quê*? — Tento manter o tom de voz leve, meio brincalhão, já que não tenho ideia de como dizer a ele que, se houve alguma mudança, conhecendo Haven, nosso problema apenas ficou maior.

— *Ou* encontrarei uma *nova* mesa e um *novo* grupo de amigos — ele afirma balançando a cabeça e alternando o olhar entre Damen e mim, querendo que saibamos que ele pretende levar a ameaça a sério.

— Veremos o que é possível fazer — diz Damen, tentando encerrar logo o assunto.

— Mas não prometo nada — acrescento, querendo atenuar, manter um tom mais realista, e não brincar com quaisquer falsas esperanças que ele possa ter.

Imaginando que estamos acima de qualquer suspeita no momento em que o sinal toca, Damen pega minha mão para me acompanhar até a sala de aula, mas para quando Miles dá um tapinha em seu ombro e diz:

— E *você*... — Ele faz uma pausa longa o suficiente para olhá-lo lentamente dos pés à cabeça. — Você e eu conversaremos depois. Ainda tem muito o que explicar.

cinco

Acho que fiquei tão focada em Haven que nem sequer pensei em minhas outras adversárias: conhecidas como Stacia Miller e sua fiel escudeira, Honor.

Mas quando entro na sexta aula, de física, no instante em que toca o sinal e a porta se fecha atrás de mim, o som de suas risadas abafadas basta para me lembrar delas.

Vou direto para o meio, sorrindo por dentro ao ver o rosto surpreso de Stacia quando escolho o lugar vazio mais próximo delas para me sentar. Afinal, para que forçá-las a esticar o pescoço quando posso simplesmente me sentar a uma mesa que forneça uma vista muito melhor, muito mais explícita e totalmente desimpedida do objeto de tormento favorito delas: *eu*.

Mas Stacia é a única que parece surpresa com minha escolha. Honor leva numa boa. Senta-se um pouco mais ereta enquanto levanta as sobrancelhas e me observa, com um olhar tão cuidadoso e confuso que é quase indecifrável.

Quase.

Mas eu estou muito menos focada em sua expressão que nos pensamentos que passam por sua cabeça. Pensamentos que direciona a mim de propósito, presumindo corretamente que estou ouvindo quando ela pensa:

Sei que você pode me ouvir. Sei tudo sobre você. E sei que você sabe o que pretendo fazer com Stacia. Que planejo fazê-la pagar por todas as maldades que fez a mim e às pessoas que tiveram a infelicidade de cruzar o caminho dela. O que eu não sei é se você pretende me ajudar ou me impedir. Caso esteja pensando em me impedir, precisa repensar sua escolha. Primeiro, porque ela tem sido uma megera com você desde sempre, e segundo, bem, mesmo que tente me impedir, você não conseguirá. Nem você, nem Jude, nem, sobretudo, Stacia. Então é melhor nem cogitar…

E mesmo que ela esteja olhando diretamente para mim, ansiosa por algum tipo de reação, algum tipo de confirmação de que recebi sua mensagem, não pretendo lhe dar essa satisfação. Não tenho a menor intenção de ouvir nada além do que já ouvi.

Em meio ao manifesto patético de Honor regido pela vingança, aos pensamentos maldosos que Stacia sempre tem, ao lamento silencioso do sr. Borden sobre como, novamente, mais um ano de sua vida será desperdiçado com uma nova leva de alunos ingratos e desinteressados — um conjunto constrangedor de cortes de cabelo horríveis e roupas piores ainda, impossíveis de diferenciar daqueles que foram e vieram antes —, em meio a tudo isso e ao drama pessoal e à angústia de cada uma das outras pessoas, o ruído é alto demais.

Muito deprimente.

E completamente exaustivo.

Então eu me desligo de todos eles para conversar com Damen telepaticamente através do campus.

Sexta aula, física, e até agora tudo bem, e você? Penso, preparando-me para levantar a mão quando meu nome for chamado, acostumada a ser uma das primeiras da lista alfabética ordenada por sobrenomes, já que o meu é Bloom.

Artes. Ótima forma de fechar o dia — me dá algo pelo que esperar. Gostaria que o dia todo pudesse ser uma longa aula de artes. Ah, e a sra. Machado está empolgada *por eu ser aluno dela de novo. Ela mesma me disse. Nunca viu tanto talento, um dom natural em alguém tão jovem. Quer até marcar uma hora para conversarmos sobre meu futuro e sobre as escolas de arte em que*

pretendo me inscrever.

E eu? Ela fez algum elogio à aluna menos talentosa e sem dons que já viu? Ou me apagou de propósito da memória?

Não seja tão dura consigo mesma. Sua réplica de Van Gogh ficou incrivelmente singular.

Se com singular você quis dizer terrível, então, sim, é verdade! Apenas lembre-se de dizer a ela que não voltarei para o segundo round. *Preciso manter a autoconfiança elevada, ficar forte tanto mental quanto fisicamente, o que significa que não posso me arriscar ao estrago que outro semestre de bonecos de palito totalmente ridículos poderia causar à minha psique. E então, qual o seu primeiro trabalho? Outro Picasso, sua própria versão de Van Gogh?*

Ele zomba. *O impressionismo está tão ultrapassado. Pensei em ser bastante audacioso e talvez pintar algum tipo de mural. Uma nova Capela Sistina. Sabe? Cobrir as paredes e o teto e dar uma boa ajeitada na sala de aula. O que você acha?*

Acho que é ideal para manter a discrição de que sempre fala! Rio, sem perceber que gargalhei em voz alta até que Stacia Miller olha para mim, revira os olhos e diz baixinho:

— *O-tááá-ria!*

Imediatamente interrompo a comunicação com Damen. Se o olhar carrancudo do sr. Borden serve de parâmetro, sem querer acabei de entrar para sua lista negra. Nos cinco minutos iniciais do primeiro dia de aula, já sou considerada uma das mais ingratas criadoras de caso.

— Qual é a graça, srta… — Ele abaixa a cabeça para olhar no mapa de assentos que está terminando de fazer — …*Bloom*? Algo que queira compartilhar com o restante da turma?

Respiro fundo e balanço a cabeça negativamente, evitando o olhar perverso de Stacia, o movimento da fronte de Honor demonstrando diversão e os suspiros de tédio dos demais colegas de turma, já acostumados à vitrine de constrangimentos que eu sou.

Abro o livro e tento alcançar a mochila para pegar papel e caneta, mas a encontro cheia de tulipas vermelhas. Como uma carta de amor de Damen, aquelas pétalas vermelhas e acetinadas servem de lembrete para que eu aguente firme, uma promessa de que, aconteça o que acontecer, nosso amor eterno é o que vale — é só o que importa em meio a todo o restante.

Passo o dedo pelo caule, reservando um momento para enviar a ele um *obrigada* silencioso antes de materializar os objetos de que preciso. Fecho a mochila com a certeza de que ninguém viu, até que percebo Honor me analisando cuidadosa e atentamente, como naquele dia na praia.

Um tipo de olhar sagaz que me faz imaginar quanto ela sabe sobre mim.

Estou prestes a me aprofundar, a espreitar sua mente e solucionar o mistério, quando ela se vira, o sr. Borden me chama para ler e eu acabo parecendo aquela aluna ambiciosa, tentando me destacar já no primeiro dia de aula.

— Ei, Ever, espere!

A voz vem de trás de mim, mas eu continuo andando, seguindo meu primeiro instinto de ignorá-la.

Mas quando ela grita novamente, decido parar e me virar. Não fico nem um pouco surpresa ao ver Honor correndo, tentando me alcançar, embora sempre seja estranho vê-la sozinha, sem Stacia. Como se de repente estivesse sem um braço, uma perna ou alguma outra parte essencial de si mesma.

— Ela está no banheiro — diz, respondendo à pergunta que vê em meu olhar, ao esquadrinhar meu rosto com seus olhos castanhos. — Está retocando a maquiagem, ou botando para fora o *smoothie* de frutas que tomou na hora do almoço, ou pensando em novas formas de chantagear as líderes de torcida. Ou, quem sabe, talvez esteja fazendo as três coisas. — Ela dá de ombros, apoiando nos

braços uma pilha de livros e me olhando calmamente, dos longos cabelos louros às unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa.

— O que me faz imaginar por que você se importa tanto — digo, fazendo o mesmo que ela: olho seus longos cabelos escuros com as recentes mechas vermelhas, a calça de sarja preta, as botas sem salto na altura do joelho e o cardigã simples por cima de uma camiseta regata. — Se você a odeia tanto, por que se dá o trabalho de fazer tantos planos? Por que não a deixa de lado e segue sua vida?

— Então você *pode* ler minha mente. — Ela sorri, mantendo a voz em tom suave e baixo, quase como se estivesse falando consigo mesma, e não comigo. — Talvez um dia possa me ensinar a fazer isso.

— Improvável. — Suspiro, prestes a espiar sua mente para ver do que de fato se trata tudo isso, mas depois lembro que é errado, que preciso ser paciente e deixar as coisas se revelarem sozinhas.

— Talvez Jude me ensine. — Ela ergue a sobrancelha, olhando para mim como se fosse um teste ou algum tipo de ameaça ligeiramente disfarçada.

Aperto os lábios e olho para meu armário, ávida por largar todos os livros que já "li" e encontrar Damen, que está à minha espera no carro.

— Não conte com isso — digo, preferindo não pensar em Jude de nenhum modo ou forma. Além de uma ou outra mensagem de texto para verificar se ele está bem, vivo, e se Haven ainda não chegou até ele, não nos falamos desde a noite em que ele matou Roman.

Desde a noite em que fui colocada na desagradável posição de não ter escolha a não ser proteger a pessoa com quem estou tão brava, tenho vontade de matá-lo com minhas próprias mãos.

— Que eu saiba, esse não é um dos *dons dele* — acrescento, mudando a mochila de ombro e lançando a ela um olhar que diz: *Não sei bem aonde você quer chegar com isso, mas, se tem mesmo algo em mente, então diga logo!*

Ela dá de ombros e desvia o olhar, sem se concentrar em nada específico, apenas passando os olhos pelo corredor enquanto diz:

— Não quer nem vê-la *pagar* por toda a sujeira que fez a você? — Ela se vira, olhando-me com seriedade. — Considerando tudo o que ela fez você passar, a suspensão, o vídeo no YouTube… *Damen*… — Ela faz uma pausa dramática, esperando algum tipo de reação, mas pode fazer quantas pausas quiser que eu não pretendo reagir. — De qualquer modo — ela continua, falando rápido, percebendo em minha expressão que estou prestes a sair —, apenas fiquei surpresa por não se juntar a mim. Pensei que seria a primeira da fila… bem, a segunda, quer dizer, logo atrás de mim.

Respiro fundo, desejando ardentemente sair dali e seguir para a melhor parte de meu dia, mas ainda paro e digo:

— Bem, o negócio é o seguinte, Honor: se optar por ver as coisas desse modo, então precisa admitir que você também foi bem maldosa comigo.

Ela se vira sem jeito, com um movimento sutil, porém suficiente para me convencer a continuar.

— Na verdade, você foi a principal responsável por minha suspensão, como bem sabe, e não podemos esquecer que estava bem ao lado dela na Victoria's Secret no dia em que ela fez aquele vídeo que foi parar na internet. E, mesmo que não tenha sido ideia sua, mesmo que você tenha só ficado ali observando, bem, no fim das contas, o resultado é praticamente o mesmo. Você não é menos culpada. Pelo contrário, é *cúmplice*. Porque se não tenta impedir uma valentona e escolhe andar com uma, você é *colaboradora* em tudo o que ela faz em sua presença. E mesmo assim eu não perturbo você, nem tento me vingar, não é? E sabe por quê? — Faço uma pausa, sentindo que seu interesse está mais para esvanecer do que para me atacar, mas mesmo assim sigo em frente. —

Porque *não vale a pena*. Não vale meu tempo, nem meu esforço. É para isso que serve o carma… para equilibrar tudo no fim. É sério, você precisa repensar seu plano. Está totalmente equivocado e é perda de tempo. Porque a verdade é que você também não é tão inocente, e essas coisas dão um jeito de voltar de formas que você nem imagina. — Faço um gesto afirmativo com a cabeça, sem querer acrescentar que sei disso por experiência própria e recente.

Ela olha para mim, os olhos parcialmente cobertos pela franja, e balança a cabeça lentamente.

— *Carma?* — Ela ri e revira os olhos. — Bem, odeio ter que lhe dizer isso, Ever, mas agora você está começando a parecer *muito* com Jude, com toda aquela conversinha de *sorte* e *azar*. Mas, é sério, talvez deva fazer uma pergunta a si mesma: quando foi a última vez que o carma se importou com Stacia? — Ela ergue uma sobrancelha. — Caso não tenha percebido, ela vive fazendo *o que* quer com *quem* quer. Você pode achar que tudo bem e pode se sentir confortável em fazer papel de vítima das drogas sem-fim que ela apronta, mas eu não aguento mais. Estou cansada delas. Sabia que ela tentou ficar com Craig só para me magoar? Para me mostrar quem é a rainha e quem é a eterna número dois.

Olho para ela sem dizer nada. O corredor a nosso redor está esvaziando, todo mundo indo embora. Todo mundo menos nós.

No entanto, Honor continua, sem prestar atenção na hora ou no fato de que deveríamos sair também. Sua voz é grave quando ela diz:

— Infelizmente para ela, não deu certo. Mas, ainda assim, que tipo de *amiga* faz algo assim?

— Foi por isso que vocês terminaram o namoro? — pergunto, sem me importar muito. Já sei a verdade sobre Craig, sobre suas verdadeiras *preferências*, e me pergunto se ela saberia.

— Não, nós terminamos porque ele é gay. — Ela dá de ombros. — Não havia futuro naquela relação. Mas não conte a ninguém… — Ela olha para mim em pânico, querendo protegê-lo e manter o segredo dele, mas eu me limito a dar um aceno desinteressado. Não quero fazer fofoca sobre isso. — Bem, o negócio é o seguinte, embora sinta muito ter sido… *cúmplice*, ou seja lá o nome que você tenha dito, isso tudo é passado. Não pretendo me meter em seu caminho, Ever. Contanto que fique longe do meu.

Estreito bem os olhos, imaginando se aquilo é algum tipo de ameaça velada. Estou prestes a informá-la de que tenho assuntos muito mais importantes com que me preocupar do que ser juiz de sua disputa de popularidade com Stacia… quando vejo Haven.

Parada no fim do corredor, cruzando seu olhar com o meu até que tudo fica turvo, menos o calafrio de sua energia, a agudez penetrante de seu ódio sem limite e o movimento de seu dedo me chamando.

Quando percebo, estou fora de mim. A voz de Honor foi reduzida a um zumbido vago e distante enquanto sigo a cauda do vestido azul-celeste de Haven. Flutuando, chamando, ao mesmo tempo que ela desaparece no corredor e eu corro para alcançá-la.

seis

Fico parada diante da porta, os olhos fechados, fazendo uma pausa para praticar uma das minimeditações rápidas e simples que Ava me ensinou para reunir forças. Imagino uma luz branca brilhante percorrendo todo o meu corpo e penetrando em todas as células enquanto meus dedos procuram ansiosamente pelo amuleto que uso no pescoço. A seleção de cristais com a função de me afastar do perigo e proteger todos os meus chacras, sobretudo o quinto — o centro da falta de discernimento e do mau uso de informações —, minha principal fraqueza, que, se atingida, me condenará ao abismo infinito.

Tiro um segundo para me comunicar com Damen, avisá-lo de que há uma grande chance de que tenha começado, ao mesmo tempo que relembro a ele sua promessa de não interferir a menos que eu peça ajuda.

Então respiro fundo e abro caminho, atravessando o piso horroroso de ladrilhos cor-de-rosa, e paro perto da fileira de pias brancas na parede. Minha postura está relaxada, os braços soltos ao lado do corpo. Observo Haven chutar a porta de cada uma das cabines, para ter certeza de que estamos sozinhas, antes de se virar, colocar as mãos na cintura, inclinar a cabeça de lado e me avaliar com um olhar que não altera em nada seu novo rosto.

— E então começa o último ano. — Ela dá um sorriso. A safira em sua testa absorve a luz fluorescente e brilha enquanto ela sorri de um jeito que praticamente não se reflete nos olhos. — O que está achando até agora? Os professores, as aulas, tudo está como sempre sonhou?

Dou de ombros, recusando-me a dar qualquer informação, recusando-me a participar de seu jogo. Esse é o mesmo tipo de conversa inútil que Roman adorava, e se eu não entrava na dele, certamente não darei bola para ela.

Ela continua a me analisar, nem um pouco intimidada por meu silêncio. Na verdade, isso parece até estimulá-la.

— Bem, quanto a mim, está sendo melhor do que planejei. Sei que já notou quanto sou popular. Na verdade, não consigo decidir se tento entrar para o grupo de líderes de torcida, se concorro a representante de turma ou se participo de ambos. O que acha? — Ela faz uma pausa, dando-me tempo suficiente para opinar, mas, como nada digo, ela dá de ombros e continua: — Bem, sejamos realistas. Não quero me gabar, mas sem dúvida posso fazer o que quiser agora. Certamente você percebeu o modo como as pessoas olham para mim, o modo como me seguem. É como se… — Seus olhos se iluminam, o rosto fica corado e ela passa os braços ao redor do corpo, abraçando-se em um surto de presunção. — É como se eu fosse uma estrela do rock ou algo assim… Eles não se cansam de mim!

Eu suspiro alto o suficiente para ela ouvir. Cruzo seu olhar superconfiante com um de tédio total e completo e digo:

— Pode ter certeza de que notei. — E apago instantaneamente o sorriso triunfante de seu rosto quando acrescento: — Pena que não é real. Bem, você *sabe* disso, não é? É você quem está *causando tudo*. Está atraindo as pessoas deliberadamente, tirando o poder de escolha delas, o livre-arbítrio, do modo como Roman fazia. *Nada disso* é verdadeiro.

Ela ri, dispensando minhas palavras com um aceno e andando devagar, em círculos, antes de parar e dizer:

— Parece que alguém está com inveja da grama do vizinho. — Ela faz beicinho e balança a

cabeça. — É sério. O que há com você, Ever? Está com *inveja* por eu ter conseguido me sentar à mesa dos populares enquanto você ainda é uma grande idiota, presa para sempre na terra dos otários?

Reviro os olhos, lembrando-me de minha antiga vida em Eugene, no Oregon, quando eu era um clichê de popularidade ambulante e falante. E, embora eu costumasse sentir falta disso, a saudade era da simplicidade, das regras de obediência que pareciam tão fáceis de seguir na época. Eu não voltaria àquela vida por nada. Hoje em dia, ela não me parece nem um pouco tentadora.

— Não mesmo. — Encaro-a com os olhos semicerrados. — Mas estou surpresa em ver como você se envolveu. Considerando quanto costumava zombar deles. Acho que fazia isso só para ocultar o desejo de ser um deles. Fingia não ligar quando a esnobavam, mas, aparentemente, você ligava, sim. — Balanço a cabeça, observando-a com pena, e, pelo jeito como ela me olha, concluo que deixando-a ainda mais nervosa. — Mas acho que não me chamou aqui para isso — acrescento, tentando retomar o assunto. — Por que não vai em frente e diz logo? O que você está tão desesperada para me contar que não pode esperar ou dizer em outro lugar que não seja este banheiro horroroso?

Olho para ela pacientemente, esperando que comece a falar, enquanto repito em silêncio as promessas que fiz a mim mesma:

Não começarei a briga.

Não darei o primeiro golpe, soco, nem nada do tipo.

Tentarei todas as outras possibilidades antes de a situação chegar a esse ponto.

Não darei fim à sua vida a menos que a minha ou a de outra pessoa estejam ameaçadas.

Deixarei que ela dê o primeiro passo.

Mas, quando ela o fizer, bem, daí em diante não me responsabilizo pelo que acontecer a ela…

Ela revira os olhos e solta um suspiro irritado, olhando para mim como se me ver lhe causasse dor, e diz:

— Ah, então agora você está preocupada em ser pega vadiando no banheiro no primeiro dia de aula? — Ela emite um som de reprovação e levanta a mão para admirar os anéis prateados e azuis que usa em cada dedo. — Não consigo entender por que insiste em agir como se fosse tão *normal*, tão ridiculamente *comum*. Quer dizer, é sério. Você realmente é o desperdício de imortalidade mais lamentável que já vi. Roman estava certo: tanto você quanto Damen são desperdício de espaço. — Ela expira, expulsando de seus pulmões uma rajada que joga um frio amargo no ar. — O que você espera ganhar com isso? Uma estrela dourada, um certificado emoldurado declarando que, sim, você é realmente a queridinha do professor?

Ela coloca a língua para fora e gira os olhos de um modo que me faz lembrar a antiga Haven, aquela que costumava ser minha amiga, mas a impressão se esvai rapidamente quando ela diz:

— E o mais importante, por que você liga? Caso não tenha notado, as regras da escola são praticamente inúteis para pessoas como nós. Podemos fazer *o que bem entendermos*, *quando bem entendermos*, e *ninguém* pode nos impedir. Então você deveria não apenas relaxar e desencanar, *para variar*, como também usar seus dons para algo melhor. Porque, se está determinada a ficar bem com alguém, deveria ser *comigo*. — Ela franze as sobrancelhas e olha dentro de meus olhos. — Quer dizer… você já arruinou Damen. Desde que ele começou a ficar com você, parece que foi parar na Tediolândia. — Ela para um segundo para rir da observação. — Ainda assim, estou pensando em pedir transferência para a aula de inglês avançado que ele tem no quinto tempo, e provavelmente vou me sentar ao lado dele. Isso a incomoda?

Dou de ombros, ocupando-me de minhas unhas, mesmo estando limpas, uniformes, sem esmalte e

tão curtas que não há muito para ver. Mas não cedo a suas implicâncias, e certamente não lhe darei o prazer que busca.

Não que ela se importe, já que certamente prefere mesmo é ouvir o som da própria voz. Então segue adiante:

— Quer dizer, por um lado, ele perdeu mesmo aquela empolgante pegada *bad boy* que eu amava tanto. Mas, por outro, aposto que ainda tem uma boa parte dela enterrada em algum lugar lá no fundo. Bem, *bem* lá no fundo. — Seu olhar brilha quando recai sobre mim. — Porque, quando alguma coisa está *arraigada* desse jeito, quando alguma coisa vem de séculos, bem, é difícil apagar por completo, se é que você me entende.

Além de não entender, não tenho como olhar em sua mente para ver por mim mesma, já que seu escudo é forte demais para me permitir isso. Tudo o que posso fazer é ficar ali parada, fingindo não me importar. Agir como se suas palavras não estivessem gerando a mínima curiosidade ou interesse, embora vergonhosamente eu deva admitir que estavam, sim.

Ela sabe de algo. Isso está bem claro. Não é apenas dissimulação. Ela conhece algo sobre Damen — algo sórdido sobre seu passado — e está praticamente me implorando para obrigá-la a revelar.

E é exatamente por isso que não posso.

— Quer dizer, como já deve desconfiar, Roman me contou umas histórias bastante sórdidas. Algumas que você provavelmente já conhece, então é inútil repetir, mas outro dia desses eu estava vasculhando alguns dos pertences dele e encontrei uma pilha de diários. — Ela faz uma pausa, dando-me tempo suficiente para absorver suas palavras. — Bem, você precisava ver. Eram… *pilhas e pilhas*. Caixas inteiras. No fim das contas, Roman documentou *tudo*. Manteve centenas, não, talvez *milhares* de diários. Eu até perdi a conta. Não importa. Pelo que vi, eles datam de séculos atrás. Ele não estava colecionando apenas antiguidades e artefatos. Estava colecionando história. *A* história *dele*. A história *dos imortais*. Há fotos, retratos pintados, cartões, cartas… Tudo. Diferentemente de Damen, Roman manteve contato. Não seguiu simplesmente com a vida e deixou os outros órfãos se virarem sozinhos, ele cuidou deles. E depois de cento e cinquenta anos, quando seu elixir começou a perder o efeito, preparou um novo. Um *melhor*. Depois localizou todos eles e fez com que o bebessem novamente. E assim continuou durante todos esses anos, sem nunca deixar ninguém na mão. Sem nunca deixar alguém passar dificuldades, ou definhar, ou *morrer*, como Damen fez. Ele pode ter tido os problemas dele com vocês, mas não há dúvida de que teve bons motivos: vocês eram os únicos inimigos. Os únicos que o viam como um imortal terrível e diabólico, que mereceu o destino que teve. Para todos os outros, ele era um herói. Ele se importava com eles, ofereceu-lhes uma vida melhor, *eterna*. Ao contrário de vocês dois, ele acreditava em compartilhar as riquezas. E as compartilhou sem restrições com aqueles que acreditava ser dignos.

Estreito os olhos ainda mais. Minha paciência está chegando ao fim, e quero que ela saiba disso.

— Então por que ele não compartilhou sem restrições com *você*? — Meus olhos queimam, olhando fixamente para os dela. — Por que todo aquele jogo? Por que *me* enganou para que *eu* o fizesse?

Haven faz um gesto de desdém com a mão, ignorando.

— Já falamos sobre isso, ele estava apenas se divertindo um pouco. Eu nunca corri perigo. Ele teria me trazido de volta se precisasse. — Ela revira os olhos e balança a cabeça, claramente irritada com a interrupção. — *Seja como for* — ela diz, enfatizando a expressão —, sobre os diários, fotos e afins… digamos apenas que parte seria de *grande* interesse para você. — Ela faz uma pausa, obviamente esperando que eu aproveite a oportunidade e implore para ouvir mais.

Mas não vai acontecer. Mesmo que suas palavras me façam lembrar instantaneamente algo que Roman *e* Jude insinuaram quando falaram sobre segredos sórdidos do passado de Damen, mesmo que eu não consiga parar de pensar sobre o que aconteceu ontem no pavilhão, quando deparei com uma vida que Damen tentava desesperadamente esconder de mim, não posso pedir que ela conte mais nada. Não posso deixá-la saber que está funcionando, que eu me importo, que suas palavras estão impregnadas em minha pele. Não posso deixá-la ganhar esta.

Então apenas levanto os ombros e suspiro, como se estivesse extremamente entediada e não me importasse nem um pouco com o que mais ela tenha a dizer.

O que faz com que ela franza a testa e diga:

— Dane-se! Você não pode me fazer de idiota com todos esses suspiros e levantar de ombros. Eu *sei* que você quer saber, e não posso culpá-la por isso. Damen tem segredos. Segredos importantes, interessantes, sombrios e sujos. — Ela se vira para o espelho, inclinando-se na direção dele enquanto alisa o cabelo e admira a si mesma, hipnotizada pelo próprio reflexo. — Mas, por mim, tudo bem deixar para outro dia. Quer dizer, eu entendo seu ponto de vista: passado é passado e tudo mais. Até o dia em que isso volta para acabar com você. Mas não importa. Ele é tão alto, moreno e sonhador… Quem se incomoda com as atrocidades que ele cometeu nas últimas centenas de anos, *certo?*

Ela ergue uma sobrancelha e se vira para mim, inclina a cabeça para o lado e deixa as ondas escuras e brilhantes de seus cabelos caírem sobre a frente do vestido, vindo em minha direção lenta e deliberadamente, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos, dando seu melhor para me intimidar.

— Sua única preocupação agora deveria ser com *seu* futuro. Já que, ambas sabemos, ele pode não ser *tão* longo quanto pensava. É claro que não acredita mais que eu deixarei você ficar por aí por toda a *eternidade*. Terá sorte se eu deixar que chegue ao final do semestre. — Ela para bem perto de mim com o olhar provocador, resplandecente, e deixa as palavras no ar como a maçã diante de Eva. Quase me suplicando para experimentar.

Eu apenas engulo em seco e, mantendo a voz firme e equilibrada, digo:

— Damen e eu não temos segredos. E eu sei muito bem como é o coração dele… E é bom. Então, a menos que tenha algo a acrescentar, estou indo embora…

Sigo para a porta com a intenção de sair, de colocar um ponto final nisso antes que vá longe demais, mas, antes que consiga alcançá-la, lá está ela.

De braços cruzados, rosto severo, olhos semicerrados, quase como fendas, diz:

— Você não vai a lugar nenhum, Ever. Ainda não estou nem perto de terminar o assunto que tenho com você.

sete

Examino seus olhos, seu rosto, ciente de que tenho poucos segundos para escolher entre passar por ela e sair, dando a nós duas o tempo necessário para nos acalmarmos, ou ficar bem aqui e tentar conversar com ela, ou pelo menos deixá-la acreditar que "ganhou" desta vez.

Meu silêncio fornece todo o encorajamento de que ela precisa para retomar de onde parou.

— Está mesmo querendo me dizer que você e Damen não têm segredos? — Seu tom combina perfeitamente com o desprezo em seu rosto. — É sério? *Nenhunzinho?* — Ela joga a cabeça para trás e ri, expondo um pescoço alvo e cheio de joias e parte de uma tatuagem colorida de uróboro que some e ressurge, parecida com a que Roman tinha, e Drina antes dele, só que a de Haven é bem menor e pode ser facilmente escondida pelos cabelos longos. Sua confiança foge a todos os parâmetros, confundindo meu silêncio com apreensão e medo, quando diz:

— *Ah, por favor*. — Ela bate os cílios. — Não se engane nem tente *me* enganar. Seiscentos anos é um tempo extremamente longo, Ever. Tão longo que é impossível para qualquer uma de nós imaginar. Porém é mais do que suficiente para acumular alguns segredinhos sujos, *certo*?

Ela sorri, seus olhos desvairados. Sua energia é tão frenética, tão intensa, tão afetada, que meu único objetivo é mantê-la sob controle. Impedi-la de começar algo de que certamente se arrependerá.

— Nada disso me preocupa — digo, tomando cuidado para manter a voz baixa e estável. — Nosso passado pode nos moldar, mas não nos define. Então não há motivo para prolongar o assunto mais que o necessário.

Tento não recuar quando ela franze a testa e vira em minha direção. Seu rosto está tão perto do meu que posso sentir a explosão de seu hálito gelado em minha face, posso ouvir o barulho dos brincos balançando nas orelhas, as longas fileiras de pedras batendo umas contra as outras.

— Verdade. — Ela passa os olhos por mim. — Mas, bem, algumas coisas *nunca* mudam. Alguns… *apetites*... apenas ficam cada vez maiores, se é que me entende.

Sigo novamente na direção das pias, apoio o quadril em uma delas enquanto olho para Haven e suspiro. Quero que ela veja que estou entediada com tudo isso, mas não a afeto nem um pouco. Ela não está nem aí. Este é seu palco, eu sou sua plateia, e este show em particular está muito longe de terminar.

— E isso nunca a preocupa? — Ela vem em minha direção, diminuindo em alguns passos a distância entre nós. — O fato de nunca ser capaz de satisfazê-lo *de verdade* do modo como *ele*, bem, ou qualquer outro cara, realmente *necessita?*

Tento — *quero* — desviar o olhar, mas algo não deixa. *Ela* não deixa. De algum modo, ela está me prendendo.

— Você nunca tem receio de que ele se canse de toda essa abstinência e angústia, a ponto de não ter escolha senão dar uma escapadinha para… hum, *aliviar-se* um pouco, por assim dizer?

Eu respiro. Apenas olho para ela e respiro. Concentro-me na luz que mora dentro de mim e faço o possível para não entrar em pânico com essa perda repentina de controle.

— Porque, se eu fosse você, estaria preocupada. *Muito* preocupada. O que você está exigindo dele, bem, é simplesmente… *anormal*, não é? — Ela esfrega as mãos nos braços, estremecendo como se fosse algo muito terrível, muito inimaginável, como se de alguma forma a afetasse mais que a mim. — Ainda assim, desejo a vocês tudo de bom, pelo menos enquanto durar.

Ela me libera de seu olhar fixo, mas continua a me analisar, entretida pela forma como meu corpo acaba de estremecer involuntariamente, como tento não deixá-la notar o quanto me perturbou.

Ela dá um sorriso de sarcasmo enquanto me olha e diz:

— Qual é o problema, Ever? Você parece um pouco… *chateada*.

Concentro-me em respirar lenta e profundamente, mais uma vez pesando as opções de dar o fora ou de deixá-la continuar. Escolho ficar e tenho esperança de colocar algum bom-senso de volta em sua cabeça quando penso: *É sério? É isso? Você me convoca até o banheiro para demonstrar suas preocupações com Damen e minha vida sexual?* Eu suspiro e balanço a cabeça, como se estivesse com preguiça até mesmo de reunir forças para falar em voz alta.

Está mais para falta de vida sexual. Ela ri, encarando-me e revirando os olhos.

— Acredite, Ever, tenho planos muito maiores, como sabe. E, graças a você, tenho tempo e poder para realizá-los! — Ela inclina a cabeça para o lado e olha para mim. — Lembra o que eu disse da última vez que a vi? Na noite em que matou Roman?

Começo a negar, mas ao mesmo tempo me forço a parar. Não há sentido em repetir tudo. Ela não mudará de ideia. Apesar da confissão de Jude, ela ainda prefere me considerar igualmente responsável por aquele incidente, e não há nada que eu possa fazer a respeito disso.

— O fato de não ter dado o golpe não quer dizer que não seja *cúmplice*. Não a torna menos *colaboradora*. — Ela sorri, mostrando por um momento os dentes de um branco estonteante enquanto chuta novamente cada uma das portas. Suas palavras são pontuadas por uma série de batidas, estrondos e pancadas quando diz: — Não foi isso o que disse à sua grande amiga Honor agora há pouco? Porque a verdade é que você estava *bem ali* quando ele invadiu, e não fez nada para impedi-lo. Apenas ficou lá parada, deixando as coisas acontecerem, sem mover um dedo sequer para salvá-lo. E isso a torna tanto *cúmplice* quanto *colaboradora*. Só estou usando seu próprio argumento contra você.

Ela para e se vira, olhando em meus olhos, esperando que as palavras entrem em minha cabeça, querendo que eu saiba que ela não apenas está espionando minhas conversas, mas também que é capaz de muito mais que isso.

Levanto as mãos na minha frente, com as palmas viradas para ela em um gesto de paz, esperando acabar com isso antes que seja tarde demais.

— Não precisamos fazer isso. — Olho atentamente para ela. — *Você* não precisa fazer isso. Não há motivo para não podermos simplesmente… *coexistir*. Não há motivo para continuar com isso…

Mal tenho tempo de terminar e sua voz se sobrepõe à minha, os olhos escurecem, o rosto fica tenso e ela diz:

— Nem se dê o trabalho. Não vai me fazer mudar de ideia.

Cada palavra que ela diz é sincera. Posso ver em seus olhos. Apesar disso, a aposta é muito alta, deixando-me sem opção a não ser tentar.

— Certo, tudo bem. Então está determinada a cumprir sua ameaça e acha que não posso impedi-la. Que seja! Isso é o que veremos. Mas, antes que faça algo de que sem dúvida se arrependerá, precisa saber que está perdendo seu tempo. Caso não tenha entendido, eu fiquei tão mal quanto você em relação ao que aconteceu a Roman. Embora eu saiba que é difícil acreditar, essa é a mais pura verdade. Embora não possa desfazer o que ocorreu, embora eu tenha sido lenta demais para impedir Jude, nunca tive a intenção de que aquilo acontecesse. Nunca *quis* que acontecesse. No final, entendi melhor quem Roman realmente era, o que o motivava, por que optou pelas atitudes que tomou. E por isso eu o *perdoei*. Foi por isso que fui falar com ele, para explicar de uma vez por todas que estava

cansada de brigar, que queria uma trégua. E o havia convencido, havíamos concordado em trabalhar juntos quando Jude entrou, entendeu tudo errado… e… bem, você sabe o que aconteceu depois. Mas, Haven, eu *nunca imaginei que aquilo fosse acontecer*. Se tivesse, teria impedido. Nunca teria deixado as coisas se desenrolarem daquele jeito. Quando percebi o que estava se passando, já era tarde demais para fazer qualquer coisa para impedir. Foi um trágico mal-entendido, nada além disso. Não foi desonesto, não foi premeditado, não foi nada do que está pensando. — Faço um gesto afirmativo com a cabeça sem estar totalmente convencida, mas ainda assim desesperada por convencê-la.

Venho remoendo isto desde aquela noite: se Jude entendeu realmente mal a situação e estava apenas tentando me proteger, ou se tinha em mente um plano muito mais obscuro, de me impedir de conseguir o antídoto, para que ele pudesse finalmente ter uma chance comigo após centenas de anos de rejeição. E ainda não cheguei a conclusão alguma.

— Ele imaginou que eu estivesse em perigo, fora de mim, dominada por magia negra. Agiu de forma puramente instintiva, nada mais, nada menos. É sério, pode dirigir toda a raiva que quiser a mim, mas, por favor, deixe Jude fora disso, certo?

No entanto, mesmo tentando ao máximo convencê-la, minhas palavras não surtem efeito. Apenas escorrem por ela como chuva em uma vidraça, deixando um leve rastro para trás, mas recusando-se a penetrar.

— Se você quer proteger Jude, o problema é seu. — Ela dá de ombros, como se ele fosse tão descartável quanto uma *boy band* do ano passado. — Mas acho que deveria saber que há apenas um modo de fazer isso: obrigando-o a tomar o elixir. Ou não será uma briga justa. Ele nunca sobreviverá. Nunca sobreviverá *a mim*. — Ela se vira novamente para as portas, chutando-as em uma sequência tão rápida que é como um borrão de velocidade e som, enquanto balanço a cabeça e observo.

Não tenho intenção alguma de transformar Jude ou qualquer outra pessoa. Mas, mesmo que não consiga convencê-la a deixá-lo em paz, ainda há mais uma coisa que posso dizer. Algo que tenho certeza de que ela não sabe, algo que provavelmente irá fazer com que fique ainda mais nervosa, mas que, ainda assim, precisa ouvir. Precisa saber o que seu suposto amado Roman havia planejado.

— É o seguinte — digo com o olhar calmo, estável, querendo que ela saiba que não estou nem um pouco impressionada ou intimidada por seu showzinho de chutes em portas. — O único motivo pelo qual não lhe contei isso antes foi porque não vi necessidade e não queria magoá-la ainda mais. Mas a verdade é que Roman estava planejando ir embora. — Meu olhar sonda o dela, vendo-a encolher-se bem de leve, mas ainda o suficiente para que eu perceba, o bastante para me convencer a continuar a todo o vapor. — Ele estava voltando para Londres. Para a *boa e velha Inglaterra*, como a chamava. Disse que esta cidade era muito devagar, não tinha muito movimento, e que não sentiria falta dela de jeito nenhum… *nem de nada daqui*.

Ela engole em seco e tira a franja dos olhos. Dois de seus cacoetes, o que prova que não está tão melhor e renovada afinal, que boa porção de suas antigas inseguranças e dúvidas ainda permanecem ali. Mas, ainda demonstrando uma falsa ousadia, diz:

— Boa tentativa, Ever. Patética, mas certamente valeu a tentativa, certo? Pessoas desesperadas tomam atitudes desesperadas, não é o que dizem? Imagino que, se alguém sabe bem disso, esse alguém é *você*.

Levanto os ombros e entrelaço as mãos diante de mim como se fôssemos apenas duas boas amigas desfrutando uma conversa agradável.

— Pode negar quanto quiser, mas isso não muda a verdade. Ele me contou naquela noite, contou tudo. Estava se sentindo limitado, sufocado, disse que precisava fugir de tudo isso. Ir a algum lugar maior, mais empolgante. Um lugar onde pudesse ficar livre da loja, de Misa, de Rafe, de Marco e, ah, é claro, de *você*.

Ela coloca as mãos nos quadris, lutando para parecer forte, durona, completamente inabalável, mas seu corpo diz outra coisa, traindo-a com um leve tremor.

— Ah, é claro. — Ela faz cara feia, dedilhando nos quadris e revirando os olhos dramaticamente. — Então devo acreditar que Roman escolheria confessar tudo isso a *você*, e não mencionar nada a mim, a pessoa com quem estava dormindo? É sério, Ever, isso é absolutamente patético e ridículo. Até mesmo para você.

Eu apenas dou de ombros, certa de que está funcionando, de que minhas palavras estão atingindo Haven. Analiso-a, estudo-a com cuidado, sabendo que posso estar exagerando, enfeitando um pouco aqui e ali, mas que a ideia central é a mesma. Ele planejava dispensá-la, e ainda assim ela está empenhada em destruir Jude e a mim por causa dele.

— Ele sabia que você faria um drama se lhe contasse, e você sabe como ele odiava esse tipo de coisa. Ninguém está dizendo que ele não gostava de você, Haven. Quer dizer, tenho certeza de que gostava. No mínimo, ter sua companhia era um modo agradável de passar o tempo. Mas não se engane: Roman *não* a amava. Ele *nunca* a amou. Você mesma disse isso. Lembra quando disse que em todo relacionamento sempre há um que ama mais que o outro? Não foi isso o que disse? E ainda admitiu que, em seu caso, era você. Você amava Roman e ele não a amava. Mas não é culpa sua, então não leve isso muito a sério nem se martirize. A verdade é que Roman era completamente incapaz de amar *qualquer pessoa*, ele nunca conheceu o amor. O mais próximo que chegou disso foi o que sentiu por Drina. Mas, mesmo assim, não era amor. Era mais uma obsessão. Ela era praticamente a única coisa sobre a qual ele conseguia pensar. Lembra-se dos *lapsos obscuros* dele, como você costumava chamar? Quando ele se trancava no quarto por horas a fio? Sabe o que ele ficava fazendo? Ficava tentando se reconectar com a alma dela, para não se sentir tão sozinho no mundo. Ela foi a única pessoa com quem ele realmente se preocupou durante todos esses seiscentos anos. O que, sinto muito dizer, praticamente reduz você a pouco mais que outro furo no cinto dele.

Ela está quieta, muito quieta, e começo a me sentir mal, imaginando que fui longe demais. Ainda assim, prossigo até o ponto aonde queria chegar:

— Você está jurando vingança pela perda de um cara que planejava dispensá-la na primeira oportunidade.

Ela fica furiosa, os olhos tão semicerrados que mal posso vê-los, as sobrancelhas unidas enquanto a safira em sua testa emite um brilho sombrio e assustador. Quando vejo, todas as torneiras estão jorrando, os recipientes de sabonete líquido estão escorrendo, as descargas são acionadas, os secadores de mãos estão soprando, enquanto pacotes de papel higiênico flutuam pelo banheiro e batem nas paredes.

Mesmo estando claro que ela está fazendo tudo isso acontecer, não há como saber se é intencional ou se é resultado de uma raiva descontrolada que despertei.

Mas, de qualquer forma, não me acovardo. Agora que sei que está funcionando, não tenho escolha senão continuar.

Ando pela fileira de pias, fecho cada uma delas calmamente e digo:

— Essa vingança não faz o menor sentido. Seu grande romance com Roman não passou de, bem, como ele mesmo diria, *algumas transas medíocres, cara*. — Olho para ela, acrescentando um

pequeno sorriso à minha excelente imitação de sotaque britânico. — Então por que perder seu tempo vingando um passado que nunca existiu, quando tem o futuro que quiser bem diante de si?

Mal tenho tempo de terminar e ela está em cima de mim.

Bem em cima.

Desferindo um golpe que me lança ao outro lado do banheiro, até a parede de azulejos cor-de-rosa. Minha cabeça bate com tanta força que o *baque* ecoa por todo o lugar enquanto um rastro de sangue morno escorre do ferimento até meu vestido.

Eu vacilo, balanço para a frente e para trás. Cambaleante, lutando para retomar o foco, o equilíbrio, mas tão trêmula, tão confusa e instável que não consigo retirar os dedos em meu ombro, que me imobilizam.

Seu rosto está a apenas alguns centímetros do meu quando ela diz:

— Não se engane, Ever, não estou jurando vingança só *por* Roman… Quero me vingar *de* você. — Seu olhar é penetrante, lançando-me tanto ódio que nada posso fazer além de me virar e fechar os olhos. Estou ciente de seu hálito gelado em meu rosto, seus lábios perto de minha orelha, enquanto ela aproveita para se apoiar sobre mim e saborear sua vitória.

Os rolos de papel higiênico voltam ao lugar, as descargas se acalmam, os secadores param, enquanto litros de sabão se infiltram lentamente no cimento do chão. Sua voz é um sussurro rouco e áspero a apenas alguns centímetros de distância.

— Você me tirou tudo o que tinha algum significado para mim. E também me transformou no que sou hoje. Então, se alguém aqui tem culpa disso, é *você*. *Você* fez de mim o que eu sou. E agora *você* decide que *você* não gosta do que está vendo e *você* está determinada a me impedir? — Ela se inclina para me observar melhor, deixando os dedos perigosamente perto do amuleto pendurado em meu pescoço. — Bem, é uma pena! — Ela ri, batendo com os dedos nas pedras e deixando todo o meu corpo tenso. — Você *escolheu* me dar o elixir, você *escolheu* me transformar, você *escolheu* me fazer exatamente como sou. Agora não tem volta.

Ela me desafia a negar, desafia-me com os olhos. Mas não posso encará-los. Estou ocupada demais desejando que a tontura acabe, ocupada demais implorando para melhorar. Esforçando-me a cada respiração, as palavras saem por entre dentes cerrados:

— Você não está apenas delirando, está *errada*. — Encho os pulmões de ar e cerco-me de luz branca, sabendo que preciso de toda a ajuda que puder. As coisas não estão saindo nem um pouco como planejei.

Confundi sua baixa estatura com falta de força… Julguei mal o poder do ódio, juntamente com a energia que cresce dentro dela, abastecendo-a com uma fúria aparentemente infinita.

Tomo cuidado para manter a expressão neutra, o tom estável, sem querer alertá-la sobre o estado de terror que acaba de tomar conta de mim.

— Posso tê-la tornado imortal, mas o que vai fazer com isso depende apenas de você. — As palavras me lembram da cena que materializei ontem, só que esta vista não se parece com aquela vitoriosa que ensaiei.

Então, de uma hora para outra, eu sinto. Estou de volta. Minha ferida está curada. Minha força, recuperada. Só de olhar em seus olhos, sei que ela sente também.

E, de uma hora para outra, está acabado.

Ela já me empurrou.

Já alcançou a porta.

Olhando para trás, diz:

— Ei, Ever, antes que saia por aí me dando sermão sobre *perdão*, talvez devesse dar uma olhada em volta. Há milhares de coisas que não sabe sobre Damen. Coisas que ele não confessaria por conta própria. É sério. Você deveria dar uma olhada.

Eu não respondo. Deveria, eu sei, mas as palavras não vêm. Meu olhar está fixo no dela quando acrescenta:

— O *perdão*, Ever, pense nisso. É tão fácil pregar e tão difícil praticar. Talvez devesse se perguntar se *você* é realmente capaz disso. Pode mesmo perdoar os pecados do passado de Damen? É o que eu gostaria de saber. E é só por isso que eu a estou deixando viver agora. Só por isso que pretendo deixá-la por aí um pouco mais de tempo. No mínimo, será interessante de assistir. Mas não se engane, assim que começar a me chatear, ou a me irritar, bem, sabe como é…

Quando percebo, ela já se foi.

Mas suas palavras continuam a reverberar ao meu redor.

Provocando.

Zombando.

Recusando-se a se dissiparem enquanto me ocupo lavando o sangue de meu cabelo e materializando outro vestido.

Preparando-me para ver Damen, que, sem dúvida, ainda está me esperando.

Desesperada para enterrar a prova do que acabou de acontecer, juntamente com as dúvidas que me corroem por dentro.

oito

— Tem certeza de que por você está tudo bem? — Viro-me para Damen, mais que disposta a deixá-lo ir comigo se quiser, mas ainda tenho esperança de poder lidar com isso sozinha. O clima entre ele e Jude é sempre estranho demais e, mesmo entendendo bem as razões por trás disso, ainda prefiro evitar essa tensão sempre que possível.

Ele confirma com a cabeça e, só de olhar em seus olhos, fica claro que está tudo bem. Sua confiança em mim é total, assim como a minha nele.

— Quer que eu espere ou que volte depois? — ele pergunta, disposto a aceitar qualquer uma dessas opções.

Apenas balanço a cabeça e olho para a loja.

— Nem sei quanto tempo vou demorar. Não tenho ideia do que esperar. — Enrugo o nariz, levanto os ombros e solto-os novamente. — Só sei que não posso mais evitá-lo. Haven falou a sério sobre ir atrás dele, ela não vai desistir. Acredite, ela deixou isso bem claro. — Engulo em seco e desvio o olhar. Ainda trêmula devido ao que se passou no banheiro, ainda recuperando-me da intensidade dos poderes e da força física dela, sem mencionar a habilidade em me surpreender, me dominar e me controlar de uma forma que eu não esperava e para a qual certamente não havia treinado. Mas, quando olho novamente para Damen, sei que estou tomando a atitude correta ao tentar amenizar o fato. Ele já está enlouquecido o suficiente com a situação atual, não há necessidade de piorá-la ainda mais.

— Eu só… — Faço uma pausa, procurando pelas palavras certas. Sei que me imaginar sozinha com Jude pode incomodá-lo e quero deixar claro que, além de se tratar apenas de uma conversa, posso me cuidar sozinha. — Só preciso convencê-lo da seriedade de tudo isso. Também preciso tentar ajudá-lo a encontrar meios de se proteger, mesmo sem saber o que funcionará, além de contratar um guarda-costas imortal. Mas, de qualquer modo, esse é meu objetivo, e não estou certa de que ele irá cooperar, muito menos me escutar. Ele poderia acreditar em mim ou me chutar para fora nos primeiros quinze segundos e dizer para eu nunca mais voltar. A essa altura, nada me surpreenderia.

Damen faz um gesto afirmativo com a cabeça. Seu tom é mais sábio que ciumento quando diz:

— Ah, duvido que ele chute você para fora…

Ele me olha, deixando o pensamento inacabado, e me deixa um pouco nervosa, mexendo na barra do vestido.

— De qualquer forma… — Limpo a garganta, desesperada para mudar de assunto. — Posso materializar um carro ou algo assim quando precisar voltar para casa. Só preciso me lembrar de abandoná-lo assim que entrar em minha rua. Não quero que Sabine tenha outro motivo para surtar. — Suspiro, tentando imaginar como explicaria algo *assim*: minha capacidade de materializar objetos inanimados grandes e caros e depois fazê-los desaparecer quando quiser. Olho para Damen e continuo: — Mas é o seguinte…

Ele olha em meus olhos.

— Por mais que eu goste disso e por mais que goste de estar com você… não precisa fazer isso. Não precisa ser meu motorista, me levar e trazer da escola ou de qualquer outro lugar. Eu estou bem. É sério. E continuarei bem. Posso lidar com isso. Então… — Faço uma pausa, esperando que minhas

palavras soem mais convincentes do que elas são. — Então, por favor, não gaste sua energia se preocupando comigo, certo?

Ele passa o dedo no volante forrado com couro, fazendo movimentos para trás e para a frente, para a frente e para trás, cautelosamente, com ritmo, e depois diz:

— Posso fazer tudo o que está em sua lista, menos *isso*. — Ele se vira, deixando o olhar penetrar no meu, contemplando-me de um modo que faz meu coração acelerar, meu rosto corar, enquanto minha pele começa a formigar e aquecer. — Posso parar de bancar seu motorista, se é o que deseja, mas nunca serei capaz de parar de me preocupar com você. Receio que seja algo com que está destinada a viver. — Ele se inclina em minha direção, colocando as mãos em concha nas laterais de meu rosto. Seu toque é tão reconfortante, tão calmante, e a voz é grave e profunda. — Então, hoje à noite? Visitaremos nosso cantinho favorito em Summerland?

Pressiono meus lábios contra os dele, suave e rapidamente, e depois desço do carro.

— Eu adoraria. Mas acho que seria melhor passar uma noite sem isso. Sabe? Ficar em casa, fingir que como o jantar, fingir que faço o dever de casa, fingir que sou completamente normal de todas as formas possíveis para que Sabine comece a relaxar, encontre outra coisa em que se concentrar e toque a vida adiante. O que me permitirá finalmente tocar a minha.

Ele hesita, ainda não convencido de que não possa me fazer mudar de ideia, apesar do que eu disse.

— E você gostaria que eu aparecesse lá e fingisse ser seu namorado completamente normal? — Ele arqueia a sobrancelha. — Posso fazer uma imitação muito boa. Desempenhei esse papel muitas vezes, tenho uns quatrocentos anos de experiência.

Eu sorrio, inclinando-me para beijá-lo novamente, dessa vez por mais tempo e com mais intensidade. Demoro o máximo que posso e depois me afasto com um suspiro. As palavras se apressam quando digo, sem fôlego:

— Acredite, eu realmente adoraria. Mas Sabine, não. Então, por ora, acho que deve ser melhor se afastar um pouco. Pelo menos até as coisas se acalmarem e entrarem nos eixos. Por algum motivo estranho, ela escolheu *você* como suspeito número 1 de meu pecado.

— Talvez porque eu *seja*. — Ele olha para mim passando o dedo em meu rosto. — Talvez ela saiba de alguma coisa e nem tenha percebido. Ever, se pensarmos na essência de tudo isso, na origem, *fui eu* quem causou sua mudança.

Suspiro e desvio o olhar. Já tivemos essa conversa antes, e ainda não quero ver os fatos dessa maneira.

— Você… a experiência de quase morte… — Respiro fundo e me viro para ele novamente. — Quem pode ter certeza? Além disso, não importa. É o que é e não tem volta.

Ele enruga a testa, sem querer concordar comigo, mas deixa o assunto de lado por enquanto.

— Certo — ele diz, quase como se falasse sozinho. — Talvez eu passe na casa de Ava, então. Hoje foi o primeiro dia de aula das gêmeas e estou ansioso para saber como passou.

Fico ali parada, tentando imaginar Romy e Rayne se virando no ensino médio. Aprenderam tudo o que sabem sobre a adolescência americana moderna com minha irmãzinha fantasmagórica, Riley, ou com *reality shows* na MTV. Com certeza, essas não são as melhores fontes.

— Bem, espero que tenha sido bem mais monótono que o nosso. — Sorrio, saindo do carro, fecho a porta e me inclino na janela aberta para completar: — De qualquer modo, diga a elas que mandei um oi. Até mesmo para Rayne. Ou deveria dizer *especialmente para Rayne?* — Rio, pois sei como a garota me odeia, e espero que algum dia eu possa mudar isso, mas ciente de que esse dia ainda está

muito longe.

Vejo-o se afastar da calçada, deixando-me com um sorriso que se prolonga, envolvendo-me como um abraço, e entro na loja sozinha, surpresa por encontrá-la escura e completamente vazia.

Fico ali parada e estreito os olhos, dando um tempo para a visão se acostumar antes de ir até os fundos. Fico paralisada na porta do escritório quando percebo que ele está caído, a cabeça sobre a mesa.

Assim que o vejo, não consigo evitar o pensamento: *Ah, droga... Cheguei tarde demais!*

Só porque Haven disse que me pouparia por enquanto, não significa que estenderia a mesma cortesia a Jude.

Mas, logo depois desse pensamento, consigo vislumbrar de relance sua aura e relaxo imediatamente.

Só os vivos têm aura.

Mortos e imortais, não.

Mas, quando noto a cor, a nuvem cinza amarronzada, manchada e opaca ao redor dele, só consigo pensar novamente: *Ah, droga!*

No que diz respeito às cores, ele está praticamente no fim do arco-íris das auras. Apenas o preto, a cor da morte iminente, poderia ser pior.

— Jude? — sussurro, com a voz tão baixa e suave que é quase inaudível. — *Jude... você está bem?*

Ele ergue a cabeça tão repentinamente, tão surpreso por minha presença, que derruba o café, fazendo um rastro marrom e leitoso se esparramar por sua mesa, prestes a escorrer pela lateral e até o chão quando ele o interrompe com a manga comprida de sua camisa branca. O líquido é absorvido pelo tecido, produzindo uma mancha de tamanho considerável.

Uma mancha que me lembra de...

— Ever, eu… — Ele passa os dedos pelo emaranhado de *dreadlocks* dourados, piscando algumas vezes até conseguir focar totalmente. — Não ouvi você entrar… Você me assustou… e… — Ele suspira, olha para a mesa e limpa o restante do líquido com a manga. Então, ao notar que perdi a fala, estou boquiaberta e com os olhos arregalados, ele diz: — Acredite, *isso* não é nada. Posso lavar, ou jogar fora, ou levar para Summerland e dar um jeito. — Ele dá de ombros. — Uma camisa manchada é a última de minhas preocupações no momento…

Sento-me na cadeira de frente para ele, ainda chocada com a mancha e com a ideia que me ocorreu. Mal posso acreditar que fiquei tão preocupada em treinar, e com Haven, e com todo o drama que ela criou, que não pensei nisso antes.

— O que aconteceu? — pergunto, obrigando-me a afastar aqueles pensamentos e a voltar a prestar atenção em Jude, mas prometo a mim mesma retornar a eles assim que possível.

Sinto que algo terrível aconteceu e presumo que foram novas ameaças de Haven, quando ele diz:

— Lina se foi. — As palavras são simples, duras, mas o sentido é claro.

Olho para ele com os olhos arregalados, boquiaberta, muda e sem saber o que diria se conseguisse falar.

— A van em que ela estava bateu na Guatemala, a caminho do aeroporto. Ela não sobreviveu.

— Tem… *certeza?* — pergunto, e arrependo-me imediatamente das palavras. Pergunta idiota, porque era claro que ele tinha certeza. Mas receber notícias ruins causa essa reação: cria dúvidas e negações absurdas, estimula uma busca de esperança onde claramente não há nenhuma.

— Sim, tenho. — Ele limpa os olhos com a manga que está seca, o olhar nublado pela lembrança de quando recebeu a notícia. — Eu a *vi*. — Ele olha em meus olhos. — Tínhamos um pacto, sabe? Prometemos que quem fosse primeiro viria contar ao outro. Então, assim que ela apareceu diante de mim… — Ele para. A voz cansada e rouca o obriga a limpar a garganta e começar de novo. — Bem, o modo como *brilhava*, como parecia tão… *radiante*... Não houve dúvida. Tive certeza de que havia partido.

— Ela disse algo? — pergunto, imaginando se ela decidiu cruzar a ponte ou ficar em Summerland, pois, diferentemente de mim, Jude pode se comunicar com espíritos em todas as suas formas.

Ele confirma com a cabeça, a expressão no rosto um pouco mais suave.

— Ela me disse que estava *em casa*. Chamou assim: *casa*. Disse que havia muito para ver, muito a explicar, e que é ainda melhor que a Summerland da qual eu falara a ela. Então, antes de sair, disse que esperaria por mim quando chegasse minha vez, mas que eu não deveria me apressar.

Ele ri ao dizer isso… Bem, do modo como as pessoas conseguem rir quando estão de luto. E eu engulo em seco e olho para meus joelhos, puxando a barra do vestido, esticando a costura até cobri-los totalmente. Lembro a primeira vez que vi Riley quando eu estava internada no hospital, e como aquilo pareceu um sonho, irreal a ponto de eu praticamente me convencer de que, de algum modo, a havia imaginado. Mas então aconteceu de novo… e de novo… e continuou até eu conseguir convencê-la a cruzar a ponte — o que infelizmente fez com que nunca mais aparecesse para mim e transformou Jude em minha única conexão com ela.

Olho para ele novamente, observando a aura turva, o olhar inexpressivo e o rosto abalado. Tão diferente do surfista bonitinho, sexy e descontraído que conheço. E não consigo deixar de pensar no tempo que levará até que ele volte a ser o que era, ou se algum dia conseguirá voltar. Não há modo rápido de superar o luto. Não há atalhos, respostas fáceis, formas de apagá-lo. Apenas o tempo pode dar um jeito, e, mesmo assim, resolve muito pouco. Se aprendi uma lição na vida, foi essa.

— E mais ou menos uma hora depois — ele continua com a voz tão baixa que tenho que me inclinar para a frente para ouvi-lo —, recebi a ligação que confirmou tudo. — Ele dá de ombros e recosta-se na cadeira, olhando para mim.

— Sinto muito — digo, sabendo de antemão quanto essas palavras são pequenas diante de algo tão grande. — Há algo que eu possa fazer? — Duvido que haja, mas ofereço mesmo assim.

Ele dá de ombros, ocupando-se com a manga, e os longos dedos morenos afastam da pele o tecido molhado.

— Não me entenda mal, Ever, meu luto é por mim, *não* por Lina. Ela está bem… até mesmo *feliz*. Você deveria ter visto… Foi como se partisse para a mais empolgante das aventuras. — Ele se inclina na cadeira, alisando o emaranhado de cabelos, segura tudo por pouco tempo, depois solta e deixa-o cair sobre as costas. — Sentirei muita falta dela. Tudo parece muito vazio sem Lina. Ela foi mais minha família que meus pais verdadeiros. Ela me acolheu, alimentou, vestiu e, o mais importante, foi quem me tratou com respeito. Ela me ensinou que minhas habilidades não eram algo de que me envergonhar, algo que eu devesse me esforçar tanto para negar, e me convenceu de que eu tinha um *dom*, não uma maldição, e de que não deveria deixar a mente limitada e os medos dos outros determinarem como eu viveria, o que faria e como perceberia meu lugar no mundo. Ela me fez realmente acreditar que, de forma alguma, a desinformação das pessoas fazia de mim uma aberração. — Ele desvia o olhar, e observa as estantes lotadas, as coleções de pintura nas paredes, e volta a olhar para mim. — Tem ideia da importância de tudo isso?

Ele olha em meus olhos por tanto tempo que desvio o olhar. Suas palavras me fazem pensar

imediatamente em Sabine e em como sua abordagem, culpando-me, foi o oposto da de Lina.

— Você teve sorte por conhecê-la — digo com a garganta quente e apertada, até que ameaça fechar por completo. Sei muito bem como ele se sente. Minha própria família está morta e nunca sai de minha cabeça. Mas não posso me deixar abater. Há outra crise a caminho, e preciso focar toda a minha energia em contê-la.

— Mas se falou a sério sobre ajudar… — Ele faz uma pausa, esperando que eu confirme antes de continuar. — Bem, estava pensando se você se importaria de olhar a loja. Quer dizer… Imagino que não queira mais trabalhar aqui e, acredite, sei quanto anda brava comigo ultimamente, e na verdade não acho que nada vá mudar por causa disso, mas…

Eu engulo em seco. Engulo as palavras, sabendo que não tenho escolha além de esperar que ele continue. Não vim aqui só para falar de Haven e de todas as formas de se proteger dela, mas também para tentar entender quais eram suas intenções na noite em que matou Roman.

O que estava pensando?

Quais os reais motivos para ter feito o que fez?

Mas agora, depois disso, é praticamente impossível que tenhamos essa conversa tão cedo.

— …tem tanta… — Ele balança a cabeça e desvia o olhar para longe, estreitando os olhos, e diz: — Tem tanta coisa para resolver… a casa, a loja, o funeral… — Ele respira fundo, fazendo uma pausa para se recompor. — E acho que estou um pouco consternado. E, como você já sabe como as coisas funcionam, seria de grande ajuda se pudesse ficar e fechar tudo. Se não der, tudo bem. Provavelmente posso pedir a Ava, ou até a Honor, eu acho. Mas, como já está aqui, como inclusive ofereceu ajuda… eu achei…

Honor. Sua amiga-barra-aluna Honor. Esse é outro assunto que mais cedo ou mais tarde teremos que discutir.

— Sem problemas. — Confirmo com a cabeça, ávida por tranquilizá-lo. — Estou pronta e disposta a ficar e trabalhar por quanto tempo você precisar — digo, sabendo que, se Sabine descobrir, isso *não* vai acabar bem. Mas, novamente, não é da conta dela. E se ela quiser se meter, bem, não pode me culpar por ajudar um amigo em um momento de tamanha necessidade.

Amigo?

Olho mais uma vez para Jude, analisando-o atentamente. Não sei mais se a palavra se aplica, ou se algum dia se aplicou. Tivemos algo em comum no passado. Temos algo em comum no presente. É tudo o que sei no momento.

Ele suspira e fecha os olhos, passando os dedos nas pálpebras e nas sobrancelhas, unidas. Depois se apoia na mesa, agarrando nas bordas enquanto se levanta. Enfia a mão no bolso da frente da calça, procurando com os dedos, até que encontra o grande molho de chaves, que joga em minha direção.

— Importa-se de fechar tudo? — Ele dá a volta na mesa enquanto eu me levanto e nós dois ficamos cara a cara, em uma proximidade estranha.

Perto o suficiente para que eu capte a profundidade daqueles olhos azul-esverdeados e sinta o embalo e o balanço da onda de calma que sua simples presença me traz.

Perto o suficiente para que eu me sinta impelida a dar um passo atrás, fazendo com que uma sombra de dor atravesse seu rosto.

Faço um gesto com a mão, dispensando as chaves, e digo:

— Sabe que na verdade não preciso delas.

Ele me olha por um instante, depois confirma com a cabeça e as guarda novamente.

O silêncio paira entre nós por tanto tempo que fico desesperada para quebrá-lo e então digo:

— Ouça, Jude, eu…

Mas, quando seus olhos encontram os meus, seu lindo olhar azul-piscina transformado em um mar infinito de perda, sei que não posso lhe dar nem a versão simplificada do que ele precisa saber. Está consumido demais pelo luto para ter que se preocupar com Haven ou com as ameaças que ela fez, desesperado demais para pensar nas melhores formas de se defender.

— Apenas… apenas leve o tempo que precisar. É só o que eu queria dizer — murmuro, observando o modo como ele se movimenta, cuidadosa e atentamente, deixando um espaço grande entre nós, esforçando-se para evitar qualquer tipo de contato físico acidental comigo.

Mas sei que é mais por minha causa do que por ele. Seus sentimentos por mim não mudaram, isso está bem claro.

— Ah, e Jude… — digo, e noto que ele para rapidamente, embora não se vire. — Tome cuidado aí fora… *por favor*.

Ele faz que sim com a cabeça. É sua única resposta.

— Depois, quando as coisas estiverem um pouco mais calmas e você tiver algum tempo, precisamos…

Ele nem me dá tempo para que eu termine e já está seguindo pelo corredor.

Dispensa as palavras com um aceno enquanto passa pela loja escura e sai para a luz do dia, desaparecendo no calor do sol.

nove

Lá pelas sete da noite, a última venda foi feita, a porta da frente foi trancada, e estou na sala dos fundos com os pés na mesa, mexendo no celular e vendo que Sabine deixou nada menos do que nove mensagens, todas exigindo saber onde estou, quando vou voltar e que possível explicação tenho para ignorar suas regras tão descaradamente.

Mesmo me sentindo mal com isso, não retorno as ligações. Apenas desligo o telefone, jogo-o na bolsa e deixo tudo de lado para ir até Summerland.

Entro no véu brilhante de luz dourada e suave e aterrisso bem na escadaria dos Grandes Salões do Conhecimento. Espero que, mais uma vez, ele possa ajudar em um momento difícil e me dê a resposta que procuro.

Fico diante da porta, com o ar preso na garganta enquanto olho para a gloriosa fachada que se transforma, mostrando todos os lugares mais belos e impressionantes do mundo. Vejo o Taj Mahal virar o Parthenon, que se transforma no Templo de Lótus, e depois nas grandes pirâmides de Gizé, e assim por diante, até que as portas se abrem e entro. Tiro um tempo para olhar em volta, imaginando se vou cruzar com Ava ou com Jude, agora que ambos sabem como chegar aqui. Mas, sem reconhecer ninguém, acomodo-me em um dos compridos bancos de madeira, encaixando-me entre monges, rabinos e padres e várias outras pessoas em busca de algo. Fecho os olhos e me concentro na resposta que procuro.

Minha mente volta ao momento exato em que o café derrubado por Jude escorreu pela mesa, prestes a cair pela lateral até o chão, quando ele o obstruiu com a manga. Permitindo que o líquido penetrasse no tecido, se misturasse com as fibras, até formar uma grande mancha, assim como o antídoto manchou a camisa branca de Roman.

Deixando um grande borrão verde.

Uma estampa de substâncias.

Uma combinação de elementos químicos — um tipo de receita, se preferir — presa para sempre naquelas macias fibras de algodão.

Elementos químicos que, se isolados de forma adequada, poderiam me levar à fórmula do antídoto de que preciso… a única coisa que permitirá que Damen e eu voltemos de fato a tocar um no outro.

Eu pensava que toda a esperança de cura havia morrido com Roman, mas agora eu sei, sei que ela ainda existe.

O que eu pensava estar perdido para sempre sobreviveu na mancha de sua camisa.

A camisa que Haven roubou de minhas mãos.

A camisa que não tenho escolha a não ser pegar de volta se Damen e eu quisermos ter uma vida normal juntos.

Respiro fundo, substituindo a imagem da camiseta manchada de Jude pela camisa de linho de Roman, enquanto minha mente faz a pergunta:

Onde ela está?

Logo seguida por:

E como faço para pegá-la?

Mas não importa quanto eu espere, não importa quantas vezes indague, nenhuma resposta vem.

O silêncio persistente acaba se transformando na própria mensagem.

Uma inegável recusa em ajudar.

Só porque os Salões permitiram minha entrada, não quer dizer que pretendem me auxiliar. Não é a primeira vez que me negam uma resposta.

Finalmente percebo que isso pode ter um dentre dois significados: ou estou questionando algo que não é de minha conta, o que na verdade não faz muito sentido neste caso, porque obviamente é muito de minha conta, ou estou mexendo em algo que não devo saber agora, ou talvez nunca, o que, infelizmente, faz todo o sentido.

Algo sempre conspira contra nós.

Algo sempre nos mantém afastados.

Seja Drina sempre me matando, Roman sempre me enganando, ou Jude, intencionalmente ou não, me sabotando. Há sempre algo atrapalhando minha felicidade definitiva com Damen.

E não posso deixar de pensar se não haveria um motivo por trás disso.

O universo não é tão caótico quanto parece.

Há um motivo definido para tudo.

Mas, quando os Grandes Salões do Conhecimento decidem ignorar alguém, reformular a pergunta não muda nada.

Agora é por minha conta.

Eu devo encontrar a camisa. E devo descobrir se Haven tem noção do que está tirando de mim.

Ela estaria guardando a camisa por ser a última coisa que Roman usou na noite em que morreu?

Estaria guardando-a como um lembrete visual, algo que a ajuda a abastecer sua raiva contra mim e Jude?

Ou ela saberia sobre a mancha e a promessa que ela contém?

Ela saberia o tempo todo sobre isso que eu acabei de descobrir?

Quanto a mim, sem a ajuda de Summerland, não tenho escolha senão voltar ao plano terreno para ver o que posso aprender lá.

Estou prestes a criar o portal novamente quando sinto a presença dele.

Damen.

Ele está aqui.

Em algum lugar próximo.

Então, em vez de voltar, fecho os olhos e faço um último pedido: que Summerland me guie até ele.

dez

Quando percebo, estou andando nos campos de tulipas vermelhas, atraída pela energia de Damen até a porta da frente do pavilhão.

Paro diante dela, sem saber se devo entrar. Primeiro acho estranho que ele tenha vindo até aqui sem mim, depois imagino que deva ter sido o jeito que encontrou de estar perto de mim quando estou ocupada com outra coisa. Dou uma espiada e vejo apenas o topo de sua cabeça aparecendo no encosto do sofá. Estou prestes a chamá-lo, avisar que estou aqui e dizer o que descobri sobre a camisa, quando vejo.

A tela.

E a cena horrível que está projetada nela.

É minha vida sulista.

Minha vida como escrava.

Quando eu era indefesa e sofria maus-tratos, mas ainda assim mantinha a esperança.

E naquele dia em particular parecia haver uma abundância de esperança — pelo menos considerando-se a situação. Porque, mesmo levando algum tempo para entender o que realmente estava acontecendo, uma coisa é clara: estou sendo vendida. Retirada de meu terrível dono violento para trabalhar para um homem muito mais novo, com cabelo escuro e ondulado, alto e esguio, de cílios bem compridos, que reconheço imediatamente.

Damen.

Ele me comprou. Me resgatou. Assim como tinha dito!

Apesar disso, se foi assim, por que pareço tão triste? Por que meu lábio inferior treme, meus olhos escuros choram, no dia em que meu verdadeiro amor, minha alma gêmea, meu cavaleiro de armadura brilhante veio me salvar de uma vida de trabalhos forçados?

Por que pareço tão infeliz, com braços e pernas trêmulos e um olhar cheio de tristeza — olhando sem parar para trás e arrastando os pés, claramente relutante em me juntar a ele?

Mesmo sabendo que espionar é errado, que eu deveria falar algo e alertar Damen de que estou aqui, não o faço. Não digo uma palavra. Apenas permaneço onde estou. Quieta e parada. Respirando baixinho, sabendo do que se trata: o grande acontecimento que ele escondeu esse tempo todo — o assunto que Roman e Jude insinuaram e que Haven usou para me provocar. E se quero chegar ao início dessa história, ver a cena tão real e bruta como no dia em que aconteceu, não posso avisá-lo de minha presença. Apesar de sua incapacidade de sentir que estou aqui provar quanto está concentrado.

Não demora muito para que eu veja o motivo por trás de toda a tristeza. A razão para eu ter reagido daquela forma.

Estou sendo afastada de minha família. De todos que sempre amei. De meu único amparo.

Esse homem branco, gentil e rico pode pensar que está me salvando, fazendo algum tipo de boa ação ou ato nobre, mas basta olhar meu rosto para ver que o custo disso é minha única fonte de felicidade.

Minha mãe chora ao fundo enquanto meu pai fica parado em silêncio atrás dela. Seu olhar é de tristeza e luto, perturbação, embora nos incentive a permanecer fortes. Mesmo me agarrando a eles, prendendo-me a tudo o que tenho, determinada a gravar a sensação do cheiro, do toque, da

existência de minha família, não demora para que eu seja afastada daquilo tudo.

Damen agarra meu braço e me puxa em sua direção, para longe de minha mãe... Minha mãe grávida, que abraça ansiosamente a barriga grande e dilatada que abriga minha irmã que ainda não nasceu. Ele me afasta de meu pai, de minha família... do menino atrás deles, que tenta me alcançar, mal me tocando com as pontas dos dedos, um toque frio e passageiro, antes que eu seja arrastada para longe dele. Mas meu olhar se recusa a deixá-lo, meus olhos continuam fixos, absorvendo-o até ter sua imagem impressa em meu cérebro — o garoto negro e magricela de olhos castanhos penetrantes que instantaneamente revelam quem ele é.

Meu amigo, meu confidente, meu pretendente, aquele que conheço nesta vida como Jude.

— Quieta, agora — Damen sussurra com os lábios em meus ouvidos, enquanto minha família recebe ordens para virar as costas e voltar ao trabalho. — Acalme-se, por favor. Tudo vai ficar bem. Prometo mantê-la em segurança. Enquanto estiver comigo, ninguém mais poderá machucá-la novamente. Mas primeiro precisa confiar em mim, certo?

Mas eu não confio nele. Não posso confiar. Se ele realmente se preocupa comigo, se realmente é tão rico e poderoso como diz, por que não compra todos nós? Por que não nos mantém juntos?

Por que leva apenas a mim?

Mas, antes que possa ver mais, Damen corta a cena. Apenas a exclui.

Apaga-a de uma vez, como se nunca tivesse existido.

E neste momento entendo o que ele quer dizer com *editar*.

Não apenas me poupa de ver cenas desconfortáveis, como minhas mortes pavorosas… Protege a *si próprio*, a imagem que trabalhou tanto para criar. Não quer permitir que eu testemunhe seus atos mais vergonhosos.

Como o que acabei de ver.

Aquele que, apesar de ele haver apagado, estará para sempre em minha memória.

E não percebo que respirei fundo, não percebo que emiti qualquer ruído até que ele pula do sofá com olhos arregalados e expressão de desespero quando me encontra parada bem ali, atrás dele.

— Ever! — ele grita com a voz abafada pelo pânico. — Há quanto tempo está aí?

Mas eu não respondo. Minha expressão já diz o suficiente.

Seu olhar oscila entre mim e a tela, enquanto ele passa os dedos pelo cabelo escuro e brilhoso. As palavras saem arranhadas, vacilantes, quando ele solta os braços na lateral do corpo e diz:

— Não é o que está pensando. Eu juro. Não é nada do que pareceu.

— Então por que apagou? — Meu olhar é duro, rancoroso, relutante em ceder um pouquinho que seja. — Por que editaria se não fosse para esconder de mim?

— Aconteceram mais coisas… muito, muito mais, e eu…

— Você não confia em mim? — Eu o interrompo, nem um pouco disposta a ouvir suas desculpas. Não quando ambos acabamos de assistir à mesma cena terrível. — Depois de tudo que passamos juntos, depois de tudo o que *partilhei* com você, ainda esconde coisas de mim? — Luto para controlar a respiração e pressiono a mão contra o estômago, sentindo-me enjoada. — Então me diga, Damen, até onde isso vai? Essa sua *edição*? O que mais você está escondendo de mim?

Lembro o que Haven insinuou no banheiro hoje e faço um alerta a mim mesma para não cair em sua armadilha, para não deixar que ela nos separe e atinja seus objetivos. Depois, desisto daquele pensamento. Vi o que vi. A prova passou diante de meus olhos e é clara como o dia.

— Primeiro espera até o último minuto para me contar a verdade sobre mim, você e Jude. E

agora… *agora isso?* — Balanço a cabeça, ainda recuperando-me da visão de quem fui e de quem ele ainda pode ser. — Isso é algum tipo de joguinho doentio? É assim que você se diverte? Diga-me, Damen, quantas vezes, e em quantas vidas, você me afastou de minha família e amigos?

Ele me olha com o rosto pálido, mas estou descontrolada e nada pode me refrear.

— Bem, tem a época que acabamos de ver, e tem esta vida, a de agora… — Faço uma pausa, sabendo que estou sendo um pouco injusta. Foi por vontade própria que fiquei andando pelo campo. Estava tão hipnotizada pela magia de Summerland que optei por ficar para trás enquanto o restante de minha família seguiu adiante. Mas, ainda assim, se ele não tivesse me dado o elixir, talvez eu pudesse tê-los encontrado, talvez estivéssemos todos juntos agora. Estou tão perturbada por meus pensamentos, pelas imagens que se recusam a parar de passar em minha cabeça, que não consigo decidir o que teria sido melhor: morrer e me juntar à minha família ou sobreviver e lidar com tudo isso.

Eu me viro, pernas trêmulas, coração estraçalhado, preciso sair, tomar ar. Não consigo mais respirar nesta sala.

Ouço a voz de Damen me chamando, implorando para que eu pare, vá mais devagar, alegando que há explicação para tudo.

Mas eu me recuso a parar.

Recuso-me a ir mais devagar.

Apenas continuo correndo.

Apenas continuo seguindo em frente até encontrar o caminho de casa.

onze

— Que porcaria é essa, Ever? Largou a escola e se esqueceu de me dizer?

Levanto os olhos da caixa registradora, onde estou ocupada com uma venda, e vejo Miles atrás da cliente, que não está gostando nem um pouco disso.

Lanço-lhe meu melhor olhar de *agora não*, passo o cartão da cliente e embrulho seus livros e CDs de meditação em papel de seda roxo antes de colocá-los em uma sacola da mesma cor e liberá-la.

— Muito bem. — Faço um gesto com a cabeça, minhas palavras competindo com o bater do sino quando ela solta a porta ao sair. — Tenho certeza de que não a veremos novamente.

Miles ignora e dá de ombros, dizendo:

— Não importa. Acredite, tenho assuntos *muito* mais importantes para discutir do que a movimentação bancária de Jude.

— É? Tipo o quê? — Enfio o recibo na caixa roxa onde são guardados, ciente do olhar pesado de Miles, que quer minha atenção para que possa revelar o motivo real de sua visita.

— Bem, tipo *você*, por exemplo.

Ele me observa sentar no banco e cruzar os braços na frente do corpo. Tenho o cuidado de manter o olhar neutro, sem expressão, como se não estivesse nem um pouco ansiosa ou preocupada, como se apenas esperasse pacientemente que ele continuasse.

— Para começar, exceto pelo primeiro dia de aula, ainda não a vi na escola. O que quer dizer que você não tem *ido* à escola, porque tenho procurado por você. Espero na porta de suas salas de aula, perto de seu armário, na mesa de almoço, mas… *nada, niente*, você *com certeza* não tem aparecido.

Encolho os ombros, sem querer confirmar nem negar… pelo menos por enquanto. Primeiro preciso ver a força dos argumentos que ele planeja usar contra mim.

— Mesmo sabendo que você vai dizer que tem seus motivos, que seus dias de ausência, ou *enormes férias de verão*, se preferir, não são da minha conta, só quero que saiba que está errada. Isso é da minha conta. Na verdade, é *muito* da minha conta. Porque, como seu amigo, um de seus *melhores* amigos, estou aqui para dizer que seu ostracismo afeta não apenas a mim, mas *a todos nós*. Mesmo as pessoas que não considera suas amigas, acredite se quiser, também são afetadas.

Dou de ombros. Não sei o que dizer, mas tenho noção de que esta não é mesmo a melhor hora para isso. Miles adora um monólogo, e, pelo que posso perceber, esse não está nem perto de terminar.

— Sabe, pessoas como *eu*... e *Damen*... e, bem, Haven talvez nem tanto, mas, ainda assim, deixe isso para lá. Cuidaremos desse assunto depois. O que estou querendo dizer é que é como se você… — Ele para com os polegares enfiados nos passadores da frente dos jeans enquanto olha ao redor, em busca da palavra certa. Finalmente, volta a olhar para mim e diz: — É como se você estivesse nos ignorando totalmente. Como se tivesse nos *dispensado*. Como se tivesse *deixado* de se importar conosco…

— Miles… — começo a falar, apertando os lábios enquanto tento pensar na melhor forma de prosseguir. — Ouça, entendo o que está dizendo. Entendo de verdade. E, acredite, compreendo totalmente por que pode estar enxergando a situação desse jeito, mas há *muito mais* coisas do que consiga pensar. *Muito* mais do que possa sequer imaginar. É sério, se eu fosse contar a verdade que está por trás disso tudo… — Fecho os olhos e balanço a cabeça, sabendo que, na maior parte do tempo, eu mesma tenho dificuldades em acreditar. — Não importa. De qualquer modo, não posso

entrar em detalhes, mas acredite quando digo que, se soubesse uma fração do que está *realmente* acontecendo, bem, definitivamente estaria me agradecendo por mantê-lo fora disso.

Faço uma pausa, dando-lhe a oportunidade de absorver minhas palavras, esperando que veja como estou falando a sério. Então prossigo:

— Sinto muito por achar que eu o estou ignorando e que não ligo para você, mas isso não tem *nenhum* fundamento. É sério, nem um pouquinho. Você é praticamente o único amigo de verdade que me resta. E realmente quero compensá-lo, juro. Logo. *Com certeza*. Mas agora estou apenas… Estou apenas um pouco… preocupada. Só isso.

— E quanto a Damen? Vai compensá-lo também?

Olho para ele sem nem ao menos tentar esconder meu choque. Não posso acreditar que ele está me confrontando com isso.

— Por favor, não presuma que sabe mais do que sabe — digo, um pouco mais dura do que pretendia. — Há muitas outras questões. Questões que você não entende. Nada é tão simples quanto parece e, acredite, isso vai muito além… as raízes são bastante profundas.

Ele fita o chão, afundando a ponta do sapato no carpete, demorando um tempo para articular os pensamentos e decidir a melhor forma de me confrontar. Depois levanta a cabeça, mira bem em meus olhos, e diz:

— E uma dessas *questões* que sou incapaz de entender tem a ver com o fato de você ser…?

Nossos olhares se encontram, deixando-me paralisada, incapaz de respirar. A palavra corre em minha direção, bate direto em meu campo de energia antes mesmo dos lábios de Miles pronunciarem.

E não há nada que eu possa fazer a respeito, não há como voltar atrás ou impedi-lo de dizer:

— …*imortal*?

Ele me encara. Fixamente. Não importa quanto eu queira, não consigo desviar.

Minha pele está fria quando ele continua:

— Ou com o fato de ser *paranormal*? Dotada de todo tipo de poder *mental e físico*. Ou talvez com o fato de que permanecerá jovem e bela *para sempre*. Sem *nunca* envelhecer, *nunca* morrer, assim como seu companheiro, Damen, que está por aí há seiscentos anos e que recentemente decidiu transformá-la em alguém como ele? — Seus olhos se estreitam e ele analisa meu rosto. — Diga-me, Ever, estou no *caminho certo*? Era a essas *questões* que estava se referindo?

— *Como você*... — começo.

Mas as palavras são abafadas por sua voz:

— Ah, e não vamos esquecer de *Drina*, que por sinal também era *imortal*. E, é claro, Roman. Sem contar Marco, Misa e Rafe, os três chatinhos inseparáveis com quem Haven escolheu andar sabe-se lá por qual razão. E não acredito que quase me esqueci de mencionar a adição mais recente à turma dos eternamente belos, nossa querida amiga Haven. Ou devo dizer *minha* querida amiga e sua mais recente inimiga mortal, mesmo que tenha escolhido transformá-la em alguém como você?

Engulo em seco, impressionada a ponto de não conseguir falar e incapaz de pensar em algo melhor do que ficar sentada, olhando para ele. Mesmo sentindo-me chocada por ter tudo isso alinhado diante de mim dessa forma: a sequência de fatos de minha estranha vida revelada de um modo tão neutro, tão normal, que mal parece verdade, mesmo para mim… Também há uma pequena parte de mim que está aliviada.

Venho guardando esse segredo há tanto tempo que não posso deixar de me sentir mais leve, mais alegre, como se finalmente tivesse sido libertada de uma carga pesada demais para carregar sozinha.

Mas Miles não terminou. Ele apenas começou. Então balanço a cabeça e volto a me concentrar em suas palavras, lutando para acompanhar o que ele diz:

— E o mais irônico é que, se parar para pensar, se parar para refletir de forma *metódica* e *lógica*, bem, então acho que fica claro que *eu* deveria estar evitando *você*.

Estreito os olhos, sem entender muito bem como ele chegou a essa conclusão, mas sei que está prestes a explicar.

— Quer dizer… imagine como é descobrir que os amigos que pensei que conhecesse *tão* bem, os mesmos em que confiava para partilhar *tudo*, além de não serem *nada* do que parecem, também são, *todos eles*, membros de um clube superexclusivo e supersecreto. Um clube no qual é óbvio que todos são bem-vindos. Todos, *menos eu*.

Ele para, balançando a cabeça enquanto segue para a frente da loja, olhando para as vitrines e para a rua colorida pelo sol. Sua voz carrega o peso de suas palavras ao dizer:

— Preciso lhe dizer, Ever, isso *magoa*. Realmente magoa muito. Do modo como vejo, que é o único modo como se poderia *ver*, mas ainda assim, do modo como *eu* vejo, é como se você não quisesse que eu fosse imortal também. Como se não quisesse me conhecer, nem mesmo ser minha amiga, por nenhum tempo que chegasse nem perto da eternidade.

Ele se vira e fica de frente para mim, e só de olhar para seu rosto sei que é pior do que eu pensava. Sei que tenho que dizer algo rápido, para amenizar tudo isso, mas antes que eu possa abrir a boca ele volta para o segundo *round*, forçando-me a sentar e esperar minha vez.

— Sabe o que mais me mata? Sabe quem decidiu finalmente me contar tudo?

Ele para, como se estivesse esperando uma resposta, mas não digo nada, porque a pergunta foi claramente retórica. O show é dele, o roteiro é dele, não tenho intenção alguma de roubar a cena.

— A única pessoa de toda a sua turma supersecreta dos eternamente belos, a única pessoa disposta a se sentar e ser honesta comigo, sem esconder nada ou tentar me enrolar com bobagens, a única pessoa que quis me olhar nos olhos e revelar tudo, para minha surpresa, foi…

Antes que ele terminasse… Antes que dissesse o nome, eu já sabia.

Damen.

Lembro-me de quando Miles enviou por e-mail os retratos que descobriu em Florença, os retratos que Roman queria que ele encontrasse.

O modo como os dedos de Damen tremeram quando lhe passei o telefone, o modo como suas pálpebras se fecharam, o maxilar ficou apertado, e ele aceitou corajosamente a descoberta repentina de seu segredo de séculos atrás.

O modo como prometeu ser sincero com Miles, parar de esconder, parar de mentir, e finalmente dizer a verdade e abrir o jogo.

Mas nunca acreditei que ele realmente faria isso.

— Damen — Miles confirma enfaticamente com um gesto de cabeça, sem deixar de olhar em meus olhos. — E pensar que eu o conheço há… *quanto tempo?*... Menos de um ano. Menos tempo do que conheço você, isso é certo, e certamente *muito* menos tempo do que conheço Haven. E mesmo assim foi *ele* quem me contou. Apesar de eu falar com ele *muito*, *muito* menos do que com vocês duas… foi ele quem escolheu ser direto comigo. Mesmo sendo sempre um cara quieto, na dele. *E agora sei o motivo*. Mas, de qualquer forma, mesmo sem ter ligação alguma com ele, por assim dizer, foi ele quem me tratou como um *verdadeiro amigo*. Como alguém em que podia confiar e se abrir. Ele simplesmente se sentou comigo e relatou tudo. Contou a verdade sobre você, sobre ele, sobre… sobre tudo… *tudo!*

— Miles… — começo a falar com a voz hesitante, sem saber o que dizer, sem saber se ele está realmente pronto para me ouvir.

Mas quando ele para por tempo suficiente e olha para mim, com a cabeça inclinada para o lado e a sobrancelha erguida e desafiadora, sei que está. Ainda assim, antes de começar a citar toda a lista de motivos pelos quais o mantive propositalmente alheio, todas as razões muito boas e válidas pelas quais ele deveria sentir-se *feliz* por não saber de nada, eu precisava ver com meus olhos.

Precisava ver o que Damen contou a ele.

As palavras exatas que usou.

E, ainda mais importante, por que decidiu divulgar tudo *agora*, quando certamente uma boa parte poderia ser guardada para depois… Bem depois, na verdade.

Fecho os olhos por um instante, permitindo que minha mente se una à de Miles. Sei que estou quebrando minha promessa de nunca espionar os pensamentos e lembranças mais íntimos de meus amigos, a menos que seja extremamente necessário, mas sigo em frente mesmo assim, desesperada por ver exatamente o que se passou naquele dia.

As palavras *me perdoe* preenchem o espaço entre nós, florescendo, crescendo, até que praticamente vejo as letras tomarem forma.

Espero que ele possa sentir as palavras também e logo encontre um modo de me perdoar pelo que estou prestes a fazer.

doze

Chego rápido ao balcão. Tão rápido que Miles não tem como evitar. Não tem ideia do que está prestes a acontecer até que já seja tarde demais. Bato seus pulsos contra o vidro, com mais força do que pretendia, e mantenho minhas mãos sobre as suas de forma que as palmas ficam esticadas sobre o balcão, deixando-o completamente indefeso. Noto vagamente que ele resiste, contorcendo-se e debatendo-se, na tentativa de se libertar.

Mas de nada adianta.

Mal me dou conta de sua luta. Não representa nada para mim.

Quando se trata de força bruta, não há como competir comigo.

E quando ele finalmente entende isso, solta um profundo suspiro e se entrega, abrindo a mente e se rendendo ao que sabe que estou prestes a fazer.

Entro em sua mente, com fluidez, com tranquilidade, parando um instante para dar uma olhada rápida em volta e conhecê-la antes de descartar todos os pensamentos irrelevantes e ir direto para a cena exata que vim ver aqui.

Observo Miles entrando no carro de Damen, primeiro relaxado e alegre, esperando por um agradável almoço fora do campus; depois, agarrando-se ao assento como se fosse morrer. Seus olhos ficam arregalados e o rosto parece uma máscara de terror enquanto Damen acelera para fora do estacionamento da escola em direção à rua.

Para ser sincera, não sei o que me surpreende mais: o que Damen está prestes a fazer ou que ainda mantenha sua promessa de ir à escola e assistir a todas as aulas, apesar de eu claramente ter quebrado a minha.

— Não se preocupe — diz Damen, olhando para Miles enquanto esboça um sorriso. — Você está completamente a salvo. Tenho quase certeza.

— Quase? — Miles empurra as costas com mais força, encolhendo os ombros e estreitando os olhos enquanto Damen desvia de uma série de carros que estão em velocidade bem menor que a sua, que está além do permitido. Cuidadosamente, ele dá uma espiada em Damen e diz: — Bem, pelo menos sei de onde veio isso. Você dirige feito louco, como todo mundo na Itália! — Ele balança a cabeça e recua novamente.

E isso faz com que Damen ria ainda mais.

Só o som de sua risada faz meu coração ficar tão apertado que mal consigo me conter.

Sinto *saudades* dele.

Não há como negar.

Vê-lo assim, com o sol refletindo em seu cabelo escuro e sedoso, suas mãos fortes e habilidosas ao volante… Bem, tudo isso só deixa claro quanto minha vida fica vazia sem ele.

Mas então logo paro, lembrando-me das razões de minhas atitudes. Ainda há muito a descobrir sobre nossas vidas passadas juntos, detalhes que preciso saber antes de mais nada.

Afasto esse pensamento, determinada a superar tudo isso enquanto continuo a observar.

Vejo Damen parar no Shake Shack, onde compra para Miles um shake *de café misturado com pedaços de biscoito Oreo, e depois o acompanha até um daqueles bancos pintados de azul, exatamente o mesmo no qual eu e ele nos sentamos uma vez. Ele para e olha para uma praia linda, cheia de guarda-sóis coloridos que parecem poás estampados na areia, para os surfistas que*

esperam pela próxima onda, para as gaivotas que desenham círculos no céu, antes de voltar a atenção a Miles, que toma seu shake *em silêncio e espera que Damen comece a falar.*

— Sou imortal — ele revela, olhando diretamente nos olhos de Miles.

Faz o primeiro arremesso sem aquecimento, sem que o rebatedor esteja posicionado. Apenas joga a bola direto, paciente, calmo, dando bastante tempo para que Miles assuma sua posição e tente rebater.

Miles engasga, cospe o canudo e limpa a boca com a manga da camisa, depois olha perplexo para Damen e diz:

— Scusa?

Damen ri, e não tenho certeza de se é por Miles querer falar italiano ou por tentar dramaticamente abstrair tudo e fingir que não ouviu o que claramente ouviu. Ainda assim, Damen mantém o olhar fixo e diz:

— Seus ouvidos não o enganaram. É exatamente o que eu disse. Sou imortal. Venho andando por este planeta há pouco mais de seiscentos anos e, até recentemente, Drina e Roman também.

Miles fica boquiaberto, esquecendo seu shake, *e desvia o olhar para Damen, tentando ver sentido naquilo, tentando assimilar tudo.*

— Perdoe-me por ser tão direto… E acredite: não contei desse jeito com a intenção de chocá-lo ou de me divertir à sua custa. É só porque acabei aprendendo que notícias desse tipo, inesperadas, devem ser contadas rapidamente e de uma vez. Já paguei o preço por demorar para contar. — Ele faz uma pausa e seu olhar repentinamente fica triste, distante.

Sei que ele se refere a mim, ao tempo que demorou para me contar a verdade por trás de minha existência, e como voltou a cometer o mesmo erro ao guardar segredos sobre nossa história juntos.

— E, devo admitir, parte de mim presumia que você já tivesse descoberto isso. Considerando que Roman fez questão de que você encontrasse os retratos e tudo mais. Achei que tivesse tirado alguma conclusão a respeito deles.

Miles balança a cabeça, pisca diversas vezes e larga o shake *na mesa. Olha para Damen com uma expressão muito mais que confusa e diz:*

— Mas… — Sua voz sai tão rouca que ele limpa a garganta e começa de novo. — Quer dizer, eu acho que… bem, acho que não entendi. — Ele estreita os olhos, na tentativa de assimilar tudo aquilo lentamente. — Para começar, você não é todo branquelo e esquisito. Na verdade, é exatamente o oposto: desde que o conheço está sempre bronzeado. Sem mencionar que, caso não tenha percebido, está dia claro. Tipo, um sol de trinta e cinco graus. Então, desculpe-me por dizer, mas, diante disso tudo, o que acabou de me contar não faz o menor sentido.

Damen inclina a cabeça e fica com a expressão bem mais confusa que a de Miles. Para um instante para juntar todas as peças e depois joga a cabeça para trás, deixando uma grande gargalhada transbordar, até que se acalma o suficiente para balançar a cabeça e dizer:

— Não sou um imortal mítico, *Miles, sou um imortal* de verdade. *Do tipo que não tem que carregar o fardo de ter caninos pontudos, evitar o sol ou aquela nojeira de sugar sangue. — Ele balança a cabeça novamente, refletindo em silêncio sobre essa ideia, lembrando-se de como eu um dia também fiz essa suposição. — Basicamente, somos só eu e minha fiel garrafa de elixir aqui… — Ele levanta sua bebida, balançando-a para a frente e para trás enquanto Miles observa, paralisado. Vendo como aquela substância pela qual a humanidade tem buscado desde sempre, a razão do assassinato dos pais de Damen, brilha e cintila ao sol da tarde. — Acredite, isso é tudo de que preciso para me manter por, bem, uma eternidade.*

Eles ficam sentados, em silêncio. Miles examina Damen, em busca de sinais, tiques nervosos, egocentrismo, furos em sua história ou qualquer outro indício que revele que alguém esteja mentindo, enquanto Damen apenas espera. Ele dá a Miles todo o tempo necessário para se acostumar com a ideia, assimilá-la, aceitar uma nova possibilidade sobre a qual nunca havia pensado.

E quando a boca de Miles começa a abrir, prestes a perguntar como, *Damen apenas balança a cabeça e responde à pergunta que não foi feita ao dizer:*

— Meu pai era alquimista em uma época na qual não era tão incomum que se fizessem experiências assim.

— E que época foi essa, exatamente? — Miles pergunta, depois de reencontrar sua voz, obviamente sem acreditar que poderia ser mesmo há tanto tempo quanto disse Damen.

— Seiscentos e poucos anos atrás… mais ou menos. — Damen encolhe os ombros, cuspindo as palavras, como se o início da história significasse muito pouco para ele.

Mas sei que não significa.

Sei quanto ele dá valor ao tempo que passou com a família, às lembranças que tem de tudo o que compartilhou com eles antes de perdê-los de forma tão cruel.

Também sei como é doloroso para ele admitir isso. Como prefere dar de ombros, fingir que mal consegue se lembrar daquela época.

— Foi durante a Renascença italiana — continua, sem perder tempo.

Seu olhar se mantém fixo no de Miles e, embora não demonstre, não dê nenhum sinal visível, seja qual for, eu sei que falar nisso machuca Damen.

Seu segredo mais bem-guardado, aquele que conseguiu ocultar por seis séculos seguidos, agora vazava como água por um cano furado.

Miles assente, concordando sem hesitar. Perde seu milk-shake para uma gaivota curiosa, espantando-a enquanto diz:

— Nem sei muito bem o que dizer agora, exceto, talvez… obrigado.

Eles olham nos olhos um do outro.

— Obrigado por não mentir. Por não tentar encobrir a verdade e fingir que aqueles retratos eram de algum parente distante ou só uma estranha coincidência. Obrigado por dizer a verdade. Por mais inacreditável e estranha que possa parecer…

— Você *sabia*?

Solto sua mão com tanta rapidez que leva alguns segundos até que ele perceba.

Miles recua e se afasta, flexiona os dedos enquanto torce o pulso para a frente e para trás, esforçando-se para que o sangue volte a fluir normalmente.

— Nossa, Ever, *por que não bisbilhota mais um pouco?*

Ele balança a cabeça e caminha pela loja. Passa raivosamente em zigue-zague pelos mostruários de anjos, estantes de livros e prateleiras de CDs. Depois recomeça o percurso. Precisa de um tempo para me perdoar, para deixar a poeira baixar um pouco, até estar pronto para inclusive olhar para mim de novo. Batendo os dedos nas lombadas de uma longa fileira de livros, ele finalmente suspira e diz:

— Quer dizer… uma coisa é *saber* que você é capaz de ler mentes, mas outra bem diferente é você *de fato* entrar na minha e investigar tudo *sem meu consentimento*. — As palavras são seguidas por uma sequência de outras que murmura para si próprio.

— Sinto muito — digo, ciente de que devo a ele muito mais que isso, mas, ainda assim, é um começo. — De verdade. Eu… prometi que nunca faria isso. E na maior parte do tempo eu cumpro. Mas às vezes… Bem, às vezes a situação é tão urgente que não pode ser ignorada.

— Então já fez isso antes? É isso o que está dizendo? — Ele se vira, com os olhos semicerrados, a expressão carrancuda, mexendo nervosamente os dedos.

Provavelmente está supondo o pior, que fiquei à vontade para vasculhar sua mente mais vezes do que possa imaginar. E, apesar de não ter acontecido nada tão ruim quanto ele possa estar pensando e de eu não querer admitir o que fiz, também sei que, se quero ter alguma chance de recuperar sua confiança, preciso começar agora.

Respiro fundo, mantendo os olhos nos dele.

— Sim. Algumas vezes, no passado, entrei completamente sem aviso e sem seu consentimento. Sinto muito, de verdade, por isso. Sei como deve parecer uma invasão para você.

Ele revira os olhos e me dá as costas, resmungando na intenção de me deixar constrangida. E funciona.

Não que eu o culpe. Nem um pouco. Invadi sua privacidade, não há dúvidas a esse respeito. Só espero que ele consiga me perdoar.

— Então, basicamente, o que está me dizendo é que *eu não tenho segredos*. — Ele me encara novamente, olhando-me de cima a baixo. — Não tenho pensamentos privados, nada em que você não tenha dado uma espiada superexclusiva. — Ele me olha com raiva. — E há quanto tempo isso vem acontecendo, Ever? Desde que nos conhecemos, presumo.

Balanço a cabeça, determinada a fazê-lo acreditar em mim.

— Não. Para ser sincera, nada disso é verdade. Ou melhor, sim, eu li sua mente antes, admito. Mas só algumas vezes e, ainda assim, só quando pensei que você pudesse saber de algo que…

Respiro fundo, vendo seus olhos semicerrados, sua carranca, um sinal claro de que as coisas não vão sair tão bem quanto eu esperava. Mesmo assim, ele merece uma explicação, não importa quanto o enfureça, então limpo a garganta e sigo em frente:

— É sério, as únicas vezes em que olhei dentro de sua mente foram para ver se você sabia a verdade sobre mim e Damen… é *isso*. Juro. Nunca me preocupei com mais nada. Não sou tão antiética quanto pensa. Além disso, só para que você saiba, antes eu ouvia os pensamentos de *todo o mundo*… centenas… às vezes *milhares* de pensamentos indo e vindo a meu redor. Era ensurdecedor, um desespero, e eu odiava cada segundo disso. É por isso que usava moletom com capuz e iPod o tempo todo. Não era só um *péssimo gosto para a moda*, sabe?

Faço uma pausa e olho para ele, e noto que suas costas e seus ombros ficam mais firmes.

— Foi o único jeito que encontrei de bloquear tudo aquilo. Quer dizer, pode ter parecido ridículo para você, mas era útil. Só quando Ava me ensinou a me proteger e a desligar tudo aquilo é que consegui mudar. Então, sim, de certa forma, você está certo. Desde o momento em que nos conhecemos, pude ouvir tudo o que passou pela sua cabeça… do mesmo modo que ouvi tudo o que passou pela cabeça de *todo o mundo*. Só que não foi porque eu quis ouvir, mas porque *não tive escolha*. Mas, quanto ao restante, assunto seu é assunto seu, Miles. É sério, evitei completamente ouvir seus segredos. Tem que acreditar em mim.

Meu olhar o segue, e vejo enquanto ele continua a rodar pela loja, de costas para mim, com o rosto virado de um jeito que não consigo vê-lo. Apesar disso, sua aura está ficando brilhante, iluminando-se, um sinal óbvio de que ele está mudando de ideia.

— Desculpe — ele diz, finalmente virando-se para mim.

Estreito os olhos, tentando imaginar por que diabo ele se desculpou depois disso tudo.

Mas ele apenas balança a cabeça e diz:

— As ideias que eu tinha sobre você… bem, não exatamente *você*, era mais sobre o tipo de roupa que usava… mas, *ainda assim*. — Ele se afasta. — Não acredito que compartilhava esses pensamentos.

Dou de ombros, mais do que disposta a esquecer aquilo. Para mim, é apenas passado.

— Quer dizer, depois de tudo aquilo, você ainda estava disposta a andar comigo, ainda estava disposta a me levar ao colégio todo dia, ainda estava disposta a ser minha amiga… — Ele encolhe os ombros e suspira.

— Aquilo não importa. — Sorrio, cheia de esperança. — Tudo o que quero saber é: ainda está disposto a ser meu amigo?

Ele concorda com a cabeça. Concorda, aproxima-se de mim, com as mãos esticadas sobre o balcão, e diz:

— Caso esteja se perguntando, na verdade foi Haven quem me contou primeiro.

Suspiro, pois já esperava por isso.

— Bem, não, volta um pouco, porque ela só *meio que* me contou. — Ele para e aponta para um anel na parte inferior do vidro, que eu rapidamente pego para ele experimentar. — Basicamente, ela me chamou para ir à casa dela… — Faz uma pausa com as sobrancelhas arqueadas enquanto levanta a mão para admirar o anel, antes de tirá-lo e apontar para outro. — Sabe que ela se mudou, né?

Faço que sim com a cabeça. Na verdade, não sabia, mas, de novo, acho que devia ter adivinhado.

— Está morando na casa de Roman agora. Não tenho certeza de quanto tempo vai durar, mas ela tem falado sobre emancipar-se, então acho que é bem sério. De qualquer maneira, resumindo, ela basicamente me convidou, serviu uma taça cheia de elixir e tentou me fazer tomar um gole sem me dizer o que era.

Balanço a cabeça. Não posso acreditar em como esse comportamento é irresponsável. Bem, vindo de Haven, posso, mas, ainda assim, *não* é bom.

— E, quando eu recusei, ela fez drama, olhou para mim e disse… — Ele limpa a garganta, preparando-se para imitar o tom de voz áspero de Haven, e acerta em cheio quando diz: — *Miles, se alguém lhe oferecesse beleza eterna, força eterna, incríveis poderes mentais e físicos... você aceitaria?* — Ele revira os olhos. — Então ela olhou para mim, com aquela safira azul que de algum jeito incrustou na testa, praticamente me cegando, e me encarava com muita indignação, e eu respondi: "Hã, não, obrigado."

Sorrio, tentando imaginar a cena.

— Com isso, é claro, ela presumiu que eu não tinha entendido direito aonde ela queria chegar e tentou explicar de novo, dessa vez com mais detalhes. Mas eu insisti que *não*. Então ela começou a ficar irritada de verdade e contou praticamente tudo o que Damen contou… sobre o elixir, como ele transformou você, como você a transformou. Em seguida ela contou umas coisas que Damen *não* me contou, sobre como *você* acabou matando Drina *e* Roman…

— Eu não matei… — *Roman*. Começo a dizer que *não matei Roman*, que Jude é o responsável por isso. Mas quase tão rápido quanto comecei, desisto. Miles já sabe mais do que deveria. Não cabe a mim revelar mais nada.

— Seja como for — ele dá de ombros, como se estivesse falando sobre assuntos puramente normais e racionais —, quando ela de novo tentou fazer com que eu bebesse, eu disse que não mais

uma vez. E então, quando ela começou a ficar nervosa, e quero dizer realmente possessa, tipo uma criança de dois anos surtando, eu disse: "Alô-*ou*, aí é que está: se esse negócio realmente funcionasse, Drina e Roman ainda estariam aqui, certo? E, já que eles não estão, bom, acho que significa que não eram assim tão imortais afinal, eram?" — Ele para e olha para mim com seu olhar penetrante. — Então ela disse que, logo que terminasse com *você*, esse pequeno problema estaria resolvido de vez. Que eu só precisava confiar nela, que o elixir dela era *bem* melhor que o seu e que tudo o que eu precisava fazer era tomar alguns goles e teria saúde eterna, bem-estar eterno, beleza eterna e vida eterna por, bem, por toda a *eternidade*.

Engulo em seco, meu olhar está fixo em sua aura, que agora irradia um tom brilhante de amarelo. A única garantia que tenho de que ele não mordeu a isca… pelo menos não até agora.

— E, preciso dizer, ela estava tão convincente com aquele tom de voz de vendedora que eu disse que precisava pensar. — Ele dá de ombros. — Disse a ela que iria fazer uma pesquisa por conta própria e que responderia em mais ou menos uma semana.

Então, eu paro, pois são tantas palavras de uma vez só que não tenho ideia de por onde começar.

Mas ele solta uma gargalhada sonora, daquelas de doer a barriga, e balança a cabeça olhando para mim.

— Relaxe, estou brincando. Quer dizer, nossa, o que você pensa que eu sou… Algum tipo de idiota vaidoso e superficial? — Ele revira os olhos e então se contém e diz: — Desculpe, não quis ofender. Mas o que importa é que eu disse *não*. Um claro e inconfundível *não*. E ela me falou que a oferta ainda estaria de pé, que, se a qualquer momento eu mudasse de ideia, a fonte da juventude seria minha.

Olho para ele, vendo-o por uma ótica totalmente diferente. Surpresa por ele ter recusado de verdade uma oferta como aquela. Quer dizer, Jude sempre diz que não escolheria a imortalidade, mas, na prática, nunca lhe ofereceram a bebida, então quem pode dizer o que escolheria se realmente tivesse essa opção? E Ava, bem, Ava chegou bem, bem perto de dar esse passo, mas, no fim das contas, desistiu. No entanto, ainda assim, não consigo pensar em muitas outras pessoas além de Miles e de Ava que recusariam uma oferta desse tipo.

Ele olha para mim, ergue as sobrancelhas, fingindo estar ofendido, e diz:

— O que foi? Por que está tão surpresa? É porque imaginava que alguém como eu… alguém que é ao mesmo tempo *gay* e *ator* com certeza não deixaria uma chance dessa passar? — Ele estreita os olhos e balança a cabeça. — Isso é usar estereótipos, Ever. Deveria envergonhar-se por pensar assim.

Ele me lança um olhar de completo desprezo que faz com que eu me sinta tão mal que me apresse em me defender. Mas, antes que eu comece, Miles faz um sinal para eu não me preocupar. E ri de forma triunfante ao dizer:

— Há! E *isso* é o que se chama atuar! — Ele gargalha, todo o seu rosto se ilumina, os olhos brilham de alegria. — Ou pelo menos no finalzinho eu atuei… a parte sobre estereótipos. Todo o restante foi totalmente verdadeiro. Viu como minha habilidade está melhorando?

Ele passa os dedos pelos cabelos, apoia os cotovelos no balcão e se inclina em minha direção.

— É o seguinte… a única coisa que quero no mundo, o único sonho que tenho, é ser *ator*. — Ele me olha fixamente. — Um *ator dramático* de verdade, dedicado à arte. É meu único objetivo. Minha ambição. Não tenho interesse em me tornar um grande, falso e maquiado astro de cinema. Nem capa viva da *People*. Não estou nessa área pelas festas, ou os escândalos, ou as idas e vindas de clínicas de reabilitação… estou pela *arte*. Quero transformar histórias em realidade, encarnar personagens

variados. Não sei explicar como me sinto ao me entregar a um papel, é… é *incrível*. E é algo que quero sentir muitas vezes. Mas quero interpretar todos os tipos de papel… Não apenas personagens jovens e bonitos. E, para que eu aprenda e cresça e me aperfeiçoe, preciso *viver*. Preciso ter uma vida *plena*, em *todos* os seus estágios… juventude, meia-idade, velhice… quero *tudo*. Não dá para *interpretar* a vida se não se permite *vivê-la*. — Ele faz uma pausa breve, deixando seus olhos percorrerem meu rosto. — Esse medo da morte do qual conseguiu se livrar, eu o quero. Droga, eu *preciso* dele! É uma das forças mais básicas e primitivas que temos para nos guiar… Então, por que eu deveria considerar me livrar disso? As experiências que me permito ter, no fim das contas, só vão alimentar minha arte… mas só se eu ainda for mortal. *Não* se propositalmente me transformar em um *imbecil* congelado no tempo, ultraglamouroso, que nunca muda, não importa quantos séculos passem.

Meu olhar encontra o dele, e não sei se me sinto aliviada ou ofendida, mas, no contexto geral, escolho aliviada.

— Desculpe. — Ele dá de ombros. — É sério, sem ofensa. Só estou tentando explicar meu lado. Sem mencionar o fato de que, por acaso, *gosto* de comer. Na verdade, gosto tanto que nem consigo pensar em fazer uma dieta permanente só de líquidos. E também *gosto* de ver as mudanças que cada ano que passa traz, as impressões que ele deixa para trás. E, acredite se quiser, também não quero que minhas cicatrizes desapareçam. Gosto delas. São parte de *mim*… parte de *minha* história. E algum dia, se tiver sorte o bastante para chegar a ser velho… e provavelmente impotente, senil, gordo *e* careca, enquanto todos vocês continuam exatamente como são hoje… bem, então ficarei contente com minhas lembranças. Quero dizer, considerando que elas não serão todas perdidas em função de Alzheimer ou de algo parecido. Mas é sério, antes que comece a se defender…

Ele tira a mão de cima do balcão e a ergue, percebendo que estou prestes a interrompê-lo.

— Antes que comece a me dizer como Damen acumulou mais memórias que todos nós juntos e como é perfeitamente equilibrado e alegre, o que eu quero dizer *de verdade* é: desejo, *mais que tudo*, chegar ao fim da vida com uma imagem definida de antes-e-depois para poder relembrar. Para mostrar que fiz realmente o melhor que pude com o que tive e que minha vida foi bem-vivida.

Olho para ele, tentando recuperar minha voz e murmurar algum tipo de resposta, mas não consigo. Minha garganta está quente e apertada, completamente fechada. E, antes que consiga me segurar, antes que consiga desviar meu olhar para algo que não seja ele… as lágrimas chegam.

Elas escorrem livremente pelo meu rosto, e sua intensidade aumenta a ponto de eu não conseguir mais parar, não conseguir mais conter o choro e os tremores nem o profundo abismo de desespero que faz minhas entranhas se contorcerem.

Miles corre para meu lado do balcão e me acolhe nos braços, alisando meu cabelo e fazendo o possível para me acalmar, sussurrando palavras doces em meus ouvidos.

Mas eu não acredito.

Sei que os sentimentos não são nem um pouco verdadeiros.

Que na verdade *não vou* ficar bem.

Pelo menos não do jeito que ele diz que vou.

Posso ter beleza e juventude eternas, posso ter a *dádiva* de viver para sempre, mas nunca terei de volta a vida agradável e maravilhosamente normal que Miles acabou de descrever.

treze

No fim da tarde de sábado, não há como evitá-los. Sabine está na cozinha picando um monte de legumes para uma salada grega e Munoz está a seu lado, recheando generosamente tortinhas com carne de peru moída.

— Ei, Ever. — Ele olha para a frente, com um breve sorriso. — Quer se juntar a nós? Há muitas outras de onde vieram estas.

Olho para Sabine, vendo como enrijece os ombros, como sua faca bate na tábua um pouco mais forte enquanto ela fatia um tomate, e eu sei que ainda falta muito para ela me perdoar, para me aceitar, e simplesmente não posso lidar com isso agora.

— Não, hã, na verdade, estou de saída — digo, mal olhando em seus olhos, tentando evitar parar e conversar, ansiosa demais para sair logo dali.

Estou chegando à porta, quase livre, quando ele termina de preparar as tortas, olha para mim e pede:

— Você poderia segurar a porta para mim?

Eu paro, pois sei que não é só para segurar a porta. Ele quer conversar comigo em um lugar silencioso e reservado, onde sua namorada não possa nos escutar. E, como eu sei que não há como fugir dessa, eu o sigo até o lado de fora e depois até a churrasqueira elétrica, onde ele briga com a tampa, gira os botões e começa a preparar os hambúrgueres.

Fica tão entretido com a tarefa que estou prestes a sair, achando que entendi completamente errado, quando ele diz:

— Então, como está a escola neste ano? Não a tenho visto muito por lá… se é que a tenho visto. — E olha rapidamente para mim, antes de se voltar de novo para o que estava fazendo, derramando algum tipo de tempero secreto na carne enquanto eu fico ali parada, tentando imaginar uma resposta.

Não faz sentido mentir para alguém que pode facilmente consultar as listas de presença, então levanto os ombros e digo:

— Bem, talvez seja porque faltei todos os dias, à exceção do primeiro. Na verdade, tirando esse dia, nem apareci por lá.

— Ah… — Ele concorda, balançando a cabeça, coloca o vidro de tempero no balcão de granito, depois se vira e olha para mim de cima a baixo. — Um caso grave de *ultimoanite*, imagino.

Coço o braço, embora ele não esteja coçando, e tento não demonstrar que estou mais nervosa do que já deixei transparecer. Desvio o olhar para a janela em que Sabine monta guarda, e a mera visão dela me deixa com vontade de escapar.

— Normalmente os sintomas não surgem antes do último semestre, que é quando as coisas começam a dar errado. Mas parece que você pegou o vírus mais cedo. Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Sim, pode dizer para sua namorada parar de me julgar… pode dizer para Haven não me matar… pode dizer para Honor não me ameaçar… e pode descobrir a verdade escondida há muito tempo sobre mim e Damen… ah, e em seu tempo livre, pode pôr as mãos em certa camisa branca manchada e mandá-la para análise em um bom laboratório de criminalística… isso seria perfeito!

É claro que não digo nada. Em vez disso, apenas dou de ombros e suspiro bem alto, na esperança de que ele ouça e capte a mensagem.

Mas se ele capta, prefere ignorar.

— Sabe, só para o caso de achar que está sozinha no meio disso tudo… não está mesmo.

Estreito os olhos, sem saber bem aonde ele pretende chegar.

— Conversei com ela, sabe? Falei um pouco da pesquisa com a qual deparei com pessoas que passaram por experiências de quase morte.

Apesar de meu desejo de sair dali, coloco as mãos nos quadris e avanço um pouquinho em sua direção.

— E como exatamente você *deparou* com esse tipo de pesquisa? — pergunto. — Quer dizer, fala sério! Não seria o tipo de coisa da qual se vai atrás?

Ele se concentra na carne, transferindo-a do prato para a grelha. Sua voz soa baixa e monótona quando explica:

— Vi uma matéria na TV uma vez e a achei fascinante. Tão fascinante que comprei um livro sobre o tema, que levou a outros livros e… *assim por diante*. — Ele aperta a espátula sobre o hambúrguer, fazendo com que o sumo da carne borbulhe e chie. — Mas você… você é a primeira pessoa que conheci que realmente passou por uma experiência assim. Já pensou em fazer parte de algum desses grupos de pesquisa? Ouvi dizer que estão sempre à procura de novos casos.

— *Não* — digo, mal dando a ele a chance de terminar a pergunta.

Minha resposta é firme, definitiva, sem lhe dar tempo para pensar de verdade na possibilidade. A última coisa de que preciso é fazer parte de alguma pesquisa barata.

Mas ele apenas ri, levanta as mãos enluvadas em sinal de rendição e diz:

— Não atire. Estou só perguntando.

Ele vira os hambúrgueres, um depois do outro, provocando estalos e chiados, a trilha sonora do churrasco que ouvimos ao ficar parados ali.

Então, tão logo as carnes ficam prontas, ele as retira e joga mais uma vez no prato, parando por tempo suficiente para olhar para mim e dizer:

— Ouça, Ever, é só dar a ela algum tempo para que se sinta confortável com a ideia. Não é fácil ter todas as suas crenças postas em xeque, sabe? Mas, se você ajudar só um pouquinho, ela mudará de opinião. Com certeza. Prometo a você que continuarei tentando convencê-la, se prometer que também fará sua parte. E, antes que perceba, tudo terá passado. Você vai ver.

É essa a sua previsão?, eu quero perguntar, mas — ainda bem — engulo as palavras. Ele está apenas tentando ajudar. Não importa se acredito ou não nele ou se Sabine vai ou não mudar de opinião sobre mim. Ele está apenas tentando criar uma relação comigo, e o mínimo que posso fazer é permitir.

— Mas, no que se refere à escola e à sua frequência… — Ele me lança um olhar severo. — É apenas questão de tempo até que ela saiba. Então, tente não deixar a situação pior do que já está para você, tudo bem? Ou pelo menos pense a respeito. Além disso, até onde sei, conseguir um diploma do ensino médio não faz mal a ninguém. Na verdade, só ajuda.

Resmungo algum tipo de resposta sem entusiasmo, faço um gesto rápido para me despedir e sigo na direção do portão. Não sei se a conversa terminou de verdade, mas tenho certeza de que a minha parte nela, sim. Esse tipo de coisa, as regras às quais ele se referiu, não se aplica mais. A pompa e a circunstância de se formar no ensino médio servem para as outras pessoas.

Pessoas normais.

Pessoas mortais.

Não para mim.

Bem antes de chegar onde o carro está estacionado, dou a partida nele com a mente. Passo pelo portão em direção à rua e acelero para o lugar no qual combinei com Jude de nos encontrarmos.

catorze

Assim que paro o carro no estacionamento, eu o vejo.

Ele espera por mim em seu jipe, tamborilando os polegares no volante no ritmo da música que toca em seu iPod, parecendo tão tranquilo, tão satisfeito por estar ali sentado sozinho daquele jeito, que me sinto tentada a pegar um retorno e voltar com o carro para onde eu estava.

Mas não faço isso.

É importante demais para deixar para lá.

Haven não pretende desistir de suas ameaças e, até onde eu sei, essa pode ser minha única chance de convencê-lo da importância disso tudo.

Estaciono a seu lado e aceno. Vejo-o remover os fones de ouvido, jogá-los de lado e descer do carro, apoiar-se na porta com os braços cruzados e observar enquanto me aproximo.

— Ei! — Ele faz um gesto de confirmação com a cabeça, analisando-me com cuidado enquanto jogo a mochila no ombro e endireito a camisa de malha que visto por cima da regata. — Você está bem? — Ele inclina a cabeça e semicerra os olhos, claramente confuso, sem saber por que o chamei aqui.

Faço que sim com a cabeça e sorrio, pensando que eu deveria fazer essa pergunta a ele, e não o contrário.

— Estou. — Paro perto dele, sem saber como continuar. Só porque pedi que me encontrasse não quer dizer que tive tempo de decorar a longa lista de tópicos para a conversa. — Hum, e você? *Você está bem?*

Passo os olhos sobre ele, notando que certamente parece melhor que da última vez em que o vi. A cor voltou a seu rosto, o olhar não está nem um pouco vazio ou desolado, e só de ver sua aura verde e brilhante não tenho dúvida de que ele está melhorando.

Ele confirma e dá de ombros, obviamente esperando que eu tome a iniciativa e diga do que se trata este encontro. Mas, quando não digo nada, quando continuo ali parada diante dele, ele respira fundo e diz:

— É sério… Estou… estou me acostumando com a ideia de que ela se foi. Quer dizer… Não posso mudar isso, então preciso me adaptar, *certo*?

Resmungo uma resposta padrão qualquer para concordar, algo facilmente esquecível. Então, ciente de que já enrolei demais, que é hora de ir direto ao ponto, revelar o motivo de estarmos aqui, respiro fundo e digo:

— E Haven? Você a viu ou teve notícias dela ultimamente?

Ele desvia os olhos, passando os dedos nos pelinhos de barba que começam a nascer no queixo, e diz com a voz cansada, resignada:

— Não. Não soube de nada. O que, pensando bem, não deve ser bom sinal. Mas não tenho muito em comum com ela, então quem sabe? — Ele me olha por um instante, passando os olhos sobre meu rosto e vagando novamente.

— Mas e se eu lhe dissesse que tem? — Faço uma pausa longa o suficiente para que ele volte a olhar para mim. — E se você tivesse *muito em comum com ela?*

Ele resmunga, murmura baixinho algo completamente indecifrável, depois balança a cabeça e diz:

— Você está brincando, não é?

Eu me seguro, mantendo a expressão séria no rosto.

— Acredite, não é brincadeira. Na verdade…

Mas, antes que eu possa terminar, antes que possa tocar no assunto, ele me interrompe, já tirando as próprias conclusões sobre o que eu tinha para falar e ávido por me impedir.

— Ouça, Ever… — Ele suspira, chutando o ar enquanto enfia as mãos nos bolsos da frente da calça jeans. — Embora aprecie sua preocupação com minha segurança, quero deixar claro que não tenho intenção alguma de tomar o elixir e me tornar imortal como você.

Arregalo os olhos e luto para evitar que meu queixo caia até os joelhos. Não acredito que ele realmente tenha pensado que eu estivesse lhe fazendo uma oferta dessas.

— Bem, sei que disse isso antes, e não quero julgá-la nem nada disso, mas ter uma vida anormalmente longa… Bem, não tenho interesse nesse tipo de coisa.

É a segunda pessoa a me dizer isso nos dois últimos dias, penso, incapaz de não ficar espantada.

— Depois de ir a Summerland e de *ver* Lina, bem, acho que teria que ser muito maluco para querer ficar aqui. Para escolher uma estada extralonga em um mundo tão imperfeito, cheio de ódio, quando há algo muito melhor esperando depois da curva, por assim dizer.

Suas palavras me atingem com a mesma força das de Miles, mas não choro. Já coloquei um ponto final nisso. Seja como for, sou o que sou, não tem jeito. Mas isso não significa que tenha qualquer intenção de convencer os outros a se juntarem a mim.

— Não é tão ruim assim, é*?* — digo, esperando atenuar o tom.

Ele se limita a dar de ombros e diz com a voz completamente séria:

— Não, acho que você está certa. Nem tudo é ódio e adversidade. De vez em quando, se a gente tiver sorte, pode trombar com uma bolha de felicidade.

— Nossa, isso é um pouco *negativo*, não acha? — Forço uma risada, mas suas palavras me deixaram mais abalada que eu gostaria de admitir.

Mas ele apenas dá de ombros e estreita os olhos, tanto que mal consigo vê-los.

— De qualquer modo, não estou tentando insultá-la. Só que isso não serve para mim. Não tenho interesse algum.

Também dou de ombros, pronta para mudar de assunto, sair do estacionamento e chegar à verdadeira razão de estarmos aqui.

— Então… — Ele olha para mim. — Era isso? Estamos entendidos?

— Claro, estamos *entendidos*. Mas estamos longe de *terminar*. — Faço um sinal para que ele me acompanhe até o portão. Fecho os olhos e *vejo* a fechadura se abrir em minha mente antes de virar para trás e dizer: — Acredite, ainda nem começamos.

Abro o portão e entro, presumindo que ele esteja me seguindo. Então me surpreendo quando viro e vejo que ele ainda está parado do outro lado.

— Ever, do que se trata tudo isso? Por que iria querer vir até aqui? Achei que tivesse abandonado a escola.

Balanço a cabeça e olho para o grupo de prédios de que consegui me livrar durante toda a semana e do qual não senti a menor falta.

— Acontece que não abandonei. Além disso, não consegui pensar em outro lugar que pudesse nos oferecer o espaço e a privacidade de que necessitamos.

Ele franze o cenho claramente intrigado.

Apenas reviro os olhos e sigo para o ginásio, pois sei que desta vez ele está bem atrás de mim.

— A porta está trancada também?

Ele percorre meus braços, pernas e nuca com o olhar, praticamente todas as partes em que minha pele está exposta.

Confirmo com a cabeça, concentrando-me na porta, ouvindo a trava se soltar antes de abri-la e dizer:

— Você primeiro.

Ele entra, arrastando os chinelos de borracha no chão de madeira polida enquanto segue para o meio da quadra, onde para, abre os braços, joga a cabeça para trás, respira fundo e diz:

— É, definitivamente tem aquele fedor de ginásio de escola de que me lembro tão bem.

Sorrio, mas apenas um pouco, antes de voltar ao ponto.

Não vim aqui para brincar, nem para jogar conversa fora. Vim aqui para salvá-lo. Ou, mais precisamente, para ensinar a ele tudo o que precisa saber para salvar a si mesmo caso eu não esteja por perto para ajudá-lo.

Não importa quanto eu possa estar brava com ele, não importa quantas dúvidas tenha a seu respeito, ainda acho que é meu dever protegê-lo de Haven.

— Então acho que devemos ir direto ao ponto. Não adianta perder mais tempo do que já perdemos.

Ele olha para mim com um leve brilho de suor no rosto, que não sei se tem a ver com o ar quente e abafado ou com a apreensão de imaginar no que foi se meter, o que será que vai acontecer a ele.

Tiro um momento para me acostumar ao local: jogo a mochila no canto, amarro os sapatos e tiro a camisa, revelando a regata que uso por baixo. Ajeito-a no corpo e acerto o elástico do short enquanto me aproximo dele e digo:

— É claro que você conhece os chacras. — Fico diante dele, analisando-o atentamente, mas sem lhe dar tempo para reagir ao acrescentar: — Quer dizer… já que foi tão bem-sucedido ao matar Roman assim…

— Ever, eu… — ele começa a falar, mas eu não permito, não deixo que dê mil desculpas. Já ouvi tudo isso e não estou nem um pouco convencida. Além do mais, não posso arriscar ser persuadida de um argumento que pode me fazer mudar de ideia a seu respeito… a respeito *disso*.

— Não fale. — Coloco a mão levantada entre nós. — Esse é outro assunto, para outro dia. Por enquanto, só o que vamos discutir é o fato de Haven ter poderes que você nem imagina… — *Que nem* eu *posso imaginar*. — Poderes que estão deixando-a embriagada, imprudente e perigosa, alguém de quem você precisa ficar longe a todo custo. Mas, se por acaso der de cara com ela por algum motivo, ou, pior, se ela decidir vir atrás de você, o que, lamento dizer, é o mais provável que aconteça, bem, você precisa estar preparado. Então, pensando nisso e em tudo o que sabe sobre ela, que chacra você escolheria para destruí-la?

Ele olha para mim, os lábios retorcidos, e fica claro que não está me levando nem um pouco a sério. Um grave erro de sua parte.

— Quanto mais cedo responder, mais cedo terminaremos com isso… — digo, com as mãos nos quadris, tamborilando impacientemente.

— O terceiro — ele afirma, balançando a cabeça e colocando a palma da mão sob o peito para enfatizar. — O plexo solar, também conhecido como o centro da vingança, lar de questões relativas à raiva entranhada e esse tipo de coisa. Então, está tudo certo? Eu passei? Posso pegar minha estrelinha dourada e ir para casa agora? — Ele ergue a sobrancelha.

— Certo, agora quero que finja que *eu sou* a Haven — digo, ignorando completamente sua pergunta, juntamente com o apelo óbvio em seu olhar. — E quero que venha até mim e me atinja do mesmo modo que a atingiria.

— Ever, *por favor* — ele implora. — Isso é ridículo! Eu *não posso* fazer isso. É sério. Mesmo apreciando sua preocupação e tudo o mais. Acredite, significa muito para mim, mas esse tipo de encenação forçada… — Ele balança a cabeça, os *dreadlocks* se agitando de um lado para o outro. — É… é um pouco constrangedor. Para dizer o mínimo.

— *Constrangedor?* — Meus olhos praticamente saltam do rosto. Não dá para acreditar no tamanho do ego masculino. — Vou fingir que você não disse isso. Ela tem poderes para feri-lo de todas as formas possíveis antes de finalmente dar o golpe de misericórdia e acabar com sua vida, e você está preocupado em ser *constrangido*? Por *mim*? — Balanço a cabeça e o ignoro. — Ouça, se está preocupado em me machucar, esqueça. Não vai conseguir, nem poderia. É completamente impossível. Não importa quanto tente, simplesmente não pode me atingir. Pode tirar isso da cabeça.

— Bem, isso é reconfortante. Sem contar que está me chamando de *frouxo*. — Ele balança a cabeça e encolhe os ombros.

— Não estou tentando insultar você. — Eu ignoro o que ele disse. — Estou apenas verbalizando os fatos, só isso. Sou mais forte. Bem, acho que já teve provas suficientes disso. E odeio ter que lhe dizer, mas Haven também é mais forte. E, mesmo que você nada possa fazer para mudar isso, precisa saber que ela não tem uma coisa que eu tenho.

Ele olha para mim, apenas ligeiramente curioso.

— Ela parou de usar o amuleto. Não tem nada que a proteja agora. Considerando que nunca tiro o meu… — Faço uma pausa, lembrando todas as vezes que o tirei e corrigindo minha fala ao acrescentar: — Pelo menos agora não o tiro mais. Além disso, o plexo solar *não* é meu chacra fraco, não que eu vá revelar qual é, mas não importa. Mesmo que você já tenha percebido qual é, mesmo que tenha decidido que está tão desesperado para sair daqui e prosseguir com sua noite a ponto de achar que valeria a pena me eliminar, bem, então deve saber que não conseguiria ir muito longe, porque eu o impediria.

Ele revira os olhos e suspira, levantando as mãos, em um gesto de rendição. Sabe que não terá escolha a não ser ceder.

— Certo. Tudo bem — diz ele. — Que seja! Só me diga o que quer que eu faça. Devo atacá-la, ou algo assim?

— Sim, por que não? — Dou de ombros, imaginando que é uma boa maneira de começar.

— Porque o negócio é o seguinte: essa situação é totalmente irreal. Eu nunca *atacaria* Haven ou qualquer outra pessoa sem razão, não sem antes ser provocado, e provavelmente nem assim. Simplesmente não faria isso. Sou pacifista. Você *sabe* disso. Não é meu estilo. Sinto muito dizer, mas, se realmente quer que eu participe, terá que inventar algo melhor que isso.

— Certo, certo. — Confirmo com a cabeça, determinada a não deixá-lo se esquivar desta vez. — Esteja certo de que também não tenho planos de atacar Haven. Não pretendo começar nada nem ir atrás dela em hipótese alguma. Ainda assim, acho que nenhum de nós dois deve ignorar o fato de que ela jurou nos destruir, e deixou isso bem claro. E não se engane, ela *pode*, Jude. Principalmente *você*, já que está tão despreparado. Ela pode derrubá-lo *facilmente*, sem derramar uma gota sequer de suor! Então, com isso em mente, precisamos estar preparados. Você deixou bem evidente que não tem interesse em ser imortal, mas aposto que também não está tão ansioso para morrer nas mãos de Haven. Dessa forma, o que me diz de *eu* atacá-lo primeiro? Isso faria com que se sentisse melhor?

Porque provavelmente é assim que as coisas vão acontecer.

Ele dá de ombros. Dá de ombros *e* faz um gesto insolente com as mãos.

Um simples ato que me irrita tanto que corro até ele com força total, sem qualquer aviso.

Movimento-me com tanta rapidez que, em um segundo, ele está parado no centro do ginásio, todo casual e descolado, e no outro já o arremessei para o outro lado, onde o aperto com força contra a parede acolchoada, do mesmo jeito que Haven fez comigo naquele dia no banheiro. E também como Haven, não me sinto nem um pouquinho cansada pelo esforço.

— É *assim* que vai ser — digo, agarrando sua camisa, puxando o tecido com tanta força que parte se rasga em minha mão. Estou ciente de sua respiração fria e curta atingindo meu rosto, a poucos centímetros do seu, enquanto olho para aqueles olhos verde-água surpresos. — É com *essa* rapidez que vai acontecer. Você não terá tempo de reagir.

Ele me encara, seu olhar fica sério, a respiração acelera enquanto uma linha de suor escorre pela testa e o coração bate mais forte.

Mas não é por medo, nem mesmo pela surpresa — não, é algo totalmente diferente.

Algo que reconheço de imediato.

É o mesmo olhar que me lançou na noite em que quase nos beijamos na banheira de hidromassagem.

O mesmo olhar que me lançou na noite em que disse que me amava, que sempre me amou, em todas as nossas vidas, e que não desistiria tão cedo.

E, mesmo querendo, mesmo que meu lado racional diga para largar sua camisa, virar as costas e me afastar dele o máximo possível, eu não consigo.

Em vez disso, puxo-o mais ainda, aproximo meu corpo do dele, tranquilizada pela onda de calma que emana de sua pele enquanto mergulho de cabeça naqueles olhos profundos da cor do oceano.

Uma vozinha em minha cabeça me faz lembrar todos os motivos que tenho para correr — minha longa lista de suspeitas, todas as perguntas não respondidas —, mas meu corpo ignora tudo, optando por reagir a ele, assim como a menina em minha vida de escrava.

Levo a mão a seu rosto com os dedos tremendo, doendo, desejando apenas me fundir nele.

Desaparecer em sua pele.

Meu nome escapa de seus lábios e o som é como um lamento. Como se fosse doloroso me sentir tão perto.

Mas eu não o deixo continuar, não o deixo falar. Apenas pressiono os dedos contra seus lábios, descobrindo seu calor, o modo como reage a meu toque, e imaginando como seria beijar sua boca.

Sinto seu coração bater forte contra o meu, ganhando intensidade. E, mesmo tentando lutar, mesmo tendo muitos argumentos contrários, há algo que preciso descobrir. Algo que preciso saber, de uma vez por todas, para poder finalmente eliminar a dúvida que me corrói. E espero que seu beijo revele essa resposta, do mesmo modo que o de Damen fez anteriormente.

Será que existe uma ligação entre nós?

Será que nós dois deveríamos ficar juntos e Damen entrou intencionalmente em nosso caminho?

Sabendo que só há um modo de descobrir, respiro fundo, fecho os olhos e espero pela pressão de seus lábios contra os meus.

quinze

— *Ever, por favor*.

*S*eus dedos acariciam a parte de baixo de meu queixo, insistindo para que eu abra os olhos e olhe para ele.

Eu abro. Relutando em levantar as pálpebras e encará-lo.

O surpreendente azul-esverdeado de seu olhar contrasta completamente com o marrom da pele, com o bronze dourado dos *dreadlocks* que caem sobre o rosto e com os dentes brancos e ligeiramente tortos.

— Eu desejo isso há *tanto* tempo… há *tantos* anos. Mas primeiro, antes de fazermos isso, preciso saber…

Espero pela pergunta… mal conseguindo respirar.

Nunca esperei que ele dissesse estas palavras:

— Por que *eu*? Por que *agora*?

Estreito os olhos e me inclino para trás. Aquele fascínio, aquela atração por ele que parecia irresistível segundos atrás, começa a esmorecer. Só resta um leve traço disso enquanto balanço a cabeça e digo:

— Não sei o que você quer dizer com isso.

Meus dedos soltam sua camisa e vejo um pequeno quadrado de tecido caindo no chão quando começo a me afastar. Mas ele não me deixa ir. Agarrando minhas duas mãos e segurando-as com força, diz:

— O que estou querendo dizer com isso é: o que *aconteceu*? O que mudou entre Damen e você a ponto de você ao menos pensar em mim?

Respiro fundo, pego em suas mãos, seus dedos se entrelaçando nos meus, seu pulso apoiado no pingente de ferradura de cristal que Damen me deu na pista de corrida de cavalos. Agora, quando estou pronta para seguir em frente, eu vou. Minha respiração volta lentamente ao normal, o encantamento dele diminui à medida que me afasto.

Sei que ele merece uma resposta, que não posso deixar a situação assim, então respiro fundo e digo:

— Descobri algo. — Olho de relance para ele e logo desvio o olhar. — Algo do passado… Algo que… — Engulo em seco e recomeço, com a voz mais clara, mais forte, dizendo: — Algo que ele estava escondendo de mim havia muito tempo.

Jude olha para mim sem demonstrar surpresa alguma. Ele já havia comentado em mais de uma ocasião sobre Damen ter segredos. Sobre sua incapacidade de uma luta justa, principalmente ao lutar por mim.

Mas, em defesa de Damen, preciso lembrar que ele sempre admitiu isso. Na verdade, ele se sentia tão mal, tão destruído pela culpa, que preferiu não interferir por algum tempo, para que eu pudesse fazer minha escolha.

E eu fiz.

Eu *o* escolhi.

Para mim, nunca houve competição. Desde que nos conhecemos, ele é o único que consigo

enxergar.

Mas e se eu estiver errada?

E se, durante esse tempo todo, Jude estivesse destinado a ser meu grande amor?

Ele ficou a meu lado em todas as minhas vidas… Incluindo aquela que acabei de descobrir. E ainda assim ele é sempre vencido, sempre aquele que é derrubado. Sempre quem termina sozinho.

Mas e se não fosse para acontecer desse modo?

E se fiquei tão encantada e influenciada por Damen todo esse tempo a ponto de sempre fazer a escolha errada?

Por que Jude e eu continuamos voltando um para o outro repetidas vezes? Seria para termos outra chance de acertar as coisas — de finalmente ficarmos juntos depois de todo esse tempo?

Olho para Jude parado diante de mim — ele é fascinante. Não do mesmo modo como Roman, com seu brilho ardiloso e dourado, nem como o calor e o formigamento moreno e sexy de Damen. Não. Jude se parece mais com um sonho tranquilo: comum por fora, mas muito mais que isso por dentro.

— Ever… — ele começa a falar, travando uma batalha entre o desejo de simplesmente me agarrar e me beijar e a vontade de mostrar algum controle, conversando comigo primeiro. — Ever, o que você *viu?* O que foi tão ruim a ponto de trazê-la até mim?

O modo como fala, tão ciente de sua antiga posição de rejeitado… bem, faz meu coração se partir.

Eu me viro, observando as arquibancadas, o chão de madeira gasta, a rede de basquete com um buraco na lateral, esperando que o que sobrou de seu encanto desapareça e que a lógica e longa lista de perguntas tome seu lugar.

Decidindo ser firme e sincera, apenas relatar os fatos como ocorreram e ver até onde levam, eu me viro para ele e digo:

— Um tempo atrás, você meio que… — Balanço a cabeça. — Não, *meio não*, você *com certeza* mencionou conhecer algum tipo de segredo sobre nosso passado juntos. Foi depois de ir aos Grandes Salões do Conhecimento pela primeira vez. Você saiu de lá completamente diferente. E quando perguntei o que havia acontecido lá dentro, você pareceu bastante vago. Mas depois mencionou algo sobre Damen não ter jogado limpo antes, sobre tudo estar prestes a mudar porque, como disse: *conhecimento é poder e, graças a Summerland, você o tinha em grande quantidade*. Ou algo assim. De qualquer modo, preciso saber o que quis dizer com aquilo.

Fico parada diante dele, em silêncio, esperando uma resposta. Vejo-o fechar os olhos e esfregar o espaço entre eles, apertar com força, antes de deixar os braços caírem e olhar para mim.

— Por onde quer que eu comece? — Ele balança os ombros e em seguida dá uma risada que está mais para brusca e hostil que para qualquer coisa que lembre alegria.

Penso em dizer *qualquer lugar, comece por onde quiser*, imaginando que seria bom deixá-lo tomar a iniciativa desta vez e revelar aquilo que acha que devo saber. Mas depois penso melhor. Embora Damen tenha editado todas as minhas vidas, o que significa que todas elas escondem algum segredo que ele prefere que eu não saiba, bem, há apenas uma vida — um segredo — que realmente preciso conhecer no momento.

Apenas um, específico, que me trouxe a este ponto, que me fez querer beijar Jude para ver até onde isso me levava.

— O Sul. — Olho para ele. — O Sul antes da guerra civil. O que sabe sobre nossa vida naquela época, quando você e eu éramos escravos?

Ele empalidece, fica realmente muito pálido. A luz se esvai de seus olhos tão rápido que mal

acredito que acabei de testemunhar isso. Murmura algo inaudível bem baixinho enquanto percorre tudo em volta com os olhos, parando no mascote da escola pintado na parede enquanto suas mãos e pés iniciam uma dança inquieta.

Ao vê-lo reagir desse jeito, bem, imagino se não revelei sem querer algo que ele ainda não soubesse.

Mas seu pensamento logo desaparece quando ele finalmente se vira para mim e diz:

— Então você sabe. — Ele respira fundo e balança a cabeça. — Devo confessar, Ever, que fico surpreso por ele ter lhe contado sobre isso. Preciso admitir: não importa o que pense sobre ele, foi muito corajoso. Ou apenas imprudente, quem sabe?

— Ele não me contou — digo sem conseguir me impedir. — Bem, não exatamente. Digamos que eu… dei de cara com algo que ele definitivamente não queria que eu visse.

Jude balança a cabeça, num gesto que traduz compreensão. Seu olhar muda enquanto ele se move lentamente em minha direção. Sua voz é grave e séria quando diz:

— Não posso culpá-lo. Aquela foi realmente uma das piores situações para nós. Talvez *a* pior. — Ele dá de ombros. — Pelo menos foi como que acabou sendo para mim…

dezesseis

Na segunda-feira, falto novamente à aula para ir ao funeral de Lina.

Mas é apenas uma desculpa. Eu teria faltado de qualquer maneira.

Apesar de Munoz alegar que um diploma me ajudaria a garantir um futuro melhor e mais brilhante, bem, eu tenho que discordar dele.

Talvez ajude pessoas normais a serem levadas mais a sério nas seleções para a faculdade e em entrevistas de emprego. Só que essas coisas nada significam para mim. Mesmo que há uma semana fossem importantes para mim também, agora finalmente vejo como estava perdida, como tenho evitado o óbvio: não adianta tentar seguir o rumo natural das coisas quando tenho uma vida (e um futuro) muito diferente disso.

É hora de parar de fingir que não é assim.

E, sim, para ser totalmente honesta, devo admitir que Damen teve seu papel nessa decisão — se é que não foi dele o maior papel. O fato é que não estou pronta para revê-lo. Ainda não. Talvez um dia, talvez mesmo até em breve, mas no momento esse dia parece bem distante.

Apesar de tudo, ele parece estar totalmente de acordo. Está me dando bastante tempo e espaço para que eu tire minhas próprias conclusões. A ocasional materialização de uma tulipa vermelha ou outra é sua única interferência, servindo como um lembrete gentil do amor que tivemos.

Ainda temos.

Eu acho.

Giro a tampa de minha garrafa de água e percorro a sala com os olhos, em busca de ao menos um rosto familiar no meio da multidão. De acordo com Jude, Lina tinha muitos amigos, e pelo que posso ver, é verdade. Ele só se esqueceu de mencionar a diversidade. Quer dizer, por mais que eu adore morar aqui, multiculturalidade não é o ponto forte de Laguna Beach. E, ainda assim, há todas as etnias imagináveis no funeral. E, pela mistura de sotaques no ar, fica claro que muitos vieram de longe para ter a oportunidade de se despedir dela.

Continuo ali parada, balançando sem jeito a garrafa de água ao meu lado enquanto avalio minhas opções: tentar encontrar Jude para dizer que estou indo embora ou ficar um pouco mais para manter as aparências, quando Ava acena para mim do outro lado da sala e eu calculo rapidamente há quanto tempo não nos falamos, enquanto ela caminha em minha direção. Fico imaginando se ela também faz parte do pequeno grupo de pessoas que se sente abandonado por mim.

— Ever. — Ela sorri, inclinando-se para um abraço breve e caloroso. Seus dedos cheios de anéis ainda apertam meus braços, seus enormes olhos castanhos me analisam cuidadosamente, enquanto ela se afasta e diz: — Você parece estar bem. — Ela ri com leveza e graça, acrescentando: — Mas você sempre parece bem, não é?

Olho para baixo, para o longo vestido roxo que desenhei e materializei especialmente para a ocasião, já que Jude proibiu estritamente o uso de roupas pretas, alegando que Lina odiaria olhar para uma multidão de pessoas usando a mesma cor deprimente. Ela não queria que as pessoas ficassem de luto por sua vida. Queria que a celebrassem. E, como roxo era sua cor favorita, ele pediu que usássemos variações dele.

— Então… ela está aqui? — pergunto, vendo Ava estreitar os olhos e colocar os cabelos ondulados e castanho-avermelhados atrás da orelha, mudando de expressão ao presumir o pior: que

estou me referindo a Haven. — *Lina* — digo, antes mesmo que ela possa prosseguir. Haven é o último assunto sobre o qual quero falar aqui. — Eu quis dizer *Lina*. Você a viu? — Passo os olhos sobre o pingente de citrino que ela sempre usa, a túnica roxa de algodão bordado, a calça jeans *skinny* branca e as lindas sandálias douradas em seus pés e depois olho novamente em seus olhos. — Você sabe que não posso ver aqueles que cruzaram a ponte, só os que permanecem aqui.

— Já tentou falar com eles, convencê-los a seguir em frente? — Ela ajeita a bolsa roxa no ombro.

Olho para ela como se estivesse louca. Nunca pensei nisso. Demorei tanto para aprender a ignorá-los, para me desligar completamente deles, que nem consigo imaginar me envolver de novo. Além do mais, já tenho problemas demais para resolver. A última coisa de que preciso é me relacionar com um bando de fantasmas desorientados.

Mas Ava apenas ri, passando os olhos pela sala enquanto diz:

— Acredite, Ever, *todos* conseguem encontrar o caminho para o próprio funeral. Ainda estou para ver o espírito que consiga resistir! É tentador demais: a chance de ver quem compareceu, quem disse o quê, que roupa estavam usando, quem estava realmente de luto e quem estava apenas fingindo.

— Você está *realmente* de luto? — pergunto, sem querer dizer que parecia que ela estava fingindo ou algo assim. Digo, estou aqui principalmente para apoiar Jude e homenagear alguém que foi bom o bastante para me ajudar em um momento de necessidade. Mas, mesmo sabendo que Lina era a chefe de Ava, não tenho ideia da profundidade do relacionamento entre elas, se eram amigas de verdade.

— Se está me perguntando se estou de luto pela perda de uma alma generosa, compassiva e elevada… — Ela me olha sem ao menos piscar. — …então a resposta é *sim, claro, por que não estaria?* Mas se está perguntando se meu luto é maior por ela do que por mim, então receio ter que dizer que *não*. A maior parte de minha tristeza é puramente egoísta.

— Foi exatamente o que Jude disse — murmuro com a voz melancólica enquanto olho pela sala à procura dele.

Ava confirma com a cabeça, jogando os cachos sobre os ombros.

— E quando você perdeu sua família, por quem sofreu mais?

Olho para ela, surpresa pela pergunta. E mesmo querendo dizer que fiquei totalmente de luto por meus pais e Buttercup e o sonho não realizado de Riley, de fazer treze anos e virar adolescente, não consigo. Simplesmente não é verdade. Mesmo sentindo a perda deles de um modo terrível, visceral e profundo, devo admitir que a maior parte de minha tristeza se deveu ao fato de eu ter sido deixada para trás enquanto todos seguiram em frente, para longe de mim.

Ava dá de ombros.

— De qualquer modo, para voltar à pergunta inicial, *sim*, eu a vi. Foi rápido, apenas por um segundo, mas foi lindo. — Ela sorri, seu rosto se ilumina, as bochechas ficam coradas e os olhos brilham com a lembrança.

Estou prestes a pedir um pouco mais de detalhes quando ela diz:

— Foi bem na hora em que Jude se levantou para falar. Lembra como ele gaguejou e começou a se emocionar? A voz falhou e ele teve que parar um momento para conseguir recomeçar.

Confirmo. Lembro-me muito bem. Lembro-me de como meu coração sofreu com ele naquele momento.

— Bem, foi quando ela apareceu bem ao lado dele. Pairando levemente, ela colocou a mão no ombro dele, fechou os olhos, e cercou-o com uma linda bolha de amor e luz. Menos de um segundo depois, ele se recompôs, conseguiu concluir o discurso sem problema, e ela desapareceu.

Suspiro, tentando imaginar como deve ter sido e desejando que pudesse ter visto com meus próprios olhos. Olho para Ava e digo:

— Você acha que ele realmente *sentiu*... a presença dela? Bem, é claro que sentiu, já que isso o ajudou a continuar, mas, tipo, você acha que ele estava *ciente*? Acha que ele soube que foi *ela* que o ajudou a continuar?

Ava dá de ombros, passando pelas portas de vidro e seguindo na direção do gramado onde ele está parado, conversando com um pequeno grupo de amigos de Lina. Os longos cabelos dele se espalham pelas costas e sobre as mangas da blusa roxa estampada com a imagem de alguma divindade hindu multicolorida que me é vagamente familiar.

— Por que não pergunta a ele? — ela diz. — Fiquei sabendo que vocês têm andado bastante próximos ultimamente.

Eu hesito. Olho imediatamente para ela. Fico imaginando se Ava quis dizer exatamente o que entendi, e quem poderia ter contado isso a ela.

— Bem, você tem faltado às aulas para ficar na loja, mesmo depois de eu ter deixado bem claro e repetido várias vezes que poderia substituí-la. Sem falar no fato de que Damen parece bastante desanimado ultimamente. Pelo menos foi o que senti nas poucas vezes em que o vi, embora as gêmeas tenham confirmado meu pressentimento. Elas o veem muito mais do que eu, sabe? Ele sempre passa e as pega para ir ao cinema, correr de *kart*, fazer compras no Fashion Island, visitar os parques aquáticos da Disneylândia… Eles visitaram praticamente todas as atrações de Orange County… Pelo menos duas vezes cada uma. E, por mais que elas gostem muito e por mais que seja gentil e generoso da parte dele, realmente não é preciso se aprofundar muito para perceber o que realmente está por trás dessa onda repentina de altruísmo. — Ela faz uma pausa, olhando diretamente para mim. — É óbvio que ele está em busca de uma distração. Tentando desesperadamente manter-se ocupado para não ficar obcecado por *você* e pelo fato de não poder mais contar com você como antes.

Eu deixo os ombros caírem, deixo toda a minha postura desmoronar. Penso em como a antiga "eu" estaria brava a essa altura e já teria soltado algum argumento ridículo para me defender ou pelo menos interromper Ava antes que tivesse a chance de dizer tudo isso.

Mas não sou mais aquela pessoa. Sem contar que não há como negar que tudo o que ela acabou de dizer é verdade.

Eu deixei Damen triste.

E sozinho.

Precisando de distrações.

Não há como negar.

Mas não é tão simples assim. Há muito mais que isso, e duvido que ela tenha a mais remota noção desse fato.

Além do mais, como ela disse, eu realmente me *aproximei* de Jude. Mas não no sentido romântico que ela supôs.

Ao mesmo tempo, sem dúvida existe um tipo de *atração* inegável que parece nos unir eternamente. Por mais irônico que pareça, desta vez é Jude quem está pisando no freio. Deixando claro que não tem interesse algum em ficar comigo só por um tempo.

Ele me quer para valer.

Ele me quer para sempre.

Quer ter certeza de que terminei mesmo com Damen e coloquei um ponto final em tudo o que

tínhamos.

Quer que eu tenha certeza, que vá até ele sem olhar para trás, para o que eu tinha antes.

Diz que não pode correr o risco de se magoar mais uma vez.

Que só porque aconteceu várias vezes nos últimos séculos, não significa que desta vez será mais fácil.

E, como ainda não posso lhe oferecer isso tudo — apesar do que me contou sobre nossa vida passada no Sul, confirmando minha terrível suspeita de que Damen me comprou, me tirou de minha família e lhe deu as costas para sempre, para que eu fosse dele —, ainda não estou pronta para encarar.

Mesmo depois que revelou o restante da história: que logo depois que Damen me levou, ele e todos de minha família morreram em um terrível incêndio, no qual nunca estariam se Damen tivesse se preocupado em salvá-los. O resultado de seus atos foi uma sequência de mortes trágicas para as quais racionalmente não há desculpas.

E quando levo em conta sua imensa riqueza e poder, um ato como esse, tão frio, tão calculista e tão insensível a ponto de resultar em tamanha tragédia, é completamente imperdoável.

Apesar disso, ainda não estou pronta para desistir dele.

Mas também não estou pronta para vê-lo.

E, mesmo sem querer compartilhar nada disso com Ava, balanço a cabeça e digo:

— Essa história vai muito além disso. — Olho em seus olhos intencionalmente.

Ela concorda e me estende a mão, apertando a minha levemente.

— Não tenho dúvida disso, Ever. Não tenho dúvida alguma. — Ela faz uma pausa, certificando-se de que tem minha total atenção, e continua: — Apenas tome cuidado para não se precipitar. Dê a si mesma um tempo para se aprofundar, para refletir. E quando tiver dúvidas, bem, conhece meu remédio favorito…

— Meditação — murmuro, rindo e revirando os olhos, grata pela onda de luz que ela sempre me oferece, mesmo nos momentos mais difíceis. Puxo-a para perto de mim quando ela começa a se afastar. Não estou pronta para deixá-la ir ainda. Meu olhar praticamente implora quando digo: — Ava, você sabe de alguma coisa? — Agarro seu braço com força, vendo-me de repente desesperada por sua orientação, por alguma luz. — Sabe algo a esse respeito? Sobre mim, Damen e Jude? Sobre quem devo escolher?

Ela olha para mim com uma expressão branda, carinhosa, mas apenas nega lentamente com a cabeça. Um cacho de cabelos castanho-avermelhados cai sobre sua testa e cobre seus olhos brevemente, antes que ela o afaste e diga:

— Receio que essa seja sua jornada, Ever. Sua, e apenas sua. Só você pode descobrir qual caminho tomar. Estou aqui apenas como sua amiga.

dezessete

— Obrigado por toda a ajuda. — Jude joga um pano de prato molhado no ombro e se recosta na geladeira pré-histórica, que não parece nada com as de Damen e Sabine. Não é de aço inoxidável, não é do tamanho de um armário, é apenas velha e verde, com uma tendência a fazer barulhos estranhos, como se gargarejasse. Seus polegares estão enfiados nos passadores da calça, os pés casualmente cruzados, e ele observa enquanto coloco os últimos copos e xícaras no lava-louça, fecho a porta e aperto o botão *ligar*.

Levo as mãos até o cabelo e tiro o elástico que o prende, deixando que os fios caiam pelas costas, até quase a cintura, enquanto tento ignorar o olhar intenso de Jude. O jeito como seus olhos se estreitam e me devoram, seguindo, sedentos, o caminho que minhas mãos fazem enquanto eu as passo suavemente pela frente de meu vestido e levanto uma alça que estava caída. Seu olhar fica fixo por tanto tempo que sei que preciso interrompê-lo, encontrar um modo de distraí-lo.

— Foi um funeral muito bonito. — Encaro-o brevemente e desvio o olhar. Ocupo-me de limpar o balcão azulejado, a pia de louça branca. — Acho que ela teria gostado.

Ele sorri, faz um montinho com a toalha e a larga no balcão, então vai para a saleta e se afunda no velho sofá marrom, presumindo que eu vá atrás, o que, depois de um instante, eu faço.

— Na verdade, ela *gostou*. — Ele chuta os chinelos para longe e coloca os pés nas almofadas.

— Então, você a viu? — Sento-me na cadeira do outro lado e depois apoio os pés descalços na porta velha de madeira que ele usa como mesa de centro.

Ele se vira e me olha de cima a baixo bem devagar, com uma sobrancelha erguida em sinal de surpresa.

— É, eu a vi. Por quê? Você *também*?

Balanço a cabeça, rapidamente negando. Brinco com os cristais que uso no pescoço, preferindo pegar as pedras mais ásperas às mais polidas.

— Ava a viu. — Dou de ombros, soltando o amuleto e deixando que as pedras aqueçam minha pele. — Ainda não sou capaz de ver aqueles que são como Lina.

— Ainda está tentando? — Ele estreita os olhos, senta-se ereto por um momento e agarra um pequeno travesseiro perto de seus pés, que coloca sob a cabeça. Depois se recosta novamente.

— Não. — Suspiro, com a voz melancólica e o olhar distante. — Não mais. Desisti disso faz algum tempo.

Ele concorda com a cabeça, ainda olhando para mim, só que de um jeito mais pensativo, menos intenso.

— Bem, se faz com que se sinta melhor, eu também não a vi. Riley, quero dizer. É sobre ela que estamos falando, certo?

Eu me recosto e fecho os olhos. Lembro-me de minha irmãzinha adoravelmente mal-humorada e pestinha, que gostava de usar perucas e fantasias malucas… E espero que, onde quer que esteja, se divirta muito mesmo.

Sou arrancada de meus pensamentos e volto a prestar atenção em Jude quando ele diz:

— Ever, eu estava pensando… — Ele olha para cima, para o teto com vigas de madeira. — Agora que as coisas estão começando a se ajeitar por aqui, bem, talvez seja uma boa hora para você começar a pensar em voltar para a escola.

Eu enrijeço e prendo um pouco a respiração.

— Lina deixou tudo para mim… a casa, a loja… tudo. E, como a papelada parece estar em ordem, acho que posso deixar que o advogado cuide de tudo a partir de agora, o que me deixa livre para voltar para a loja. Sem contar que Ava já se ofereceu para me substituir quando eu precisar.

Engulo em seco, mas não digo uma palavra sequer. Sua expressão revela que ele já cuidou de tudo, está tudo arranjado e planejado.

— Por mais que aprecie sua ajuda, e eu aprecio… — Ele olha rapidamente para mim e depois volta os olhos para o teto novamente. — Acho que provavelmente seja melhor que você…

Mas eu nem o deixo terminar e digo:

— Mas, é sério, não é… — *Problema algum*. Começo a dizer que *realmente não é problema*. Tento explicar a conclusão a que cheguei recentemente sobre a escola, o caminho de vida normal que se espera que todos sigam, minha vida e como essas coisas não se misturam mais, não fazem mais o menor sentido.

No entanto, não avanço muito antes que ele balance as mãos e fale:

— Ever, se apenas por um momento acha que isso é fácil para mim, bem, pense novamente. — Ele suspira e fecha os olhos. — Acredite, há uma parte grande, barulhenta e incontrolável de mim que me diz para ficar quieto… desistir e parar de falar enquanto a tenho bem aqui em minha casa, bem a meu alcance, e mais que disposta a passar seu tempo livre comigo. — Ele para, apertando as mãos, mexendo os dedos sem parar, um sinal da batalha interna que trava. — Mas também há outra parte, bem mais racional, que me diz para fazer exatamente o oposto. E, embora eu provavelmente seja louco por dizer isso, sinto que preciso fazê-lo, então, eu… — Ele faz uma pausa, engolindo em seco antes de retomar: — Acho que é melhor que você…

Prendo a respiração, certa de não querer ouvi-lo e, ainda assim, resignada com o fato de não ter escolha.

— Acho que você meio que devia… só… afastar-se por um tempo, é isso.

Ele abre os olhos e olha diretamente para mim, deixando que a frase paire entre nós como uma barreira que não pode ser ultrapassada.

— Porque, por mais que eu adore ter você por perto, e acho que agora já sabe que eu adoro, se temos alguma esperança de seguir em frente, se *você* tem alguma esperança de que vai tomar uma decisão sobre seu futuro em breve… ou sobre *nosso* futuro… qualquer que seja o caso, bem, então você realmente precisa voltar lá para fora. Tem que parar… — Ele respira fundo e se mexe com desconforto, obviamente forçando as palavras a sair. — Precisa parar de se esconder na loja e encarar sua vida.

Permaneço ali sentada, sem palavras, atordoada e um pouco confusa sobre como devo entender aquilo… ainda mais sobre como reagir.

Esconder?

É isso o que ele achou que eu estive fazendo a semana toda?

E, pior ainda, há alguma chance de isso ser verdade? De que ele esteja ciente de algo do qual estou totalmente por fora e trabalhei muitíssimo duro para ignorar?

Balanço a cabeça, tiro os pés da mesa e os apoio no chão. Enfio-os de volta em minhas sandálias de plataforma e digo:

— Acho que não tinha percebido… Eu…

Mas, antes que eu possa continuar, Jude endireita-se no sofá bruscamente, balança a cabeça e diz:

— Por favor, não quis dizer nada com isso, só quero que pense a respeito, tudo bem? Porque, Ever… — Ele afasta os *dreadlocks* do rosto para me ver melhor. — Eu só não sei por quanto tempo mais vou conseguir ficar sentado esperando desse jeito.

Ele coloca as mãos no colo, mantendo-as abertas, relaxadas, como se oferecesse algo. Sustento meu olhar por tanto tempo que meu coração começa a bater mais rápido, o estômago a revirar, e sinto a cabeça tão leve que é como se todo o ar tivesse sido sugado para fora da sala.

A energia entre nós se forma e cresce até que se torna tão palpável, tão tangível, que é como se conseguisse de fato *vê-la* emanando de seu corpo em direção ao meu. Uma onda de desejo espessa e pulsante que se expande e se contrai, incitando-nos a ficar mais perto um do outro, a nos fundir em um só ser.

E não estou certa de quem é responsável por isso — se ele ou eu, ou talvez algum tipo de força cósmica. Tudo o que sei é que a atração é tão incontrolável, tão ampla e arrebatadora, que pulo de minha cadeira, penduro a bolsa no ombro e digo:

— Preciso ir.

Já estou na porta, com os dedos girando a maçaneta, quando ele me chama:

— Ever… está tudo bem entre nós, *certo*?

Mas eu apenas continuo de saída, perguntando-me se ele viu o que vi, sentiu o que senti, ou se foi apenas algo estúpido que imaginei.

Saio e respiro com calma, profundamente, enchendo os pulmões de ar quente e salgado enquanto olho para o céu noturno cheio de estrelas, com uma em particular que é especialmente brilhante.

Uma única estrela que consegue ofuscar todas as outras, como se estivesse implorando para que eu fizesse um pedido a ela.

Então eu faço.

Olhando para minha própria estrela da noite, pedindo orientação, uma direção, algum tipo de ajuda e, se não for possível, para que pelo menos dê algum tipo de empurrão que me conduza no rumo certo.

dezoito

Dirijo por Laguna pelo que parece uma eternidade, sem saber bem o que fazer comigo mesma nem para onde ir. Parte de mim — uma *grande* parte de mim — quer ir direto para a casa de Damen, correr para seus braços, dizer que está tudo perdoado e tentar recomeçar de onde paramos. Mas desisto rapidamente.

Sinto-me sozinha e confusa e realmente preciso de um lugar cálido em que ficar. E, por mais conflitantes que meus pensamentos sobre ele possam estar, recuso-me a usá-lo como muleta.

Ambos merecemos mais que isso.

Então, continuo a dirigir, indo e voltando pela Coast Highway algumas vezes e depois aventurando-me em ruas menores, mais estreitas, sinuosas e curvas. Vago sem ter um destino em mente, até que me vejo diante da casa de Roman — ou de *Haven*, uma vez que, segundo Miles, ela se alojou lá.

Abandono o carro junto ao meio-fio, longe o bastante para que ela não o veja, caminho lentamente pela rua, ouvindo a música bem antes de chegar à entrada que leva até a porta. Os alto-falantes vociferam uma canção de uma daquelas bandas de garagem que ela tanto aprecia — do tipo que Roman odiava e que eu nunca ouvira falar.

Sigo para a grande janela da frente, uma janela de sacada no térreo, cercada de plantas pelo lado de fora, com um banco desocupado do lado de dentro. Encolho-me atrás dos arbustos, sem intenção alguma de entrar ou de ser vista. Estou mais interessada em observar, descobrir o que ela pretende fazer e como passa seu tempo livre. Quanto mais souber a respeito de seus hábitos, melhor poderei planejar meus atos. E, mesmo que não *planeje*, pelo menos saberei como reagir quando chegar a hora.

Ela está sentada diante de uma lareira acesa, o cabelo longo e ondulado, a maquiagem tão dramática quanto da última vez em que a vi. O vestido longo e solto que usou no primeiro dia de aula foi substituído por um míni azul-índigo bem justo, e os pés, em vez de terem os saltos que ela normalmente usa, estão descalços. Mas o emaranhado de colares ainda está lá, menos o amuleto, é claro, e quanto mais observo o jeito como ela fala, como se movimenta pela sala, mais me preocupo.

Há algo tão maníaco, tão agitado, tão intimamente tenso nela, que é como se mal conseguisse conter a própria energia, mal pudesse lidar consigo mesma.

Ela desloca o peso de uma perna para a outra em uma agitação incessante, toma vários goles de sua taça, sem deixá-la ficar vazia por um segundo sequer, reabastecendo-se no suprimento de elixir de Roman para enchê-la novamente.

O mesmo elixir que ela diz ser muito mais poderoso que o preparado por Damen. E, considerando sua aparência e minha experiência no banheiro da escola, não tenho dúvida de que seja verdade.

Mesmo que suas palavras estejam completamente abafadas pela música e pela percussão barulhenta que faz as paredes vibrarem, não preciso ouvir para saber o que está realmente acontecendo aqui.

Ela está pior que eu pensava.

Está perdendo o controle de si mesma.

Ao mesmo tempo que consegue influenciar seu extasiado grupo de ouvintes, mantendo-os hipnotizados, em transe, e felizes em focar apenas nela, parece sobremodo inquieta, frenética demais

e agitada em excesso para continuar assim por muito tempo.

Ela pega a taça novamente, joga a cabeça para trás e toma um longo e profundo gole. Passa a língua nos lábios, desesperada por sorver cada gota. Seus olhos praticamente brilham enquanto ela repete a sequência mais uma vez, bebendo e enchendo a taça, enchendo a taça e bebendo, sem me deixar qualquer dúvida de que está viciada.

Por já ter passado por aquele estado sombrio, conheço todos os sinais. Sei exatamente como é.

Mas não estou nem um pouco surpresa. Isso é mais ou menos o que eu esperava desde o momento em que ela se virou contra mim e resolveu seguir o próprio caminho. O que me surpreende é que seu novo grupo de amigos seja formado praticamente de todos os alunos da Bay View rejeitados por Stacia, Craig ou qualquer outro membro da turma dos populares — enquanto os próprios populares, o grupo a que ela estava tentando agradar no primeiro dia de aula, estão claramente ausentes.

Estou começando a perceber, começando a entender o que ela pretende, quando ouço:

— *Ever?*

Desvio os olhos e vejo Honor parada a caminho da porta.

— O que está fazendo aqui? — Ela estreita os olhos, observando-me atentamente.

Alterno o olhar entre ela e a casa, sabendo que meu esconderijo perto dos ar bus tos e minha surpresa por ter sido pega revelam tudo o que eu não gostaria.

O silêncio que paira entre nós é tão longo que estou prestes a quebrá-lo quando ela diz:

— Não a tenho visto na escola ultimamente. Estava começando a achar que largou os estudos.

— Faz uma semana. — Dou de ombros, sabendo que é um péssimo argumento de defesa. Ainda assim, eu poderia estar doente, poderia estar de cama com mononucleose ou uma gripe forte, então por que todo mundo simplesmente presume que eu larguei a escola?

Eles me acham tão esquisita/otária assim?

Ela inclina o quadril para o lado e tamborila os dedos sobre ele, fazendo uma pausa para me examinar e dizer:

— É sério? Uma semana… Só isso? — Ela balança a cabeça para a frente e para trás, como se pesasse lentamente minhas palavras. — Hum, parece que faz bem mais tempo. Deve ter sido a revolução social mais rápida da história.

Estreito os olhos, sem gostar do modo como aquilo soa, mas estou determinada a não dizer nada… pelo menos não agora. Espero que meu silêncio a deixe estimulada e empolgada, muito ansiosa para me impressionar com o que quer que tenha feito, a ponto de revelar bem mais que pretendia.

— Você não sabe? — Ela joga o cabelo sobre o ombro e começa a andar em minha direção. — Achei que fosse por isso que estava aqui, espionando Haven e tal… Mas não importa. Tudo de que precisa saber é que funcionou. Stacia *já era* e Haven tomou o lugar dela. — Seus olhos brilham, e ela comprime um pouquinho os lábios, certamente muito satisfeita consigo mesma. — As coisas estão *muito, muito* diferentes em Bay View ultimamente. Mas não precisa acreditar em mim. Por que não passa lá e vê com os próprios olhos?

Respiro fundo, resistindo ao ímpeto de reagir, de dar importância a seu tom zombeteiro, seu sentimento de superioridade. É exatamente isso o que ela quer, e não pretendo colaborar.

Além disso, rebaixo-a um pouco ao dizer:

— Desculpe, mas você acabou de dizer que *Haven* tomou o lugar de Stacia?

Honor confirma com a cabeça, ainda rindo, ainda se sentindo cheia de si e triunfante.

— *Entãão*... — Estreito os olhos, arrastando a palavra enquanto a observo lentamente. Noto a

sapatilha de marca, a *legging* preta e a blusa justa de manga longa e que cobre seus quadris. Volto a olhar em seus olhos, e digo: — Isso faz com que se sinta como?

Ela olha pela janela, vendo que Haven continua a entreter seu séquito, e depois se volta para mim. Sua confiança começa a titubear, desaparecer, assim como sua aura, imaginando aonde quero chegar.

— Bem, não foi exatamente esse o golpe que você planejou, não é?

Ela suspira alto, profundamente, olhando para a rua, para a entrada, para todos os lugares, menos para mim.

— Porque, se me lembro bem, seu problema era que estava cansada de ser a número 2. E agora, bem, pelo que me contou, você meio que *perdeu* a revolução, já que *ainda* é a número 2. Pense um pouco, Honor, pelo que acabou de me dizer, a única mudança é que você agora está à sombra de *Haven*, e não de *Stacia*. Pelo menos, foi o que pareceu.

Ela cruza os braços na frente do corpo, tão rápida e violentamente que a bolsa em seu ombro escorrega até o cotovelo e bate com força na coxa. Mas ela não dá atenção, apenas olha em meus olhos com firmeza e diz:

— Eu estava cansada de aturar as besteiras de Stacia. E agora, graças a uma ajudinha de Haven, não preciso mais. *Ninguém* mais precisa aturá-la. Stacia não passa de uma maria-ninguém derrotada. Ninguém mais presta atenção nela, não importa mais, e você não deveria sentir pena alguma. — Ela ergue as sobrancelhas e faz careta.

Mas ela pode fazer a cara que quiser e refutar à vontade. O fato é que meu trabalho está feito. Falei com ela, lembrei-a de seu grande objetivo — tomar a lugar de Stacia — e apontei como, apesar de tudo o que disse, foi um fracasso total.

Ao perceber que já é hora de voltar para casa, acrescento:

— O fato é que… — Ergo e abaixo meus ombros casualmente, como se tivesse todo o tempo do mundo para explicar a ela. — A verdade sobre Haven, ou pelo menos essa versão *nova e melhorada* de Haven, é que ela não é tão diferente de sua antiga amiga Stacia. Não há diferença alguma. A não ser por um detalhe *essencial*...

Honor verifica as unhas, fazendo o melhor que pode para parecer entediada, desinteressada, mas não adianta. Sua aura está bem inflamada e brilhante, sua energia flui em minha direção como se implorasse para as palavras saírem mais rápido. Como um medidor de humor que ela nem sabe que tem, e mesmo que soubesse não poderia esconder.

— Haven é muito mais perigosa que Stacia jamais poderá ser. — Eu a encaro, vendo-a suspirar e revirar os olhos.

Ela se dirige a mim com uma grande dose de pena e diz:

— *Ah, por favor*. Isso pode ser verdade para você, mas dificilmente será para mim.

— É? E como pode ter tanta certeza assim? — Inclino a cabeça, como se realmente precisasse ouvir de sua boca, como se não pudesse olhar direto em sua mente.

— Porque somos *amigas*. — Ela dá de ombros. — Temos um interesse em comum. Uma… *inimiga* em comum.

— É, bem, você certamente lembra que há pouco tempo Haven e eu éramos amigas também. — Olho novamente pela janela, vendo que Haven continua a beber e falar, falar e beber, sem sinais de que diminuirá o ritmo, sem sinais de que irá parar. — E agora ela está determinada a me matar. — Eu me viro de frente para Honor, com a voz tão baixa que é quase como se estivesse falando comigo mesma.

Mas ela escutou. O modo como funga, parece inquieta e tenta agir como se eu não tivesse dito o que disse, tudo me garante isso.

Ela fica tensa e sua determinação aumenta enquanto segue para a porta e diz:

— Ouça, Ever, apesar do que possa pensar, minha única inimiga em comum com Haven é Stacia. Realmente não quero ter problemas com você. O que está acontecendo entre vocês, seja o que for, continua entre vocês. O que significa que não vou contar que a encontrei aqui fora espiando, *certo*? Este será nosso segredo.

Tiro uma folha presa em meu vestido, sem acreditar em nem uma palavra sequer do que ela disse. Sei muito bem que será incapaz de resistir, que contará tudo assim que entrar por aquela porta.

Mas talvez isso não seja tão ruim assim. Talvez seja hora de Haven receber a mensagem tardia de que sua diversão chegou ao fim, que a partir de amanhã voltarei com força total. Ela não pode continuar a aterrorizar as pessoas. Mesmo em se tratando de Stacia. Pelo menos não enquanto eu estiver por aqui.

— Sabe o que dizem sobre segredos, não sabe? — Olho fixamente em seus olhos.

Ela sacode os ombros, tenta agir de modo casual, desinteressado, mas não adianta. Seu rosto está marcado pelo medo e pela confusão.

— Que duas pessoas só conseguem manter um segredo se uma delas estiver morta.

Ela balança a cabeça, tenta afugentar minhas palavras, mas está perturbada. Isso fica claro.

Chega à porta e olha por cima do ombro quando eu digo:

— Então, se decidir contar a ela que estive aqui, aproveite para dizer que estou ansiosa para colocar a conversa em dia amanhã, na escola.

dezenove

Se eu fosse fazer uma suposição com base unicamente na aparência do estacionamento e na sensação que ele traz, bem, provavelmente consideraria que tudo está tão bem e normal quanto sempre foi.

Também julgaria que a sessão de treinamento/exercício desta manhã — a que deixou todos os meus músculos tremendo — foi uma total perda de tempo e que eu deveria simplesmente ter ficado dormindo.

Mas, depois de tudo o que Miles me contou, preciso me aventurar além do estacionamento lotado, que parece mais uma concessionária de veículos de luxo do que uma área reservada a carros de alunos.

Preciso passar pelos portões de ferro e entrar no coração da escola, onde, segundo ele, a história de verdade acontece.

E, ainda assim, ele diz que provavelmente a mudança é chocante apenas para os que estão dentro dela, já que os professores e administradores continuam alheios à nova ordem social.

— E, Ever — ele diz, virando-se para mim enquanto sigo para a vaga em que pretendo estacionar, a mais bem-localizada, a que Damen costumava guardar para mim e que agora, por alguma estranha razão, foi tomada por Haven. — Isso não é tudo. Tem mais uma coisinha, algo de que precisa saber.

— Desembuche. — Sorrio, o pulso acelerado enquanto me concentro no lustroso Aston Martin vermelho de Roman, que agora é usado por Haven.

— Nem tudo é o que parece à primeira vista. — Ele me analisa atenta e cuidadosamente, certificando-se de que estou ouvindo, e depois continua: — Então… tente manter isso em mente, certo? Não julgue apressadamente. Não tire nenhuma conclusão precipitada caso você… ou talvez seja melhor dizer *quando* você… cruzar com algo assim. Certo?

Estreito os olhos, afasto o cabelo do rosto e digo:

— Fale logo, Miles. Sério, o que quer que seja que o esteja fazendo dar tantas voltas, apenas conte de uma vez. Porque, sinceramente, você não tem ideia de em que está se metendo. — Estreito o olhar e leio sua energia, sua aura trêmula e agitada, um sinal claro de que algo está acontecendo, mas paro por ali, sem nem considerar invadir seus pensamentos mais íntimos, mantendo a promessa de respeitar sua privacidade.

Mas ele não sabe disso. Tudo o que vê é meu olhar profundo e penetrante, e isso o deixa rapidamente em pânico.

— Ei, pare com isso! — ele grita. — Prometeu que não faria mais isso sem minha permissão, *lembra*?

— Relaxe. — Desfaço suas suspeitas acenando com a mão. — Eu não estava lendo sua mente. Não estava nem perto. Poxa, *que saco!* O que preciso fazer para que confie um pouco em mim?

Praticamente resmunguei a última parte para mim mesma, mas por alguma razão ele se sente estimulado a dizer:

— Confiança é uma via de mão dupla, Ever. Lembre-se disso, certo? Era isso o que eu estava tentando dizer.

Dou de ombros, intencionalmente ignorando o alerta evasivo e enigmático de Miles, rumo à minha verdadeira missão. Fecho os olhos por tempo suficiente para fazer o necessário para provar a uma *certa pessoa* quem é que manda aqui. *Vejo* o Aston Martin vermelho ser empurrado para um canto

distante, piso no acelerador e rapidamente me aposso do espaço agora vazio.

Miles fica ofegante, vira para mim e diz:

— Uau, tinha me esquecido de como gosto de pegar carona com você. — Ele balança a cabeça e ri. — Na verdade, estava sentindo falta. Bem, não me entenda mal, estou louco para que meu carro saia da oficina e eu tenha minha liberdade de volta e tudo mais, mas, mesmo assim… Não há nada igual ao modo como você faz os semáforos ficarem verdes quando quer passar e vermelhos quando não quer, o jeito como convence todos os outros motoristas a passarem para a outra faixa e saírem de sua frente, e como você simplesmente *pega* qualquer vaga em que ponha os olhos, esteja ela ocupada ou não. Como agora, por exemplo. — Ele balança a cabeça e suspira. — Tenho que admitir, Ever, esse tipo de coisa nunca acontece quando saio sozinho.

Mesmo em tom de brincadeira, há algo nas palavras dele que realmente me abala. Tudo o que ele acabou de mencionar, todas essas manobras ardilosas, foram ensinadas pelo próprio mestre da condução furtiva: *Damen*. E não consigo deixar de pensar qual o papel dele em tudo isso.

— Miles… — Faço uma pausa, a voz muito mais baixa do que eu pretendia. Tiro as mãos do volante, aperto-as sobre o colo e digo: — Exatamente onde Damen *tem estado* nestes dias? — Eu me viro, notando a preocupação que rapidamente obscurece seu olhar. — Por que ele está deixando Haven fazer isso, estacionar aqui e o que mais ela estiver tramando? Porque ele não está reagindo de alguma forma?

Miles desvia o olhar, tirando um momento para se recompor, recuperar as palavras, e depois me encara novamente. Ele coloca a mão em meu braço, apertando-o levemente, e diz:

— Acredite, ele *está* reagindo. Ao seu modo de cidadão preocupado, pensando no carma bom… Era disso que eu estava falando quando falei que não deveria tirar conclusões precipitadas. Nem tudo é tão preto no branco quanto parece à primeira vista.

Analiso-o atentamente, esperando por mais, mas ele cerra os lábios e simula fechar um zíper sobre eles. Não acredito que vai encerrar o assunto desse jeito, que vai *me* deixar sem saber o que aconteceu.

— É isso? — Olho para ele e balanço a cabeça. — Vai me deixar desse jeito? Vai ser vago e evasivo, e deixar que eu me vire e descubra sozinha, sem nenhum aviso?

— Esse *foi* seu aviso — ele diz, claramente decidido a deixar as coisas como estão.

Suspiro e fecho os olhos, mas não me chateio, não leio sua mente, não pressiono mais. No fundo, ele quer meu bem. Estou convencida de que ele está tentando me poupar. Então decido não insistir. Sei de algo que ele não sabe: que, seja qual for a surpresa, posso enfrentá-la.

Nada mais pode me atingir.

Ele vira o para-sol e se olha no espelho, ajeita com os dedos os cabelos longos e brilhantes — o novo visual descolado com o qual ainda estou me acostumando — e verifica os dentes, as narina, o perfil (ambos os lados), antes de considerar-se pronto para encarar o público.

— Estamos prontos? — Pego a bolsa e abro a porta. Sua expressão me incita a perguntar: — Só para ficar claro, do lado de *quem* você está?

Ele joga a mochila nos ombros e me lança um olhar. O brilho em seus olhos combina perfeitamente com o sorriso quando ele diz:

— *Do meu*. Estou do meu lado.

Bem, ele certamente não estava brincando. Nem exagerando. Por um lado, tudo está completamente diferente — é visível que houve uma mudança radical. Mas, por outro, para os menos observadores

(também conhecidos como professores e administradores), tudo parece exatamente igual.

As "mesas dos veteranos" ainda são povoadas por veteranos, só que agora estão sentados ali aqueles que eram proibidos até mesmo de passar por elas.

E, no lugar de uma fashionista loura e arrogante sendo bajulada, há uma fascista morena e arrogante.

Uma fascista morena e arrogante de cujo olhar sou alvo assim que Miles e eu passamos pelo portão.

Ela desvia os olhos de seu grupo de adoradores por tempo suficiente para estreitá-los e trincar os dentes enquanto nos observa. O olhar dura apenas um segundo e ela logo volta para eles, mas já é o bastante para dar a Miles o que pensar.

— Ótimo — ele murmura, balançando a cabeça. — Parece que eu acabei de, *extraoficialmente*, escolher um lado. — Ele estremece. — Ou, pelo menos, é isso o que *ela* está achando.

— Não se preocupe — sussurro, perscrutando a área, à procura de Damen, mesmo tentando fingir que estou apenas me refamiliarizando com a escola. — Prometo que não…

Eu o vejo.

Damen.

— …prometo que não a deixarei…

Engulo em seco e o devoro com os olhos.

Reclinado em um banco, com as longas pernas esticadas para a frente, apoiando a cabeça nas mãos enquanto vira o lindo rosto para o sol…

— …prometo que não a deixarei machucar…

Luto para terminar a frase, mas não adianta. Sei no instante em que vejo que era sobre *isso* que Miles estava tentando discretamente me alertar.

Ele não queria dizer diretamente, mas estava certo ao presumir que eu iria surtar, mais ou menos como está acontecendo. Não queria que eu simplesmente esbarrasse nisso e fosse surpreendida da pior maneira possível.

Miles fez o que pôde — isso eu devo admitir. Ele fez o melhor para me poupar desse tipo de dor. Mas, ainda assim, mesmo tentando me preparar, não há como ignorar uma visão como essa.

Quando eu disse que nada poderia me atingir, estava enganada.

Redondamente enganada.

Mas também nunca imaginei que o encontraria assim.

Ele fala baixinho com ela, sua expressão parece tranquila e gentil, distraindo-a dos comentários cruéis e dos olhares que vêm de praticamente todos que passam. Mas, enquanto Damen estiver lá, nada de pior pode acontecer. Ninguém ousará se aproximar. Sua presença por si só os mantém longe. E a mantém segura.

Enquanto ele estiver ali, ela será poupada da fúria de todos.

E entender o motivo de Damen estar fazendo isso também não torna mais fácil de ver. A cada segundo ali parada, parte de mim seca.

Parte de mim morre.

Miles me segura pelo cotovelo, determinado a me tirar dali, mas não adianta. Sou mais forte que ele e me recuso a ser controlada.

Sei que é apenas uma questão de instantes até que ele sinta minha presença, minha energia. E, mesmo com o estômago revirando, o coração partido e as mãos trêmulas, mesmo com muito medo do

que posso perceber em seu olhar quando ele me localizar — ainda preciso que isso aconteça.

Preciso saber o que isso significa.

Preciso saber se ela agora ocupa o espaço que eu tinha na vida dele.

Quando ele me vê, quando seus olhos se arregalam e os lábios se abrem de um modo que o transforma completamente, minha respiração fica presa na garganta.

O momento parece eterno, como se estivesse de alguma forma suspenso no tempo. E não demora muito até que ela também me veja, seguindo o olhar dele até mim, e rapidamente vire para o outro lado. Seu excesso de confiança agora se reduz permanentemente.

— Ever… *por favor* — Miles implora em meu ouvido. — Lembre-se do que lhe disse. *Nada* é o que parece. Tudo está virado de cabeça para baixo. A ex-turma dos rejeitados se transformou na dos populares e a antiga turma dos populares, bem, praticamente se desfez. A maioria está se escondendo, alguns até mesmo saíram. Nada é como antes.

Mesmo escutando o que ele diz, as palavras entram por um ouvido e saem pelo outro.

Não me importo com nada disso. Só me importo com Damen e com o modo como seu olhar me espreita.

Embora fique esperando por uma tulipa — real ou imaginária — ou algum tipo de sinal, nada acontece.

Não há nada além de um silêncio infinito entre nós.

Então me apoio em Miles e deixo que ele me leve.

Para longe deles.

Direto para minha dor.

vinte

Ele grita meu nome, sua voz vindo atrás de mim. Logo atrás. Viro-me instintivamente, automaticamente, caminhando em sua direção sem pensar.

— Você voltou. — Ele olha para mim; as palavras, uma declaração, e o olhar, um questionamento.

Confirmo com a cabeça. E depois dou de ombros. Luto para fazer cessar todo tipo de movimento inquieto enquanto decido o que fazer a partir de agora.

Mas ele está claramente mais preparado para a tarefa do que eu, porque mal espera um segundo e já diz:

— É bom ver você.

— É mesmo? — Estreito os olhos, imediatamente me arrependendo do tom das palavras. Vejo o modo como ele se encolhe, como seus olhos ficam sombrios, mas, agora que já disse, não tem jeito.

— Senti sua falta. — Ele faz um gesto em minha direção, levantando a mão, mas logo desiste. — Senti falta de ter *sua visão*, de sentir *seu cheiro*. Senti falta de *cada detalhe* relacionado com você. — Ele passa os olhos sobre mim lentamente, cercando-me, como um abraço caloroso. — Mesmo que decida nunca mais falar comigo, nada mudará. Nada pode mudar o que sinto por você.

Tudo dentro de mim amolece, vira uma massa agitada de indecisão. Estou dividida entre recuar — afastando-me dele o máximo possível — e correr direto para a proteção de seus braços quentes e maravilhosos. Fico imaginando como sou capaz de me sentir tão poderosa para lidar com Haven e suas bobagens, para fazer o que for preciso a fim de entender seu modo de pensar — mas *isso*, essa história com Damen, vê-lo com *ela* e então tê-lo em minha frente como está agora. Isso imediatamente traz à tona todos os vestígios de minhas antigas dúvidas e incertezas.

Por que sempre é tão mais fácil treinar o corpo que o coração?

E, de todas as garotas da escola, por que *ela*? Por que Stacia? Certamente há outra pessoa para quem ele possa bancar o cavaleiro de armadura reluzente…

Mas, logo depois de pensar nisso, o motivo se torna claro. E eu a vejo saindo escondida da aula, seguindo pelo corredor cabisbaixa, ombros curvados, olhar fixo em um ponto distante bem diante de si, sem ousar arriscar nenhum tipo de contato visual com seus atormentadores, enquanto se esquiva de seu ataque furioso de ódio — palavras duras, olhares cruéis e uma ou outra garrafa de água jogada em sua cabeça.

E, mesmo que minha mente odeie o fato de ele ser o único que pode protegê-la, meu coração sabe que não preciso me preocupar com nada, pois nada tenho a temer.

— Afinal, ela precisa mais de proteção que qualquer outra coisa — diz Damen, apontando com a cabeça para a cena que acabei de testemunhar. — Muito mudou desde a última vez em que você esteve aqui. Toda a escola se voltou contra ela. E, mesmo que você ache que ela mereça, acredite, ninguém merece isso, ninguém merece o que Haven a está fazendo passar.

Confirmo com a cabeça, pois sei que é verdade e quero que ele entenda que compreendi isso, mas me vejo incapaz de articular as palavras. Dói muito falar.

— Mas, Ever. — Ele faz uma pausa, com o olhar fixo no meu. — Estou apenas cuidando dela aqui na escola, nada mais. Não é nada do que está pensando ou algo que deva temer. Sempre existiu só você para mim. Achei que soubesse disso.

— Eu sei — digo finalmente, encontrando minha voz de novo. — Mas ela sabe? — Encolho-me ao fazer aquela declaração, odiando o modo como soa, o som fraco, desagradável e totalmente constrangedor. Vejo o modo como ela olha para ele. O mesmo modo como sempre olhou. O mesmo modo como a *maioria* das meninas olha. A única diferença é que com Stacia há um histórico.

— Ela sabe. — Sua expressão é séria, os olhos não desviam dos meus e as mãos estão abertas e soltas ao lado do corpo. — Acredite, eu deixei claro. Ela sabe.

Engulo em seco e analiso aquelas mãos, lembrando-me de todas as coisas maravilhosas que são capazes de fazer, ansiando por voltar a senti-las. Pela forma como tremem levemente, sei que ele está usando toda a força para permanecer parado, bem onde está. Sei que tudo o que preciso fazer para transpor o terrível abismo entre nós é dar um passo em sua direção — um passo para longe do passado, de Stacia e de todo o resto.

Se fosse tão fácil assim…

Embora saiba que nossas vidas passadas não nos definem, ainda não consigo ficar em paz com alguns dos fatos mais inegáveis. Como sua opção por me afastar das pessoas que eu amava para poder ficar comigo só para ele — duas vezes, até onde eu sei. E não consigo parar de pensar em quantas outras vezes ele pode ter recorrido a isso e em quantas pessoas podem ter sofrido com seus atos.

Toca o sinal, o som vibra alto, mas nenhum de nós se move.

Apenas ficamos ali parados, juntos, deixando uma onda de alunos se mover à nossa volta, formando um borrão de cor e som. Nossos olhares estão travados um no outro; os corpos, imóveis. Sua mente envia um mar de tulipas para a minha até que fico cercada por um halo radiante delas que apenas nós podemos ver.

O encanto se quebra quando alguém esbarra em mim — *com força*. Uma das asseclas de Haven que me confundiu. Ela me lança um olhar beligerante e algumas palavras para combinar com ele, até que percebe o olhar de Damen e rapidamente se encolhe.

— Eu entendo. — Confirmo com a cabeça, vendo um papel amassado atingir Stacia enquanto ela desvia e vai para a aula. Alterno o olhar entre ela e Damen e acrescento: — É sério, eu entendo. É bondade sua. Muito gentil de sua parte. É a coisa certa a fazer. Então, não se preocupe comigo. Continue a protegê-la, e eu… — Olho para o corredor e o vejo ficar vazio enquanto todos correm para não entrar atrasados. — E eu farei o possível para impedir que a situação piore, para manter Haven sob controle.

— E *nós*? Há alguma esperança para nós? — ele pergunta.

Mas eu deixo as palavras para trás.

Seus pensamentos se deslocam atrás de mim, ao meu redor, enroscando-se por dentro de mim, enquanto me viro e sigo pelo corredor.

Lembrando-me de que ele está aqui.

Sempre estará.

Tudo o que preciso fazer é dizer “sim”.

vinte e um

Imaginei que ela tentaria me evitar até a hora do almoço.

Imaginei que preferiria adiar qualquer tipo de confronto até que tivesse todas as suas tietes agrupadas a seu redor e ela pudesse me mostrar tudo de ruim que ela conquistou.

Imaginei que confundiria minha ausência de uma semana, meu desejo de pensar no que fazer em relação a Damen, com medo.

Medo dela e de tudo o que alcançou.

E é exatamente por isso que faço questão de encontrá-la antes.

Aparecendo a seu lado sem avisar, me aproximo, dou um tapinha em seu ombro, olho dentro de seus olhos muito maquiados e levemente surpresos, e digo:

— Oi, Haven. — Mantenho a expressão afável, para não dizer totalmente amigável. Quero que ela saiba que estou de volta, que é hora de se controlar, mas não quero desafiá-la diretamente, já que nada de bom poderá sair disso. — Só vim avisá-la que seu carro foi removido. Precisei daquela vaga.

Ela olha para mim, entortando os lábios para um lado, obviamente mais surpresa do que brava, ridiculamente satisfeita por saber que o jogo ainda não terminou.

— Mas imagino que não deva estar surpresa, já que sabe que a vaga não é sua. Ela pertence a Damen e a mim. Já faz quase um ano.

Ela ri, provocando uma explosão de som que mal começa e logo termina. Tira o short e a camisa de malha, joga-os dentro do armário e troca pelo vestido azul-marinho, que começa a enfiar pela cabeça.

— Bem, você não estava aqui e Damen não pareceu se importar muito. Mas, pelo que vi, ele tem andado meio *preocupado* ultimamente.

Ela puxa o vestido para baixo, os olhos em busca dos meus, enquanto o rosto surge por entre o tecido. Depois se balança para os lados, para ajeitar a roupa. Faz uma pausa para me observar, seu olhar sarcástico percorre meu corpo da cabeça aos pés e de volta, à espera de uma reação que não desperta.

Seu comentário passa direto por mim, não me afeta nem um pouco. Damen e eu estamos entendidos quanto a esse assunto, e *este* confronto com ela, bem, é tudo o que venho treinando.

— Pensei que odiasse educação física. — Jogo-me no banco de madeira coberto de ranhuras, cruzo as pernas e ponho as mãos sobre o joelho. Olho para o vestiário feminino, um lugar que ela evita desde um incidente brutal em que foi humilhada no começo do primeiro ano.

— Bem, é verdade. Eu odiava. — Ela sacode os ombros, ajeitando o emaranhado de colares que usa no lugar do amuleto que lhe dei. Seus olhos resplandecem, o rosto está radiante quando ela olha para mim e diz: — Mas, como você bem sabe, as coisas mudam, Ever. Ou, mais especificamente, *eu* mudei. E, por causa disso, finalmente me dei conta de algo de que apenas poderia desconfiar. — Ela para por um instante para calçar os sapatos, passando os cadarços ao redor dos tornozelos uma, duas vezes, para depois amarrá-los no meio de sua pequena e musculosa panturrilha. — Quando se chega ao topo da pirâmide, quando se é bonita, poderosa *e* agraciada com força e velocidade, bem, não há motivo algum para desgostar de *qualquer coisa*. Exceto, talvez, daqueles otários invejosos determinados a derrubar você. Mas, é sério, exceto por isso, está *tudo bem*. Você nem pode imaginar

como me sinto agora. — Ela arruma o cabelo, passa as mãos na frente e nos lados do vestido, olha para si mesma no espelho do outro lado com admiração e garante que tudo está perfeitamente no lugar.

Ela tira por um instante os olhos de seu reflexo no espelho para me refletir, suspira fundo, alto, com o olhar cheio de pena, e diz:

— Eu quis dizer *literalmente*, por sinal. Você realmente não pode imaginar como me sinto. Como é estar no topo do mundo, no auge. — Ela dá um sorriso forçado e leva a mão à prateleira de cima do armário, onde guardou todos os anéis. — Sejamos realistas. Sem querer ser cruel nem nada disso, mas você praticamente passou a vida inteira como uma perdedora, e até mesmo agora, quando, tecnicamente falando, pode ter o que e quem quiser, ainda prefere ser uma grande otária. — Ela balança a cabeça e coloca os anéis nos dedos, uma tarefa que demora mais que se imagina devido à quantidade deles. — Se não fosse tão cômico, seria trágico. Mas devo admitir que ainda há uma pequena parte de mim que sente pena de você.

— E a outra parte? — Olho para ela, vendo-a arrumar o cabelo, deixando-o acomodado sobre os ombros e ao redor do rosto.

Ela ri. Satisfeita com o penteado, vasculha a bolsa em busca de gloss antes de me lançar um rápido olhar.

— Ah, a outra parte vai matar você. Mas disso você já sabia.

Faço um gesto de reconhecimento com a cabeça, tão casualmente que parece que ela acabou de fazer um comentário inofensivo e dispensável, não uma ameaça real à minha vida.

— Não me leve a mal, eu havia planejado matar Jude primeiro, sabe, machucá-lo bastante enquanto obrigava você a assistir… esse tipo de coisa. Mas depois pensei melhor e percebi que seria muito mais divertido acabar com você primeiro. Deixá-lo totalmente indefeso e sozinho, sem ninguém *capaz*, ou mesmo *disposto* a salvá-lo. Certamente Damen não se ofereceria para isso. E não apenas por estar ocupado protegendo Stacia, mas porque, bem, vamos encarar a situação, por melhor e mais nobre que ele goste de pensar que é, duvido que ficaria triste em vê-lo partir, considerando tudo o que aconteceu recentemente. — Ela dá de ombros, passando o gloss na boca uma, duas vezes, e depois esfregando os lábios um no outro, fazendo biquinho diante do espelho e forçando um riso enquanto joga o batom de volta na bolsa. — Não sei, é apenas uma ideia. O que você acha?

— O que eu acho? — Ergo a sobrancelha e inclino a cabeça, deixando os cabelos caírem na frente do vestido.

Ela olha para mim, esperando.

— Eu acho que… *pode vir*.

Ela cai na gargalhada. Uma risada profunda, de doer a barriga. Luta para recuperar o fôlego enquanto alisa o cabelo novamente, joga a bolsa no ombro e continua a se olhar no espelho, balançando a cabeça de um lado para o outro e claramente admirando o que vê, quando diz:

— Você não pode estar falando a sério. Quer realmente começar isso? Aqui? *Agora?* — Ela olha para mim com expressão de dúvida.

— O momento e o lugar me parecem tão bons quanto qualquer outro. — Dou de ombros. — Por que adiar o inevitável?

Ela fita meus olhos enquanto me levanto do banco e fico parada em sua frente sem traço algum de medo, completamente segura da superioridade de minha força. Paro para lembrar a mim mesma da promessa que fiz: que cabe a ela dar o primeiro passo. Não a provoco, nada faço além de me levantar e esperar. As consequências são muito sérias, permanentes. Não devo me precipitar. Meu

único objetivo é ensinar uma lição a ela, torná-la mais humilde. Mostrar que sou mais forte do que pensa, que é hora de recuar, bater em retirada. Espero fazer com que repense tudo isso, com que perceba que seus grandes planos não são uma tática muito sábia.

Ela balança a cabeça, revira os olhos, murmura algo indecifrável e tenta passar por mim, ignorando tudo com um aceno de mão.

— Acredite, vai acontecer quando tiver que acontecer. — Olha para trás e estreita os olhos. — Só precisa saber que *não* controlará, *não* determinará e *não* saberá quando a hora estiver próxima. É *muito* mais divertido desse jeito, não acha?

Assim que chega até a porta, certa de que está livre, apareço diante dela, barrando sua saída.

— Escute aqui, Haven, se encostar um dedo em Miles, Jude ou qualquer outra pessoa, não gostará nada do que vai acontecer a você…

Ela curva os lábios e seus olhos escurecem, ficam mais sombrios do que jamais vi.

— E se eu for atrás de Stacia? — Ela sorri com perversidade. — O que fará a respeito? Arriscará sua vida, sua própria *alma*, para protegê-la também? — Faz uma pausa longa o suficiente para que as palavras se façam entender e depois coloca a mão sobre a boca, simulando uma onda de vergonha. — Ah, deixe para lá. Esqueci completamente que agora ela tem Damen para isso. Foi mal. — Ela dá outro sorriso falso e me empurra, passando pela porta.

Fico ali sozinha. Sei que a vitória pode ter sido pequena, mas não resta dúvida alguma de que consegui transmitir minha mensagem.

O próximo passo é dela.

vinte e dois

É difícil me acostumar a essa nova rotina do intervalo de almoço: Haven sendo bajulada na mesa dos populares, enquanto Miles e eu nos sentamos à nossa mesa de sempre. Ambos fingimos não olhar para outra mesa, onde Damen está sentado ao lado de Stacia, mesmo encarando os dois abertamente.

Por mais que seja difícil ver a cena, Damen e eu chegamos a um novo acordo: aceitamos nossas respectivas responsabilidades no presente, enquanto eu dou um tempo para tentar aceitar os pecados de seu passado. Lá no fundo, sei que vale a pena. Vale o sacrifício de vê-lo daquele jeito — o modo como me olha, o modo como a vigia. Vale a pena porque, enquanto eu estiver aqui e Damen estiver lá, Haven estará contida.

Fora de controle, mas contida.

E ninguém se machucará.

Giro a tampa de meu elixir e tomo um bom gole. Observo o ambiente e vejo Honor esforçando-se em dobro para manter seu lugar ao lado de Haven, esforçando-se mais do que jamais teve que fazer com Stacia, enquanto Craig e alguns de seus amigos parecem claramente aliviados por terem escapado ilesos, relegados a uma mesa menos importante, mas, ainda assim, poderia ser pior. Não fosse por sua ligação com Honor e o fato de ela ainda gostar dele, não duvido de que estaria na mesma situação que Stacia.

— Parece que aterrissamos em um mundo bizarro de cabeça para baixo — diz Miles ao beber seu iogurte de baunilha, percorrendo a área com olhos tão ansiosos quanto os meus. — Tudo está revirado, tudo o que eu achava que soubesse sobre essa escola, as coisas boas, ruins e completamente detestáveis, agora está totalmente diferente, e tudo por causa *dela*. — Ele aponta com a cabeça para nossa ex-amiga, olhando-a por um instante antes de se virar para mim. — Foi assim para você quando Roman assumiu o controle?

Arregalo os olhos, pega completamente desprevenida. Nunca falamos sobre aquela época, quando Roman hipnotizou todo mundo e os virou contra mim. Aqueles foram alguns dos dias mais sombrios de toda a minha vida. Pelo menos desta vida.

Ainda assim, confirmo com a cabeça e digo:

— É, foi bem parecido. — Meu olhar desvia na direção de Damen, lembrando como ele também se sentava ao lado de Stacia. — *Muito* parecido, na verdade.

Fico brincando com a tampa do elixir, abrindo e fechando a garrafa, enquanto minha mente recorda o passado, escolhendo as piores cenas e passando-as repetidas vezes, até me lembrar de que consegui superar tudo daquela vez, do mesmo modo que superarei agora. Como Ava sempre diz: "Isso também vai passar."

Mas ela rapidamente me faz lembrar que a frase funciona em todos os casos. É verdadeira para as coisas boas, assim como também para as ruins.

Tudo passa. Tudo tem seu ciclo de nascimento e morte. A menos, é claro, que seja como Damen e eu. Nesse caso, fica-se preso à mesma dança eterna.

Livro-me do pensamento e termino de beber meu elixir, jogo a garrafa vazia de volta na bolsa, que penduro no ombro enquanto Miles para de remexer o iogurte e ergue a cabeça:

— Vai a algum lugar?

Faço que sim, e só de olhar para seu rosto vejo que ele não aprova.

— Ever… — ele começa a falar, mas eu logo o interrompo. Sei o que está pensando. Que estou indo embora porque não consigo ver Damen com Stacia, porque desconhece o acordo que ele e eu fizemos.

— Só pensei em uma coisa, algo que preciso fazer enquanto ainda posso — murmuro, sabendo que ainda não o convenci enquanto observo o desfile de Haven ao redor da mesa dos populares, rindo e flertando, claramente apreciando seu novo papel de abelha-rainha.

— Não quer ser um pouco mais enigmática? — Miles estreita os olhos.

Mas dou de ombros, ansiosa para ir, desejando que Haven não me veja sair e, Deus me livre, decida me seguir.

— Bem, posso pelo menos ir junto? — Ele olha para mim com a colher suspensa no ar.

Nego com a cabeça, ainda de olho em Haven, e respondo:

— Não. — Nem paro para pensar, o que não soa muito bem.

— E por que não? — ele eleva a voz e franze a testa.

— Porque você tem aula. — O som de minha voz me faz recuar. Pareço mais uma professora que uma amiga.

— E você não?

Suspiro, balançando a cabeça enquanto olho para ele. É diferente. *Eu sou* diferente. E agora que ele sabe, eu não deveria ter que explicar.

Ainda assim, ele não pretende desistir, apenas continua a olhar para mim com aqueles grandes olhos castanhos, sustentando o olhar por tanto tempo que finalmente cedo e digo:

— Ouça, sei que você pensa que quer ir junto, mas acredite: você *não* gostaria. Realmente não gostaria. Não é que eu não queira levar você ou que esteja tentando dispensá-lo ou algo desse tipo. Apenas, bem, o que pretendo fazer não é exatamente considerado legal. Então, é sério, só estou tentando protegê-lo.

Ele olha para mim, colocando uma colherada de iogurte na boca, nem um pouco influenciado pelo que acabei de dizer. Cobre o rosto com a mão, me olha e diz:

— Está tentando me proteger de quem… *você?*

Suspiro, tentando manter a expressão séria, mas é difícil quando ele me olha desse jeito. Sua sobrancelha erguida indica que está desconfiado, o cabo da colher pendendo de sua boca, balançando para cima e para baixo.

— Protegê-lo *da lei* — digo finalmente, contraindo os músculos ao ouvir como aquilo soou dramático, apesar de ser a verdade.

— *Ceeerto*... — ele pronuncia lentamente a palavra, e seus olhos se estreitam como se ele considerasse seriamente o que eu disse. — E de que tipo de ilegalidade você está falando? — Ele me encara, sem intenção alguma de deixar o assunto de lado até ter descoberto todos os detalhes. — Roubo, suborno, usura ou outro tipo de ato ilegal?

Suspiro mais uma vez. Um suspiro mais longo e mais alto, mas ainda assim dou de ombros e respondo:

— Tudo bem, já que quer saber, tenho uma pequena e inofensiva invasão de domicílio a fazer, certo?

— Invasão de domicílio? — Ele tenta não ficar boquiaberto, mas não consegue. — Mas do tipo *inofensiva*?

Confirmo com a cabeça, levanto os ombros e faço questão de revirar os olhos. O tempo está

passando, o intervalo do almoço está terminando, o sinal vai tocar, e, se não fosse por ele, eu já teria ido embora.

Vejo-o lamber a colher até ficar limpa, jogá-la no lixo, levantar-se e dizer:

— Bem, então pode contar comigo. — Começo a protestar, mas ele não se abala, apenas mostra a palma da mão e continua: — E nem tente me impedir. Vou junto, goste ou não disso.

Hesito, odiando a ideia de envolvê-lo nessa situação, mas também penso que seria bom ter alguma companhia para variar. Estou cansada de agir sozinha.

Estreito os olhos, analisando-o como se ainda estivesse considerando minhas opções, mesmo já tendo decidido que ele pode ir junto. Olho rapidamente para Haven, garantindo que ainda está ocupada, ainda entretida com seu pequeno mundo no Planeta Haven, e digo:

— Está bem, mas aja normalmente, certo? Aja como se estivesse juntando suas coisas porque sabe que o sinal tocará em exatos dois segundos e meio e quer chegar à aula a tempo e então…

O sinal toca, interrompendo minha fala e surpreendendo Miles, que pergunta:

— Como você…?

Mas apenas balanço a cabeça e faço um sinal para que me siga, alertando-o para não olhar para a mesa de Haven, ao mesmo tempo que olho de relance para Damen.

— E lembre-se: o que quer que aconteça, foi você quem pediu — acrescento enquanto seguimos na direção do portão.

Sei que o olhar de Damen é de preocupação e questionamento. Ele não faz ideia de que o que estou prestes a tentar, bem, se der certo, pode mudar nossa vida para sempre.

Para melhor.

E, se não der certo, se não conseguir o que procuro, bem, talvez isso mesmo já me dê a resposta que busco.

— É *disso* que estou falando. — Miles sorri, seu rosto quase brilhando de empolgação. — É *assim* que deve ser o último ano de escola. Você sabe… matar aulas, se divertir um pouco, se meter em algumas pequenas ilegalidades…

Olho para ele, certificando-me de que ele está sentado, e piso fundo no acelerador. Não há motivo para fingir, ele sabe exatamente o que eu sou e do que sou capaz. Após alguns momentos de silêncio ansioso enquanto ele se agarra ao banco, chegamos.

Ou *quase*, uma vez que decidi estacionar um pouco distante, assim como fiz da última vez em que estive aqui, imaginando que seria mais seguro, ou mais inteligente, completar a pé o resto do caminho. Não há necessidade de parar na entrada e anunciar minha visita.

— É sua última chance de mudar de ideia. — Olho para meu amigo, pálido e ofegante ao lado, lutando para recobrar o equilíbrio.

— Como posso mudar de ideia? — Ele respira fundo, ainda tentando recuperar o fôlego. — Se nem ao menos sei *o que* viemos fazer aqui.

— A casa de Roman, que agora é a casa de Haven, é no fim da rua. E nós dois vamos entrar lá.

— Vamos invadir a casa de *Haven*? — Ele perde o ar, finalmente começando a entender a gravidade de tudo isso. — *É sério?*

— É sério. — Coloco os óculos de sol na testa. — E também estou falando sério sobre você querer mudar de ideia, já que não há nenhum bom motivo para que participe disso. Por mim, tudo bem se quiser esperar aqui. Pode ser meu vigia. Não que eu ache que preciso de um, mas de qualquer

forma…

Antes que eu termine, ele já está saindo do carro, decidido.

— Ah, não, você não vai me convencer. — Balança a cabeça de um modo que faz com que seus cabelos caiam sobre os olhos. — Se um dia for escalado para o papel de gatuno, um ladrão de obras de arte ou algo assim, posso usar essa experiência. — Ele ri.

— É, só que não é bem atrás de *arte* que estamos. — Faço um sinal para que venha enquanto sigo pela entrada que leva até a porta. Olhando por cima do ombro, continuo: — E não parece invasão de domicílio quando se chega à porta da frente e ela se abre com a força da mente. Embora tecnicamente, já que não fomos convidados, o termo ainda se aplique.

Ele para de repente, a decepção no rosto.

— Espere… é sério? É só isso? Não precisamos entrar escondidos, na ponta dos pés, pelos fundos? Não precisamos pular furtivamente uma janela ou discutir quem passa pela portinha do cachorro para abrir a porta para o outro?

Faço uma pausa, lembrando-me de quando entrei às escondidas na casa de Damen praticamente desse jeito, bem no começo, quando estava tão confusa com seu modo estranho de agir que fiquei desesperada para descobrir o que ele era… Apenas para saber mais tarde que sou exatamente como ele.

— Desculpe, Miles, mas não vai chegar nem perto de ser tão empolgante assim. É uma questão bem direta. — Fico parada diante da porta, *vendo* a tranca abrir em minha mente enquanto prendo a respiração e espero o *clique*. Mas ele não vem. — Que estranho!

Franzo a testa, tentando girar a maçaneta com as próprias mãos, e surpreendo-me quando a porta se escancara. Penso que, das duas, uma: ou Haven está se sentindo ridiculamente confiante a ponto de deixar a casa destrancada ou não somos os únicos por aqui…

Olho por cima dos ombros e peço que Miles fique quieto e não saia de trás de mim, enquanto paro na soleira da porta à espera de que meus olhos se ajustem. Examino o espaço até ter certeza de que não há ninguém e sinalizo para que ele se junte a mim.

Mas, assim que ele pisa no corredor, o chão range tão alto que o som parece retumbar. Ficamos paralisados, parados no lugar instantaneamente enquanto ouvimos o som claro de vidro se quebrando, vozes sussurrando, pés se movendo e a porta dos fundos batendo tão forte que as paredes estremecem.

Corro em direção à cozinha e chego à janela a tempo de ver Misa e Marco fugindo. Marco corre desajeitado, segurando uma mochila aberta cheia de elixir, enquanto Misa segue atrás dele com sua própria mochila vazia pendurada nos ombros. Ela se vira por tempo suficiente para me encarar, sustentando o olhar até pular a cerca atrás de Marco e ambos desaparecem pela ruela.

— Que *diabos*... — exclama Miles, finalmente me alcançando e entrando no cômodo. — Você realmente se moveu tão rápido quanto estou pensando?

Eu me viro e vejo os cacos de vidro espalhados pelo chão e o líquido vermelho-escuro que corre pelos ladrilhos e é absorvido pelo cimento.

— O que aconteceu? O que eu perdi? — ele pergunta, olhando para toda aquela bagunça e para mim.

Dou de ombros. Não tenho ideia do que estava acontecendo aqui. Não imagino por que Misa e Marco recorreriam ao roubo do elixir. Por que entraram em pânico a ponto de quebrar uma garrafa. Sem mencionar por que Misa pareceu tão assustada ao me ver.

Apenas uma coisa está clara: eles não foram convidados a se servir do suprimento de elixir.

De qualquer forma, nada disso tem a ver conosco ou com o motivo de estarmos aqui. Então, quando limpo a bagunça simplesmente *desejando* que ela desapareça, olho para Miles e digo:

— Estamos procurando uma camisa. Uma camisa branca de linho. Com uma grande mancha verde na frente…

vinte e três

As semanas passam, mas nada muda muito. Jude continua a me evitar até que eu tome uma decisão, Damen permanece ajudando Stacia na escola, Miles se esforça para proteger meus sentimentos no que diz respeito a Damen defender Stacia na escola e Haven perdura no controle da escola, enquanto eu continuo tendo que ficar alerta, à espera do momento em que ela decida vir atrás de mim.

Mas isso é apenas superficial.

Porque um olhar atento revela mais que algumas rachaduras que começam a se tornar aparentes.

Para começar, não há como negar o fato de que Honor está tão infeliz por ser a número 2 de Haven quanto era sendo a de Stacia, talvez até mais.

Em segundo lugar, embora não possa ter certeza, já que não nos falamos, mas, pelo modo determinado e saudoso como Stacia ainda olha para a mesa dos populares, fica bem claro que ela está cansada de ser protegida por um cara imune a seus encantos e que só quer realmente protegê-la.

Quanto a Haven, depois de ter flertado com praticamente todos os caras que a esnobaram no passado, descartando-os depois, está nítido que esse jogo começa a entediá-la. Ela também está ficando cada vez mais irritada com a forma como todo mundo copia os vários visuais que ela se esforça tanto para criar, o que a força a inventar novos, mais escandalosos, que por fim acabam sendo copiados também.

Acho que ser a fêmea alfa não é exatamente como ela pensou que seria. A realidade está começando a cansar, como um emprego do qual ela não gosta muito e para o qual não estava mesmo qualificada.

Sei disso. Pelo modo como ela bate boca com seus supostos novos amigos, revira os olhos de forma dramática, solta suspiros altos e longos e às vezes até bate os pés de raiva quando está muito, muito frustrada e quer que todos percebam.

A vida no topo a está arrastando para baixo, e pelo que vejo Honor está começando a se ressentir da própria situação, assim como eu previ.

Além disso, está claro que nenhuma delas pretende deixar sua posição. Haven tem muito a provar, e Honor, bem, embora eu não saiba que nível atingiu em suas habilidades de magia agora que Jude interrompeu as aulas, ela não é páreo para Haven e certamente sabe disso, a despeito do que consegui aprender.

Mesmo que Miles e eu não discutamos o assunto — mesmo que eu mantenha a antiga rotina diária tediosa de treinar pela manhã, permanecer vigilante na escola, treinar novamente antes de dormir e depois acordar e fazer tudo de novo —, sei que não sou a única que nota.

Damen também vê.

Posso dizer pela forma como olha para mim, seguindo-me aonde quer que eu vá. Ele está ansioso, preocupado comigo.

Preocupado com a possibilidade de que ela comece a enlouquecer, que exploda de uma hora para outra e decida vir atrás de mim.

Preocupado com a hipótese de que eu não o avise quando acontecer, mesmo tendo prometido que o avisaria.

E ele provavelmente tem bons motivos para se preocupar. Ela está fora de si. Descontrolada. Em decadência total e completa.

Como uma bomba prestes a explodir.

Um fio *muito* perto de se romper.

E, quando acontecer, serei a primeira pessoa por quem ela irá procurar. Pelo menos é o que espero.

Antes por mim que por Jude.

Voltando da escola para casa, paro na loja, apesar de Jude ter me pedido para manter distância, alegando que não suporta ter a mim por perto até que eu tome uma decisão firme.

Ainda assim, convenço-me de que é meu dever, de que tenho a obrigação de cuidar dele, garantir que esteja seguro, bem, e tudo mais.

Mas, quando me pego materializando um lindo vestido novo e sapatos que combinam, após verificar o cabelo e a maquiagem no espelho retrovisor, sei que é algo mais. Preciso vê-lo. Preciso ver se ficar perto dele acenderá alguma faísca em mim.

Algo em que possa me basear.

Algo intenso, tangível e claro o suficiente para me colocar na direção certa.

Paro diante da porta, arrumo a roupa e o cabelo mais uma vez, respiro fundo e entro. Eu meio que esperava encontrar Ava atrás do balcão, já que o dia está tão quente e bonito que o canto da sereia do surfe dificilmente seria ignorado por Jude, mas fico entusiasmada em encontrá-lo bem ali, atrás da caixa registradora. Está rindo e brincando, como se não tivesse nada com que se preocupar no mundo, o rosto está relaxado; a aura, verde e tranquila, enquanto ele atende uma cliente.

Uma cliente *bonita*.

Uma cliente cuja aura cor-de-rosa resplandecente me diz que está ali apenas em parte pelos livros que está comprando, e principalmente para ver Jude.

Faço uma pausa, pensando se deveria simplesmente sair e voltar depois, quando a porta se fecha atrás de mim, o sino toca alto e Jude tira os olhos da cliente e me vê ali parada, a apenas alguns passos de distância. Seus olhos escurecem, o sorriso some e a aura fica trêmula e turva — praticamente o oposto do que estava ao conversar com *ela*.

Como se o simples fato de me ver fosse suficiente para sugar a alegria dali.

Ele enfia as compras dela em uma sacola e a despacha com tanta pressa e tão abruptamente que é impossível que ela não note a mudança. Olhando-me de cima a baixo e logo franzindo a testa como se me acusasse, ela resmunga baixinho e segue para a porta enquanto Jude se ocupa atrás do balcão, como se eu não estivesse ali.

— Ela gosta de você — digo, ao vê-lo demorar mais que o necessário para guardar sua cópia do recibo. — Ela gosta de você *e* é bonita — acrescento, e não recebo mais que um resmungo como resposta. — Ela gosta de você *e* é bonita *e* tem boa energia — insisto, obrigando-o a olhar para mim enquanto caminho em sua direção. — O que faz com que eu me pergunte: qual é *seu* problema?

Ele para. Para de mexer nas coisas, de se fingir de ocupado, de fazer de conta que não estou bem ali, na sua frente, quando ambos sabemos que estou.

Para com tudo isso, finalmente olha para mim e diz:

— *Você* — declara tão claramente, com tanta simplicidade, que fico sem saber o que fazer. — *Você* é meu problema.

Olho para meus pés, incapaz de encará-lo, sentindo-me tola por vir até aqui desse jeito e mal arriscando respirar quando ele continua:

— Não era isso o que queria ouvir?

Confirmo com a cabeça, de leve, ele não está errado. É isso o que eu queria ouvir. Foi exatamente por isso que vim até aqui.

Ele afunda no banco e deixa os ombros caírem enquanto enterra o rosto entre as mãos. Esfrega a vista com força, depois levanta a cabeça, estreita os olhos e diz:

— Ever, do que se trata? É sério! O que está fazendo aqui? O que quer de mim?

Engulo em seco, ciente de que lhe devo uma explicação, que lhe devo a verdade, em todas as suas formas. Arrisco-me a fazer exatamente isso e digo:

— Bem, primeiro eu queria ter certeza de que está bem. Não vejo você há um tempo, e…

— *E...?* — ele solta, claramente sem paciência para joguinhos.

— *E...* eu simplesmente queria muito ver você. *Precisava* ver você, eu acho.

— Você *acha*?

Ele olha para mim de uma forma que faz com que eu me sinta exposta, inexperiente e com a estranha sensação de estar traindo Damen. Ainda assim, preciso de algo dele. Estou sem opção. Não consigo encontrar a camisa, o Grande Salão se recusa a me ajudar, o pedido que fiz à minha estrela da noite ainda não se realizou e até agora não tive presságios nem sinais de qualquer tipo — e isso tudo me trouxe até aqui, deixando-me com apenas um modo de chegar ao fundo dessa questão.

Um modo que já tentei, sem nunca ir até o fim.

Um modo que pode me levar ao caminho certo.

— Jude — começo a dizer com a voz grave, vazia. — Jude, eu…

Chego mais perto, pensando: *Isso é ridículo... Isso tudo é ridículo*.

Ele me ama, e eu já o amei, ou, mesmo que não tenha sido exatamente *amor*, sei que sentia *algo* por ele. E talvez baste um beijo para revelar. Do mesmo modo que aconteceu quando beijei Damen pela primeira vez e nos sentimos tão conectados, tão ligados, antes que todas as outras realidades cruéis acontecessem.

Dou a volta no balcão e pego sua mão, movendo-me com tanta rapidez que mal leva um segundo para que meus dedos estejam pressionados contra os seus e uma onda suave de sua energia calma e tranquila corra por meus membros. Aquietando minha mente, fazendo com que meu corpo fique leve e se renda. Observo seu rosto se aproximar, os olhos me sondarem, queimando, enquanto meus dedos se enroscam em seu braço forte.

Todo o meu corpo enrubesce em expectativa quando o puxo para perto de mim, esperando pela sensação de seus lábios nos meus, precisando experimentar de uma vez por todas, precisando saber o que venho perdendo durante todos esses séculos.

Primeiro fico chocada com a sensação, a frieza inesperada, a firmeza branda de seu beijo — tão oposta à mistura perfeita de formigamento e calor do beijo de Damen. Percebo o gemido baixo que escapa de sua garganta quando ele segura a parte de trás de minha cabeça e me aperta contra seu corpo. Seus lábios se abrem suavemente, a língua procurando a minha, ao mesmo tempo que a porta se abre, bate forte na parede e arremessa o sino tocando direto para o chão.

Nós nos viramos.

O susto nos afasta.

E encontramos Haven, sombria e sinistra, cruelmente obscurecida contra a luz, bloqueando a passagem e olhando para nós.

Seus lábios se contorcem, os olhos se estreitam e, com as mãos no quadril, ela diz:

— Uau! Vejam só! Hoje deve ser meu dia de sorte. Dois coelhos com uma cajadada só, e nenhum dos dois tem a mínima chance de fugir.

vinte e quatro

Eu me viro para Jude, incitando-o a correr, esconder-se, fazer o que for preciso para fugir dela. Sei que temos apenas um segundo, no máximo dois, até que ela nos alcance — antes que seja tarde demais para ir a qualquer outro lugar.

Mas, apesar de não estar brincando, mesmo lançando-lhe um olhar que diz que estou falando cem por cento sério, ele permanece onde está. Parado bem atrás do balcão, bem atrás de mim. Achando erroneamente que nosso rápido beijo, que mal aconteceu, o obriga a ficar e me proteger.

Estou prestes a repetir, e ela já cruzou o recinto, já está diante de nós, agitada, enlouquecida, com um olhar descontrolado.

Corro para proteger Jude ao ver o modo como ela sorri, passando lentamente a ponta da língua pelos lábios enquanto olha por sobre meu ombro e diz:

— Faça um favor a si mesmo e não dê ouvidos a Ever. Está muito melhor se ficar bem aí. Nunca conseguirá correr mais rápido que eu, não importa quanto tente. Além disso, vai precisar dessa energia mais tarde.

Ela dá um rápido passo para a direita, como se estivesse planejando passar por trás de mim e agarrá-lo, mas sou rápida em bloqueá-la. Olho fixamente em seus olhos, lembrando-me de nosso infeliz encontro no banheiro da escola — quando ela me dominou, segurou-me contra a parede, contra minha vontade —, e sei que, se eu mal consigo competir com ela, Jude nunca sobreviverá.

— Desculpem-me por interromper sua pequena sessão de agarramento. — Ela ri, seus olhos contornados de vermelho alternando-se rapidamente entre mim e Jude. — Não tinha ideia de que vocês dois haviam se decidido por esse caminho. — Ela vem em minha direção, fura meu ombro com a unha comprida pintada de azul e depois se afasta. O frio gelado e amargo de sua energia atormenta e se prolonga, embora não haja dúvida de que foi necessário muito esforço para que sua mão se mantivesse apenas um pouco trêmula.

Ela inclina a cabeça, pega uma mecha de cabelo que cai sobre seu ombro e a enrola com o indicador. Seu olhar está focado apenas em Jude quando diz:

— Antes que se empolgue demais, você deveria saber que Ever só permitiu que chegasse tão longe porque Damen a trocou por Stacia. *De novo*. — Ela balança a cabeça e franze os lábios, olhando rapidamente para mim e para ele. — E, bem, imagino que ela esteja precisando de alguém para consolá-la. Sabe… por assim dizer.

Olho para Jude, desejando que ele não esteja realmente dando ouvidos a isso, não esteja levando a sério, mas seu olhar parece tão confuso, tão obscuro, que é praticamente indecifrável.

— Você nunca se cansa disso? — Ela para de enrolar o cabelo e passa a admirar a série de anéis que usa em cada dedo. — Sabe? De Ever sempre usar você como um ombro para chorar, usar você para fazer o trabalho sujo por ela? Estou falando a sério. Se parar para pensar, um beijo é, bem, o *mínimo* que ela pode fazer já que ela é a principal razão de sua vida estar destinada a ter um fim tão trágico.

Embora me sinta preparada para continuar, arrastar o assunto pelo tempo que quiser, eu já ouvi o suficiente. Jude já ouviu o suficiente. E eu não quero que ele fique distraído com ela, ou pior, que comece a acreditar nela.

— O que você quer? — Controlo a respiração, concentro-me e me preparo para o que ela

pretende dizer.

— Ah, acho que você já sabe. — Seus olhos brilham. As íris, que costumavam ser lindas, um turbilhão de bronze e dourado, agora estão escuras, sinistras, sombrias e salpicadas de vermelho. — Acho que já fui bem clara a esse respeito. — Ela dá um sorrisinho falso. — Só não consigo decidir quem matar primeiro. Talvez possa me ajudar aqui. Qual sua preferência: você ou Jude?

Fico olhando para ela, faço o possível para acalmar e suavizar a energia cada vez mais agitada de Jude e manter a atenção e a maior parte da raiva de Haven direcionadas a mim.

— Então é isso? — Ergo a sobrancelha e olho em volta. — Seu grande plano, a grande e assustadora tacada que vinha ameaçando colocar em prática há… quanto tempo? Semanas? Meses? — Dou de ombros, como se não valesse a pena me esforçar para lembrar. — Vai mesmo agir em uma livrariazinha de bairro? — Balanço a cabeça, como se estivesse extremamente desapontada com sua escolha trivial do local. — Preciso lhe dizer, Haven, estou um pouco surpresa. Realmente pensei que fosse optar por um lugar muito mais pomposo e teatral. Sabe? Uma ação ousada em um shopping lotado, ou algo assim. Mas você também está com uma cara um pouco… Qual era a expressão que Roman costumava usar? — Estreito os olhos, como se estivesse realmente tentando me lembrar, faço cena e bato na testa ao dizer: — Ah, é claro… *faminta*. Parece meio *faminta* ultimamente. — Olho em seus olhos. — Você sabe… Esgotada, cansada, até mesmo um pouco *tensa*. Como se precisasse desesperadamente de um bom prato de comida, e, bem, é, talvez de um *abraço*.

Ela franze a testa e revira os olhos. Dá um passo inseguro em minha direção e diz:

— Ah, tenho recebido muitos abraços ultimamente. Não se preocupe com isso. E se achar que preciso de mais um, sempre posso contar com o Jude aqui. — Ela olha para ele com segundas intenções, com o rosto tão assustador, o olhar tão predatório que sinto a energia dele se contrair atrás de mim. — Ah, e quanto à falta de pompa e teatralidade, não se preocupe, Ever, haverá bastante. Além disso, não é o palco que importa, mas a cena que se desenrola nele. Mesmo sem querer revelar qualquer parte do enredo, porque, sejamos realistas, será muito mais divertido surpreendê-la, digamos que no final eu certamente farei você pagar por todas as coisas horríveis que fez comigo, inclusive a última…

Estreito os olhos, sem imaginar aonde ela quer chegar.

Mas ela franze a testa e diz:

— *Dã!* Acha que não sei que foi *você* quem invadiu minha casa e roubou meu elixir?

Eu a encaro, chocada por ela pensar que fui eu.

— Acha que não tenho controle de meu suprimento? — Ela eleva a voz, indignada. — Acha que eu não notaria que a *geladeira está quase vazia*? Acha que sou *idiota*? — Ela balança a cabeça. — E o motivo é bem óbvio. Acredita que é o único jeito de se igualar a mim. Mas tenho uma notícia de última hora, Ever: você *nunca* será igual a mim. *Nunca*. E tomar meu elixir não vai mudar nada.

— Por que eu iria querer seu elixir se já tenho o meu? — Estreito os olhos, ciente de que Jude ainda está atrás de mim, ciente da forma como seus músculos estão tensos e sua energia oscila, dois sinais muito ruins de que está planejando algo estúpido e de que preciso impedi-lo.

Recuo, empurrando-o, tentando impedir que Haven note enquanto uso força suficiente para que ele entenda a mensagem, fique quieto e me deixe resolver a situação.

— Reconheça, Ever. — Ela desvia os olhos dos meus e seus membros começam a tremer. — O meu é melhor, mais forte e muito, muito superior ao seu. Mas isso não vai ajudá-la. Não importa quanto beba, nunca será páreo para mim.

— Por que eu desejaria tomá-lo quando sei que transformou você nisso? — Minha voz é

desdenhosa, mordaz. — É sério, Haven, *olhe* para você. — Ando na direção de seus olhos injetados, dedos agitados e rosto pálido e assustador, desenho uma linha com o dedo da cabeça aos pés de sua forma magra e encolhida e subo novamente. De repente, depois que realmente olho para ela, percebo que não posso mais fazer isso. Não posso continuar com isso, apesar das ameaças que ela fez.

É *Haven*.

Minha velha amiga Haven.

Aquela com quem eu costumava andar, rir. A única além de Miles disposta a me deixar sentar com ela em meu primeiro dia de aula.

É óbvio que ela está com problemas, precisa de ajuda e depende de mim para tentar chegar a ela, ajudá-la, dissuadi-la do que está prestes a fazer antes que seja tarde demais e eu a perca para sempre.

— Haven, *por favor*. — Deixo as mãos à mostra, suavizando o tom de voz e a expressão dos olhos. Quero que fique claro que estou mudando o rumo, que estou sendo sincera e não tenho intenção de machucá-la. — Não precisa ser assim. Você não precisa fazer isso. Podemos parar aqui e agora. O que pretende fazer apenas transformará uma tragédia terrível em algo ainda pior. Então, por favor, por favor, pelo menos pense no assunto.

Respiro fundo, enchendo-me com toda a luz que posso, e depois solto o ar devagar, enviando luz a ela. Envolvo-a em ondas suaves e tranquilas de energia curativa verde, vejo-a pairar, tento penetrar mas ricocheteio — repelida por seu exterior cheio de ódio e movido pela raiva.

— Não é tarde demais para uma trégua — digo com a voz baixa, firme, como se a estivesse convencendo a sair do parapeito de uma janela, esperando que funcione para acalmar Jude também, para impedi-lo de levar adiante qualquer ato suicida que esteja planejando. — Você não está bem. Perdeu o controle. Acredite nas palavras de alguém que já esteve em seu lugar. Não precisa ser assim, há uma saída, e eu realmente gostaria de ajudá-la a encontrar, se me permitir.

Apesar de minhas palavras calmas e tranquilizadoras, ela ri de mim. O som é duro, abrasivo, e o olhar dança loucamente, incapaz de ficar parado, manter-se coeso, quando ela diz:

— Você? Ajudar a *mim*? *Ah, por favor*. — Ela revira os olhos e balança a cabeça de um lado para o outro. — Desde quando você me ajuda? Tudo o que já fez até hoje foi *tirar* as coisas de mim. Repetidas vezes. Mas *ajudar*? Ah, certo. Só pode estar brincando.

— Tudo bem. — Dou de ombros, determinada a ultrapassar a barreira de suas palavras, chegar até ela, impedi-la de se autodestruir. — Se sente que não pode confiar em mim, então deixe outra pessoa ajudá-la. Você ainda tem família. Ainda tem amigos. Amigos *de verdade*. Pessoas que se preocupam com você, não aquelas que *manipulou* para se tornarem suas amigas.

Ela olha para mim, piscando rapidamente, movendo-se ligeiramente de um lado para o outro. Enfia a mão no fundo da bolsa, em busca do elixir, mas encontra apenas um suprimento de garrafas vazias que joga no chão à sua volta.

Sei que preciso me apressar e chegar ao ponto. Não temos muito tempo, ela explodirá a qualquer momento. Minhas palavras saem rápidas quando digo:

— E Miles? Ele está mais que disposto a ajudá-la. E seu irmãozinho, Austin? Você é um modelo para ele, ele *depende* de você. Quer saber? Aposto que até Josh ainda é louco por você. Você não disse que ele até compôs uma música na tentativa de reconquistá-la? O que significa que duvido muito que ele já a tenha esquecido. Tenho certeza de que viria até aqui em um segundo se ligasse para ele. E… — Ia falar de seus pais, mas paro. Eles nunca a apoiaram muito, e isso é grande parte do motivo de estarmos aqui.

Mas hesito demais, por tempo suficiente para que ela olhe para mim e diga:

— E *quem*, Ever? Quem vai acrescentar à lista. A *empregada*? — Ela revira os olhos e balança a cabeça. — Desculpe-me, mas tem muito mais além disso. Você me roubou a única pessoa com quem realmente me importei, a única pessoa que se importou comigo de verdade. E agora vai pagar por isso. Vocês *dois* vão pagar por isso. Não se enganem, nenhum de vocês sairá daqui se não for em um saco funerário! Ou, em seu caso, Ever, em uma lata de lixo.

— Isso não o trará de volta.

Mas as palavras chegam tarde demais. Já a perdi. Ela se foi. Não está mais escutando. Já foi levada para as profundezas sombrias de sua mente perturbada.

Sei disso pelo modo como seu olhar se torna sombrio, todo o corpo fica imóvel e ela sintoniza na raiva vermelha que queima em seu interior.

Sei disso pelo modo como as paredes começam a tremer.

Pelo modo como os livros começam a cair das prateleiras.

Pelo modo como um grupo de estatuetas de anjo voa pelo recinto e se choca contra as paredes, estilhaçando-se no chão.

Não há como chegar a ela.

Não há volta.

Ela fica diante de mim, olhos inflamados, cabelos esvoaçantes, e seu corpo inteiro treme de fúria. Os pulsos se fecham com força enquanto ela fica nas pontas dos pés e vai atrás de Jude.

Eu tento dizer: *Corra!*

Tento dizer: *Crie o portal e dê o fora daqui!*

Mas, antes que eu consiga, ele já saiu de trás de mim.

Já a atacou.

Levou em frente seu plano estúpido de me proteger em vez de a si mesmo.

Quando vou atrás dele, desesperada para impedi-lo, Haven me alcança.

Ela arranca o amuleto de meu pescoço. Seu rosto está contorcido, os olhos flamejantes, enquanto ela sorri e diz:

— Então, Ever, como vai se defender agora?

vinte e cinco

Ela o balança diante de mim. Os cristais brilham, provocam, deixando-me vulnerável, exposta, indefesa e limitada. Joga o amuleto para trás enquanto o som agudo e nauseante de sua risada ecoa pelo recinto.

Jude grita, mãos e pés a postos, mas ele não é páreo para ela. Com um mero movimento do pulso, ela o empurra para longe, sem nem notar enquanto ele voa pela loja e choca-se contra a parede.

Nem se dá conta do som de ossos quebrando e estalando quando ele desmorona no chão, uma pilha humana triste e retorcida.

Por mais que eu queira correr para ele e ver se está tudo bem, fico sem ação. Não posso fazer nada. Ela só iria me seguir, e não posso arriscar que chegue perto dele. Pela segurança dele, preciso mantê-la focada em mim.

Ainda assim, olho para ele, pedindo mentalmente que crie o portal, que seja rápido enquanto ainda pode, esperando que, de algum modo, ele possa me ouvir. Não consigo saber se a recusa em colaborar deve-se à gravidade de seus ferimentos, uma máscara pavorosa de agonia em seu rosto e um filete de sangue escorrendo de sua boca, ou ao fato de se recusar a me deixar sozinha com ela, determinado a ficar a meu lado, custe o que custar.

Ela se move em minha direção, tentando parecer lenta e intimidadora, mas tem a aparência instável e trêmula. O que, verdade seja dita, é muito mais irritante do que se ela se movesse com determinação. É impossível ler sua aura, adivinhar o que fará em seguida, quando nem ela mesma sabe.

Ela toma impulso e ergue o punho em um arco, mirando-o em mim. Mas desvio na mesma velocidade, driblo o golpe e vou para o outro lado do recinto, fazendo-a se virar e vir atrás de mim novamente. Sua língua pressiona a bochecha e sua energia se alimenta da raiva e cresce e se expande de tal modo que faz a luz piscar, o piso ceder e todos os vidros, inclusive o do balcão, estilhaçarem.

Segue-me sem obstáculos até o outro lado e diz:

— Boa tentativa, Ever. Mas, acredite, você está apenas adiando o inevitável. Cada vez que foge de mim, só torna a situação toda mais divertida. Além disso, não tenho pressa, posso ficar neste jogo o dia todo se você quiser. Mas deveria saber que, quanto mais isso se arrastar, mais ele… — Ela aponta o polegar para trás, para onde Jude está caído e mal consegue respirar. — Bem, mais ele sofrerá.

Trinco os dentes e aperto os lábios com força. Estou cansada de tentar argumentar com ela. Fiz tudo o que podia. E agora é hora de colocar meu treinamento em prática.

Ela me ataca novamente, mas está tão desestabilizada que eu apenas dou um passo para o lado no último instante, fazendo com que ela se choque contra um mostruário de CDs de tal forma que cai no chão junto com eles. Ela aterrissa na pilha de cacos de vidro que quebrou antes, deixando as paredes manchadas de sangue quando o vidro penetra profundamente em sua pele.

Ela apenas ri e deita de costas, arrancando os cacos de sua pele rasgada. Seus olhos brilham enquanto as feridas se fecham, ela se levanta, bate a poeira e volta a me encarar.

— Qual é a sensação de saber que morrerá em breve? — ela pergunta com a voz irregular, perturbada, revelando os efeitos de seus esforços.

Eu apenas olho para ela, ergo os ombros e digo:

— Não sei. Diga você.

Recuo apenas um pouco, percebendo tarde demais que estou encurralada contra a parede — o que não é o melhor lugar para estar quando preciso me manter livre, desimpedida, com espaço para escapar. Mas pretendo ficar aqui por pouco tempo, apenas até chegar ao outro lado, onde está meu amuleto. Assim que conseguir botar as mãos nele, ele voltará diretamente para meu pescoço e eu farei de tudo para acabar com esta história.

Ela está parada diante de mim, braços soltos, dedos inquietos, pés plantados no chão e joelhos levemente flexionados — preparando-se para se mover, preparando-se para atacar a presa.

Aproveito o momento para estudá-la com atenção, sentir sua energia e tentar prever seu próximo passo. Mas ela está tão desorientada, tão fora de si e desconectada de qualquer coisa, que é como tentar ver através de uma nuvem de estática: é impossível decifrá-la.

Então quando ela ataca, descendo o punho com um golpe na direção de meu estômago, movimento-me instantaneamente para bloqueá-lo.

Nunca imaginei que ela mudaria no último instante.

Nunca imaginei que alguém tão fisicamente debilitado e emocionalmente instável pudesse fazer uma manobra como aquela.

Capto o triunfo enlouquecido em seus olhos quando seu punho se enterra em minha garganta.

Acertando-me bem no ponto central — meu quinto chacra —, o núcleo da falta de discernimento, mau uso da informação e confiança nas pessoas erradas.

O golpe é tão forte e rápido que leva um segundo para que eu me dê conta do que aconteceu.

Leva um segundo até que eu esteja dominada por uma dor lancinante.

Leva um segundo até que eu esteja fora de meu corpo, flutuando, serpenteando, olhando para baixo e vendo o olhar atravessado de Haven, a forma desmoronada de Jude e a bela porém efêmera nuvem azul que se expande a meu redor… Até que tudo encolhe e entra em colapso e o mundo escurece.

vinte e seis

Não dizem que, quando alguém morre, toda a sua vida passa diante de seus olhos?

Bem, é verdade.

É exatamente o que acontece comigo.

Não na primeira vez. Na primeira vez que morri, fui diretamente para Summerland.

Mas desta vez, desta vez é diferente.

Desta vez eu vejo *tudo*.

Cada momento importante e decisivo de minha vida atual, assim como as outras que vieram e se foram antes desta.

As imagens giram a meu redor enquanto caio livremente por um espaço escuro destituído de qualquer tipo de luz, dominada por um sentimento ao mesmo tempo aterrorizante e familiar, enquanto luto para lembrar quando foi que vivenciei isso antes.

E então me dou conta:

Shadowland.

Lar das almas perdidas.

O abismo eterno para imortais, como eu.

É exatamente para onde fui, e é exatamente igual a quando a experimentei por meio de Damen.

Exceto pelas imagens.

A parte que ele não me deixou ver.

Mas não demoro a perceber o motivo.

A perceber por que motivo ele ficou tão assustado depois de sua viagem a Shadowland.

Por que voltou tão diferente, tão humilde e mudado.

Em queda livre e alta velocidade, sou golpeada por um tipo de gravidade na direção contrária e sinto como se minhas entranhas estivessem prestes a escapar pelos ombros e pela cabeça, enquanto as imagens se revelam à minha volta.

A princípio vêm em flashes, lampejos de mim mesma em todas as vidas passadas, mas então me acostumo à sensação, habituo-me ao movimento e à velocidade, aprendo a moderar as imagens, desacelerá-las, focá-las. Vejo uma de cada vez enquanto continuam a passar diante de mim.

Em ordem.

Sem edição.

Incluindo todas as partes que Damen não quis que eu visse.

Vamos ao início, minha primeira vida, em Paris, quando eu era uma pobre serviçal órfã chamada Evaline. Estremeço ao ver algumas das tarefas repugnantes que era obrigada a desempenhar — o tipo de coisa de revirar o estômago de que Damen definitivamente me poupou. Tudo se revela exatamente como ele me contou, até que vejo Jude, um belo e jovem cavalariço de corpo esguio e musculoso, cabelos louros e olhos castanhos e penetrantes. Vejo nós dois cercando um ao outro, no início lentamente, um olhar aqui, uma breve palavra ali, até ficarmos mais confortáveis e começarmos a levar um ao outro a sério… Fazer promessas. Que eu pretendia cumprir até que Damen aparece e me conquista.

Ele certamente lançou mão de alguns artifícios, reunindo todos os seus encantos de imortal e

colocando-os em prática. Ele sempre conseguia aparecer na hora certa e no lugar certo. Sempre me impressionando de algum modo grandioso e espetacular. Mas nada daquilo era realmente necessário, porque a verdade — que eu não conseguia ver com clareza até agora — é que não era a magia que fazia com que ele conquistasse meu coração. A magia nada tinha a ver com isso.

Damen me conquistou desde o princípio. Desde nossa primeira troca de olhares.

Damen me conquistou muito antes de eu saber quem ele era ou do que era capaz.

A atração por ele, a razão de eu ter me apaixonado, nada teve a ver com magia… Foi apenas porque Damen estava simplesmente sendo, bem, *Damen*.

Depois de assistir a todo o período em que ele me cortejou — cenas que revivemos em Summerland e algumas que eu não havia visto, como minha horrível morte nas mãos de Drina —, sigo para a próxima vida. Volto à época em que eu era uma puritana com um pai muito rígido, uma mãe falecida havia muito tempo, três vestidos sem graça e uma existência ainda mais insípida. O único ponto luminoso em todo o horizonte de minha vida cheia de tédio era um companheiro de paróquia com cabelos escuros e revoltos, um sorriso generoso e olhos gentis que reconheço imediatamente como Jude — um rapaz religioso que meu pai aprova e para o qual me empurra, até o dia em que vejo Damen sentado em um banco da igreja, e todo o meu mundo, todo o meu futuro, vira de cabeça para baixo. Pouco tempo depois de encontrá-lo, de conhecê-lo, prometo abandonar minha vida de humildade e obediência e trocá-la por outra, muito mais glamourosa, com ele. Até, é claro, Drina acabar com ela.

Drina sempre acabava prematuramente com minha vida.

Deixando meu pai devastado, Jude traumatizado e Damen vagando pelo plano terreno em um prolongado estado de luto, à espera de que minha alma encontrasse um novo ciclo e pudéssemos nos unir novamente.

Acompanho minhas outras vidas também. Vejo minha alma se fundir com o corpo de um bebê muito paparicado e mimado que cresceria como a filha fútil de um abastado proprietário de terras. Negligentemente abandono Jude, um conde britânico com quem todos supõem que eu me casaria, para ficar com um estranho alto e moreno que chegou aparentemente do nada. E mais uma vez, graças a Drina, minha vida termina tragicamente antes que eu tenha a oportunidade de tornar pública minha escolha, apesar de ela já ser clara para meu coração.

Depois, em Amsterdã, onde vivi como a bela, ardente e sedutora musa de um artista, com maravilhosos e longos cabelos de um dourado avermelhado, flertando com Jude da mesma forma que fiz com tantos outros que chegaram e se foram antes dele, até que Damen vem e rouba minha atenção.

Ele não recorre a nenhum tipo de artifício, nenhum encanto. Ele me conquista simplesmente sendo o que é. Nada mais, nada menos. A partir do momento em que coloco os olhos nele, ninguém mais tem chance.

Mas a vida que mais me interessa é aquela revelada por último.

Minha vida sulista.

Quando eu vivia e trabalhava como escrava.

Quando Damen me libertou à custa de minha felicidade.

Vejo toda aquela vida miserável se revelar, desde uma infância que não chegou a existir até o único momento de luz em toda aquela existência: um rápido beijo de Jude.

Nós dois escapando para nos encontrarmos atrás do celeiro assim que o sol começa a se pôr. Sem saber o que faz meu coração bater mais forte: a empolgação do que espero que seja meu primeiro beijo ou o medo de ser pega por ter fugido do trabalho. Ciente de que o castigo por um ato desses

será uma surra severa. Ou algo pior.

Ainda assim, determinada a manter a promessa de me encontrar com ele, sou tomada por um raro sentimento de alegria, uma onda inesperada de felicidade, quando vejo que ele já está lá.

Ele sorri de um jeito hesitante, e em resposta eu faço um sinal afirmativo com a cabeça, repentinamente dominada por uma onda de timidez, o receio de parecer ansiosa demais. Mas não demora até eu notar o modo como suas mãos tremem e seus olhos estão agitados e saber que não sou a única a se sentir assim.

Trocamos alguns gracejos, palavras vãs às quais nenhum de nós dois presta atenção de verdade. Então, quando estou pensando em minha ausência prolongada do trabalho, em ter que voltar antes que percebam minha falta, ele age.

Ele se inclina em minha direção, encarando-me com seus grandes olhos castanhos com tanto amor e tanta gentileza que me tira o ar. E então os fecha devagar, deixando-me com a visão de seus cílios pretos e curvos sobre a pele escura e brilhante e os lábios sedutores vindo em direção aos meus. A pressão doce e tranquila de sua boca é tão suave e familiar que faz com que uma maravilhosa onda de calma flua através de meu corpo.

Mesmo depois de ter terminado — mesmo depois que o afasto, me viro abruptamente, seguro a barra da saia e corro de volta para casa —, o beijo permanece.

O gosto e a sensação continuam ali, enquanto repito silenciosamente a promessa sussurrada que fizemos de nos encontrar no dia seguinte, à mesma hora e no mesmo lugar.

Mas, apenas algumas horas antes do combinado, Damen aparece.

Ele chega aparentemente do nada, assim como em todas as minhas vidas anteriores, só que dessa vez não há tempo para um cortejo prolongado, nem mesmo para alguns gracejos. Suas intenções são urgentes demais para isso.

Ele está determinado a me comprar. A me *livrar* de uma vida sofrida de brutalidade e servidão e substituí-la por outra tão opulenta e privilegiada, tão oposta a tudo a que estou acostumada, que me convenço de que está mentindo, de que é um truque, de que é impossível que seja verdade.

Estou tão certa de que minha vida mudaria para algo infinitamente pior que grito por minha mãe, por meu pai, estico os dedos na direção de Jude, querendo que ele me abrace, me proteja, não me deixe ir para onde Damen está me levando. Estou convicta de que ele está me arrancando da única forma de felicidade que já conheci, levando-me na direção de algo muito pior. Estou aterrorizada, em um estado esmagador de confusão e medo. Suspeito intensamente desse novo senhor de fala suave, que sussurra gentilmente em meu ouvido, trata-me com respeito e me olha com um tipo de reverência que nunca vi antes e que eu sei que não é real.

Ele me instala cuidadosamente em meu próprio quarto, em minha própria ala de uma casa muito maior e mais elegante que aquela que eu era obrigada a limpar. Não espera nada de mim além de que durma, coma, vista-se e sonhe, sem nenhuma ameaça de serviços degradantes ou surras dolorosas.

Ele me acomoda, apontando as características de meus aposentos: meu próprio banheiro particular, uma cama com dossel, um guarda-roupa cheio de belos vestidos e uma penteadeira repleta com os melhores cremes e perfumes importados e escovas de cabelo com cabo de prata. Diz-me para demorar quanto precisar, pois o jantar esperaria até a hora em que eu estivesse pronta.

Nossa primeira refeição juntos é feita em silêncio absoluto. Eu me sento à sua frente com o mais belo vestido que já vi. Concentro-me na sensação suave do tecido, no modo como cai sobre minha pele sutilmente perfumada, enquanto belisco a comida e ele toma sua bebida vermelha. Ele olha para a frente, espiando-me de vez em quando, achando que não percebo, mas na maior parte do tempo está

distraído por seus pensamentos. A testa está franzida; os lábios, com uma expressão austera; o olhar marcante, pesado e conflituoso o suficiente para me dizer que está lutando contra algo, contra algum tipo de escolha que precisa fazer.

E, embora eu fique o tempo todo na expectativa de que aquilo seja apenas a primeira parte e de que algo muito ruim vá acontecer em seguida, isso não acontece. Simplesmente termino o jantar, desejo-lhe boa noite e volto para uma cama com os melhores lençóis de algodão, em um quarto aquecido por uma lareira bem-cuidada.

Acordo cedo na manhã seguinte e corro para a janela a tempo de vê-lo sair a cavalo. Meus olhos o perseguem ansiosos, certa de que é isso: ele me trouxe até aqui para me entregar a alguém que me espancará até a morte, em algum tipo de jogo doentio.

Mas estou errada. Ele volta naquela mesma noite. E, embora sorria ao me cumprimentar, seus olhos denunciam uma história trágica de derrota devastadora.

Dividido entre me revelar a verdade e não querer me deixar ainda mais amedrontada e perturbada, ele decide guardar as notícias para si mesmo, enterrar a terrível verdade que acabou de ver, imaginando não haver motivo para que eu saiba, pois não me fará bem algum.

Mesmo que nunca tenha descoberto a verdade naquela vida, Shadowland generosamente revela tudo o que ele não me disse.

Mostra exatamente o que aconteceu quando ele saiu aquele dia: aonde foi, quem viu, com quem falou, toda a cena sórdida.

Ele voltou à fazenda na intenção de comprar minha mãe, meu pai, Jude e todos os outros e levá-los para a casa, para que desfrutassem a liberdade. Ofereceu uma quantia exorbitante em dinheiro, uma soma de que nunca alguém havia ouvido falar, mesmo entre os mais ricos da região, mas a proposta foi recusada. Sem ao menos ser levada em consideração. E ele foi logo expulso de lá. Ficaram tão ansiosos em se livrar dele que mandaram um capataz escoltá-lo para fora da propriedade.

Um capataz que, posso dizer à primeira vista, não é o que parece.

Dá para ver no modo como se move, como se porta — confiante demais, perfeito demais, em todos os sentidos.

Ele é um imortal.

Mas não um bondoso — não é como Damen. Ele é malévolo. Muito antes que Damen se desse conta de que Roman ainda existia, que havia desenvolvido seu próprio elixir e estava transformando as pessoas. Mas posso ver em seu olhar preocupado que ele também sente.

Sem querer causar problemas, sem querer fazer cena e piorar a situação para minha família e Jude, Damen vai embora. Sintonizando meu medo de estar sozinha na mansão, ele está ansioso para me confortar e promete a si mesmo voltar à fazenda mais tarde, sob o disfarce da noite, e tirá-los de lá.

Não há como saber que será tarde demais.

Não há como prever o que eu acompanho agora: Roman espreita ao fundo enquanto o dono das terras está fora, comandando às escondidas o show de horrores.

Não há como saber que o fogo foi iniciado de propósito depois de sua partida, quando já era tarde demais para contê-lo, tarde demais para salvar alguém.

O restante da história se desenrola do modo como Damen me contou: ele me leva para a Europa, agindo com calma, lentamente, dando-me todo o tempo e o espaço de que preciso até que aprendo a confiar nele — a *amá-lo* —, a encontrar a verdadeira felicidade ao seu lado, mesmo que seja fugaz.

Até que Drina descobre e rapidamente acaba comigo.

E de repente tenho consciência do que deveria saber esse tempo todo:

Damen é *O Único*.

Sempre foi.

Sempre será.

Um fato que fica ainda mais claro quando revivo as cenas de minha última vida.

Vejo-o encontrar meu corpo no acostamento logo após o acidente. Não apenas testemunho, mas também *sinto*, *vivencio* o impacto total de seu luto por ter me perdido mais uma vez. Sua dor se transforma em minha dor, seu sofrimento me deixa sem ar enquanto ele implora por orientação, enquanto lida com a escolha de me transformar ou não em alguém como ele.

Completamente consumido por sua perda no dia em que gritei com ele, rejeitei-o, disse para ir embora e me deixar em paz, para nunca mais falar comigo, apenas alguns momentos após ele ter criado coragem para revelar no que havia me transformado — o que eu sou.

Damen vivenciou a confusão mental com toda a força quando se viu sob o encanto de Roman. Seu entorpecimento, a incapacidade de controlar as próprias ações, as próprias palavras, tudo cuidadosamente orquestrado por Roman, que o manipulou para ser cruel, para me magoar. Mesmo que eu já tivesse imaginado isso, aqui, em Shadowland, posso *sentir*, e sei agora mais que nunca que não importa o que ele tenha dito ou feito, seu coração não participou.

Ele estava apenas executando movimentos programados, seu corpo e sua mente dançando conforme a música tocada por Roman, enquanto seu coração se recusava a ser controlado e nunca se desviou do meu.

Mesmo quando se afasta para me deixar escolher entre Jude e ele, Damen me ama tanto quanto antes. Tanto que não sabe se pode realmente aguentar a dor de me perder de novo, e ao mesmo tempo permanece tão convicto de suas ações, tão ciente de que está tomando a atitude certa e mais nobre, que está preparado para me deixar partir se eu quiser.

Vejo como ele se sentiu perdido, sozinho e desolado sem mim. Assombrado pelas cenas de seu passado, certo de que merece o que está acontecendo e, embora tenha claramente se enchido de alegria quando eu volto, bem no fundo ele não tem tanta certeza de que me merece.

Sinto o medo que ele precisou controlar quando fui tomada pela magia negra que joguei sobre mim mesma — assim como sinto sua ânsia de me perdoar por todas as escolhas que fiz enquanto estava sob a influência dela.

Experimento seu amor de uma forma tão profunda que me sinto completamente oca e constrangida por sua abundância… pela forma como nunca diminuiu, nunca hesitou durante todos os séculos que se passaram, durante este último e tumultuado ano.

Sinto-me constrangida por ele nunca ter questionado seus sentimentos por mim da forma que questionei os meus por ele.

E, apesar de ter me afastado dele algumas vezes, agora sei de algo que antes não percebia:

Meu amor por ele também continuou verdadeiro.

Posso ter questionado, criticado, desviado-me muito do caminho algumas vezes, mas toda aquela confusão existiu apenas em minha cabeça.

Bem lá no fundo, meu coração conhecia meus sentimentos.

E agora sei que Haven estava errada.

Nem sempre um ama mais que o outro.

Quando duas pessoas foram realmente feitas uma para a outra, elas amam igualmente.

De modos diferentes, mas, ainda assim, na mesma proporção.

A ironia é que, agora que me dei conta de tudo isso, que finalmente percebi a verdade sobre nós, sou forçada a passar o resto da eternidade suspensa no abismo, refletindo sobre tudo o que perdi.

Cercada por um manto infinito de escuridão, completamente desconectada de tudo e de todos. Assombrada pelos erros de meu passado que desfilarão diante de meus olhos eternamente. Como um programa sem fim sendo repetido para sempre, provocando-me com tudo o que eu poderia ter sido se tivesse feito outras escolhas.

Se pelo menos eu tivesse seguido meu coração, e não minha cabeça… Uma coisa fica absolutamente clara: embora seja verdade que sempre pude contar com Jude, que ele sempre foi gentil, generoso e amoroso comigo, Damen é minha alma gêmea.

Abro a boca, desesperada por gritar seu nome, pela sensação que dará a meus lábios, minha língua, na expectativa de alcançá-lo de alguma forma.

Mas nada sai.

E, mesmo que meu grito saísse, não haveria ninguém para me escutar. É isso.

Minha eternidade.

Sem contato.

Na escuridão.

Repetidas vezes atormentada por um passado que não posso mudar.

Ciente de que Drina está em algum lugar por aí. Roman também. Cada um de nós preso em nossa própria versão do inferno, sem conseguir encontrar um ao outro e sem saída.

Então, faço a única coisa que posso: fecho os olhos e me rendo. E não penso em mais nada, só que, pelo menos agora, eu sei.

Pelo menos encontrei a resposta que busquei por tanto tempo.

Sussurrando sem voz no vazio, meus lábios se movem rapidamente, em silêncio, sem parar. Chamando seu nome, chamando-o para mim.

Mesmo que não adiante.

Mesmo que seja em vão.

Mesmo que seja tarde demais.

vinte e sete

O som de sua voz flutua sobre mim, dentro de mim, ao meu redor. Como um zumbido vago e distante que cruza oceanos, continentes e galáxias para me alcançar.

Mas não consigo responder, não consigo reagir de modo algum. É inútil. Irreal.

Um truque da mente.

Uma zombaria de Shadowland.

Ninguém pode chegar a mim, agora que estou aqui.

Meu nome é um apelo em seus lábios quando diz:

— Ever, meu amor, abra os olhos e olhe para mim… *por favor*. — Palavras tão familiares que tenho certeza de que já as ouvi antes.

E, como antes, luto para encontrá-las. Ergo as pálpebras lentamente para encontrá-lo a me observar. Sobrancelhas inclinadas de alívio enquanto os olhos profundos e escuros mergulham ansiosamente nos meus.

Mas não é real. É algum tipo de brincadeira. Shadowland é um lugar cruel e solitário, e não posso correr o risco de cair nessa armadilha.

Ele passa os braços ao meu redor, envolvendo-me, aninhando-me, e eu me permito aceitar, entregar-me a suas profundezas, porque, embora não seja real, é bom demais para resistir.

Tento mais uma vez, luto para gritar seu nome, mas ele pressiona o dedo contra meus lábios, apertando suavemente.

— Não fale nada. Está tudo bem. *Você está* bem. Acabou — ele sussurra.

Começo a me afastar, ainda olhando para ele, não totalmente convencida. Meus dedos procuram minha garganta em busca de evidências, explorando o local exato em que Haven me acertou.

Acabou comigo.

Lembro-me exatamente de como foi morrer pela segunda vez nesta vida.

Lembro-me de como não foi nem um pouco parecido com a primeira vez.

Meus olhos percorrem seu rosto e eu vejo a preocupação em sua fronte vincada, o alívio em seu olhar, ansiosa para que ele entenda o que realmente aconteceu.

— Ela me matou — digo a ele. — Apesar de todo o meu treinamento e prática, no final, não fui páreo para ela.

— Ela não matou você — ele sussurra. — Sinceramente, você *ainda* está aqui.

Esforço-me para me sentar, mas ele me puxa mais para perto. Então olho para a loja e vejo os vidros quebrados, as estantes derrubadas — como uma cena do mais exagerado filme de desastres, com terremotos, tornados, um ataque completo.

— Mas eu fui para Shadowland… Eu vi…

Fecho os olhos e engulo o nó que tenho na garganta, e faço uma pausa por tempo suficiente para que ele diga:

— Eu sei. Pude *sentir* seu desespero. Mas, mesmo que tenha parecido um tempo longo para você, pelo menos sei que foi assim para mim, não foi o suficiente para que o fio prateado se rompesse e seu corpo se separasse da alma. E por isso consegui convencê-la a voltar.

Embora ele fale com tanta confiança, embora confirme com a cabeça e olhe em meus olhos cheio

de certeza, eu sei. Apesar de meu fio continuar preso, sei que morri. E só há um motivo para eu ter voltado.

Superei meu chacra fraco.

Assim que percebi a verdade — sobre mim, sobre *nós* —, assim que fiz a escolha certa, de algum modo me recuperei.

— Ela acertou meu ponto fraco… meu quinto chacra… e então… eu vi tudo. — Olho para ele, com o desejo de que ele saiba, de que ele me ouça. — Vi *cada acontecimento*, todos os instantes de todas as nossas vidas. Incluindo aquilo que se esforçou tanto para esconder de mim.

Ele respira fundo, o olhar cheio de perguntas, sobretudo uma, que é muito importante para nós.

Não perco tempo respondendo. Envolvo seu pescoço com os braços e o puxo para perto de mim, quase sem notar o véu de energia que dança entre seus lábios e os meus, enquanto minha mente flui para a dele, informando-o de tudo o que vi e o que agora compreendo.

Que agora aceito a única verdade real.

Que nunca mais duvidarei dele.

Ficamos assim, com os corpos unidos, intensamente cientes do milagre que acaba de acontecer.

Sou mais que alguém que acaba de renascer — despertei renovada e verdadeiramente.

Ao me afastar no momento seguinte, meu olhar faz uma pergunta que ele responde imediatamente ao dizer:

— Senti sua aflição. Cheguei aqui o mais rápido que pude e encontrei a loja destruída e você… praticamente… morta. Mas não demorou muito a voltar, embora tenha certeza de que pareceu uma eternidade para você. É assim que Shadowland funciona.

— E Jude? — Meu coração afunda até o estômago enquanto meus olhos percorrem o lugar, incapaz de encontrá-lo, não importa quanto procure.

Então ele afunda ainda mais quando a voz de Damen diminui e diz:

— Jude não está mais aqui.

vinte e oito

A primeira visão que tenho quando chegamos é o que menos esperava.

As gêmeas.

Romy e Rayne lado a lado. Romy vestida de cor-de-rosa dos pés à cabeça, Rayne de preto da cabeça aos pés. Elas abrem a boca em uníssono assim que me veem.

— Ever! — Romy grita e corre para me abraçar, joga seu corpo magro no meu, quase me derrubando enquanto passa os braços finos ao meu redor e me abraça forte.

— Achamos que você havia ficado presa em Shadowland — diz Rayne, balançando a cabeça e piscando para afastar o sofrimento. Ela vem para o lado da irmã, que ainda está grudada em mim. E justamente quando tenho certeza de que ela fará algum tipo de comentário sarcástico, alguma observação irônica sobre estar decepcionada por eu ter escapado ilesa, ela olha bem para mim e diz: — Fiquei muito feliz por estarmos erradas. — E sua voz falha a ponto de ela mal conseguir pronunciar essas palavras.

Sei reconhecer uma oferta de paz, portando envolvo-a com o braço, surpresa pela forma como ela permite e se aconchega em mim. Ela não apenas retribui o abraço, como também prolonga-o por muito mais tempo que eu esperava. Afastando-se alguns instantes depois, ela limpa a garganta, passa os dedos pela franja desfiada e limpa o nariz com a manga comprida de algodão.

Mesmo louca para saber como chegaram aqui, por enquanto terei que esperar. Tenho preocupações muito mais urgentes.

Mas eu nem tenho a chance de dizê-las antes que as gêmeas façam um gesto solene com a cabeça e anunciem:

— Ele está aqui. — Elas se viram e apontam na direção dos Grandes Salões do Conhecimento, bem atrás delas. — Ele está com Ava. Está tudo bem.

— Então… ele está *curado*?

Minha voz falha, esperando que estejam querendo dizer exatamente isso, e me sinto instantaneamente aliviada quando elas confirmam.

— E vocês? Estão vivendo aqui novamente?

Elas olham uma para a outra com a mesma expressão sombria no rosto, que é rapidamente substituída por um balançar de ombros e uma explosão de gargalhadas. Elas se jogam uma sobre a outra, desfrutando algum tipo de piada íntima, até que Rayne se acalma o suficiente para dizer:

— Você *quer* que a gente volte a viver aqui? — Ela franze a testa e olha para mim, voltando a agir com sua verdadeira personalidade, bem, pelo menos com aquela que tem na maior parte do tempo.

— Só quero que sejam felizes — digo a elas, sem levar nem um segundo sequer para responder. — Onde quer que vocês se sintam assim.

Romy sorri, erguendo os ombros e dizendo:

— Ficaremos com Ava. Agora que sabemos como vir visitar este lugar sempre que quisermos, bem, não achamos que precisamos voltar a viver aqui. Além disso, gostamos muito da escola.

— É, e a escola também gosta de nós. — Rayne dá um raro e breve sorriso que faz seus olhos dançarem. — Fui eleita representante da turma.

Faço um gesto afirmativo com a cabeça, nem um pouco surpresa.

— E Romy foi aceita como líder de torcida — ela completa, revirando os olhos.

— Acho que todo aquele treino com Riley, você sabe, quando ela vivia aqui e costumava andar conosco, bem, acho que deve ter ajudado muito.

— Romy dá de ombros com modéstia.

— Riley ajudou você com animação de torcida? — Estreito os olhos, bastante surpresa em ouvir aquilo, embora não tenha certeza do motivo.

Vejo Romy confirmar com a cabeça e dizer:

— Ela queria ser exatamente como você. Sabia disso, não é? Ela memorizou todas as coreografias que você fez e depois nos ensinou.

Aperto os lábios e me encosto em Damen, feliz por receber o abrigo de seu calor intenso, sua mão apertando a minha. Tenho certeza, agora mais do que nunca, de que posso ter isso a hora que quiser, no momento em que precisar. Sempre poderei contar com ele.

Concentro-me novamente nas gêmeas e digo:

— E, por falar em pessoas de quem sentimos falta…

Elas olham primeiro uma para a outra e depois para mim.

— Conheço alguém que realmente gostaria de vê-las novamente.

Lembro-me do senhor britânico com quem encontrei quando dei de cara com o chalé no qual elas costumavam viver, na época em que descobri a verdade sobre a ligação delas com minha irmã e com Ava. Envio a imagem a elas por telepatia.

— Mas ele pareceu bastante confuso. Colocou na cabeça que Romy era a menina teimosa e Rayne a boazinha, mas acho que todos nós sabemos que não é verdade…

Elas alternam o olhar entre Damen e mim e depois irrompem em mais uma série de gargalhadas. Nós ficamos ali parados, sem saber do que estão rindo, mas rapidamente deixando isso de lado e concentrando-nos um no outro.

E é assim que Ava e Jude nos encontram quando saem dos Salões e descem a íngreme escadaria de mármore.

As gêmeas rindo.

Eu me comunicando com Damen — minha cabeça em seu ombro, nossas mãos unidas.

E isso é tudo de que Jude precisa para saber que a escolha foi feita.

Para saber que Damen e eu estamos destinados a ficar juntos.

Que o que possa ter acontecido entre nós já estava acabado antes mesmo de começar.

Ele para no último degrau, permitindo que Ava passe à sua frente enquanto seus olhos se fixam nos meus. Ele sustenta o olhar pelo que parece uma eternidade, mas não troca nenhuma palavra comigo, nenhum pensamento telepático.

Mas palavras não são necessárias quando a mensagem é clara.

Então ele respira fundo, faz uma pausa para se recompor e acena com a cabeça em reconhecimento. Ambos sabemos que é isto: minha decisão foi tomada e nunca mais será posta à prova.

Ao mudar o foco para Ava e as gêmeas, ele decide se juntar a elas em sua jornada para revisitar todos os lugares que costumavam frequentar, pelo menos para se distrair do que acredita que acabou de perder.

Eles estão prestes a sair quando me viro para as gêmeas e pergunto:

— Ei… Como vocês conseguiram? Como voltaram aqui?

Vejo o modo como Ava se ilumina de orgulho, enquanto as gêmeas olham primeiro uma para a outra e depois para mim. Romy decide tomar a iniciativa:

— Tiramos o foco de nós mesmas e o colocamos em outra pessoa, para variar.

Estreito os olhos, sem entender muito bem aonde elas querem chegar.

— Estávamos aqui com Damen quando ele encontrou você — explica Rayne. — E quando vimos Jude e o estado dele… Bem, sabíamos que havia apenas um modo de salvá-lo, e era trazendo-o aqui, a Summerland.

— O que significa que todo o nosso foco em chegar aqui não era mais por *nós*, mas por *ele*. Nosso único objetivo era ajudá-lo. — Romy sorri. — E funcionou.

— Como Ava sempre nos disse — diz Rayne, olhando para ela com admiração. — Como ela sempre diz… — Ela para de falar e caminha na direção de Ava. — Bem, você sabe como é, já que a frase é sua…

Ava ri, bagunçando os cabelos de Rayne e depois puxando-a para seu lado e Romy para o outro, fitando-me nos olhos e dizendo:

— Tudo depende da *intenção*. Quando se coloca todo o foco em um problema, só se consegue mais problema. Mas quando se coloca o foco em ajudar, a energia se direciona para a *ajuda*, não para o problema. Então antes, quando as gêmeas não conseguiam voltar a Summerland, era porque estavam focando em si mesmas e em seu problema para chegar aqui. Mas dessa vez sua única preocupação era Jude, e chegaram em um instante. Basicamente, sempre que alguém busca uma solução, tem emoção *positiva*, e sempre que olha para o problema, tem uma emoção *negativa*, que, como você sabe, nunca leva a lugar nenhum. Assim que tira o foco de si mesmo e de suas necessidades e o coloca na forma de conseguir algo que pode beneficiar também outra pessoa, bem, então é impossível não dar certo — ela diz com a voz suave e doce. — É a chave por trás de qualquer sucesso.

Rayne dá de ombros, sorrindo e balançando a cabeça.

— Quem poderia imaginar? — diz ela.

É, quem poderia imaginar? Sorrio e lanço um olhar rápido para Ava, vendo como alterna o olhar entre Damen e mim e sabendo instintivamente que aprova minha escolha. Depois muda o foco para Jude, que, graças à maravilhosa magia curativa de Summerland, voltou a ser tão forte, bonito e sexy como sempre.

Como se Haven não tivesse acabado de partir seu corpo.

Como se eu não tivesse acabado de partir seu coração.

O tipo de cara que qualquer garota teria muita sorte em namorar.

O tipo de cara que tenho a sorte de conhecer há tanto tempo.

Então fecho os olhos e materializo minha própria estrela da noite no céu de Summerland, bem acima de sua cabeça. Sei que os desejos nem sempre se realizam do modo que queremos, mas, se a gente acreditar e mantiver a mente aberta, há uma chance muito boa de que se concretizem de alguma forma. Mesmo sem ter percebido na hora, foi exatamente o que minha estrela da noite fez por mim.

Ao me enviar a Shadowland, pude encontrar a resposta de que precisava.

Antes que eles saiam e antes que minha estrela desapareça, respiro fundo e faço um pedido para Jude.

Desejo que ele permaneça aberto e esperançoso e disposto a acreditar que existe alguém no mundo que será muito melhor para ele do que eu jamais poderia ser.

Desejo que ele encontre uma pessoa que o ame da mesma forma que ele a amará.

Desejo que ele encontre o que encontrei em Damen.

Deixo-o com esse desejo. Deixo minha estrela brilhando no céu pelo tempo que durar. Vejo-os partirem em uma direção enquanto Damen e eu tomamos outra, passeando de mãos dadas, quietos e satisfeitos, enquanto o guio para o pavilhão.

— Tem certeza? — ele diz, parado do lado de fora, claramente em dúvida sobre tentar isso novamente.

Faço que sim com a cabeça e o puxo para dentro. Tenho certeza absoluta. Na verdade, mal posso esperar para começar.

Há muito sobre aquela vida sulista que ainda preciso explorar e, pelo que vi em Shadowland, certamente houve partes muito boas que eu adoraria rever.

Entrego-lhe o controle remoto e fico diante da tela, sorrindo para ele enquanto digo:

— Adiante para a parte boa, depois que garantiu minha liberdade, ganhou minha confiança e me levou para a Europa…

vinte e nove

Quando saímos de lá, não tenho ideia de quanto tempo se passou.

Como em Summerland a luz do dia é perpétua e tudo acontece em um presente eterno, é impossível saber.

Só sei que meus lábios estão macios e inchados e minhas bochechas estão rosadas e levemente arranhadas pelos pelinhos da barba de Damen — um estado que deve desaparecer em alguns segundos.

Muito mais rapidamente que a indignação de Sabine em relação à minha longa ausência no plano terreno.

Muito mais rapidamente que a alegria triunfante de Haven por pensar que conseguiu me matar.

Ainda assim, mesmo sabendo que preciso chegar em casa e enfrentar ambas as situações, reluto em partir, reluto em abrir mão dessa magia com tanta rapidez. E, como Damen também está relutante, materializa um cavalo branco para montarmos, deixando-o vagar à vontade enquanto desfrutamos a paisagem.

Descanso o queixo no ombro de Damen e passo os braços ao redor de sua cintura enquanto cavalgamos ao longo de riachos que se movem lentamente, de vielas de pedra vazias, de grandes campos cheios de passarinhos e flores deliciosamente perfumadas, da costa de uma linda praia de areia branca e água azul-turquesa, subimos uma trilha íngreme e sinuosa que leva a um pico montanhoso com uma vista maravilhosa e depois descemos novamente e atravessamos um deserto.

Percorremos até as ruas de nossas vidas passadas. Damen materializa réplicas de Paris, Nova Inglaterra, Londres, Amsterdã, e, sim, até mesmo o Sul anterior ao período da guerra. Ele chega a me proporcionar um vislumbre do início de sua vida em Florença, na Itália, mostrando a casinha onde morava, a oficina de seu pai em uma rua estreita e as bancas favoritas nas quais sua mãe sempre fazia compras.

Ele materializa imagens efêmeras de seus pais, formas sem alma que ganham e perdem foco diante de nós. Ele sabe que já os vi antes, quando espiei sua vida nos Grandes Salões do Conhecimento, mas quer que eu os veja da forma como ele vê. Está ansioso por compartilhar todos os traços de sua vida, de nossas vidas juntos, até que não haja segredos entre nós, até que tudo se una — até que toda a história de nossas vidas esteja completa.

Sinto-me mais próxima dele que nunca, completamente segura de estarmos nessa jornada juntos, para o melhor e para o pior. Então decido mostrar-lhe algo que havia escondido.

Fecho os olhos e insisto que nossa montaria nos leve para aquele lugar, o lado negro de Summerland, o lado que mantive escondido, que guardei para mim. Por alguma razão que não sei bem como explicar, estou certa de que é hora de compartilhar isso com ele.

O cavalo segue minha orientação imediatamente, mudando de curso enquanto pressiono os lábios contra a orelha de Damen e digo:

— Há algo que não lhe contei. Algo que preciso que você veja.

Ele se vira para trás e seu sorriso se transforma em uma expressão de preocupação quando vê meu olhar sério.

Apenas faço um gesto de reconhecimento com a cabeça e mando o cavalo seguir em frente. Sei que estamos chegando perto quando seu ritmo começa a diminuir e tenho que estimulá-lo a continuar.

Sei pelo modo como o ar muda de repente, o céu escurece, a névoa fica mais densa e o que antes era uma floresta próspera, cheia de plantas e flores viçosas se transforma em um pântano lamacento.

Nosso cavalo para, agita o rabo de um lado para o outro e joga a cabeça para trás em protesto, recusando-se a seguir em frente. Sabendo que é inútil forçá-lo, desço e faço um sinal para que Damen se junte a mim.

Respondo à pergunta que vejo em seu olhar, dizendo:

— Encontrei este lugar há um tempão, quando estava em Summerland com Jude e dei de cara com você. Estranho, não é?

Ele estreita os olhos e observa para o solo lamacento e para as árvores malnutridas. Para os galhos frágeis, acinzentados, desprovidos de folhas, de qualquer sinal de vegetação ou de vida, apesar do suprimento infinito de chuva.

— O que é isso? — ele pergunta, ainda observando.

— Não sei. — Dou de ombros, balançando a cabeça. — A última vez que estive aqui foi meio por acaso. Bem, imagino que não tenha sido realmente por acaso, já que não há acaso aqui, mas não estava procurando este lugar. Estava apenas matando tempo, esperando Jude sair dos Grandes Salões do Conhecimento. Então, só para fazer hora, só para ter algo para fazer, pedi que Summerland me mostrasse a única coisa que ainda não havia visto, a única coisa sobre a qual realmente precisava saber… E minha égua me trouxe até aqui. Quando tentei ir em frente e explorar um pouco mais, ela se recusou, assim como nosso cavalo fez há pouco. Então tentei prosseguir sozinha, mas a lama estava tão mole que afundei até os joelhos e acabei desistindo. Mas agora eu pensei…

Ele me olha cheio de curiosidade.

— Bem, parece que está maior que antes. Como se… — Faço uma pausa e olho em volta. — Como se estivesse crescendo ou se expandindo, ou algo do tipo. — Balanço a cabeça. — Não sei, é difícil explicar. O que acha?

Ele respira fundo e seu olhar está obscurecido a princípio, como se estivesse tentando me proteger de alguma coisa, mas logo passa. É nossa velha forma de comunicação. Não guardamos mais segredos um do outro.

Ele passa os dedos pelo queixo e diz:

— Sinceramente? Não tenho a mínima ideia. Nunca vi nada parecido com isso antes, pelo menos não aqui. Mas preciso dizer uma coisa, Ever: isso realmente não me passa uma boa impressão.

Confirmo com a cabeça, olhando para um bando de pássaros e vendo como se mantêm cuidadosamente dentro de um perímetro, recusando-se a voar para perto das áreas mais escuras.

— Sabe, Romy e Rayne me disseram uma vez, pouco depois que nos conhecemos, que Summerland abriga *todas* as possibilidades, e você também já me disse isso.

Damen olha para mim.

— Então, se for verdade, talvez este seja… o *lado negro*. Talvez Summerland seja como o *yin* e o *yang*. Sabe? Partes iguais de luz e escuridão.

— Espero que não sejam *iguais* — diz ele, com uma expressão de alarme no rosto. Então suspira e acrescenta: — Eu já frequento este lugar há um bom tempo, *muito* tempo. E realmente pensava que já tivesse visto tudo, mas isto… — Ele balança a cabeça. — Isto é totalmente novo. Não tem nada a ver com a Summerland que estudei e sobre a qual li. Não tem nada a ver com a Summerland que vivenciei. E se não era assim antes, se esta parte for realmente nova… bem, algo me diz que não pode ser um bom sinal.

— Será que deveríamos explorá-la? Dar uma olhada e ver se descobrimos algo mais?

— Ever… — Ele estreita os olhos, nitidamente nem um pouco curioso como eu. — Não estou certo de que seja uma boa…

Mas não o deixo terminar. Estou decidida e agora é só uma questão de convencê-lo também.

— Só uma olhadinha e vamos embora — digo, vendo a hesitação em seu olhar e sabendo que estou quase conseguindo. — Mas preciso avisá-lo, essa lama é traiçoeira, então prepare-se para afundar até os joelhos.

Ele respira fundo, hesita por um instante, mesmo já sabendo que está decidido. Finalmente pega em minha mão enquanto nós dois nos aventuramos lentamente pelo lamaçal, olhando rapidamente por cima do ombro e vendo nosso cavalo com as orelhas caídas, pisoteando o chão, bufando e relinchando enquanto nos lança um olhar que diz: *Se acham que vou segui-los, estão loucos*.

Andamos sob a chuva incessante até que nossas roupas ficam ensopadas e os cabelos grudam no rosto e no pescoço. Paramos de vez em quando para olhar um para o outro, erguendo as sobrancelhas em dúvida, mas ainda prosseguindo.

A lama sobe até nossos joelhos, e eu me lembro de algo que aconteceu na última vez que estive aqui. Olho para ele e digo:

— Feche os olhos e tente materializar algo. Qualquer coisa. Rápido. Aproveite para tentar fazer algo útil, como um guarda-chuva ou uma capa impermeável.

Ele olha para mim e posso ver em seus olhos. Apesar de não ser útil, é absolutamente adorável. Uma tulipa. Uma única tulipa vermelha. Mas ela fica bem ali em sua mente, recusando-se a se materializar diante de nós.

— Achei que pudesse ser só comigo. — Lembro-me da primeira vez, sombria e macabra, que me vi aqui. — Fiquei tão confusa que cheguei a pensar que este lugar só existisse *por minha causa*. Como se fosse uma manifestação física de meu estado interior… ou… *algo assim*. — Dou de ombros e me sinto estúpida por ter dito aquilo.

Estou prestes a dar outro passo quando Damen estica o braço e me impede.

Sigo seu olhar e vejo para onde ele aponta com o dedo, do outro lado do pântano lamacento e acinzentado. Quase perco o ar de surpresa quando percebo uma mulher mais velha a alguns metros de distância.

Seu cabelo está molhado, são filetes brancos que passam da cintura, sobre uma fina túnica de algodão cinza que combina perfeitamente com as calças de algodão acinzentadas que usa por dentro de galochas marrons. Seus lábios se movem sem parar, murmurando suavemente para si mesma, enquanto ela cava a lama com os dedos.

Como Damen, olho para ela em silêncio, imaginando como não a tinha visto até agora.

Continuamos ali parados, sem saber o que fazer ou mesmo o que dizer caso ela nos veja. Mas ela permanece alheia, totalmente focada no que está fazendo. Finalmente para de cavar, pega uma pequena lata prateada e começa a regar a área já alagada.

Apenas quando se vira e fica de frente para nós é que vejo como é realmente velha. Sua pele é tão fina e translúcida que praticamente é possível ver através dela; as mãos são enrugadas e trêmulas, com ossos salientes que parecem doloridos. Mas são os olhos que contam a verdadeira história — a cor lembra jeans desbotado pelo sol, parecem úmidos, membranosos, acometidos de catarata, mas, mesmo a distância, não há como negar que estejam olhando para mim.

Seus dedos soltam a lata, que cai a seus pés. A velha não parece se importar quando a lama rapidamente engole a lata. Ergue lentamente o braço com o dedo trêmulo, aponta em minha direção e

diz:

— *Você*.

Damen instintivamente se põe à minha frente, numa tentativa de bloquear a visão que ela tem de mim.

Mas não adianta. Seu olhar permanece firme, determinado, e ela continua a apontar, e a repetir a frase várias vezes.

— *Você. É você mesmo. Estamos esperando por você há tanto tempo…*

Damen me cutuca, sussurrando baixinho.

— Ever, não dê ouvidos a ela, apenas feche os olhos e visualize o portal… Agora!

Mas, mesmo tentando, não funciona. Não há uma saída rápida. Nenhuma magia ou materialização funcionam por aqui.

Ele pega em meu ombro, agarra minha mão e me diz para correr, virando as costas e espirrando lama, fazendo o melhor para me puxar junto. Seguimos tropeçando, caindo, revezando-nos em ajudar o outro a se levantar. Fazemos o possível para voltar até onde está nosso cavalo, para sair dali.

Para manter alguma distância da voz que continua a nos perseguir.

A nos provocar.

Repetindo as mesmas frases várias vezes:

Da lama se erguerá
os vastos céus oníricos alcançará
como você-você-você também deve fazer…

trinta

Assim que passamos pelo portão, começamos a procurar por Haven. Mas ela nos vê primeiro.

Percebo isso pela forma como ela para — para de falar, de se mover, praticamente para de piscar e respirar — e fica boquiaberta.

Ela achou que eu estivesse morta.

Abandonou Jude acreditando que tivesse morrido.

Mas aparentemente as coisas não saíram como ela planejara. Cumprimento-a com um gesto de cabeça, jogando os cabelos sobre os ombros para lhe proporcionar uma visão clara de meu pescoço — ainda sem o amuleto, do jeito que ela o deixou. Quero que saiba que já não sou vulnerável. Já não tenho um ponto fraco. Não sou mais ameaçada pela falta de discernimento, por confiar nas pessoas erradas ou por mau uso do conhecimento.

Superei completamente tudo isso.

O que não lhe deixa escolha senão lidar comigo, agora que não pode acabar comigo.

Quando tenho certeza de que ela teve tempo suficiente para processar tudo, levanto a mão que está entrelaçada à de Damen a uma altura em que ela possa ver. Quero que saiba que ainda estamos juntos, que sobrevivemos à tempestade, que ela não pode nos derrotar, nada pode, então é melhor nem tentar.

Mesmo virando-se rapidamente, voltando a seus amigos e tentando prosseguir como se tudo estivesse normal, ambas sabemos que não está. Causei um grande estrago em seus planos, e ela ainda não entendeu completamente, mas logo compreenderá.

Passamos por ela e seguimos até o banco em que Stacia está sozinha, com um capuz na cabeça, fones de ouvido e óculos enormes cobrindo o rosto, em uma tentativa de desviar e ignorar os insultos que vêm de praticamente todos os alunos que passam, enquanto espera que Damen apareça e a defenda.

Eu paro, chocada com o modo como ela se parece comigo, ou pelo menos com a antiga Ever, imaginando se ela vê o mesmo, se percebe a ironia da situação.

Damen aperta minha mão. Seu olhar é questionador e confunde minha hesitação com relutância em continuar com isso, mesmo que já tenhamos conversado sobre o assunto um milhão de vezes.

— Eu dou conta. — Confirmo com a cabeça. Então olho para ele e completo: — É sério. Não se preocupe. Sei exatamente o que dizer.

Ele sorri e se inclina para me beijar, os lábios macios e doces tocando minhas bochechas. Um lembrete rápido e fácil de que me ama, de que está comigo, de que sempre estará. E, como isso é incrivelmente bom e eu gosto muito, não questiono mais.

Stacia tira os olhos do iPod, encolhendo-se assim que me vê. Não posso deixar de notar que seu rosto fica sério, ela curva involuntariamente os ombros e os afasta quando me sento a seu lado.

Ela não tem ideia do que posso querer, mas está obviamente convencida de que, o que quer que seja, não pode ser bom. Levanta os óculos e lança a Damen um olhar que pede socorro. Ele se senta a meu lado enquanto balanço a cabeça e digo:

— Não olhe para ele, olhe para *mim*. — Eu a encaro. — Acredite se quiser, sou *eu* quem vai tirar você desta confusão. Sou *eu* quem vai fazer tudo voltar a ser como era. Ou pelo menos *quase* como era.

Ela alterna o olhar entre nós dois, segurando a barra enrolada do vestido, sem saber se estou mesmo sendo sincera ou se ela está sendo envolvida em algum tipo de plano de vingança criado por mim.

Está prestes a se levantar e sair, arriscar-se em meio à massa hostil, quando a interrompo, dizendo:

— Mas, como certamente já deve ter adivinhado, há uma condição.

Ela me olha desconfiada, à espera do pior.

— A condição é que, quando voltar à mesa dos populares, vai usar sua influência para o bem, não para o mal.

Ela balança a cabeça e depois solta uma risada nervosa que logo desaparece. Incapaz de saber se estou brincando ou falando a sério, olha novamente para Damen em busca de resposta. Mas ele apenas sacode os ombros enquanto se aproxima de mim.

— Não estou brincando. Estou falando a sério. Caso não tenha notado, caso já tenha esquecido, você me sacaneou desde o primeiro dia em que cheguei a esta escola. Divertiu-se *muito* ao fazer da minha vida um inferno. E aposto que passou mais tempo tramando contra mim que estudando para as provas.

Ela olha para os joelhos, contrai-se e cora diante de minha lista de acusações e minha análise minuciosa. Sabiamente, opta por não abrir a boca. Ainda não acabei, e há muito mais de onde veio tudo isso.

— Sem contar que tentou roubar meu namorado bem diante de meu nariz… mais de uma vez. — Olho fixamente em seus olhos, sem qualquer compaixão. — Mas não vamos fingir que fui a única torturada por você, porque acho que ambas sabemos que não é o caso. Praticamente qualquer pessoa que considerasse mais fraca ou de alguma forma inferior a você, ou, que seja, até mesmo algum tipo de ameaça podia virar alvo. Perseguiu até sua suposta melhor amiga.

Ela olha para mim com o nariz enrugado, os olhos semicerrados, obrigando-me a dizer:

— Alô-*ou*? *Honor*! — Balanço a cabeça, perguntando-me se não estou apenas perdendo meu tempo, se é realmente possível tocar alguém tão vaidoso, egoísta e emocionalmente ignorante como ela. — Por que acha que ela se virou contra você? Acha que é tudo culpa de Haven? Pense bem. Ela já vem planejando isso há algum tempo, principalmente porque você a tratava como lixo. Do mesmo modo como trata todo mundo. Mas também porque você tentou roubar o namorado dela. Pelo que fiquei sabendo, essa foi a gota d'água.

Ela engole em seco, passa os dedos pelos cabelos e arruma-os de modo que cubram parcialmente seu rosto, nem um pouco disposta a olhar para mim e sem querer que eu a veja. Mas pelo menos não está tentando negar o que ambas sabemos que é verdade.

— E também ouvi dizer que foi tão bem-sucedida com isso quanto foi ao tentar roubar Damen. — Estreito os olhos e balanço a cabeça, mas deixo as coisas como estão, imaginando que já me deleitei muito com esta conversa. — Apesar do fato de seu comportamento ser absolutamente cruel, calculista e desnecessário, vou ajudá-la a reconquistar sua antiga posição.

Ela analisa meu rosto, tentando determinar se é realmente verdade. Assim que confirmo, ela volta ao intenso estudo de seus joelhos bronzeados artificialmente.

— E não é por gostar de você. Porque eu realmente *não gosto*. E não é por achar que você merece. Porque definitivamente *sei* que não é verdade. É porque o que Haven está fazendo, acredite se quiser, é ainda pior que aquilo que você fazia. E, como não tenho interesse em ser a abelha-rainha da escola, decidi devolver a posição a você. Mas, como eu disse, sob algumas condições. A

principal delas é que, a partir de agora, encontre outro modo de se promover. Terá que parar de derrubar os outros a fim de se destacar, porque é praticamente a atitude mais baixa e mesquinha que alguém pode ter. E se essa sua experiência, esse revés em sua prosperidade social, não lhe serviu de lição, não sei o que servirá. Agora que experimentou como é estar do outro lado, agora que sentiu na pele como é ser excluída e maltratada como costumava fazer com os outros, imagino que não queira que ninguém mais passe por isso. Mas talvez não seja bem assim. Quando se trata de você, nunca se sabe.

Ela permanece ali sentada, com os ombros curvados e o cabelo formando uma cortina entre nós. A cabeça balança enquanto ela bate uma sandália de marca na outra, o único indício de que está me ouvindo, de que está me levando a sério, e é tudo de que preciso para continuar.

— O negócio é o seguinte: você é bonita e inteligente, tem todas as vantagens que qualquer pessoa poderia querer no mundo e, sinceramente, só isso deveria bastar para lhe dar poder. Então talvez, só talvez, em vez de agir como uma fedelha gananciosa e tentar roubar tudo o que sabe que não pode ter, poderia se concentrar em descobrir uma forma de usar essas dádivas para se tornar uma boa influência para as pessoas. Pode achar meio piegas, pode achar que sou ridícula, mas estou falando a sério. Se quiser voltar a ser a estrela desta escola, é exatamente isso que vai fazer. Senão, não tenho interesse em ajudá-la. Por mim, pode passar o restante do ano assim. E nem eu nem Damen levantaremos um dedo para ajudá-la.

Ela respira fundo, depois olha para nós dois, suspirando e balançando a cabeça, dirigindo suas palavras principalmente para Damen quando diz:

— Ela está falando a sério? Isso é verdade?

Damen faz que sim com a cabeça, me envolve com os braços e me puxa para mais perto.

— É, sim. Então é melhor ouvir o que ela está dizendo e anotar se for preciso.

Ela suspira, olhando para a escola que costumava dominar e a qual agora teme. Mesmo estando claro que ela não está nem perto de mudar, que só está aceitando isso porque chegou ao fundo do poço e não tem mais nada a perder, nenhum lugar para ir além de afundar ainda mais, já é um começo.

Já é o suficiente para mim.

Então lhe dou mais um momento para absorver tudo aquilo, esperando até que ela se vira e concorda, mexendo a cabeça. Depois digo:

— Certo, então é aqui que você começa…

Por mim, ela teria começado bem ali, naquela hora.

E Damen e eu a teríamos visto ir até Honor e colocar o plano em ação.

Mas Stacia precisava de mais tempo.

Tempo para refletir, acostumar-se com a ideia. Mesmo querendo voltar ao topo, estava tão pouco acostumada à necessidade de se desculpar que precisou ser convencida, além de ter que receber orientação para encontrar as palavras certas.

Ainda assim, por mais que eu a tenha pressionado, por mais que tenha tentado convencê-la de que era o certo a fazer, no fundo não esperava que funcionasse — pelo menos não de pronto. Estava mais interessada em que se acostumasse com a ideia de ser uma pessoa melhor e, para ser totalmente sincera, também devo dizer que queria que não restassem dúvidas de que eu estava falando a sério.

Minha ajuda vinha com algumas condições. E se ela quisesse, bem, teria que merecer.

Eu não seria enganada novamente.

Então, na hora do almoço, quando Haven e seus seguidores saem da aula e veem sua mesa ocupada por mim, Damen, Miles e Stacia… bem, eles não sabem o que pensar.

E fica claro que Haven também não sabe muito bem o que pensar a *meu* respeito.

E nem Honor, por sinal.

Elas apenas param atabalhoadas e observam, sem acreditar, quando Craig e seus amigos lentamente vêm em nossa direção, ocupando agradecidamente os assentos que Damen acaba de lhes oferecer. Reconhecem o gesto com um "*Oi*" e um aceno de cabeça, o que parece simples, mas é definitivamente algo que nunca se deram o trabalho de fazer antes.

Enquanto Haven continua ali parada, com as mãos tremendo de fúria, os olhos semicerrados e vermelhos, eu finjo não notar. Olho através da nuvem de ódio que emana dela e digo:

— É bem-vinda a se juntar a nós se quiser, contanto que se comporte.

Ela revira os olhos, murmura algumas obscenidades e começa a se virar, certa de que seu grupo de seguidores a acompanhará, mas seu poder sobre eles não é mais o mesmo. Está em queda. E, para ser sincera, está claro que todos estão ficando meio cansados dela. Quando eles aceitam a oferta de Damen e se juntam a nós, ela se vira para Honor com os olhos em chamas, praticamente desafiando-a a escolher.

Assim que Honor começa a nos dar as costas e caminhar na direção de Haven, Stacia pula de seu lugar e diz:

— Honor, espere… Eu… eu sinto muito!

As palavras soam tão agudas, tão desconfortáveis, tão estranhas vindas dela que Miles começa a rir e eu preciso apertar seu joelho — *com força* — para obrigá-lo a parar.

Stacia se vira para mim com os olhos semicerrados e as sobrancelhas unidas, como se dissesse: *Viu? Eu tentei, mas não funcionou!*

Aponto com a cabeça para Honor, ao ver o modo como parou, se virou e inclinou a cabeça com o olhar cheio de dúvidas, vacilando entre duas supostas melhores amigas e sem gostar muito de nenhuma delas.

Ela hesita tanto que Haven sai bufando de raiva. Mesmo tentada a ir atrás dela, a encontrar um meio de acalmá-la, de ajudá-la, de pôr algum juízo em sua cabeça, não o faço. Talvez depois, mas não agora. No momento, preciso ver o que vai acontecer aqui.

Cutuco Stacia. Cutuco-a com os olhos, com a mente, jogo minha energia contra ela, estimulo-a a continuar, a não parar agora, mesmo que o terreno pareça assustador e desconhecido.

Logo depois, elas já se foram.

Estão andando lado a lado. Honor grita, cita a longa lista de acusações, todos os bons motivos pelos quais Stacia *deveria* se desculpar, enquanto Stacia ouve com paciência, exatamente como a orientei.

— Você as está espionando? — pergunta Miles, cutucando-me com o cotovelo e apontando para elas.

— Deveria? — Olho para ele.

— Bem, *sim*. — Ele estreita os olhos. — E se não for o que está pensando? E se estiverem tramando contra você?

Eu apenas sorrio, vendo a aura de Stacia se modificar, tornando-se um pouco mais vibrante a cada passo. Sei que ela ainda tem um longo caminho a percorrer, que pode nunca chegar ao fim dele, mas continuo certa de que as auras nunca mentem. E a dela indica um começo quase bom.

Tomo um gole de meu elixir, olho para Miles e digo:
— Confiança é uma via de mão dupla. Não foi você que me disse isso?

trinta e um

Por mais que todos os sinais indiquem que isso vai se transformar em uma situação insanamente desconfortável, Damen ainda insiste em ir até a Mística e Raio de Luar. E desta vez, pouco antes de descermos do carro e entrarmos, sou eu que questiono se ele quer mesmo ir em frente com aquilo.

Ele apenas olha para mim e diz:

— Ever, faz quatrocentos anos que cercamos um ao outro. Não acha que finalmente chegou a hora de um cessar-fogo?

Faço que sim com a cabeça, sem duvidar por um minuto sequer disso, mas não acredito muito que Jude vá concordar. É mais fácil enxergar as coisas de forma lógica e racional quando se está no time vencedor.

Ele mantém a porta aberta para que eu passe. Vejo alguns poucos clientes assíduos pela loja — a mulher que coleciona estatuetas de anjos, o cara que vive nos perturbando para colocar uma máquina de fotografar auras, embora, pelo que tenha visto dele, vá se decepcionar com os resultados, e a mulher mais velha cercada por um belo brilho púrpura, que, no momento, Ava ajuda a encontrar CDs de meditação — enquanto Jude está sentado atrás do balcão, sorvendo seu café. Sua aura vibra no momento em que ele nos vê, principalmente Damen, mas não demora muito para que se acalme, o que me faz respirar aliviada. Sei que é apenas uma reação automática muito antiga, do tipo que leva algum tempo para se abandonar por completo, mas que algum dia, se o que Damen pretende fazer der certo, vai acabar.

Ele caminha na minha frente, ansioso para começar. Vai direto ao balcão com um sorriso preparado e um suave "*Oi*". Jude toma outro gole de café e só acena com a cabeça em resposta. Alterna o olhar entre nós dois, apreensivo e inseguro, e realmente espero que não pense que viemos aqui para contar vantagem.

— Estava pensando que talvez pudéssemos conversar. — Damen aponta com a cabeça para os fundos da loja. — Em particular, sabe?

Jude hesita por um instante, sorvendo uma série de goles lentos, contemplativos. Depois deixa a xícara de lado e nos acompanha até o escritório. Ele se ajeita atrás da velha escrivaninha de madeira enquanto Damen e eu nos sentamos do outro lado.

Observo Damen se inclinando para a frente, com o olhar decidido, a expressão séria, determinado a ir direto ao ponto, e diz:

— Acho que deve me odiar de verdade agora.

Se Jude fica surpreso com essas palavras, não demonstra. Apenas balança os ombros, se recosta em sua cadeira e apoia as mãos na barriga, com os dedos abertos sobre a mandala colorida em sua camisa branca.

— E não o culpo por isso — diz Damen, com os olhos firmes, focalizados em Jude. — Porque sem dúvida cometi minha cota de atos odiosos nos últimos… — Ele olha brevemente de relance para mim, ainda desacostumado a dizer em voz alta, embora ultimamente faça isso cada vez mais. — Nos últimos seiscentos e poucos anos. — Suspira.

Ambos vemos Jude empurrar o encosto de sua cadeira o máximo possível para trás, olhar um instante para o teto, unindo as pontas dos dedos, até que a cadeira não aguenta e ele volta para a frente e, olhando fixamente nos olhos de Damen, diz:

— Cara, sério, qual é?

Damen estreita os olhos e eu me movo com certo desconforto na cadeira. Isso foi uma má ideia. Nunca deveríamos ter vindo aqui assim.

Mas Jude se inclina para a frente, escorrega os cotovelos pela mesa, tira seus *dreadlocks* do rosto e continua:

— É sério, *como* é isso?

Damen balança a cabeça, emite um som que é algo entre um rosnado e uma risada e de repente relaxa. A tensão desaparece de seu rosto e ele se acomoda na cadeira. Cruza a perna sobre o joelho e, batendo o chinelo para a frente e para trás contra o calcanhar, dá de ombros e diz:

— Bem, acho que posso dizer que tem sido… — Faz uma pausa, procurando a palavra certa. — *Longo*. — Ele ri, enrugando o canto dos olhos. — Tem sido… muito, *muito* longo, na verdade.

Jude olha para ele, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça de um modo que indica que quer ouvir mais a respeito, e Damen atende. Segurando a bainha desfiada de seu velho jeans desbotado, continua:

— E, para ser sincero, às vezes é meio cansativo. E às vezes parece muito frustrante, principalmente quando sou forçado a observar os mesmos velhos erros sendo cometidos repetidas vezes, com as mesmas desculpas torpes para justificá-los. — Ele balança a cabeça, perdido em uma torrente de lembranças sobre as quais a maioria das pessoas só poderia aprender em livros de história. Sua expressão imediatamente se transforma e se ilumina quando ele sorri e diz: — E só estou falando dos erros que *eu* cometi. — Ele olha nos olhos de Jude. — Mas também há momentos de beleza e alegria extremas que, bem, fazem tudo valer a pena, sabe?

Jude faz que sim com a cabeça, mais em sinal de contemplação que de concordância, como se ainda estivesse assimilando, refletindo sobre o que foi dito.

Embora isso seja o suficiente para levar Damen a dizer:

— Por quê, está interessado? Quer experimentar?

Jude e eu olhamos para ele, surpresos, incapazes de saber se está falando a sério.

— Porque posso arranjar para você. Conheço um cara…

E só quando seus lábios formam um sorriso percebo que está brincando e recosto na cadeira, aliviada.

— Mas é o seguinte — Damen diz, voltando a falar seriamente. — No final das contas, é tudo praticamente a mesma coisa. Posso viver por séculos, você pode viver por quase um século, mas nós dois sempre nos descobriremos preocupados com o que quer que esteja bem na nossa frente… ou, mais frequentemente, com o que quer que pareça estar fora de nosso alcance…

Permanecemos sentados em silêncio, com a força daquelas palavras a pairar entre nós. Observo meus joelhos, constrangida demais para olhar para outro lugar. Sei que este é o momento que esperávamos ao vir aqui, que Damen está preparado para oferecer qualquer explicação ou desculpa que Jude possa querer.

Mas Jude só fica ali sentado, remexendo em um clipe de papel que encontrou na escrivaninha, retorcendo-o, dobrando-o e remodelando-o até que esteja totalmente irreconhecível.

Ele finalmente olha para a frente e diz:

— Entendo.

Ele olha para nós, principalmente para mim, até que levanto a cabeça e o encaro.

— Entendo mesmo. — Seu rosto é tão sincero que não tenho dúvida de que fala a verdade. —

Mas se veio aqui para se desculpar ou tentar consertar o que fez ou… *seja o que for*… é melhor esquecer.

Prendo a respiração, enquanto Damen permanece impassível, esperando que ele continue.

— Isto é, não vou mentir. Acho tudo isso uma droga. — Ele tenta rir, mas não tem muito sucesso. Não está a fim. — Mas, mesmo assim, eu entendo, de verdade. Sei que não é apenas questão de jogar limpo ou não. Sei que não tem a ver com sua imensa fortuna e seus truques de mágica. E também sei que provavelmente fui muito injusto ao fingir que era assim. Porque o negócio é que Ever não é tão superficial. Nem Evaline era, nem nenhuma das outras.

Ele me encara. Seu olhar está tão cheio de calor, amor e bondade que é impossível desviar dele.

— A única razão de eu nunca ter tido uma chance com ela é porque não era nosso destino. Vocês dois foram feitos para ficar juntos.

Solto o ar lentamente, meus ombros encolhem, o estômago para de se revirar, me livro da tensão que nem sabia que sentia até agora.

— E o incêndio… — Damen começa, desesperado para explicar isso também.

Mas Jude dispensa a explicação, fazendo um sinal com as mãos.

— Também sei sobre isso, graças a Summerland e aos Grandes Salões do Conhecimento. — Ele dá de ombros. — Tenho passado muito tempo lá, talvez tempo demais, ou pelo menos é o que Ava acha. Mas às vezes, bem, pelo menos ultimamente, prefiro estar lá a ficar aqui. Acho que é por isso que estou tão fascinado por sua vida superlonga. Quer dizer… não sei como aguenta, quando definitivamente há momentos em que a duração de uma vida normal já parece mais que suficiente, entende?

Damen concorda. Diz a Jude que certamente entende, entende muito bem. E então conta a história de sua primeira viagem a Summerland, na época em que estava perdido e solitário, em busca de algum propósito mais profundo, e acabou indo estudar na Índia, ao lado dos Beatles. E, como já ouvi essa história, tipo, milhares de vezes, discretamente me levanto, saio e volto para a loja, curiosa por ver o que Ava está fazendo.

Encontro-a num canto, reabastecendo uma prateleira cheia de cristais. Ela se vira para mim e diz:

— Tudo bem quando termina bem, certo?

Dou de ombros, sem ter ideia do que ela está falando.

— Sua escolha. — Ela sorri, voltando-se para a prateleira. — Deve ser bom ter resolvido tudo isso, não?

Suspiro. Porque, ao mesmo tempo que não há dúvida de que foi bom deixar isso para trás, o negócio com os problemas é que o estoque deles nunca acaba. Logo que resolvemos um, outro ocupa seu lugar.

Ela enfia a mão em uma sacola de cristais de quartzo rosa, o cristal do amor, e, balançando uma grande pilha na palma da mão, olha para mim de relance e diz:

— *Mas*… — E propositalmente arrasta a palavra o máximo de tempo que consegue.

— *Mas*… — Dou de ombros e, com a mão estendida para a frente, pego uma pedra que está caindo e a devolvo a Ava. — Ainda há Haven, que está cada vez mais fora de controle, e então, é claro, também há o antídoto e o fato de que Damen e eu não podemos nos tocar de verdade… — *Não fora do pavilhão, pelo menos, mas não pretendo inteirá-la desse assunto*. — E também há…

Ela olha para mim com a sobrancelha arqueada, esperando pacientemente enquanto reflito se devo ou não confiar nela e contar sobre o lado negro de Summerland que descobri e sobre a velha

estranha, aparentemente maluca, com a qual Damen e eu cruzamos.

Mas algo me impede de fazê-lo. Algo me diz para não tocar nesse assunto. Pelo menos não agora. Não até que eu tenha a chance de fazer uma investigação mais profunda.

Então respiro fundo, pego um pedaço de ametista da prateleira e, examinando todos os seus lados cuidadosamente, digo:

— Bem, você sabe, todo aquele drama com Sabine ainda persiste. — Balanço a cabeça, devolvo a pedra a seu lugar, sabendo que, se aquilo não é exatamente mentira, também não é exatamente verdade. Isso não me perturba tanto quanto costumava. Infelizmente, estou me acostumando a viver desse jeito.

— Quer que eu converse com ela? — ela sugere, mas eu rapidamente descarto a ideia.

— Acredite, não vai funcionar. A cabeça dela está feita, e tenho a sensação de que só o tempo poderá mudar isso.

Ela concorda, limpando a mão na frente de seus jeans enquanto volta a inspecionar a prateleira. Com a cabeça inclinada para o lado, torcendo a boca, ela troca a lágrima-de-apache de lugar com o quartzo-fantasma, e então sorri em aprovação.

Quando olho para ela, quando olho *de verdade* para ela, não consigo evitar me perguntar o motivo de Ava estar sempre sozinha. Quer dizer, ela tem as gêmeas para cuidar, então acho que não está sozinha, sozinha, mas, ainda assim, está solteira desde que a conheço e, até onde sei, não teve nem um só encontro.

Antes que consiga parar de pensar nisso, digo:

— Acha que todo mundo tem uma alma gêmea?

Ela se vira e me encara com uma expressão séria.

— Quer dizer… acredita que todos têm *aquela pessoa* com quem estão destinados a ficar, como Damen e eu?

Ava fica em silêncio por algum tempo, como se estivesse mesmo parando para refletir. E quando já estou certa de que não vai responder, ela faz algo que eu definitivamente não esperava: solta uma gargalhada.

Com o rosto todo sorridente, os olhos brilhantes, ela olha para mim e diz:

— Por quê? Com quem está mais preocupada aqui, Ever, com Jude ou comigo?

Fico vermelha. Não havia percebido que fora tão óbvia, mas, considerando que ela é uma médium tão talentosa, deveria ter adivinhado que não se deixaria enganar por mim.

— Bem, com ambos. — E dou um sorrisinho.

Observo enquanto ela volta a trabalhar: dobra as sacolas agora vazias, empilha-as umas sobre as outras e depois dobra todas ao meio e enfia em uma sacola maior. Com a voz suave, quase imperceptível, ela diz:

— Bem, para ficar registrado, sim, acredito nisso. Mas se somos ou não capazes de reconhecer essa pessoa e fazer algo a respeito, aí é outra história.

— Então, como foi? — Olho de relance para Damen e o vejo se ajeitar no banco do passageiro e fechar a porta enquanto me afasto do meio-fio.

— Bem… — Ele balança a cabeça, fechando os olhos por um instante enquanto abaixa a capota com a mente, e inspira bem fundo o ar frio da noite para depois olhar para mim e dizer: — Vamos surfar neste fim de semana.

Fico boquiaberta, um pouco mais que surpresa por ouvir aquilo. Pensei que ele teria sorte se conseguisse o cessar-fogo, mas nunca nem de longe considerei que pudessem se tornar amigos.

— Então, é tipo um *encontro*? — provoco, imaginando quanto tempo faz desde a última vez que Damen pôde ter um amigo, um amigo real e verdadeiro, um que de fato soubesse a verdade a seu respeito.

— Nunca. — Ele olha de relance para mim. — Nunca tive um amigo que soubesse a verdade a meu respeito. E, para ser sincero, faz muito, muito tempo desde que tentei me relacionar assim com alguém. — Ele desvia o olhar, prestando atenção às lojas, às árvores, aos pedestres que lotam as calçadas e as ruas, depois se vira e diz: — As amizades sempre foram muito curtas para mim, já que não tinha escolha senão mudar de lugar a cada certa quantidade de anos. As pessoas desconfiam quando se permanece exatamente igual enquanto elas envelhecem e, depois de algum tempo, bem, apenas parece mais fácil evitar esse tipo de situação.

Engulo em seco e tento me concentrar no trânsito. Ainda que não seja a primeira vez que ele me conta isso, não significa que seja mais fácil de ouvir. Especialmente quando relaciono isso a mim, à minha vida e à longa lista de despedidas que tenho pela frente.

— Importa-se de me levar para casa? — ele pergunta.

O pedido me arranca de meus pensamentos enquanto olho para ele boquiaberta com a surpresa. Tinha certeza de que tentaria me arrastar para o pavilhão novamente e, para ser sincera, não planejava recusar.

— Miles vai se encontrar comigo lá em casa. Disse a ele que o ajudaria a decorar algumas falas de uma peça para a qual vai fazer um teste.

Balanço a cabeça e rio, virando à direita na Coast Highway antes de dar uma espiada rápida nele.

— Tem algum tempo aí para mim, sabe, no meio de todos esses seus compromissos? — provoco apenas um pouco enquanto acelero e passeio pelas curvas sinuosas.

— Sempre. — Ele sorri, inclinando-se para me beijar, mas acaba me distraindo tanto que quase saio da estrada com o carro.

Eu o empurro e acerto o volante. Olho para o mar, observo as ondas se transformando em espuma branca ao quebrarem na praia, limpo a garganta enquanto me volto para ele e digo:

— Damen, o que vamos fazer a respeito do antídoto? — Vejo seus ombros se enrijecerem, sinto sua energia se alterar, mas ainda assim vou em frente, pois sei que isso precisa ser dito. — Bem, estou totalmente comprometida com você, *conosco*, acho que a essa altura já sabe disso. E, por mais que goste do tempo que passamos no pavilhão, bem… — Engulo em seco. Nunca fui muito boa em discutir esse tipo de assunto, sempre acabo com o rosto corado, constrangida, atropelando as palavras, mas, ainda assim, estou determinada a chegar ao ponto. — Sinto sua *falta*. Sinto falta de poder tocá-lo *nesta* vida. Sem dizer que esperava que um dia pudéssemos quebrar esse encanto de

quatrocentos anos e…

Reduzo a velocidade em frente ao portão dele para acenar para Sheila, que nos faz um sinal para entrar. Subo a colina e passo pela série de curvas que levam à rua dele. Depois paro na entrada da casa e me ajeito no assento até ficar cara a cara com ele.

Estou quase completando o raciocínio quando ele diz:

— Ever, eu *sei*. Acredite, sei mesmo. — Ele se aproxima, passa a mão em meu rosto, com os olhos fixos nos meus. — E não desisti. Até cheguei ao ponto de transformar a adega em um tipo de laboratório de química. Tenho passado cada minuto livre lá, na esperança de poder fazer uma surpresa para você.

Arregalo os olhos, tentando calcular exatamente quanto tempo se passou desde que apareci na casa de Damen pela última vez, percebendo que já faz bastante. Quando não o estava evitando por um motivo ou outro, ou estávamos treinando ou namorando no pavilhão.

— Mas se a adega é um laboratório de química, onde guarda o elixir? — pergunto, franzindo a sobrancelha enquanto tento imaginar a resposta.

— Na nova adega, que fica onde costumava ser a lavanderia.

— E a lavanderia?

— Já era. — Ele ri. — Mas até aí, nunca vi razão para ela existir, já que posso materializar roupas novas e limpas sempre que precisar. — Mas seu sorriso logo desaparece quando diz: — Ever, não quero aumentar suas expectativas, porque, embora não tenha desistido, bem, pelo menos até agora, tudo está seguindo bem devagar. Não tenho ideia do que Roman colocou naquela bebida, mas tudo o que tentei até agora deu errado.

Suspiro, pressionando a bochecha com força contra a palma de sua mão, *quase* sentindo sua pele contra a minha. Digo a mim mesma que é o bastante, que sempre será o bastante, mas, apesar de estar totalmente comprometida com isso, não consigo evitar querer *mais*.

— Temos que pegar aquela camisa. — Olho nos olhos dele. — *Temos* que encontrá-la. *Sei* que ela ainda a tem. Não se livraria dela de forma alguma. Ou a está guardando por razões sentimentais ou porque sabe do valor que tem para mim, ou ambos. Mas, de um jeito ou de outro, é praticamente nossa única esperança a esta altura.

Ele olha para mim exatamente do mesmo jeito que fez da última vez em que discutimos isso, concordando plenamente que ela é mesmo importante, mas nada disposto a depositar todas as esperanças nisso.

— Certamente não é nossa *única* esperança — diz.

Mas balanço a cabeça. Não sou paciente como ele. Não quero gastar os próximos anos em breves reencenações das minhas várias vidas passadas só para que possamos desfrutar um pudico contato corporal de vez em quando, enquanto ele perde tempo com besteiras em sua ex-adega-transformada-em-laboratório. Quero desfrutar *esta* vida. A que estou vivendo agora.

Quero desfrutá-la de forma tão completa e normal quanto qualquer outra garota faria.

E quero desfrutá-la ao lado *dele*.

— Não tenho como convencê-la a não fazer isso, tenho? — ele diz, com tanta resignação na voz quanto no suspiro.

Faço novamente que não com a cabeça.

— Então vou com você.

— Vai aonde? Não disse que ia a lugar nenhum.

— Hã, talvez não, mas certamente há um plano tomando forma. Posso ver em seus olhos. Então é melhor abrir espaço para mais um, porque vou junto.

— Não, fique com Miles, eu ficarei bem. É sério.

Apesar de meu protesto, ele pega o telefone e envia uma mensagem a Miles dizendo que tem uma missão a cumprir e que por isso se atrasará um pouco.

— Então, por onde começamos? — pergunta, colocando o celular no bolso.

— Pela loja. — Faço um sinal com a cabeça, tendo acabado de confirmar a ideia para mim mesma. — Mas, é sério, não precisa ir, ficarei bem sozinha — continuo, dando a ele uma última chance para voltar atrás.

— Esqueça. — Ele recoloca o cinto de segurança. — Vou junto, goste você ou não. E só para que saiba, toda essa rejeição, bem, está mesmo começando a me deixar complexado.

Olho para ele, sem a mínima ideia do que quis dizer com isso.

— A última vez. Quando invadiu a casa de Haven e preferiu arrastar Miles em vez de me levar.

Olho para ele, pensando que não *arrastei* Miles, sem contar que na verdade nem tive a chance de convidá-lo, já que estava ocupado protegendo Stacia. Mas, por outro lado, não é isso o que importa. O que realmente quero saber é como ele descobriu isso quando nem cheguei a inteirá-lo de todos esses detalhes ainda.

— Miles me contou — ele diz, respondendo ao meu pensamento.

Dou uma espiada pela janela, com os olhos semicerrados, e digo:

— É assim que vai ser, agora que você é o sr. Popular com todos os seus novos amigos? — E me viro para ele. — Vai passar todo o seu tempo livre convencendo-os a revelar meus segredos?

— Só as partes boas. — Damen sorri, encostando brevemente os lábios nos meus enquanto dou a ré na entrada de sua casa e sigo em direção ao portão. — Só as partes que preciso saber de verdade.

trinta e três

Passamos pela antiga loja de Roman, Renascença!, embora não planeje entrar, pois é cedo demais para isso. A última coisa que preciso é de outro confronto com Haven ou com qualquer um dos outros imortais que trabalham ali. Ainda assim, vou mais devagar quando me aproximo, rapidamente calculando quanto tempo faz desde a última vez que estive aqui, e mais do que curiosa para ver o que aconteceu agora que Roman não está mais por perto.

Mesmo esperando algum tipo de mudança, nunca imaginei encontrar a loja fechada desse jeito. As vitrines vazias, os mostruários, que eram cuidadosamente organizados, desfeitos e removidos. A porta não apenas está trancada, mas também tem uma placa que indica: *Fechado!*, com um rabisco adicional embaixo, feito à mão, dizendo: *para sempre!*

— Sei que não deveria estar surpreso, mas, ainda assim, não esperava por isso — diz Damen, com a voz suave e baixa, olhos fixos na placa. — Achei que Haven assumiria o negócio, ou até mesmo Marco, Misa ou Rafe.

Concordo balançando a cabeça e estaciono o carro perto da calçada. Nós dois descemos, cruzamos a rua e ficamos parados na frente da loja. Pela vitrine, olhamos para alguns dos móveis maiores — sofás, mesas e mostruários —, que, por alguma razão, foram abandonados. Vemos que os itens menores, como roupas e joias e coisas do tipo, com poucas exceções, não estão mais lá.

E não consigo evitar me perguntar quem tomou essa decisão, quem decidiu fechar a loja para sempre, bem como quem Roman poderia ter deixado no comando.

Por ser imortal e tudo mais, duvido que algum dia ele tenha pensado em fazer um testamento.

Passo os olhos rapidamente à volta para me certificar de que ninguém está atento ao que fazemos, depois fecho os olhos e abro a porta com a mente. Adianto o plano original de esperar até anoitecer, percebendo que, do jeito que as coisas vão, o lugar pode estar vazio até lá, então é melhor que façamos nossa investida enquanto podemos.

— Você está se sentindo cada vez mais à vontade com essa coisa de invasão de propriedades — diz Damen, com os lábios próximos aos meus ouvidos enquanto me segue até lá dentro. — Devo me preocupar?

Rio, uma espantosa explosão de som que ecoa no espaço vasto e de pé-direito alto. Faço um sinal para que Damen feche a porta, coloco as mãos no quadril e dou uma boa olhada em volta, fazendo uma pausa para fechar os olhos e usar todos os sentidos, tentando extrair informação do recinto, sintonizar-me com o lugar onde a camisa manchada poderia estar escondida, enquanto Damen fica atrás de mim fazendo o mesmo.

Sem conseguir quase nada, decidimos começar por onde estamos. Olhamos dentro de armários antigos e cômodas caindo aos pedaços, procurando em todos os lugares rapidamente, de forma metódica, mas sem encontrar o que queremos.

Damen vai para a parte de trás, o espaço que Roman usava como escritório, e ao chegar lá dentro pede que me junte a ele.

Está uma bagunça. Uma completa bagunça. Como se um tornado tivesse passado por ali. Como se as placas tectônicas tivessem acabado de se deslocar. Lembro-me de como a loja de Jude estava no dia em que Haven nos deixou para morrer e entendo isso como um sinal claro de que ela é a responsável por esse estado.

Abrimos caminho pelas enormes pilhas de papel espalhadas por todo o chão. Damen pisa com leveza, cuidadosamente, enquanto eu já não sou tão graciosa e escorrego algumas vezes, fazendo com que ele tenha que me segurar para impedir que eu caia.

Desvio de uma cadeira de cabeça para baixo, escorrego ao redor de um conjunto muito feio de almofadas verdes estampadas, que foram retiradas de um pequeno sofá de dois lugares que está enfiado num canto. Paro por tempo suficiente para que Damen tire um arquivo vazio de meu caminho. Depois vamos até uma escrivaninha que está quase tão cheia de coisas quanto o chão, coberta por uma mistura de papéis, xícaras e livros e uma poeira tão espessa que mal se pode distinguir a bela madeira entalhada por baixo dela. Nós dois espiamos em cada gaveta, cada canto, até termos certeza de que não está aqui, até ficarmos convencidos de que não está escondida em lugar algum.

Damen fica parado atrás de mim, com uma expressão mais próxima de determinação que de decepção, já que nunca acreditou que encontraríamos a camisa com muita facilidade. E, apesar de ele planejar ir embora, ainda não estou pronta para segui-lo. Não consigo parar de olhar para a pequena adega climatizada no canto: o fio fora da tomada, a porta não apenas aberta, mas também arrancada de suas dobradiças.

Uma pequena e inofensiva adega sem nada de especial, exceto o fato de eu ter certeza de que já esteve cheia de elixir, embora não imagine quem a possa ter esvaziado.

Será que foram Misa e Marco, vistos pela última vez pulando uma cerca levando elixir roubado?

Será que foi Rafe, que, bem, não vejo há tanto tempo que nem mesmo sei se ainda está por perto?

Ou foi Haven, que, ao menos pelo que vi, parece ter desenvolvido um sério vício em elixir?

E, mais importante ainda, isso realmente interessa, considerando que minha única preocupação verdadeira é obter a camisa?

Damen me cutuca com o cotovelo, pronto para partir. E, já que não há motivo para ficar, nada a se ganhar aqui, dou uma última espiada em volta, certificando-me de que não deixei de ver nada. Então o sigo até a porta e nós dois saímos tão rápida e discretamente quanto entramos.

Sem nem chegar perto de conseguir o que precisávamos, embora mais seguros que nunca de que definitivamente estamos evoluindo, fazendo algum tipo de progresso.

O mundo de Haven não está somente demonstrando sinais de desgaste; está desmoronando a seu redor. E agora é questão de tempo até que ela peça ajuda ou se autodestrua completamente.

De um jeito ou de outro, pretendo estar lá.

trinta e quatro

Já que a loja acabou se revelando um completo e total fiasco, deixo Damen em casa, para que possa ajudar Miles a ensaiar, e decido ir para casa também, para me reorganizar e talvez até mesmo traçar um novo plano de ataque. Sinto-me mais determinada que nunca a localizar aquela camisa, sobretudo agora que Damen e eu estamos firmes e nos eixos de novo.

Entro na garagem e imediatamente solto um suspiro de alívio ao ver que está vazia. A vaga desocupada de Sabine indica que ela ainda está no trabalho ou que saiu com Munoz, e sei que em ambos os casos isso me dá a esperança de ter a casa vazia, o tão esperado tempo sozinha, e umas poucas horas, calmas e tranquilas, de silêncio, sem discussões, que é exatamente aquilo de que preciso antes de sair de novo.

Acabo de passar pela porta e estou prestes a subir as escadas até o meu quarto quando algo me atinge:

Uma fria rajada de energia.

O efeito dela é tão cortante e gélido que só pode ter um significado: Não estou tão sozinha quanto pensava.

Viro para trás, nem um pouco surpresa em encontrar Haven ali. Seu corpo está agitado, inquieto, seu rosto, que era tão bonito, reduzido a uma composição pálida de ossos aparentes, um nariz pontudo, lábios feios e encolhidos e olhos avermelhados tão pequenos e fundos que é como se eu estivesse olhando para a foto da cena de um crime.

Seus lábios se retorcem de uma forma tão repugnante que ela imediatamente se torna ainda mais fantasmagórica que um minuto atrás. Olhando para mim com raiva, pergunta:

— Onde está, Ever?

E de repente sei exatamente quem destruiu a adega da loja.

Sei exatamente o que ela quer aqui.

Misa e Marco invadiram a casa dela para roubar seu elixir, tudo faz sentido agora.

Roman nunca deu a receita a ninguém e, sem ele, o suprimento dos imortais perigosos acaba. E agora é apenas uma questão de tempo até que seus poderes definhem e, por fim, sua juventude e beleza se esvaiam.

Sou a única esperança de Haven para manter seus novos poderes.

Sua nova vida.

Mesmo assim, não estou a fim de facilitar as coisas para ela. Não quando essa pode acabar sendo exatamente a solução de que precisava.

Ela quer algo que tenho… e eu quero algo que ela tem. Então, nessas circunstâncias, isso me deixa em uma posição muito boa para propor um acordo.

Apenas preciso ter muito cuidado. Não posso deixar que ela desconfie do verdadeiro valor que a camisa tem, no caso de ela ainda não haver descoberto.

Erguendo meus ombros casualmente, digo:

— Não sei sobre o que está falando. — E sorrio, parando por um tempo, tentando entendê-la melhor enquanto formulo um plano.

Mas ela não está a fim de cooperar, está com muita pressa para isso. Está definhando rápido

demais, mal se aguenta e não tem tempo para esse jogo em particular.

— Pare de enrolar e *me dê logo*! — Ela revira os olhos e bufa baixinho, balançando a cabeça de um jeito que a deixa completamente sem equilíbrio, forçando-a a segurar no corrimão para se recompor.

Estreito os olhos e paro para analisá-la de verdade, percebendo como parece ansiosa, irrequieta, tão confusa e instável que mal consegue ficar de pé, mal consegue se manter ereta sem apoio. Concentro-me em seu plexo solar, enxergando-o como um alvo pintado bem no meio de seu tronco, totalmente preparada para derrotá-la se for preciso, apesar de não querer chegar a esse ponto. Então tento sintonizar sua energia, sua mente, tento obter alguma leitura do que ela quer e quão longe pretende chegar para conseguir, mas não consigo nada.

Ela não está desligada somente de mim… mas também de todo o restante.

Não pertence a nada nem a ninguém.

Mal pertence a si mesma.

É como uma Shadowland que anda e fala.

Sombria.

Solitária.

Totalmente presa ao passado o qual está obcecada em vingar, ainda que a verdade não seja nada parecida com a versão em que escolheu acreditar.

— O *elixir*, Ever! Dê-me logo o maldito elixir! — Sua voz está trêmula, esganiçada, mais áspera que nunca, revelando quanto o desespero tomou conta dela. — Já procurei em todos os refrigeradores, o da cozinha, o que fica ao lado da churrasqueira, até o reserva da lavanderia. Estava prestes a ir para a saleta do lado de fora de seu quarto quando você chegou e me pegou aqui. Então suponho, já que está aqui, que posso pedir educadamente, porque costumávamos ser amigas e tal. Então, vamos, Ever, em nome dos velhos tempos, em nome da velha *amizade*, entregue o maldito elixir que roubou!

— Essa é sua forma de pedir educadamente? — Ergo a sobrancelha, notando que ela olha fixamente para o espaço entre o corrimão e eu, como se planejasse se esgueirar por ali, o que faz com que eu imediatamente me mova, bloqueando a passagem.

Ela resmunga baixinho e agarra o corrimão com tanta força que os nós de seus dedos ficam de um tom incrivelmente branco. Olha para mim com os olhos tão injetados que praticamente sangram com o esforço, sem deixar a menor dúvida de que ela está *pertinho* de surtar quando repete:

— *Entregue logo para mim!*

Respiro fundo e me concentro em envolvê-la com uma onda de energia tranquilizadora. Espero que isso ajude a apaziguá-la, a relaxá-la, a atenuar um pouco da raiva e do mau humor e abrandar sua fúria. A última coisa de que preciso é que ela surte, exploda em algum tipo de crise nervosa. Apesar de não representar mais ameaça para mim, ela ainda é uma ameaça bem real a todos à sua volta, e não posso deixá-la chegar a esse ponto.

Mas quando vejo que minha bolha de paz não consegue penetrá-la novamente e quica, mais ou menos como aconteceu da última vez em que tentei, decido dar a ela o que quer. Imagino que alguns goles de elixir não farão mal, e talvez, pelo que posso ver, até ajudem a domar a fera.

Eu me viro, devagar, cuidadosamente, para não assustá-la ou irritá-la de forma alguma, subo as escadas e faço um sinal para que me siga. Olho para trás e digo:

— Fico feliz em compartilhar, Haven. Tenho mais que o suficiente, então não se preocupe com

isso. Mas estou curiosa… — Paro no final da escada e a encaro. — Por que precisa do *meu* elixir? O que aconteceu com o *seu*?

— Acabou. — Ela dá de ombros, fuzilando-me com os olhos, e continua: — Acabou porque você roubou um monte dele, e agora vou pegar de volta. Ela dá um meio sorriso, a promessa de uma bebida parece aplacá-la só um pouquinho, mas suas palavras me deixam arrepiada. Não tenho ideia de quanto suco Roman mantinha à mão, mas se ele era como Damen, devia ser um suprimento bem grande, para durar um ano no mínimo. Já que é necessário que fermente durante as fases certas da lua e não é possível preparar um lote da noite para o dia. E o fato de Misa e Marco terem fugido com apenas uma mochila cheia significa que ela deu um jeito de tomar todo o resto num período bem curto, o que não é apenas alarmante, como também ajuda muito a explicar o estado em que se encontra.

Vou para a saleta, até uma pequena geladeira que fica logo atrás do bar. Pego uma garrafa nova em folha e digo:

— Não roubei seu elixir. Não tenho interesse nem preciso desse tipo de coisa.

Vejo como ela fica parada na minha frente com as mãos trêmulas de indignação.

— Você é uma mentirosa! Acha que sou idiota? Então como sobreviveu? Sei tudo sobre os chacras, Roman me contou, e foi Damen quem contou a ele! Foi quando Roman o estava controlando, quando o convenceu a revelar todos os segredos. Eu a acertei em seu ponto fraco e você *sabe* disso. Eu a acertei antes que caísse e depois que caiu, e até acertei mais uma vez só por segurança, logo antes de abandoná-la, pensando que estivesse morta. Deveria ter *matado* você! Achei que *tivesse* matado. Tinha certeza de que a única razão de não ter se desintegrado e virado uma grande pilha de pó era não ser tão velha quanto os demais. Mas agora conheço o verdadeiro motivo de ainda estar aqui…

Olho para ela, sabendo muito bem qual é esse motivo: o fato de que vi minhas vidas passando à minha frente. O fato de que testemunhei a *verdade*. E, por conta disso, fiz a escolha certa, a única escolha, a que me permitiu superar meu chacra fraco. Nem mais, nem menos. Mesmo assim, estou interessada em ouvir sua versão a respeito.

— Você bebeu o elixir de Roman. — Ela balança a cabeça, fazendo com que as pedras azuis de seus brincos batam e produzam um som suave. — É *muito* mais poderoso que o seu, como bem sabe, e foi exatamente por isso que o tomou. Foi a *única* coisa que salvou sua vida.

Dou de ombros, vejo nossos reflexos no espelho do lado oposto, atrás dela, e noto a diferença entre nós duas, a escuridão dela *versus* minha luz. O contraste é tão gritante que me faz perder o fôlego. Então desvio o olhar rapidamente, determinada a não me concentrar demais no estado triste, lastimável em que ela se encontra. Não posso me dar ao luxo de sentir compaixão, não quando posso vir a ser obrigada a matá-la. Volto a olhar para ela e digo:

— Se isso é verdade, então por que o elixir não salva *você*? E por que não conseguiu salvar Roman também?

Mas Haven não quer mais conversar. Está determinada a conseguir o que veio buscar.

— Dê-me o elixir. — Ela dá um passo lento e cambaleante em minha direção. — Dê-me o elixir e ninguém se machuca.

— Acho que acabamos de falar sobre isso. — Mantenho a garrafa bem atrás de mim, segurando-a fora de seu alcance. — Não pode mais me machucar, lembra? Não importa o que faça ou quanto se esforce, não conseguirá me atingir, Haven. Então talvez, em vez de fazer ameaças, você poderia tentar uma nova abordagem e ficar do meu lado.

Mas ela apenas sorri, o que faz seu rosto se alargar e crescer de um jeito tão medonho que só serve para enfatizar seus olhos fundos e vermelhos.

— Talvez não possa ferir você, mas acredite, Ever, ainda posso machucar bastante as pessoas que lhe são próximas e queridas. E, por mais que seja boa e rápida, bem, não pode estar em *todos* os lugares o tempo *todo*. Não seria capaz de salvar *todo o mundo*.

E é então que ela age. Tirando vantagem de minha surpresa momentânea ao ouvir suas palavras, avança direto no elixir que seguro.

E é então também que reajo apenas um pouquinho mais rápido do que ela esperava.

Jogo a garrafa para o lado, fico observando enquanto ela pousa bem na outra extremidade do quarto, totalmente fora de alcance, e então ataco Haven. Ataco de forma tão certeira e rápida que ela nem percebe antes que seja tarde demais para reagir.

Derrubo-a no tapete e envolvo sua garganta impulsivamente com os dedos. Afasto o emaranhado de colares e logo percebo que ela está sem o amuleto.

Mas, embora seu rosto esteja ficando azul, embora eu esteja lentamente privando-a de oxigênio, ela apenas ri. O movimento do riso impulsiona sua garganta com força contra a palma de minha mão, e ela emite um som tão ameaçador, tão terrível, que me sinto tentada a matá-la só para acabar com isso.

Mas não posso agir precipitadamente. Não posso arriscar fazer nada desse tipo. Não até que consiga o que quero, e se o preço forem algumas garrafas de elixir, que seja.

— *Entregue o maldito elixir!* — ela grita assim que afrouxo as mãos de sua garganta. Seu corpo se agita embaixo do meu, se move frenética e violentamente, debatendo-se de um lado para o outro enquanto ela me arranha e espeta com suas afiadas unhas pintadas de azul.

Investindo contra mim como um animal raivoso.

Como um viciado que está há muito tempo sem sua droga.

Ela se arrasta pelo chão assim que levanto, pega a garrafa, tira a tampa e enfia o gargalo entre seus lábios com tanta força e velocidade que seus dentes da frente se quebram.

Mas ela não para. Nem liga para isso. Só continua a engolir, bebendo o líquido tão rapidamente que é uma questão de segundos até a garrafa ficar vazia e ser jogada de lado. Um pouco de cor retorna a sua face, mas seus dentes ainda não se regeneram — não que ela pareça notar ou se importar. Ela só olha diretamente para mim, lambendo os lábios, e diz:

— *Mais*. E traga dos bons dessa vez. Aqueles que roubou. O gosto desse seu suco é uma droga.

— Não pareceu ter incomodado você. — Dou de ombros, sem intenção de lhe dar mais nada até que eu consiga o que quero. — Por mim, pode ficar com todo o meu estoque. Não sou viciada como você. — Eu a examino lentamente, confirmando quanto aquela visão me perturba. — Mas só para que saiba, não roubei seu elixir. Foram Misa e Marco. — Observo seu rosto, vendo como muda, como se transforma enquanto ela para e pondera minhas palavras, calculando a possibilidade de elas de fato conterem algum fundo de verdade.

— E você sabe disso *porque*…? — Ela arqueia a sobrancelha e coloca as mãos no quadril, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Olho nos olhos dela, certa de que preciso dar uma resposta rápida, mas sem saber qual. Se lhe contar que estava lá, que vi, então saberá que eu estava procurando por alguma coisa, algo cujo valor ela talvez não reconheça. Então apenas dou de ombros, forçando minha voz e comportamento a permanecerem tranquilos, calmos e sob controle, e digo:

— Porque não fui *eu* que roubei. E porque também não foi *Damen*. E porque não é essa a razão de eu ter sobrevivido ao seu ataque. E só porque faz sentido, se parar um pouco para pensar a respeito.

Ela olha para mim e franze o cenho. É tudo de que preciso para saber que ela não engoliu. Que ainda está convencida de que fui eu.

— Ou… ou talvez tenha sido Rafe? — digo, tendo temporariamente me esquecido dele. — Quero dizer, quando foi a última vez que o viu?

Mas, ao olhar para ela de novo, fica claro que não está funcionando. Embora tudo o que disse faça sentido, não está me levando aonde quero chegar, e eu *preciso* chegar, e, graças ao elixir que acabou de beber, agora ela está alerta o bastante para perceber isso.

Ela alisa a frente de seu vestido com as mãos cheias de anéis e arranca da manga alguns pelos do tapete.

— Não importa — ela diz. — Cuidarei deles. Mas, enquanto isso, já que estou mesmo aqui, o que acha de me dar logo o restante de seu suprimento?

trinta e cinco

Exatamente quando ela está indo embora, com uma única garrafa de elixir apertada com força contra o peito, Sabine entra pela porta lateral.

Fazendo malabarismo para carregar sua pasta em uma mão e uma sacola de compras na outra, ela para e olha, e leva um instante para reagir, até que diz:

— Haven? Não a vejo há… *muito tempo*. Você está…

Sabine faz uma pausa, ergue a sobrancelha e lentamente a examina. Embora Haven esteja bem melhor que quando chegou, ainda está longe de parecer qualquer coisa próxima de apresentável. E para aqueles que não estão acostumados com seu novo visual, bem, ela está absolutamente assustadora.

Mas Haven apenas ri, oferecendo a Sabine um sorriso amigável com seus dentes quebrados, e diz:

— Não se preocupe. Acredite, minha mãe também não gosta. Por sinal, esse é um dos muitos motivos pelos quais estou me emancipando.

Sabine olha para nós duas, visivelmente perplexa com a declaração.

Mas Haven rapidamente preenche as lacunas.

— Estou me separando legalmente de todos eles, na verdade, tanto de meus pais quanto de meu irmãozinho. Eu me separaria da empregada também, se pudesse. — Ela ri, e o som é tão artificial, tão perturbador, que deixa Sabine nervosa. — Seja como for, para resumir, eu me mudei. Estou no meio do processo de emancipação, então não tenho mais que lidar com as besteiras deles.

Sabine franze as sobrancelhas e estreita os olhos de um jeito que conheço bem, com uma expressão que sinaliza claramente sua indignada desaprovação.

Mas Haven é imune a tudo isso. Na verdade, apenas parece atiçá-la mais. Fazendo com que abra um sorriso ainda maior e diga:

— Eles se recusaram a me aceitar do jeito que sou, então apenas arrumei minhas malas e disse: *Adiós!*

Sabine passa os olhos por nós duas, provavelmente se perguntando se tenho alguma participação nisso, se fiz a cabeça de Haven, disse a ela exatamente o que falar e quando. Mas, muito embora as palavras claramente se apliquem ao modo como Sabine tem me tratado, não tenho nada a ver com isso. Haven está num espetáculo solo.

— Bem, tenho certeza de que sentem muito sua falta. — Sabine balança a cabeça, usando seu tom de voz de advogada no tribunal.

Mas Haven não está nesse jogo em que todas as pessoas agem de forma educada e politicamente correta, fingindo que o que foi dito na verdade não foi e que tudo vai dar certo no fim das contas, apesar das evidências que se acumulam contra essa teoria.

Ela também já superou faz tempo o jogo de pai e/ou guardião, no qual se faz hora extra tentando mostrar o melhor de si para que os pais de seus amigos gostem de você, confiem em você e o convidem para voltar.

Porque Haven e eu não somos amigas.

E ela não se importa com o que Sabine pensa a respeito dela ou se será convidada a voltar.

Então ela dá de ombros, revira os olhos e cantarola:

— *Duvido!*

O que torna o olhar de Sabine imediatamente mais severo e voltado para mim como se eu fosse de alguma forma responsável por isso, como se meu silêncio, o fato de não falar nada, não fazer nada para interromper aquilo, mostrassem algum modo de consentimento. Quando na verdade só estava esperando que isso acabasse. Esperando que Haven finalmente calasse a boca e Sabine finalmente desistisse e fosse para a cozinha guardar as compras, para que eu enfim pudesse fazer algum progresso e selar meu acordo com Haven.

No entanto, infelizmente, Haven ainda está longe de terminar. Ela visivelmente saboreia cada vestígio de tensão que causa e, ávida por mais, diz:

— Mas também não sinto falta deles, então acho que isso nos deixa quites.

Sabine olha para mim, pronta para falar, mas Haven apenas acena, perdendo temporariamente o controle do suco e olhando enquanto cai rapidamente na direção do chão, faiscando e cintilando ao ser derramado pelas bordas da garrafa, até que ela o alcança e o agarra em pleno ar. Seus olhos brilham quando vê como Sabine pisca, balança a cabeça e imediatamente tenta negar o que viu, convencida de que ninguém consegue se mover assim tão rápido, de que a cena não aconteceu do jeito que ela imaginou.

— Ops! — Haven ri. — Bem, pessoas, não quero prender vocês. Só vim aqui pegar um pouco desse elixir da Ever. — Ela segura a garrafa diante de si, balançando-a de um lado para o outro, o que faz com que o líquido faísque e cintile. Depois aponta para a caixa que seguro com força, onde está o resto do suprimento.

— Você veio pegar… *o que* dela? — Sabine estreita os olhos, esforçando-se para encontrar um sentido naquilo, olhando desconfiada para mim e para a garrafa, depois fica na ponta dos pés e olha dentro da caixa, perguntando-se por que não tinha reparado nela até agora. Ela coloca a sacola na mesa e vai em direção à garrafa que Haven oferece alegremente. Se significa que vou ter problemas, Haven entregará tudo com muito prazer.

Mas isso já foi longe demais, e não há possibilidade de que eu a deixe continuar.

Não posso permitir que Sabine pegue o suco.

Não posso deixar que Haven brinque assim comigo.

— Não é *nada* — digo, empurrando a caixa para o lado de Haven com bastante força. — É só aquele energético de que gosto.

Mas Sabine não se convence disso. Uma espiada em seu rosto é suficiente para saber que ela entrou em estado de alerta máximo. E de repente enxerga a ligação entre meu comportamento incomum, minha recusa em comer e todos os meus outros hábitos estranhos, inexplicáveis e simplesmente esquisitos, supondo, de certa forma corretamente, que tudo deriva dessa coisa.

Haven ri, estende o elixir para ela, provoca-a, tenta-a, e insiste que Sabine tome um golinho e veja por si mesma como é *bom*, como é *refrescante*, como é *energizante*, como um único gole pode *mudar* sua vida.

E Sabine está prestes a fazê-lo, seduzida pelo olhar de Haven, pelas faíscas do elixir, está quase mordendo a isca quando Haven ri ainda mais alto e pega a garrafa de volta.

O que faz com que Sabine balance a cabeça, endireite os ombros e logo se recomponha, dizendo:

— Acho melhor você ir embora. — As palavras saem espremidas entre seus dentes cerrados. — Acho que deve ir *agora mesmo*. E, embora sinta muito por dizer isso, Haven, você está claramente perturbada e precisa de ajuda. Até que encontre uma forma de controlar seu comportamento, não quero vê-la mais por aqui. — Ela pega a sacola de compras, tira-a da mesa e segura novamente na

altura da cintura, enquanto continua a olhar com cuidado para Haven.

— Ah, não se preocupe. — Haven sorri, preparada para sair. — *Não* me verá novamente tão cedo. Não tenho nenhuma necessidade de voltar, agora que já tenho o que preciso.

Ela vai até a porta e eu sigo logo atrás, determinada a acabar com isso da forma mais rápida e discreta que puder, antes que os efeitos calmantes do suco cessem e Haven comece a ficar irritada novamente.

Mas quando estou prestes a pisar na soleira, Sabine me interrompe agarrando meu braço. Ela não tem intenção de me deixar sair, não agora, e certamente não com uma amiga que acabou de expulsar de sua casa.

Ela estreita os olhos, seus dedos descem até meu pulso, segurando firme, e diz:

— E aonde exatamente você pensa que vai?

Olho em seus olhos e sei que não tenho escolha a não ser responder da forma mais calma e sucinta que puder. Sem deixar nenhuma dúvida de que, quer ela goste quer não, não poderá me impedir de prosseguir com meu plano.

— Sabine, preciso ir a um lugar com Haven. Não vai demorar muito. Quando eu voltar, poderemos conversar quanto quiser, mas agora *preciso* ir.

— Não vai fazer nada disso! — ela grita, com a voz aguda, estridente, enquanto me segura com mais força ainda.

Meu pulso começa a ficar de um tom vermelho berrante, mas que vai se curar antes mesmo de ficar contundido.

— Não me ouviu? *Não* vai mais andar com essa garota. Está claro?

Estou quase puxando o braço para me libertar, quase concordando, dizendo que ela deixou bem claro, mas que a escolha realmente não é dela, quando Haven sorri, tira a caixa de meus braços e diz:

— Não se preocupe, Ever. Fique com sua titia. É óbvio que ela está bem chateada. Posso cuidar do resto.

E observo enquanto ela vai até o carro — o carro de Roman —, larga a caixa no banco do passageiro, entra, liga o motor e ri histericamente enquanto acena e dá marcha a ré em direção à rua.

A mão de Sabine ainda está me segurando, apertando, ainda me impedindo de fazer aquilo que mais quero — e que poderia acabar com essa horrível maldição e colocar minha vida em um rumo totalmente novo de felicidade.

— Vá para seu quarto! — ela grita.

Suas bochechas estão vermelhas, os olhos brilham e o rosto está tão cheio de indignação que me sinto horrível por causar tudo isso.

Mas isso não é nada quando comparado a como me sinto quando me liberto. Puxo o braço tão forte e rápido que a sacola de compras escapa de sua mão e faz com que um bombardeio de latas, frutas, legumes, caixas de ovos e potes de queijo *cottage* se espalhem por todo o chão, deixando uma trilha de nata, pedaços de polpa e gemas amarelas por todo o mármore travertino polido.

Não é nada quando comparado a como me sinto ao ver sua expressão, um misto horrível de mágoa, indignação, surpresa, e — o que é pior — *medo*.

Não é nada quando comparado ao arrependimento que sinto ao olhar para ela e para a bagunça, desejando que pudesse fazer tudo desaparecer com o poder da mente, apagar tudo por completo, fazer parecer que nunca aconteceu. Mas, sabendo que isso só serviria para agravar a situação, viro as costas e sigo para a porta.

Desesperada para alcançar Haven, que acabou de usar a oportunidade para quebrar nosso acordo. Sem saber por onde começar, mas ciente de que preciso começar por algum ponto e de que tem que ser agora.

Olhando para trás, digo:

— Sabine, sinto muito. De verdade. Mas há coisas que você simplesmente não entende… não *quer* entender… e, acontece que essa é uma delas.

trinta e seis

Assim que meus pés chegam à varanda da casa, começo a correr. Não quero desperdiçar o tempo que levaria para ir até a garagem, pegar o carro, dar a partida, manobrar até a saída e todos os demais passos de toda a rotina "normal" que me esforcei tanto para manter apenas com a intenção de acalmar Sabine (embora praticamente todas as minhas ações até agora tenham feito tudo *menos* acalmá-la), mas também não quero materializar nada enquanto ela ainda está olhando pela janela. Sei que isso apenas resultaria em toda uma nova leva de perguntas. Perguntas às quais não tenho intenção alguma de responder.

Ela me segue com o olhar. Posso sentir o peso dele me envolvendo em uma terrível mistura de raiva, preocupação e medo.

Os pensamentos têm matéria. São feitos de uma energia bastante tangível. E os dela estão me acertando diretamente no coração.

Mas, apesar de me sentir muito mal com tudo o que acabou de acontecer, não posso simplesmente parar e me preocupar agora. Haverá muito tempo para isso depois. Sem dúvida terei minha cota de trabalho para tentar achar um jeito de fazer as pazes com ela, no entanto, por ora, minha única preocupação é encontrar Haven.

Saio da entrada e chego à rua, pensando que finalmente estou livre de casa, mas dou de cara com Munoz parando seu Prius e vindo bem em minha direção.

Ótimo, resmungo, vendo-o abaixar a janela e chamar meu nome. Seu rosto mostra uma preocupação genuína quando ele pergunta:

— Está tudo bem?

Paro, levando um segundo para olhar para ele e dizer:

— Na verdade, não. Quase nada está bem. Aliás, não está nem perto.

Ele encolhe as sobrancelhas e olha para a casa e para mim.

— Posso ajudar?

Balanço a cabeça em negativa, preparando-me para voltar a correr, mas penso melhor, viro para ele e digo:

— Sim. Por favor, diga a Sabine que sinto muito. Que sinto muito mesmo, de verdade, por tudo… Por todos os problemas que causei, por magoá-la do jeito que fiz. Ela provavelmente não acreditará, provavelmente não aceitará as desculpas, e não posso dizer que a culpo por isso, mas, mesmo assim… — Dou de ombros, sentindo-me um tanto estúpida por ter compartilhado tudo aquilo, mas isso não me impede de continuar: — Ah, e se não funcionar, pode dar isso a ela… — Fecho os olhos e materializo um grande buquê de narcisos bem amarelos, sabendo que não deveria ter feito isso, pois só vai criar mais perguntas que não tenho tempo para responder, mas ainda assim os empurro para ele e digo: — São as preferidas dela. Só não conte como as conseguiu, está bem?

Antes que ele possa reagir, antes que eu possa ver todo o impacto da surpresa em seu rosto, vou embora.

Após ter perdido mais tempo do que poderia, levo mais um segundo para materializar um BMW preto para mim, igual ao de Damen. Percebo a confusão de Munoz, seu completo espanto, enquanto ele continua a me observar pelo retrovisor. *Vejo* seu queixo caído até os joelhos, com aquele olhar esbugalhado, tipo *eu realmente acabei de ver o que acho que vi?*, enquanto vou embora.

Sigo em direção à Coast Highway, imaginando que encontrarei um jeito de lidar com ele mais tarde, enquanto acelero pela série de curvas e tento descobrir para onde Haven pode ter ido.

Sinto um aperto no estômago no momento em que a resposta aparece em minha mente.

A camisa.

Agora que ela conseguiu o que queria, graças à interferência de Sabine, não planeja honrar sua parte do acordo. Ela me odeia tanto que prefere destruir a única coisa que quero, a única coisa a qual não somente pedi, mas insisti em receber em troca do suco, apesar de a camisa ter claramente grande valor sentimental para ela.

Embora eu tenha certeza de que ela não faz ideia da esperança que aquela peça representa para mim.

Mas não é isso o que importa de verdade. Até onde Haven sabe, o fato de eu querê-la, o fato de eu estar disposta a barganhar por ela, é motivo suficiente para destruí-la.

Posso notar pelo modo como olhou para mim. Podia parecer um pouco trêmula, um pouco mais que instável, mas tinha tomado elixir suficiente para permitir que pensasse e agisse de forma mais ou menos lógica.

Então, quando lhe ofereci um belo suprimento de suco se me desse algo em troca, ela apenas deu de ombros e disse:

— Tudo bem. Tanto faz. Vá em frente e diga de uma vez. Que coisa é essa de que você precisa tão desesperadamente?

— Quero a camisa — disse, andando até ficar parada bem na frente dela e vendo-a estreitar os olhos em resposta, enquanto eu prosseguia: — A que Roman usou em sua última noite. Aquela que você arrancou de minha mão antes de me ameaçar e me mandar embora.

Seu olhos ficaram mais apertados, e pela forma como olhou para mim, bem, estava claro que ela ainda a tinha. Mas também ficou claro que Haven não fazia ideia da razão pela qual eu a queria, qual seria o possível significado disso. E espero que continue assim, pelo menos até que a camisa esteja segura comigo.

— Está falando da camisa que ele estava usando na noite em que *você o matou*? — ela questionou, com as sobrancelhas tremendo de forma estranha.

— Não. — Balancei a cabeça, mantendo a voz firme e confiante, os olhos focados nos dela. — Estou falando da camisa que ele estava usando na noite em que de maneira trágica morreu *acidentalmente* pelas mãos de Jude. — Com o olhar fixo, para ter certeza de que tinha toda a sua atenção, continuei: — Você me entrega aquela camisa branca de linho que ele estava usando, e estou me referindo à*quela mesmo*, porque acredite, Haven, saberei se tentar trocá-la por outra falsa, mas, de qualquer forma, dê-me isso, e em troca darei a você todo o elixir de que precisar.

Ela olhou para a caixa de elixir que eu acabara de encher — a caixa à qual me referi como um bem-intencionado pagamento, já que era tudo o que tinha à mão — e depois para mim. Querendo muito recusar mas completamente dominada por sua dependência, por sua necessidade arrebatadora, no fim, ela foi incapaz de fazer qualquer escolha que não fosse concordar relutantemente.

Enfim, assentindo com um aceno de cabeça, ela disse:

— Tudo bem. Negócio fechado. Que seja! Vamos acabar logo com isso, está bem?

E foi então que descemos as escadas. Ela levando uma garrafa novinha em folha que estava prestes a beber, e eu carregando a caixa por segurança, determinada a mantê-la longe de Haven até que a troca fosse completada.

Mas então Sabine chegou e estragou tudo.

Suspiro, voltando o foco para o presente, prestes a parar em sua antiga casa, aquela na qual ainda moram seus pais e o irmão pequeno, imaginando se ela poderia ter se escondido aqui por alguma razão, principalmente porque parece ser o último lugar em que alguém iria procurá-la, quando tenho um impulso irresistível de, em vez disso, ir para outro lugar.

Sem saber se é algum tipo de mensagem, algum tipo de sinal, ou talvez até mesmo alguma maluca e poderosa intuição, acato assim mesmo. Sempre que ignoro meus instintos mais fortes, acabo me arrependendo, então desta vez faço um retorno rápido e sigo para onde a intuição me manda.

Fico desapontada ao me ver em um lugar onde já havia procurado. Onde Miles e eu já havíamos procurado, mas vou em frente de qualquer jeito. Aproximo-me da porta, pensando em como — apesar de afirmar que a casa é dela, já que mora há meses aqui — não consigo deixar de vê-la como a casa de Roman, enquanto uma torrente de lembranças inunda minha mente.

Lembro-me de todas as vezes que estive aqui… Das vezes que derrubei a porta, das vezes que briguei com ele, quase sucumbi a ele, da vez que presenciei Jude matando-o… Então afasto os pensamentos enquanto atravesso um confuso labirinto de móveis. Objetos que até recentemente ficavam no depósito e que agora que estão aqui deixam apenas uma minúscula passagem pelo corredor em direção à saleta, que também está tão abarrotada que levo algum tempo para assimilar tudo.

Passo os olhos pelos armários antigos, pelos sofás de seda e veludo, pela brilhante mesa de centro de acrílico que parece um refugo dos anos oitenta e pela grande pilha de pinturas a óleo com molduras douradas, todas amontoadas umas sobre as outras, encostadas na parede, enquanto vários itens de vestuário, de diversas épocas a contar de centenas de anos atrás, estão espalhados sobre praticamente toda a superfície disponível, incluindo o bar onde Roman guardava as taças de cristal que enchia de elixir, bem como o sofá onde eu, controlada pela chama negra dentro de mim, tentei seduzi-lo descaradamente enquanto usava um disfarce que me fazia parecer com Drina. O mesmo sofá no qual tudo mudou na noite em que fiz Haven beber o preparado especial de Roman.

Meus olhos passeiam por tudo aquilo e vão em direção à lareira de pedra, onde Jude está encolhido de medo. Parece assustado, surpreso, derrotado e confuso, enquanto Haven está parada na frente dele, segurando com uma das mãos a camisa branca de linho manchada e, com a outra, o braço de Jude. Já transformada em uma versão ligeiramente curada de si mesma, ou pelo menos no que se refere aos dentes, embora ainda esteja longe de ser a antiga Haven. Ela ainda está completamente dominada pelo vício irresistível e pela raiva.

— Bem, bem — diz, virando-se para mim, com os olhos injetados e semicerrados. — Realmente achou que poderia me enganar?

Faço que não com a cabeça. Estou tão confusa quanto ela em relação ao que está acontecendo aqui.

Alterno rapidamente o olhar entre eles, vendo como Jude se encolhe, imobilizado, claramente horrorizado por ter sido pego fazendo… Bem, eu não sei fazendo o quê. Não consigo encontrar um sentido na cena que vejo, ou qual exatamente poderia ser seu objetivo.

Será que ele descobriu a verdade por trás da camisa, a esperança que ela representa, e está tentando obtê-la como um tipo de demonstração de paz para mim e Damen?

Ou, pior ainda, e muito mais provável, será que está aqui para roubá-la e destruí-la, tendo apenas fingido ser amigável com Damen, tê-lo perdoado pelo passado, quando na verdade esteve planejando este momento o tempo todo, recusando-se a desistir de sua vingança final?

E, antes que eu possa fazer qualquer coisa para impedi-la, Haven está sobre ele. Energizada pelo elixir que se alastra violentamente dentro dela, o suco que lhe dei, Haven solta o braço de Jude, mas o agarra pelo pescoço. Ela o ergue bem alto, os pés dele ficam suspensos, chutando o ar, e, balançando Jude em minha direção, ela pergunta:

— Mas que *borra* está acontecendo aqui?

— Não sei — digo, com o cuidado de manter a voz baixa, firme, aproximando-me dela lentamente, com as mãos onde ela possa vê-las. — É sério. Não tenho ideia do que ele está fazendo. Talvez seja melhor perguntar a ele.

Ela olha de relance para Jude e vê como seus olhos se arregalam, como o rosto fica inchado e vermelho, e solta-o bem rápido, agarrando depois seu braço para impedir que fuja, enquanto ele cospe e tosse e luta para recuperar o fôlego.

— Vocês planejaram isso juntos? — Ela olha para mim com raiva.

— Não. — Olho para os dois, perguntando a mim mesma por que ele sempre tem que aparecer na hora errada.

Por que ele *sempre* estraga tudo.

Mas tenho uma certeza: não é coincidência. Isso não existe. O universo é harmonioso demais para permitir uma casualidade dessas.

Então o que é? Por que toda vez que estou perto de conseguir o que quero, Jude aparece e frustra todos os meus planos?

Tem que haver algo mais por trás disso, algum tipo de razão ou explicação lógica, mas qual pode ser essa razão, ou essa explicação, está totalmente além de meu entendimento.

Haven segura a camisa, a examina, a inspeciona, tentando descobrir por que eu a quero, por que Jude se arriscaria tanto para pegá-la, que valor poderia ter para outra pessoa que não ela.

Ela então alterna o olhar entre nós dois, observando que ele olha fixamente para a mancha, que eu faço o mesmo… e é quando ela descobre.

É quando a ficha cai e todas as peças se juntam.

É quando ela cai em uma gargalhada de balançar os ombros.

Ela ri tão alto que mal consegue se conter. Inclina-se para a frente, com uma das mãos no joelho, e se levanta, e tosse em uma série de espasmos, até que finalmente retoma o controle, endireita-se e diz:

— Agora eu entendo. — Ela deixa a camisa pendurada na ponta dos dedos e um sorriso sinistro se espalha por suas bochechas. — Entendo, entendo mesmo. Mas, infelizmente para *você*… — Ela aponta para mim. — …ou, talvez, possivelmente até para *você*… — Aponta a cabeça para Jude. — … parece que a Ever aqui tem uma decisão muito importante a tomar.

Ela se vira e, alternando rapidamente o olhar entre nós dois, diz:

— Sabe, no começo eu mantinha a camisa comigo o tempo todo. Carregava-a para onde quer que fosse. Para a escola, para a loja, até mesmo dormia com ela só para não ter que ficar longe do cheiro dele. — Ela dá de ombros. — De certa forma, eu a via como minha última ligação com Roman, a única coisa que restou dele que eu poderia ter de verdade. Mas agora entendo de outra forma. Tudo o que vê aqui é *meu*. Roman nunca planejou morrer, então não se preocupou em fazer um testamento. O que significa que ninguém pode reivindicar essas coisas de forma alguma, e desafio alguém a tentar. *Isso* é minha ligação com Roman. — Ela agita a camisa no ar, e o tecido balança suavemente enquanto aponta para a coleção de antiguidades. Usa a outra mão para segurar mais forte a manga de Jude e continua: — Esta *casa*, estas *coisas*, tudo, tudo mesmo, pertence a mim. Tenho lembranças dele em todo lugar que olho, então não preciso de uma camisa branca estúpida. Não, você é que precisa dela, Ever. É tudo por causa da mancha, certo? É o que sobrou daquele infame antídoto que chegou *tão* perto de conseguir, não fosse por este cara. — Ela agarra Jude com mais força ainda, levando-o a se encolher, mas ele se recusa a gritar, se recusa a dar a Haven a satisfação de saber que está causando nele dor de verdade. — E agora parece que ele fez de novo. — Ela se vira para Jude, fazendo um gesto de desaprovação com a cabeça. — Se este cara não tivesse se metido no caminho, você estaria vivendo feliz para sempre agora, não? Ou pelo menos essa seria sua versão da história. Então pergunto: ainda está disposta a defender essa tese? Ainda está disposta a culpá-lo por *tudo*?

Mantenho o olhar fixo nela, meu corpo tenso, estou pronta para qualquer coisa, embora me recuse a responder, a cair em qualquer que seja a armadilha que ela preparou.

Mas ela apenas revira os olhos, nem um pouco convencida pelo meu silêncio, e diz:

— Bem, de qualquer jeito, não importa, porque o que passou passou, e não preciso que você saiba o que está acontecendo aqui de verdade. Você está sinceramente convencida de que todas as respostas estão *aqui*. — Ela sacode a camisa na minha frente. — Em uma mancha grande, verde e redonda numa camisa branca de linho. Realmente planeja deixá-la em algum tipo de laboratório de criminalística ou, melhor ainda, levá-la ao laboratório de ciências da escola para ganhar créditos extras por analisar todos os componentes, bem como finalmente colocar as mãos em uma receita que permitirá que você e Damen, como diria Roman, *transem até cansar*! —, Haven ri e balança a cabeça, e sua tatuagem de uróboro aparece e some enquanto ela me lança um olhar de pena, como se mal pudesse acreditar na insensatez daquilo tudo. — Então diga, Ever, como estou me saindo até agora? Tenho razão? Estou mais ou menos no caminho certo?

Mas, muito embora ela continue a olhar para mim, muito embora tenha praticamente adivinhado a verdade, não respondo e tenho cuidado para não deixar transparecer. Apenas continuo ali parada e aviso Jude com os olhos para que não faça nada precipitado e estúpido como da última vez. Continuo observando Haven, que ainda tem muito caminho a percorrer até chegar a seu auge, mas que mesmo assim é capaz de fazer um belo estrago e causar uma grande confusão, pelo que vi.

Tomo muito cuidado para não deixar que ela me pegue enquanto peço ajuda em segredo. Envio uma mensagem telepática para Damen, que consiste em nada além da imagem que se desenrola à minha frente.

Sei que é apenas uma questão de tempo até que ele apareça.

Tudo o que preciso fazer é não me mexer até lá.

— Escute, Haven… — começo a dizer, mas não vou muito longe.

Ela viu.

Notou a mudança em mim.

E por causa disso não permitirá que eu continue.

Antes que eu possa fazer qualquer ação para impedi-la, ela segura Jude pelo pescoço novamente, chuta para longe a grade da lareira e balança a camisa branca de Roman acima das chamas.

Seus dedos tremem e a camisa fica pendurada de forma precária. Deixando que o fogo produza fagulhas que tocam as bordas e as deixam escurecidas, ela olha para mim e diz:

— Não adianta perder mais tempo aqui, não é? Então, o que acha de irmos direto ao ponto? Vamos? Hora de decidir, Ever. A escolha é sua, e só sua. O que vai ser? Ter uma vida de transas felizes e ininterruptas ou… dar a *Jude* a chance de ter uma vida longa?

Jude fica ofegante e luta contra ela, mas, quando olha para mim, em vez de pedir ajuda, seu olhar implora apenas por perdão. Sua reserva de oxigênio diminui cada vez mais à medida que ela aperta mais forte, e ainda assim ele me permite ver dentro de sua mente.

Ele veio aqui por mim.

Só por mim.

Queria cumprir sua palavra, provar que realmente só quer me ver feliz. Ele queria compensar o que fez tantos meses atrás, bem aqui, nesta casa. E agora está pronto para morrer por isso se for necessário. Está totalmente preparado para se sacrificar a fim de que eu finalmente consiga o que quero, para saber que tudo acabou.

Vá em frente!, ele insiste, com os olhos fixos nos meus, uma sensação tão calorosa, tão amável que rouba meu ar. *Por favor, só quero que você seja feliz. E, por causa de tudo o que me mostrou, de tudo o que aprendi em Summerland, estou livre do medo. Pense nisso como o último presente que lhe dou. Estava quebrando a cabeça, tentando encontrar um jeito de compensá-la por tudo o que fiz, quando me lembrei da camisa de Roman, me lembrei de como você reagiu no dia em que derrubei meu café e sequei com a manga da camisa. Depois de juntar as peças, percebi que esse seria o modo perfeito de apagar meus erros*.

Ele fecha os olhos, mas seus pensamentos não acabam aqui. Ele prossegue: *Mas agora só piorei a situação, e sinto muito. Sinto de verdade, mesmo. Só quero que saiba que meu amor sempre foi verdadeiro e minhas intenções, boas. Nunca, nem por uma vez sequer, quis prejudicar você*.

Engulo o choro, resisto ao nó na garganta, pisco para evitar que as lágrimas saiam e alterno o olhar entre ele e a camisa que Haven segura bem pertinho das chamas.

E sei que tudo o que tenho que fazer para conseguir aquilo que busco há tanto tempo é escolher a opção a que ambos me incitam.

Jude já me deu seu consentimento. Já está praticamente implorando que eu faça.

E Haven, bem, Haven mal pode conter o entusiasmo. Esse é exatamente o tipo de coisa para que ela vive agora.

Exatamente o tipo de coisa de que aprendeu a gostar mais que tudo no mundo.

Então respiro fundo, deixando as palavras *perdoe-me* passarem da minha mente para a de Jude enquanto me viro para Haven e digo:

— Sabe, este é exatamente o tipo de besteira que Roman costumava fazer. E, como disse a ele, digo a você: não entro mais neste tipo de jogo.

Ela olha para mim, claramente incapaz de acreditar no que acabou de ouvir.

Então repito, sem deixar margem a dúvidas:

— É sério. Não vou escolher. Não vou entrar neste jogo. Então parece que precisará inventar outra coisa… e que seja algo um pouco mais original, um pouco mais singular. Mas leve o tempo que for necessário. — Dou de ombros de forma deliberadamente calma e indiferente. — Não tenho pressa. Embora você possa querer pegar mais leve com o pobre Jude. A não ser, é claro, que tenha decidido matá-lo mesmo e, nesse caso, sinta-se à vontade para apertar com mais força ainda e acabar logo com isso. De qualquer maneira, estarei bem aqui. Não vou a lugar algum até conseguir o que vim buscar.

Haven olha para mim e suas mãos começam a tremer por conta do esforço, a raiva tomando conta dela de novo. Seu olhar fatal, cheio de ódio, aponta em minha direção enquanto ela diz:

— Eu juro, Ever, vou queimar essa camisa *e* matar Jude, e não há *nada* que possa fazer para impedir.

— Não, não vai. — Minha voz permanece firme enquanto olho fixamente em seus olhos. Noto que ela afrouxou as mãos só um pouquinho, e faço o que posso para não deixá-la perceber que vi, com medo de que simplesmente aperte mais e provoque dor em Jude de novo. — Conheço pelo menos dois bons motivos para que você nem tente.

Ela olha para mim, seu corpo todo tremendo cada vez mais, e rapidamente larga tudo o que estava segurando até agora.

— Um, porque já faz um bom tempo desde que bebeu pela última vez e já está começando a sofrer com a abstinência. — Balanço a cabeça e faço um som de desaprovação, manifestando uma expressão de pena. — Olhe só para você, Haven, está arrasada, trêmula, com os olhos fundos e o rosto abatido. Levou anos, provavelmente séculos, para que Roman desenvolvesse tolerância a uma quantidade de bebida igual à que você vem tomando só nesses últimos poucos meses. Você não consegue lidar com isso, está muito além de sua capacidade. Apenas olhe para você, está bem?

— E *dois*? — pergunta ela com a voz áspera, ácida, demonstrando sua extrema insatisfação a meu respeito.

— E dois. — Sorrio, sem nunca tirar os olhos dos dela. — Está prestes a ser minoria. Damen está aqui.

Posso *sentir* a presença dele, *senti-lo* passar pela entrada, correr pela porta da frente em direção ao labirinto do corredor. Aviso a Miles que se mantenha parado, não se envolva, nem se aventure a fazer nada ao entrar furiosamente na saleta, e Haven olha para eles. E vê Damen parado bem ao meu lado, enquanto Miles espia pela porta, recusando-se a obedecer ao aviso de Damen para que fique fora do caminho.

Ela estreita os olhos e diz:

— Ah, vejam só isso… Damen trouxe seu próprio reforço. Que fofo!

Eu me viro e vejo Miles de relance. Sua aura tem um brilho fraco e seus ombros estão encolhidos. Ele se arrepende do instante em que decidiu entrar nesta sala quando vê a aparência horrível de sua antiga melhor amiga.

Haven o fuzila com os olhos cheios de fúria e comenta:

— Escolheu o lado errado, Miles. — Ela estreita ainda mais os olhos, até o ponto em que tudo o que consigo ver são duas fendas vermelhas. — Não acredito que você se revelou um traidor.

Miles olha em seus olhos e, se está com medo, não demonstra. Ele apenas endireita as costas, firma os ombros e passa os dedos pelo cabelo. Sua aura se ilumina e fortalece quando ele diz:

— Não escolhi nada. Posso não concordar com suas decisões mais recentes, posso ter preferido me distanciar um pouco, mas até onde sei, nunca deixamos de ser amigos. Sério, Haven, até hoje, já passei por sua fase bailarina, por sua fase patricinha, por sua fase gótica, por sua fase emo e, agora, por sua fase de bruxa imortal superassustadora. — Ele levanta os ombros de forma casual e aproveita para olhar ao redor na sala. — E o fato é que não vou a lugar nenhum. Para começar, ainda não desisti de você, e depois, bem, estou curioso demais para ver que papel vai decidir representar da próxima vez.

Ela revira os olhos, com a voz mais áspera do que nunca e diz:

— Bem, odeio dar as más notícias, mas não haverá *próxima vez*, Miles. Quer você goste quer não, isso é tudo. Esta é minha versão nova e melhorada, infinita. Atingi todo o meu potencial. Sou tudo o que poderia querer ser.

Miles balança a cabeça.

— Realmente gostaria que repensasse isso, ou pelo menos olhasse para um espelho.

Mas, se ouviu o que ele disse, Haven escolheu ignorar, e em vez disso voltou a atenção para Damen.

— Então, Damen Auguste *Esposito*. — Ela sorri, o rosto brilhando a ponto de incomodar, os olhos injetados piscando. Usa um nome que foi atribuído a Damen muito tempo atrás, na época em que seus pais foram assassinados e ele foi entregue ao orfanato onde viveu até quando a peste negra devastou toda a região e ele se salvou fazendo o elixir. Um nome que ele não usa há pelo menos alguns séculos e que demoro um pouco para reconhecer.

— Sei *tudo* a seu respeito. Não tenho certeza se Ever mencionou, mas Roman guardava anotações *muito* boas, muito *detalhadas*. E você, bem, apenas digamos que foi um garoto muito, muito travesso, não é?

Damen dá de ombros, tomando cuidado para manter o rosto impassível, as emoções bem ocultas.

— Trouxe mais elixir para você. Deixei uma caixa grande na porta, e, acredite, há muito mais de onde aquele veio. Então, por que não vem comigo e dá uma olhada? Pode até provar, se quiser.

— Por que não poupa meus passos e os traz para mim? — Ela pisca, tentando sorrir da forma que costumava fazer: engraçadinha, encantadora, sedutora, com uma pitada de adorável estranheza. Mas está tão distante daquela antiga versão que acaba parecendo apenas sinistra. — Como pode ver, estou um pouco ocupada. Ever e eu estávamos apenas acertando os detalhes de um acordo que fizemos e, se não me engano, o fato de ter chamado *você* significa que ela não confia mais em mim. O que é bem irônico se considerarmos não só que foi ela quem me *deixou* deste jeito, mas, por tudo o que vi nos diários de Roman, bem, que ela não tem nenhum bom motivo para confiar em você também, não é?

— Já basta de falar dos diários — digo, ansiosa por acabar com tudo isso. — Eu sei de *tudo*, Haven. Não sobrou nada para você se gabar por saber, então por que não…

— Está certa disso? — Seus olhos se alternam rapidamente entre nós, como se ela soubesse de algo que não sei e mal pode esperar para revelar. — Sabe do passado dele com Drina? Como simulou a própria morte em um incêndio? Sobre *a pequena escrava que tirou da família*? Sabe de tudo isso? — Ela olha para nós todos, inclusive Jude, mas ele apenas devolve o olhar sem entregar

nada.

— Ela sabe. — Damen olha para Haven. — E, por sinal, não *tirei* a escrava de ninguém, eu a *comprei* para poder libertá-la. Infelizmente, era como se fazia na época. Foi um período muito sombrio de nossa história. Mas não creio que esteja realmente tão interessada em relembrar isso. Então, por favor, não tome mais nosso tempo com essas coisas sem sentido. Apenas solte Jude e entregue a camisa. *Agora*.

— *Agora*? — Ela se recusa, arqueando a sobrancelha. — Ah, não, não creio que farei isso *agora*, ou em nenhum outro momento, para ser sincera. Não é assim que se faz neste jogo. Na verdade, isso é de certa forma contrário às regras. E, já que chegou tão atrasado para a festa, deixe-me explicar. Basicamente, uma escolha deve ser feita. Você pode: *A*: salvar Jude, ou *B*: salvar a camisa. Então, Damen, qual vai ser: a vida de uma pessoa ou seus próprios interesses? Parece com o que Roman obrigou Ever a fazer quando ela me deu a bebida, bem aqui, nesta sala. Bem, pelo menos é o que ela alega. Não posso dizer ao certo, já que estava inconsciente. Embora lembre como as coisas aconteceram nesse sofá. — Ela aponta para ele com a cabeça. — Esse, suponho, é o provável motivo de ela se recusar a jogar desta vez. Deve ser uma lembrança dolorosa, já que é bem óbvio que ela se arrepende dessa decisão. É bem óbvio que ela gostaria de ter me deixado morrer. Mas só porque ela não joga, isso não significa que você não possa. Então diga, Damen, como será? Apenas me diga, e o que escolher vai ser seu, e só seu!

Damen olha para ela e se prepara para se energizar, derrubá-la e pôr um fim a isso tudo. Posso *sentir* o modo como sua energia muda. Posso *enxergar* o plano tomando forma em sua mente. Mas rapidamente lhe aviso para não fazê-lo, peço a ele que continue calmo e imóvel e não faça nada. Ela o está atormentando, esperando nada menos que uma chance para atacar de surpresa, e há muito em jogo para brincar desse jeito.

— Haven, ninguém vai *escolher* nada — digo. — Porque ninguém aqui está participando de seu joguinho estúpido. Então por que não solta logo Jude, entrega a camisa e tenta retomar o controle de si mesma e de sua *vida*? Acredite se quiser, ainda quero ajudá-la. Ainda quero deixar todas as coisas ruins para trás, para que possa se recuperar. É sério. Apenas… entregue a camisa, solte Jude e…

— *Escolha!* — ela grita. Seu corpo inteiro treme tanto que meu estômago quase sai pela boca quando vejo quanto a camisa está perto das chamas. — *Escolha logo de uma vez!*

Embora ela esteja falando a sério, embora seus olhos brilhem de raiva, limito-me a olhar para ela e balançar a cabeça.

— Muito bem. — Ela lança um olhar furioso. — Se nenhum dos dois vai escolher, escolho por vocês. Mas se lembrem: tiveram suas chances.

Ela se vira para Jude, os lábios se abrem como se fosse dizer algo, que poderia ser *adeus* ou *boa sorte* ou *já vai tarde* ou… algo do tipo.

Mas não é verdade.

Ela está tentando nos enganar.

Tentando nos fazer pensar que Jude está prestes a morrer, quando nem se importa com ele.

É a *mim* que ela quer ferir.

É a *mim* que ela quer destruir.

E está determinada a levar todas as minhas esperanças e sonhos embora. Então avanço.

Exatamente quando Damen avança para salvar Jude, e Jude avança para matar Haven.

Ele fecha o punho, mira bem no centro do tronco dela, no terceiro chacra, o ponto mais frágil de Haven, como eu havia ensinado a ele.

Só que não dá certo.

Damen o intercepta sem querer e o desvia de seu alvo no último segundo.

Enquanto isso Miles se apressa instintivamente para me ajudar, de forma nobre e estúpida, e cai na armadilha de Haven, que segura a camisa com uma das mãos e agarra seu melhor amigo de infância com a outra.

Seus dedos apertam com força a garganta de Miles enquanto ele chuta e engasga e luta para se libertar.

E basta ver seus olhos para entender que ela está agindo para valer.

Para entender que ela se tornou sombria e má.

Tudo o que compartilharam nada significa para ela.

Haven tem toda a intenção de matá-lo sem motivo, apenas para me ferir.

Para me forçar a escolher, quer eu goste quer não.

Ela me lança um último riso sinistro enquanto aperta Miles tão forte que os olhos dele quase saltam das órbitas, e ao mesmo tempo grita de alegria enquanto solta a camisa, que é vorazmente envolvida pelo fogo.

Tudo se desenrola muito rápido, em menos de uma fração de segundo, apesar de parecer em câmera lenta para mim.

Seu rosto assustador, detestável e imoral parece radiante com a vitória, a sensação suprema… de me fazer sofrer.

Enquanto Damen se solta de Jude, puxo o punho para trás, relembrando a versão materializada desta cena que ensaiei por tantos meses, e percebo que não se parecia nem um pouco com a realidade que se desenrola à minha frente.

Principalmente porque não tenho arrependimento.

Nenhum motivo para me desculpar.

Nenhuma escolha a não ser matá-la antes que mate Miles.

Acerto o punho bem em seu peito, sentindo como o soco se conecta a seu ponto fraco.

Vejo o lampejo de surpresa em seu olhar enquanto Damen arranca Miles de suas mãos e eu me jogo contra as chamas.

Minha carne chamusca, queima, forma bolhas, descasca… a dor é quente e lancinante.

Mas eu não dou a mínima.

Simplesmente continuo, tentando alcançar, tentando agarrar, procurando.

Todo o meu foco é direcionado a uma única intenção: tentar salvar a camisa, apesar de ser tarde demais.

Apesar de ela ter sido completamente engolida, consumida pelas chamas, que não deixaram nenhum rastro de sua existência.

Mal noto o som dos gritos frenéticos de Miles e de Jude vindo de algum lugar atrás de mim.

Mal noto os braços de Damen tentando me agarrar, segurando-me, acalmando-me, puxando-me para fora do fogo e abafando o inferno que consome minhas roupas, meu cabelo, minha carne.

Ele me aperta com força contra o peito, sussurra em meu ouvido várias vezes que tudo vai ficar bem. Que encontrará uma solução. Que a camisa não importa. O importante é que Miles e Jude estão a salvo e ainda temos um ao outro.

Ele me implora que eu feche os olhos, que olhe para o outro lado e evite a horrenda cena de minha ex-melhor amiga cambaleando, ofegando, morrendo.

Mas não lhe dou ouvidos.

Deixo que meus olhos encontrem os dela.

Vejo seus cabelos emaranhados, seu olhar vermelho brilhante, suas bochechas afundadas, seu corpo esquelético, sua expressão de loucura e sua voz cheia de um ódio total e absoluto quando grita:

— Isso é culpa *sua*, Ever. Foi *você* quem me deixou deste jeito! E agora vai pagar por isso… Juro que vai…

Não consigo parar de olhar mesmo depois que ela se desintegra, se quebra e rapidamente desaparece.

trinta e nove

— Você tinha que fazer isso. — Damen olha para mim com a expressão séria, as sobrancelhas arqueadas de preocupação. — Tomou a atitude certa, não tinha escolha.

— Ah, sempre há uma escolha. — Suspiro, encontrando seu olhar. — Mas a única razão que faz com que me sinta mal é a pessoa que ela se tornou, a forma que escolheu para usar seu poder, sua imortalidade. Não me sinto mal pela escolha que fiz. *Sei* que fiz a coisa certa.

Ponho a mão no ombro de Damen e deixo que me envolva com o braço. Imagino que, apesar de saber que fiz a única escolha que as circunstâncias realmente permitiam, isso não torna a situação mais fácil. De qualquer forma, decido não dizer isso, para não deixar Damen mais preocupado.

— Sabe, um de meus professores de teatro costumava dizer que é possível saber muito sobre uma pessoa vendo como reage em momentos de grande estresse. — Miles alterna o olhar entre nós, com o pescoço ainda marcado e avermelhado, a voz rouca e áspera, mas, ainda bem, já se recuperando. — Ele disse que o verdadeiro caráter é revelado pelo modo como as pessoas reagem aos maiores desafios de sua vida. E, embora eu certamente concorde com isso, também acho que o mesmo se pode dizer sobre como as pessoas lidam com o poder. Odeio dizer isso, mas não estou tão surpreso assim com a reação de Haven. Acho que todos nós sabemos que ela era assim. Voltando à época do ensino fundamental, e até onde consigo me lembrar, ela sempre teve esse lado realmente sombrio. Sempre foi movida pela inveja e a insegurança. Acho que o que quero dizer é que não foi você que a deixou daquele jeito, Ever. — Ele olha para mim com os olhos injetados e o rosto pálido, mostrando sua dor por ter perdido uma amiga, por quase ter sido assassinado por ela, mas ainda assim desesperado para que eu acredite no que diz. — Ela simplesmente era como era. E, assim que percebeu o poder que tinha, assim que começou a achar que era invencível, bem, ela apenas se tornou *mais ainda* ela mesma.

Olho para Miles, agradecendo silenciosamente e acenando com a cabeça.

Então dou uma espiada rápida em Jude, que está num canto, examinando a enorme pilha de pinturas a óleo encostada à parede, determinado a manter-se em silêncio, ficar na dele, sentindo-se responsável por tudo o que acabou de acontecer e arrependido por, mais uma vez, ter atrapalhado muito meus planos.

E, ainda assim, apesar de desejar que ele não tivesse agido daquela forma, apesar de ter definitivamente resultado em um desastre de proporções colossais, também sei que ele não fez de propósito. A despeito de sua tendência em interferir em minha vida, sempre dando um jeito de se colocar entre mim e o que mais desejo neste mundo, não é como se ele estivesse *tentando* ficar em meu caminho. Não é nem um pouco intencional. Na verdade, é quase como se ele fosse induzido a fazer isso.

Como se fosse guiado por alguma força superior, embora eu nem tenha certeza do que isso significa.

— Então, o que vamos fazer com todo o restante dos objetos? — Miles pergunta, depois de já ter ajudado Damen e eu a recolhermos os diários de Roman, ou pelo menos todos que conseguimos encontrar.

A última coisa de que preciso é que outra pessoa depare com eles e leia o relato em primeira mão sobre a muito extravagante (e extravagantemente longa!) vida de uma pessoa muito extravagante —

mesmo que provavelmente a pessoa apenas suponha se tratar de uma obra de ficção.

— Vamos encaixotar e doar para a caridade, acho — diz Damen, passando a mão por minhas costas enquanto observa uma casa completamente abarrotada com todos os tipos de antiguidades de épocas diferentes. Basicamente tudo o que antes ficava guardado em um depósito ou na loja foi trazido para cá. Embora ninguém saiba o que Haven planejava fazer com isso. — Ou fazemos um bazar e doamos o dinheiro para a caridade. — Ele dá de ombros, parecendo um pouco impressionado com a tarefa.

Ao contrário de Roman, Damen nunca foi um acumulador. Ele deu um jeito de sobreviver por séculos apenas com os itens de que precisava no momento, guardando só os que realmente tinham significado para ele. Mas Damen sabe como materializar coisas. Sabe que o universo é verdadeiramente cheio de recursos. E Roman nunca adquiriu esse dom, provavelmente nem sabia que era possível, e em vez disso se tornou ganancioso, acreditando que nunca era o bastante e que, se não agarrasse algo, outra pessoa o faria, então era melhor que ele alcançasse primeiro. As únicas vezes em que esteve disposto a ceder ou desistir de algo foi porque isso resultaria em um benefício maior para ele.

— Por outro lado, se vir algum objeto que realmente queira, sinta-se à vontade para pegar — ele continua. — Não vejo razão para manter isso, nada disso me interessa.

— Tem certeza? — Jude pergunta, falando pela primeira vez desde que tudo aconteceu. Desde que matei minha ex-melhor amiga e a mandei direto para Shadowland. — *Nada* interessa a você? Nem mesmo *isto*?

Eu me viro, todos nos viramos e damos de cara com Jude parado à nossa frente, com as sobrancelhas levantadas, as covinhas totalmente visíveis, segurando uma tela com uma pintura a óleo gloriosa e vibrante, o retrato de uma bela garota de cachos castanho-avermelhados em um campo sem fim de tulipas vermelhas.

Eu suspiro. Engulo um bocado de ar, instantaneamente reconhecendo aquela garota como *eu*… o *eu* de minha vida em Amsterdã… mas incerta sobre quem seria o artista.

— É bonito, não? — Jude alterna o olhar entre nós dois, embora termine se fixando em mim. — Caso esteja se perguntando, está assinado por Damen. — Ele mostra o rabisco feito à mão no canto inferior, à direita. Balançando a cabeça, prossegue: — Eu era bom em minha vida anterior, sem dúvida. Pelo que vi em Summerland, Bastiaan de Kool certamente foi bastante talentoso… Teve uma boa vida também. — Ele sorri. — Mesmo assim, por mais que tenha me esforçado, nunca consegui *retratá-la* da forma que Damen fez. — Ele dá de ombros. — Simplesmente parece que não consegui dominar essa… *técnica*.

Ele me entrega a pintura, enquanto meus olhos continuam a observá-la. Vejo como tudo está lá: eu, as tulipas e, apesar de Damen não ter sido retratado, consigo *sentir* sua presença.

Consigo ver em cada pincelada o amor que sentia por mim.

— Eu não me apressaria em encaixotar tudo antes de dar pelo menos uma boa olhada — diz Jude. — Quem sabe que outros tesouros podem estar aqui?

— Quer dizer, como *este*? — Miles veste o robe preto de seda que Roman usou na noite de meu aniversário de dezessete anos, a noite que chegou tão perto de dar tragicamente errado, até o momento em que finalmente criei a coragem, encontrei a força em meu coração para tirá-lo de cima de mim. — Devo ficar com ele? — pergunta, amarrando a faixa bastante apertado ao redor da cintura e fazendo uma série de poses, como se fosse um modelo. — Bem, se me pedirem para fazer um teste para o papel de Hugh Hefner, tenho a roupa perfeita para usar.

E começo a dizer *não*.

Começo a pedir-lhe para, por favor, apenas tirar aquilo e deixar num canto.

Começo a explicar como aquilo carrega lembranças ruins demais para mim.

Mas então me lembro do que Damen disse uma vez sobre lembranças, que elas são coisas que assombram.

E por me recusar a ser assombrada pelas minhas, apenas respiro fundo, sorrio e digo:

— Sabe, acho que fica ótimo em você. Deve mesmo ficar com ele.

quarenta

— Acha que alguém já fez isso aqui antes?

Eu me abaixo, afundando os joelhos na terra retirada do buraco que acabei de cavar, e dou uma espiada em Damen ao meu lado. O solo rico e úmido funciona como uma agradável almofada enquanto me curvo e pouso a caixa revestida de veludo em que está o que restou de Haven — suas joias e roupas — no espaço que acabei de fazer, enquanto Damen me observa.

— Summerland é um lugar muito antigo. — Ele suspira, com a voz tensa, cheia de desconforto e preocupação. — Tenho certeza de que a maioria das coisas já foi experimentada pelo menos uma vez.

Ele coloca a mão em meu ombro, e posso *sentir* a apreensão que transborda dele. Está preocupado com a possibilidade de que eu esteja apenas fingindo estar bem com minha escolha. Está convencido de que lá no fundo eu não estou tão bem quanto alego.

Mas, apesar de estar incrivelmente triste por minhas ações, não as coloco em dúvida ou as questiono nem por um segundo sequer.

Não sou mais aquela garota.

Finalmente aprendi a acreditar em *mim* mesma, a ouvir minha *intuição*, a dar atenção aos meus próprios e impressionantes *instintos* e, por isso, estou em paz com o que agora sei que tinha de fazer. Mesmo que signifique que mais uma alma perdida tenha sido enviada para Shadowland, Haven era perigosa demais para eu permitir que seguisse com seus planos.

Mas isso não quer dizer que eu não queira homenageá-la.

Não quer dizer que eu não possa manter uma pontinha de esperança por ela.

Como eu mesma já estive nessa situação recentemente — graças a ela —, sei exatamente pelo que vai passar. Cair… flutuar… assistir aos erros de seu passado, muitas e muitas vezes. E se eu estava pronta para aprender com a experiência e me aperfeiçoar, bem, talvez ela também possa fazer isso.

Talvez Shadowland apenas *pareça* uma eternidade passada num abismo de solidão.

Talvez haja realmente uma segunda chance em algum momento… Uma possibilidade de redenção para uma alma recém-reabilitada.

Levanto a tampa da caixa, com o desejo de ter um último vislumbre das botas de cano alto, da minissaia justa, do emaranhado de joias — todas azuis —, dos brincos e do monte de anéis, incluindo o anel de caveira prateado que ela usava quando nos conhecemos.

Quando nenhuma de nós poderia imaginar que nossa amizade acabaria desse jeito.

Então, pouco antes de fechá-la, materializo um lindo cupcake vermelho com granulado rosa e o coloco bem em cima. Lembro que esse era seu preferido, um dos primeiros e mais inofensivos vícios aos quais ela tão alegremente se entregou.

Damen se ajoelha a meu lado, alternando o olhar entre mim e o cupcake, e pergunta:

— Para que isso?

Respiro fundo, olho uma última vez e então volto a fechar a tampa. Com as mãos em concha, pego montes de terra que deixo cair por entre meus dedos por cima da caixa, e respondo:

— É apenas uma pequena lembrança da antiga Haven, de como era quando nos conhecemos.

Damen hesita e me analisa cuidadosamente.

— E para quem é esse lembrete, para ela ou para você? — ele pergunta.

Eu me viro, passando os olhos por seu queixo, suas bochechas, seu nariz, seus lábios, deixando os olhos por último, e digo:

— Para o universo. É algo tolo, eu sei, mas apenas espero que um pequeno e doce lembrete o convença a pegar leve com ela.

— Para onde vamos agora?

Damen limpa a terra de seus jeans enquanto dou de ombros e olho ao redor. Sei que o pavilhão está fora de questão, já que seria totalmente inapropriado depois de tudo o que aconteceu, e também não quero voltar para casa tão cedo…

Ele olha para mim logo depois de ouvir meu pensamento, então resolvo admitir e digo:

— Sei que uma hora dessas terei que ir para casa, mas, acredite, enfrentarei um problema *dos grandes* quando chegar.

Balanço a cabeça, deixando toda a situação desagradável com Sabine passar de minha mente para a dele, inclusive o que aconteceu depois que saí correndo de casa, quando materializei um buquê de narcisos e um BMW bem na frente de Munoz, e vejo a expressão de desagrado de Damen com essa visão.

De repente, tenho uma ideia completamente nova e, sem saber bem como abordá-la, olho à nossa volta e digo:

— Mas talvez… — Faço uma pausa, sabendo que ele não vai gostar mas decidida a mencioná-la assim mesmo. — Quer dizer, é só uma ideia, mas o que me diz de visitarmos aquele lado negro de novo?

Olho para ele com curiosidade e o vejo reagir com um olhar que parece indagar *você está louca?*, e, sim, talvez eu esteja. Mas também tenho uma teoria, e estou ansiosa para saber se estou certa.

— Eu só… tem algo que quero ver — digo para ele, pois sei que ainda está longe de ser convencido.

— Então deixe-me entender direito. — Ele passa os dedos no cabelo. — Você quer que visitemos aquela parte assustadora de Summerland, onde não há magia, não há materialização, nada além de uma chuva constante, umas tantas plantas moribundas, quilômetros e quilômetros de lama profunda e pantanosa que praticamente dobra de tamanho quando vira areia movediça, e, ah, sim, uma senhora sinistra que obviamente é maluca, e que, por sinal, tem uma enorme fixação por *você*?

Confirmo com a cabeça. Isso meio que resume tudo.

— Prefere fazer *isso* a lidar com Sabine?

Confirmo mais uma vez e agora dou de ombros também.

— Posso perguntar por quê?

— Lógico. — Sorrio. — Mas provavelmente não vou responder até chegarmos lá, então apenas confie em mim, está bem? Tem algo que preciso ver primeiro.

Ele olha para mim, claramente relutante em fazê-lo, porém mais relutante ainda em se recusar, e rapidamente materializa um cavalo para cavalgarmos enquanto fecho os olhos e o encorajo a nos levar para a parte mais obscura e soturna de Summerland.

E quando percebo, estamos lá. Nossa montaria para abruptamente enquanto Damen e eu lutamos para continuar em seu dorso. O cavalo recua e pinoteia e bate os cascos na terra, forçando Damen a murmurar suavemente em seu ouvido, garantindo-lhe que não precisa ir adiante e acalmando-o o bastante para que possamos descer e dar uma boa olhada à nossa volta.

— Então, bem do jeito que nos lembrávamos — diz Damen, ávido para trocar este lugar por outro mais quente, mais claro, melhor.

— Será? — Arrisco-me indo até o ponto onde a lama começa e a toco de leve com o pé. Testo sua firmeza e profundidade, tentando determinar se mudou de alguma maneira.

— Não sei aonde quer chegar. — Ele olha para mim com curiosidade. — Mas, até onde posso ver, continua tão úmida, estéril, lamacenta e deprimente quanto da última vez que estivemos aqui.

Confirmo com a cabeça.

— Tudo isso é verdade, mas não parece, de alguma forma… *maior*? Tipo, não sei… como se estivesse… *crescendo* ou se *expandindo* de algum jeito?

Ele estreita os olhos, sem entender muito bem qual é minha intenção com isso.

Sei que me arrisco a parecer louca ou, na pior das hipóteses, completamente paranoica, mas, mesmo assim, escolho seguir em frente, já que de fato poderia me beneficiar com uma segunda opinião.

— Tenho uma teoria…

Ele olha para mim.

— Bem… — Respiro fundo e olho ao redor. — Não consigo parar de pensar que eu possa, de alguma forma, ser a causa de tudo isso.

— *Você?* — Damen estreita os olhos, juntando as sobrancelhas em uma expressão de preocupação.

Mas ignoro e logo continuo. Desesperada para acabar logo com isso, expressar tudo com palavras antes que tenha tempo o bastante para realmente parar e ouvir o que estou dizendo, antes que perca o controle.

— Veja — digo, com a voz tensa e acelerada. — Quer dizer, sei que soa estúpido, mas, por favor, ouça primeiro.

Ele concorda e mostra as palmas das mãos, indicando que não planeja me interromper.

— Acho que talvez… bem, talvez este lugar tenha começado a crescer quando todas as coisas ruins começaram a acontecer.

— Coisas ruins?

— É, você sabe, como quando matei Drina.

— Ever… — ele começa, pronto para refutar, apagar toda a culpa.

Mas, antes que ele consiga terminar, estou falando de novo.

— Quer dizer, você tem vindo para cá há bastante tempo, certo?

— Desde os anos sessenta. — Ele dá de ombros.

— Tudo bem, certo, e então, tenho certeza de que, com todo esse tempo, você tenha dado uma boa olhada em volta, tenha explorado bastante, especialmente no começo.

Ele concorda balançando a cabeça.

— E em todas essas vezes, disse que nunca vira nada parecido com isto, certo?

Ele concorda e suspira, embora também seja rápido em completar:

— Mas, por outro lado, Summerland é um lugar *muito grande*. É bem possível que seja infinito, pelo que sabemos. Não é como se eu alguma vez tivesse encontrado qualquer tipo de muro ou fronteiras, então é bem possível que isto tenha estado aqui o tempo todo e eu não tenha visto.

Desvio o olhar e tento agir como se estivesse mais que disposta a desistir disso se ele o fizesse, mas não estou nem um pouco convencida.

Não consigo deixar de sentir que há algo aqui que ou foi *causado* por mim ou que eu *deva* ver, ou *ambos*. Quer dizer, foi o que me trouxe até aqui, para começar. Simplesmente perguntei a

Summerland o que queria que eu soubesse sobre ela, e ela me trouxe aqui. Mas o que não sei é o *porquê*.

Está ligado, de alguma forma, a todas aquelas almas que, por minha causa, acabaram em Shadowland?

Elas de algum modo estão fazendo com que o lugar cresça?

Como se estivessem adubando uma porção de ervas daninhas?

E, se for isso, significa que vai continuar a avançar e talvez cobrir todo o resto de Summerland?

— Ever — diz Damen —, podemos explorar se quiser, mas na verdade não há muito para se ver, não é? Parece apenas que é mais e mais do mesmo, não?

Olho tudo ao redor, relutando em desistir com tanta facilidade, mas ainda sem saber de fato o que estou procurando, ou mesmo como provar minha teoria. Então começo a dar as costas. Começo a ir na direção dele novamente quando ouço.

A música.

Fluindo atrás de mim, como se fosse carregada por uma longa e distante brisa, mas ainda assim não há como confundi-la.

Não há como confundir a voz… as palavras… a melodia assustadoramente marcante.

E sem olhar sei que é *ela*.

Viro-me e dou de cara com seu dedo erguido, sua mão deformada e torta, levantada bem alto enquanto ela canta:

Da lama se erguerá
os vastos céus oníricos alcançará
como você-você-você também deve fazer…

Só que desta vez ela continua, acrescentando frases que definitivamente não cantou na última vez em que estivemos aqui:

Das escuras profundezas
Lutará para atingir a luz
Com apenas uma vontade
A verdade!
A verdade de seu ser
Mas você permitirá?
Deixará que se levante e floresça e progrida?
Ou às profundezas a condenará?
Exilará sua alma desgastada e exaurida?

E bem quando imagino que terminou, ela faz a coisa mais estranha de todas.

Segura as mãos em concha no alto, à sua frente, como se esperasse algum tipo de oferenda, e Misa e Marco repentinamente saem de trás dela e ficam parados, um de cada lado.

Os dois ficam a seu lado, olhando atentamente para mim, enquanto a velha fecha os olhos em profunda concentração, como se tentasse materializar algo espetacular.

Mas tudo o que consegue com seu esforço é um punhado de cinzas que emana de suas palmas e cai

suavemente a seus pés.

E quando levanta os olhos para encontrar os meus, seu rosto se mostra abatido, e me observa fixamente em tom de acusação.

Damen agarra meu braço e me puxa para longe. Para longe dela. Para longe *deles*. Desesperado para fugir deste cenário sinistro.

Nenhum de nós dois tem a mínima noção de quem é ela, de onde veio ou do possível significado da canção.

Nenhum de nós dois faz ideia de qual seria sua ligação com Misa e Marco.

Apenas uma coisa está clara: a música é um aviso.

Palavras às quais *eu* devo prestar atenção.

Ouvir.

Ela continua a cantar. Sua voz é suave, melódica, suas palavras nos perseguem enquanto corremos de volta na direção do cavalo.

De volta ao lugar onde há magia, materialização e tudo o que há de bom.

De volta à relativa segurança do plano terrestre, onde aterrissamos lado a lado em uma praia totalmente deserta.

Nossas mãos estão vagamente entrelaçadas enquanto deitamos na areia e tentamos recuperar o fôlego. Tentamos encontrar sentido nas palavras, na cena perturbadora que acabamos de testemunhar.

Olhamos para o céu negro, sem lua e sem estrelas.

Minha estrela da noite se foi.

Por um instante, sou dominada por uma horrível e agourenta sensação de que nunca mais voltará.

Mas então Damen sussurra meu nome e sua voz quebra o silêncio e invade meus pensamentos.

E quando me viro de lado para olhar seu rosto, vejo como se aproxima de mim, seu olhar carregado de tamanha admiração, tão amável e gentil que minha mente se enche de alívio.

Minha estrela da noite não está mais aqui porque não preciso mais dela.

Nós dois brilhamos no lugar dela.

— Aquela canção é para mim — digo a ele, exprimindo as palavras que meu coração sabe que são verdadeiras. — A morte de Haven, perder a camisa… — Faço uma pausa e respiro fundo, sentindo o calor reconfortante de seu dedo passando gentilmente por minha bochecha. — Faz tudo parte de meu carma. E agora, aparentemente, há mais uma coisa que devo fazer.

Damen começa a falar, ávido por me confortar, por refutar o que eu disse, por apagar a preocupação em meu rosto.

Mas logo o interrompo, colocando o dedo sobre seus lábios.

Não preciso dessas palavras.

O que quer que signifique a canção da senhora, estou pronta para encarar.

Só que mais tarde, não agora.

— Cuidaremos disso — digo. Minhas palavras ecoam em seu rosto quando puxo Damen para perto de mim. — Juntos, cuidaremos de tudo. Mas, por enquanto… — Meus lábios vão de encontro aos dele, prolongando-se ao saborear a sensação suave e doce de *quase* tocá-los. — Por enquanto, sejamos apenas gratos por *isso*.

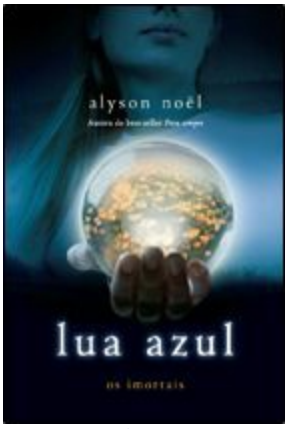


ALYSON NOËL é autora de nove romances. Nasceu em Orange County, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

conheça os livros da série Os imortais



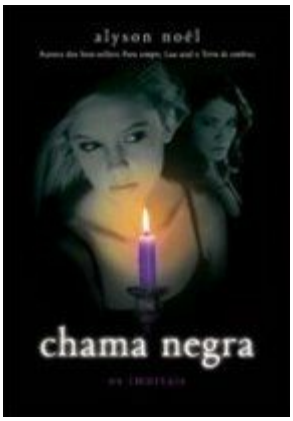
Volume 1



Volume 2



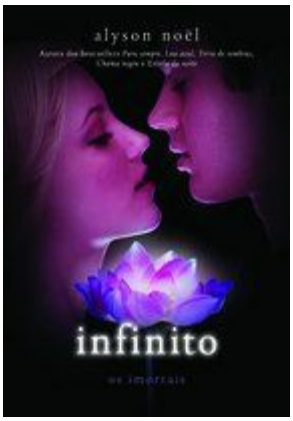
Volume 3



Volume 4

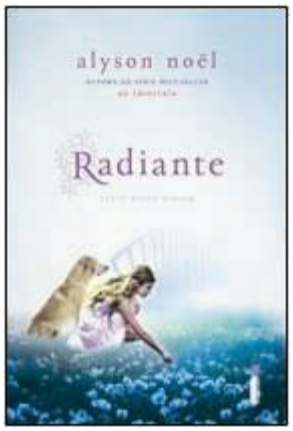


Volume 5

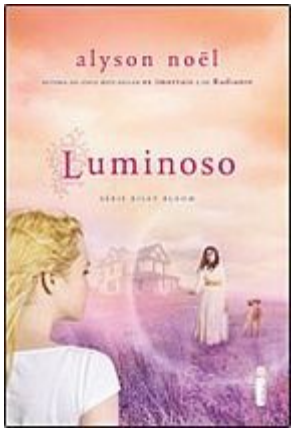


Volume 6

conheça os livros da série Riley Bloom



Volume 1



Volume 2

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Agradecimentos
Epígrafe
um
dois
três
quatro
cinco
seis
sete
oito
nove
dez
onze
doze
treze
catorze
quinze
dezesseis
dezessete
dezoito
dezenove
vinte
vinte e um
vinte e dois
vinte e três
vinte e quatro
vinte e cinco
vinte e seis
vinte e sete
vinte e oito
vinte e nove
trinta
trinta e um
trinta e dois
trinta e três
trinta e quatro
trinta e cinco

trinta e seis
trinta e sete
trinta e oito
trinta e nove
quarenta
quarenta e um
Sobre a autora
Conheça os livros da série